

**Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Departamento de Ciências Administrativas
Programa de Pós-Graduação em Administração – PROPAD**

Maria Christianni Coutinho Marçal

**A Experiência de Consumo e Técnicas
Corporais: Uma Reflexão Antropológica e
Política em Paul Virilio**

Recife, 2007

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO

CLASSIFICAÇÃO DE ACESSO A TESES E DISSERTAÇÕES

Considerando a natureza das informações e compromissos assumidos com suas fontes, o acesso a monografias do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco é definido em três graus:

- "Grau 1": livre (sem prejuízo das referências ordinárias em citações diretas e indiretas);
- "Grau 2": com vedação a cópias, no todo ou em parte, sendo, em consequência, restrita a consulta em ambientes de biblioteca com saída controlada;
- "Grau 3": apenas com autorização expressa do autor, por escrito, devendo, por isso, o texto, se confiado a bibliotecas que assegurem a restrição, ser mantido em local sob chave ou custódia;

A classificação desta dissertação se encontra, abaixo, definida por seu autor.

Solicita-se aos depositários e usuários sua fiel observância, a fim de que se preservem as condições éticas e operacionais da pesquisa científica na área da administração.

**Título da Dissertação: A Experiência de Consumo e Técnicas Corporais:
Uma Reflexão Antropológica e Política em Paul Virilio**

Nome do Autor: Maria Christianni Coutinho Marçal

Data da aprovação: 31/01/2007

Classificação, conforme especificação acima:

Grau 1

Grau 2

Grau 3

Recife, 31 de Janeiro, 2007

Assinatura do autor

Maria Christianni Coutinho Marçal

**A Experiência de Consumo e Técnicas
Corporais: Uma Reflexão Antropológica e
Política em Paul Virilio**

Orientador: Sérgio Carvalho Benício de Mello, Ph.D

Dissertação apresentada como requisito
Complementar para obtenção do grau
de Mestre em Administração, na área de
Gestão Organizacional, do programa de
Pós-Graduação em Administração da
Universidade Federal de Pernambuco

Recife, 2007

Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Departamento de Ciências Administrativas
Programa de Pós-Graduação em Administração - PROPAD

A Experiência de Consumo e Técnicas Corporais: Uma Reflexão Antropológica e Política em Paul Virilio

Maria Christianni Coutinho Marçal

Dissertação submetida ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco e aprovada em 31 de janeiro de 2007.

Banca Examinadora:

Prof. Sérgio Carvalho Benício de Mello, Ph.D, UFPE (Orientador)

Profa. Ângela Freire Prysthon, Ph.D, UFPE (Examinador Externo)

Fernando Gomes de Paiva Júnior, Doutor, UFPE (Examinador Interno)

Agradecimentos

Agradeço a Deus, a meus pais (Edna e Ramiro sem eles nada teria acontecido) e familiares (Pié, Sávio, Fá e filhos). Ao meu estimado professor orientador, Sérgio C. Benício de Mello, Ph.D, agradeço por ter me dado a oportunidade de aprender com ele e por ter sido um excelente provedor de experiências, que de maneira singular e fundamental, com inteligência e sensibilidade, engendrou a forma e o conteúdo que geraram o corpo desta dissertação.

Aos amigos que fiz: Ana Márcia, Iraê, Angela, Chico Boy que me incentivaram, cada um à sua maneira, me escutando, discutindo sobre temáticas da investigação ou não, e dando o suporte nos momentos difíceis dessa empreitada. Aos colegas do núcleo de pesquisa: Adriana, Cíntia, Marcos, Halana, Larissa por partilharem de momentos de inspiração e Roberto por ter contribuído com o seu estilo na formatação desse trabalho.

Aos colegas da minha turma de mestrado e aos professores que me ajudaram a realizar esse sonho, e os mestres Fernando Paiva e Ângela Prysthon por terem aceitado fazer parte da banca examinadora dessa dissertação. Por fim agradeço às minhas informantes, reconhecendo-as como co-pesquisadoras, pois, sem elas, o trabalho não existiria, pelo menos na forma em que se encontra.

Resumo

Este trabalho investiga a experiência de consumo da malhação feminina, que “toma corpo” por meio do uso de tecnologias avançadas, e a pressupõe como sendo uma técnica corporal praticada pelas mulheres contemporâneas. Isso é fruto das imagens da tecnocultura, que fornece e dissemina valores para a sociedade de consumo que é fonte geradora de corpos “próprios” e acelerados. A experiência mostrou-se como sendo um consumo alienado, que alimenta o narcisismo e repercute na morte simbólica do sujeito que a pratica, a malhadora. Sendo assim, um ritual de sacrifício exercido em nome da “saúde-perfeita”, e por isso paradoxal. Utilizamos a abordagem etnográfica cujo campo foi uma academia de ginástica. Elaboramos uma descrição densa sobre o cotidiano do sujeito embebido no ato de malhar, a fim de iluminar as relações que o mesmo constrói com o mundo [i]material e que ajudam-no a significar esta experiência que culmina na aquiescência social.

Palavras-Chaves: Experiência. Consumo. Tecnocultura. Culto ao Corpo.

Abstract

This dissertation investigates the feminine work out's consumption experience which takes place through the use of advanced technologies and our assumption is that this is a body technique practiced by the contemporary women. It's a product of the technoculture's images, which gives and disseminates values for the consumer society which is the creator of "owned" and accelerated bodies. The experience was showned as being an alienated consumption, which feeds the narcissism that discharges in the practitioner subject's symbolic death. A sacrifice ritual exerted in the name of the "perfect health", and because of it, paradoxical. We use the ethnographic approach which the field was a gym academy. We elaborate a thick description of the daily's subject absorbed in the act intending to illuminate the relations that she establishes with the [I]material world that helps her to signify the experience that culminates in the social assent.

Key-Words: Consumption. Experience. Technoculture. Cult to the body

Sumário

1	Introdução	8
1.1	Situando Nosso Estudo Etnográfico	8
1.2	O mundo lamentavelmente tecnologizado de Paul Virilio	9
1.3	Consumo de tecnologias do corpo	15
1.4	A força do mercado da boa forma, da técnica e da beleza	19
1.5	O “ <i>fitness center</i> ”: um templo de consumo contemporâneo	22
2	A experiência da malhação	29
2.1	O cenário escolhido	29
2.2	O olhar interacional para a compreensão da experiência da malhação	35
2.3	Introdução aos atos de malhar	39
2.3.1	Um ato com características religiosas	40
2.3.2	Ato de malhar: um ato de prazer, e a dor?	42
2.3.3	Um ato saudável ou estético?	45
2.3.4	A apologia ao peso	47
2.3.5	Uma ou várias visões de mundo?	48
2.4	As variedades do ato de malhar	50
2.4.1	A <i>body builder</i> : um corpo esculpido	50
2.4.2	A <i>Fitness</i> : um corpo <i>fashion</i>	64
2.4.3	A sociável: Um corpo relacional	78
2.4.4	A Educativa: Um corpo saudável	89
2.4.5	A atleta “ <i>fds</i> ” : um corpo ativo	102
2.4.6	A atleta “ <i>pro</i> ”: Um corpo de alto desempenho	114
2.4.7	A Reabilitadora: um corpo a ser consertado	126
2.5	O que é a experiência da malhação, afinal?	137
3	Tecnocultura, corpo e cultura de consumo	147
3.1	Iluminando os bastidores da Tecnocultura	152
3.2	Histórias do Corpo [Pós]Moderno	163
3.3	A cultura de consumo da “saúde perfeita”	174
4	O consumo da malhação como experiência estética	178
4.1	A experiência estética	178
4.2	Experiência, Marketing e Consumo	188
4.3	A estética e o comportamento do consumidor	192
4.4	Como o marketing se apropria da experiência estética	193
4.5	Um outro Marketing	197
5	O ritual sacrificial sua função social e a relação com o ato de malhar	205
5.1	O que entendemos sobre o Sacrifício	207
5.2	A visão do excesso	209
5.3	A fumaça ascende até a divindade	211
5.4	A refeição sacrificial	212
6	O acidente fatal: o ponto Visível e narcisista de nossos dias	215
	Referências	226
	APÊNDICE A – Questão de Método	241
	APÊNDICE B – O papel do pesquisador	250
	APÊNDICE C – Análises	253

1 Introdução

1.1 Situando Nosso Estudo Etnográfico

Os temas abordados nesta etnografia são ilustrativos de algumas inquietações dos tempos contemporâneos e giram em torno da “tecnologização do mundo vivido” e das implicações que interceptam a formação e regulação das normas sociais (i.e., instituições), que regem [orientam] as ações de consumo dos indivíduos, em busca de uma “saúde perfeita” e de um corpo que a represente com vias a conseguir aquiescência social.

Trata-se de uma investigação efetuada acerca do comportamento de consumidores *in loco*, dentro de uma academia de ginástica, em outras palavras, do desvelamento das forças explícitas e implícitas que o impulsionam (i.e., fatores culturais, midiáticos e estratégias organizacionais de marketing experiencial que interpretam o ato do consumo como sendo uma experiência estética) e que interferem para a significação das diversas tipificações do “ato de malhar” que se processa por meio do consumo de “artefatos tecnológicos” (i.e., equipamentos da sala de musculação, roupas e calçados específicos, pílulas e chás emagrecedores, proteínas industrializadas, cremes para redução de celulites e massagem, entre outros) e que sintetizou a experiência da malhação.

O “ato de malhar” se manifesta no mundo onde há uma situação de transcendência e uma pseudofinalidade que em princípio parece ser o cuidar ou manter o corpo. Finalidade que, como nas estruturas dos ritos sacrificiais presentes em algumas religiões, o transportam a um objetivo maior que nos é manifesto como sendo “o acordo” com o padrão estabelecido pelas imagens proliferadas na mídia; que se apresenta, na maioria das vezes, apenas como uma promessa que em algum sentido pode levar à morte do sujeito que a pratica (por meio da perda da reflexividade) que ao tentar toda sorte de abuso para atingir o padrão da “saúde perfeita” ingressa em algo tipicamente humano, ou seja, na contradição que no final pode repercutir em indivíduos: obesos, bulímicos, anoréxicos, narcíseos, estressados e frustrados, já que o padrão de saúde-perfeita é teórica e praticamente inalcançável, inatingível.

Em tempos de hipermodernidade nos quais as interações se tornam mais abstratas, voláteis e rápidas, tempos esses que promovem o culto ao individualismo exacerbado, percebemos que as interações entre os indivíduos [e suas subjetividades], assim como as interações junto aos grupos aos quais eles pertencem [e a intersubjetividade], se dão, de forma mais expressiva e amalgamada do que em tempos antecedentes, com os artifícios tecnológicos que colonizaram os nossos corpos individuais, territoriais e sociais nos tornando distantes, cada vez mais, da nossa “natureza” podendo nos levar a uma contestação [questionamento], desse conceito que servirá de pano de fundo nas nossas investigações.

Desse modo, a questão norteadora do nosso estudo foi: de que forma a experiência do consumo da malhação, esta que modifica o corpo feminino, e que se apresenta como uma técnica corporal contemporânea, pode ser compreendida como um ato constitutivo e estruturador de vínculos sociais em nossa sociedade das imagens? Iniciaremos nossa incursão neste trabalho apresentando o pensamento do autor que nos forneceu as lentes reflexivas.

1.2 O mundo lamentavelmente tecnologizado de Paul

Virilio

Nosso estudo é crítico e parte do princípio de que o mundo pós-moderno que vivemos está impregnado pela racionalidade técnica e pela tecnologia onde a pós-modernidade: “não é tanto o período da superação da modernidade industrial, mas sim o da súbita *industrialização do fim*, da globalização, em todas as direções, das devastações do progresso” (VIRILIO, 1999a, p. 134). Assim, nossa ontologia é a tecnocultura, fenômeno-produto da indústria cultural, que representa esse “progresso”, ou melhor, essa involução. Desta forma, nesta seção, pretendemos familiarizar os leitores desse trabalho, com a “lente” que o autor-guia das nossas reflexões nos forneceu para analisar a relação que estabelecemos com a geração deste conhecimento apresentando algumas temáticas refletidas por ele, e conseqüentemente por nós, que será ampliada ao longo dos outros capítulos do texto.

Paul Virilio é um teórico e filósofo humanista, compromissado com ideais sociais, preocupado com a *polis*, tem formação urbanista e uma forte ideologia política. Em seus escritos apresenta um estilo pós-estrutural (BARTRAM, 2004), pois se utiliza de aforismos, neologismos, paradoxos, e argumenta através de muitas explicações e interpretações

(BARTRAM 2004; FRIEDBERG, 2004) e também porque se preocupa com a posição do sujeito no mundo. Entretanto, não deve ser rotulado como um autor pós-moderno (ARMITAGE 1998) porque ele dissemina valores apregoados pelo movimento da modernidade, como por exemplo, justiça social onde seus escritos vão além de uma simples desconstrução como o que parece ser um aspecto central aos autores pós-modernos (ARMITAGE, 1998). Se, ele apenas desconstrói ou se aponta caminhos é uma questão a ser desvendada, pois há quem diga que ele apenas desconstrói (cf., COOPER, 2002).

Podemos, sim, afirmar que ele é um pensador crítico da modernidade (REDHEAD, 2004) e que pensa um bom número de tendências importantes como, por exemplo:

“A questão da velocidade, a velocidade como essência da guerra, a tecnologia como produtora da velocidade, a guerra como logística e não como estratégia, a guerra como preparação de meios e já não mais como batalhas, declarações de hostilidades, a endocolonização (VIRILIO, 1984, p. 145)”.

A miniaturização das tecnologias, sua invasão no corpo, as nanotecnologias, e a conseqüente inércia polar que a mesma causa são outras preocupações presentes em seus estudos (VIRILIO, 1999b). Assim, a aceleração, fenômeno conseqüente da velocidade, que impregna a técnica e que transforma a experiência do tempo vivido e seus impactos na vida das pessoas, ou seja, *a dromologia*, é a idéia central das suas obras. O autor estuda a aceleração do tempo, sob a perspectiva dos avanços tecnológicos que a indústria da guerra proporciona, extrapolando a idéia da guerra para a vida civil e os impactos que causa em suas dimensões políticas, sociais e econômicas.

Entretanto, de forma até irônica, por tratar de um teórico conhecido e celebrado pelo seu interesse na aceleração que impregna a cultura e também pela modernidade, seus escritos nos fazem lembrar da importância de parar, de interromper e da morte parcial, pois é o tempo da parada que estrutura a consciência e conseqüentemente a vida. Assim a ligação entre os dois pólos – da inércia e da velocidade absoluta não desaparecem dos seus pensamentos (REDHEAD, 2004) e nem dos nossos, em outras palavras, se desejamos reinventar o político, temos que encontrar uma maneira de politizar a velocidade.

Vivemos sob efeito da dromoscopia (VIRILIO, 1984) quando utilizamos os velozes meios de transporte e de comunicação, esse que é produto da velocidade da paisagem, onde o mundo se torna uma espécie de cinema (i.e., o que ocorre na janela de um trem, no quebra-vento do carro, na tela da televisão ou computador) no qual o telespectador deixa de ser o protagonista. Assim, há um “efeito de real” sendo produzido que se torna uma forma quase exclusiva de se informar, de comunicar, de apreender a realidade, de se mover (VIRILIO,

1994). Efeito de real que produz o “eugenismo do olhar” este que é uma espécie de “aborto originário da diversidade das imagens mentais, da multidão dos seres-imagens destinados a não mais nascer, a não mais ver o dia de lugar nenhum (VIRILIO, 1994, p. 29). Eugenismo que nos impõe a fabricação de corpos “próprios” que foi fruto de investigação nossa.

Nesse sentido, estamos diante de uma espécie de desmaterialização, de inércia dos sentidos e dos movimentos que impactam no corpo e no sujeito humano porque esvazia seus quadros de significação ontológicos restringindo seus campos de liberdade de ação nos apresentando uma perspectiva unilateral do mundo. Na era da comunicação digitalizada na qual a Internet é o seu maior ícone, o que for mais presente, o que aconteceu neste momento ganha maior destaque; assim, o tempo real¹ é o tempo de exposição na tela² (VIRILIO, 1998) e o corpo está sendo privado de exercer suas funções básicas.

Estamos colonizados e vivemos em uma era de total desencantamento frente à invasão de todos os aparelhos tecnológicos nos meios de comunicação de massa e nos corpos. Outro ponto importante em seus escritos é a noção da primazia da informação sobre as massas e a energia, que repercute em uma nova forma de poluição, a da proliferação exacerbada de informação (VIRILIO, 1996) onde a tela do computador abruptamente se tornou a praça da cidade e a estrada de todas as mídias de massa (COOPER, 2002).

Desta forma, a cidade, localização geográfica antiga fomentadora de referencial identitário, com o seu testemunho das extraordinárias aptidões da espécie humana para concentrar-se, começa a se deteriorar. Uma pena, pois era também correspondente de um estatuto civil, de cidadania, local onde se praticava o político e no qual se privilegiava o movimento.

Assim, depois das diferentes poluições resultantes da organização industrial de um território local [cidade], assistimos às premissas de uma nova poluição devido ao controle do ambiente global por tecnologias pós-industriais que esgotam os intervalos de tempo e de espaço que antes organizavam o mundo (VIRILIO, 1996b, p.113). Poluição que causa uma verdadeira desinformação visual e que atinge a vivacidade do sujeito, a mobilidade do objeto, atrofiando o trajeto a ponto de torná-lo inútil. Fato que resulta, ao mesmo tempo na perda do

¹O tempo real aparece nas obras de Virilio como sendo o tempo compartilhado pelas pessoas em uma mesma experiência vivida, o tempo da forma virtualizada.

²A “tela” é trabalhada nas obras de Virilio como uma metáfora (FRIEDBERG, 2004). É através dela que as nossas percepções são alteradas não importando se é através de um computador, uma televisão ou um videogame, é o meio que vai nos transportar para as novas perspectivas ontológicas. A tela “aparece” como a última parede da arquitetura do mundo matéria que propicia a automação da percepção, a visão sintética, síntese de um espaço crítico que se torna acrítico.

corpo locomotor do passageiro, do telespectador e também na perda da terra firme, deste grande solo, terreno de aventura e de identidade do ser no mundo (VIRILIO, 1993, p.115).

Neste sentido, o corpo “próprio” [tecnologizado] é aquele que se priva do movimento e das suas propriedades animais, e isso ele critica veementemente. Nessa perspectiva, seu conceito de corpo é o resultado “não simplesmente da combinação da dança, músculos, *body building*, força e sexo” e nem o corpo “produzido” de Michel Foucault, fruto dos discursos de conhecimento e poder. Para ele, o corpo não somente conta com a qualidade do implícito e do sugestivo, conta também com um *a priori*, uma pré-existência, o que se evidencia em seus estudos sobre a história militar do corpo.

A tela descorporifica o corpo. Nesse sentido, a tela como sendo a presença de uma ausência e também a ausência de uma presença... Nela, democracias são instituídas, governos são derrubados, economias se fragilizam ou se fortificam, amizades são encontradas, “inúmeras”. Essas são apenas algumas das funções da tela. A passagem do material para algo que não é material. A tela é a perspectiva, o ponto de partida e de chegada do tempo real, o nosso grande interlocutor, que nos encaminha para o mundo das imagens fáticas³.

Na verdade é na tela que se produz a visão sem olhar⁴, a visão como uma reprodução de um intenso cegamento. Cegamento⁵ que se torna uma nova e última forma de industrialização: a industrialização do não-olhar (VIRILIO, 1998). “Queira-se ou não, toda relação interpessoal, toda comunicação, toda atividade cognitiva nos envolve inconscientemente nessa violência não sancionada de uma comoção ótica que se tornou global” (VIRILIO, 1999a, p.73) através das comunicações digitalizadas é a militarização do cotidiano. A guerra que vivemos hoje é sutil, subliminar e imperceptível aos mais desavisados. A inteligência eletrônica e os avanços nos estudos do campo eletromagnético é que se mostram como uma das maiores armas. O que nos remete a uma questão:

Como essas novas “armas da comunicação” têm o privilégio de servir – com toda impunidade – somente com tempos de paz e em tempos de guerra declarada, alguém imagina os riscos de um posicionamento estratégico de poder para o

³ Imagem fática: imagem-alvo que força o olhar e prende a atenção – é não somente puro produto de focalizações cinematográfica e fotográfica, mas também o resultado de uma iluminação cada vez mais intensa e da intensidade de sua definição que só restituem zonas específicas, com o contexto desaparecendo na maior parte do tempo em meio á onda (VIRILIO, 1994, p. 32). Esta se impõe à atenção e força o olhar. Não é mais uma imagem poente, mas um clichê, que tenta, se inscrever em um desenrolar do tempo em que agora óptica e cinemática se confundem (VIRILIO, 1994, p. 90)

⁴ O olhar deveria ser sempre um ato de escolha nosso, a partir do momento que perdemos essa liberdade de escolha estamos apenas sendo reprodutores de visões que nos estão sendo impostas.

⁵ Cegamento que conduz ao “acidente generalizado”, outro conceito forte em sua teoria, que quer dizer que, com o fenômeno da globalização, o acidente não é mais local e situado precisamente, mas global e generalizado, ou seja, se transfigura em um fenômeno capaz de interferir simultaneamente em toda parte (VIRILIO, 1999, p.129).

controle democrático. Uma questão crucial aparece nesse instante preciso da história: pode alguém democratizar ubiqüidade, instantaneidade, onisciência e onipresença que precisamente privilegia o divino, ou em outras palavras, autocracia? (VIRILIO, 1998, p. 181).

Ou seja, o resultado político é uma democracia automática exercida por meio de uma deliberação compensada, uma democracia reflexa sem reflexão coletiva que se limita a reproduzir pesquisas de opinião que influenciam as pessoas. Assim, o mundo se transforma em um “grande objeto⁶”, como uma ilusão de ótica de fé perceptual que nos introduz para a realidade e nós somos parte desse objeto (VIRILIO, 1996).

O Estado-Nação fica enfraquecido e hoje, aquele que tradicionalmente exercia o poder em sua representação, absorve técnicas da máquina de guerra nômade e se torna um estado de inevitabilidade: inevitabilidade nuclear e tecnológica. Estamos entrando numa visão transpolítica, que aniquila o político e a história, onde o que conta é a intensidade do instante. Uma política do minimal no lugar da maximal do Estado do Bem-Estar. É o fim do princípio da união territorial e do direito de cidade em que os lugares, os homens e as coisas se tornam intercambiáveis à vontade.

Ao impactar a nossa percepção e o nosso corpo, a velocidade clama à teoria do ponto de vista de Einstein que incorpora o conceito da relatividade em nosso olhar para o real; pois a objetivação das imagens não é possível, posto que a percepção objetiva sempre nos será proibida (VIRILIO, 1994). O ato do olhar é sempre um ato de escolha nosso, nós escolhemos o que olhar. É através de uma representação que olhamos, logo, há certo relativismo envolvido. Entretanto, essa escolha que falamos só se concretiza através de sujeitos críticos; só esses escolhem.

Desta forma, se modifica a própria definição do real e do figurado, já que a questão da realidade tornou-se então a do trajeto do intervalo luz e não mais somente a do objeto e dos intervalos de espaço e tempo (VIRILIO, 1994). “É a verdade não mais mascarada, mas abolida, é a da imagem real, a imagem do espaço real do objeto, da máquina observada que dá lugar a uma imagem televisada ‘ao vivo’ ou, mais exatamente, em tempo real” (VIRILIO, 1988, p. 95).

Estratégia pura de ilusão no que diz respeito à validade dos fatos observados o que levará à abolição da aparência dos fatos e do princípio da verdade. A superação das imagens

⁶ “Space is limited to the world of sensory experience and that beyond this there is no space worthy of the name, only the excess of a “time depth”: universal time, which has nothing in common with the void of so called cosmic space. But today, with the information as the last dimension of space-time-matter, it is very tempting for infonauts to identify this spaceless time depth with information that is no longer restricted but has become generalized” (VIRILIO, 1998, p.156).

digitais em detrimento das imagens a “olho nu” (VIRILIO, 1996a). Fenômeno de pura representação, este relativismo efetivamente está sempre presente na aparência dos acontecimentos, nas coisas presentes, na própria interpretação subjetiva necessária ao reconhecimento das formas, dos objetos e das cenas das quais somos testemunhas (VIRILIO, 1994)⁷.

Assim, chegamos a ponto de dizer que, para o autor, a crise que vivemos em nossa contemporaneidade não é mais a crise da modernidade *per se*, mas a própria crise do discurso da sua narrativa que constrói um real visivelmente oferecido a todos. Ou seja, sua capacidade universalmente reconhecida de dizer, descrever e inscrever o real.

O corpo territorial, este que é a natureza do meio ambiente humano se transforma [e é invadido] pelas tecnologias assim como também o corpo animal, esse que é próprio da natureza do indivíduo, quando se tenta criar o clone e também quando a ciência o coloca em escrutínio para poder tornar a sua funcionalidade mais perfeita tanto por meio de ingestão de drogas ou por intervenções cirúrgicas quanto pela adição de próteses (i.e., teclado, tela, computador...) para torná-lo equipado para se inserir no mundo acelerado contemporâneo. Nessa perspectiva:

“A minituarização dos objetos técnicos, conhecida como nanotecnologias, é a habilidade de criar micro-máquinas capazes de se fundir com nossos órgãos. Essa tecnologia não vai miniaturizar o corpo humano, mas mais ainda suas propriedades. Reduzirá suas propriedades de vivente ao pretexto de completá-las e assisti-las (VIRILIO, 1999b, p.55)”.

Assim, as nanotecnologias que se misturam ao corpo do vivente, produto do poder da ciência pós-moderna se configuram em uma nova forma de integrismo-técnico-científico que tudo [com]promete. A ciência pós-moderna se apresenta como um fenômeno aterrador, dissimulado pelo sucesso dos seus engenhos, de seus instrumentos, que se perde na própria desmesura dos seus pretensos progressos, uma ciência do extremo, uma tecnociência onde se desvia da paciente pesquisa da realidade para participar de um fenômeno de virtualização generalizada (VIRILIO, 1999a) que será investigado, em nosso estudo, na perspectiva da criação de um corpo “próprio” [impróprio], pois há:

⁷ A estratégia contemporânea é dissuasiva, pois o confronto direto se torna raro, não só nos campos de batalha, mas também na vida cotidiana. A dissuasão visa a unidade absoluta e foi ela que começou a realizar este Estado puro que implantou a militarização do olhar nas esferas da nossa vida (VIRILIO, 1984). Equivale a criação de seqüências de automatismos, procedimentos industriais e científicos reacionários dos quais se faz ausente qualquer escolha política (VIRILIO, 1996a). É a estratégia dos disfarces, das contramedidas eletrônicas e de todos os tipos, é a figura principal da desinformação.

“Três tipos de corpos eminentemente conectados: o corpo territorial, aquele do planeta e da ecologia; o corpo social; e finalmente o corpo animal ou humano. Desses resultados a necessidade de reorientar alguém à respeito do corpo com respeito ao outro – a questão da vizinhança e da alteridade – mas também em respeito a Terra, ou do próprio mundo. Não pode haver um corpo próprio sem um mundo próprio, sem uma orientação própria. O corpo próprio é orientado com respeito ao outro, seja mulher, amigo, inimigo... mas é também orientado com respeito ao mundo próprio. É aqui e agora...Ser é estar presente aqui e agora (VIRILIO, 1999, P.43-44)”.

Assim, é refletindo sobre este estar presente, este aqui e agora, que, problematizaremos, na próxima seção deste trabalho, o corpo que está sendo apropriado, por meio do consumo de tecnologias contemporâneas tão amplamente difundidas pela tecnocultura por meio das suas imagens.

1.3 Consumo de tecnologias do corpo

Em nosso mundo tecnologizado o corpo entra em cena com tamanha ênfase nos dias atuais, que parece nos fazer esquecer de que ele sempre esteve presente. Sob o signo da rapidez, que é a lógica que estrutura o mundo contemporâneo, o culto ao corpo⁸ encontra devoção por meio da tecnologizante era [pós] industrial que promove reconstrução e remodelagem dos modos de vida e dos corpos (COUTO, 2004).

Assim podemos dizer que as máquinas invadem, superequipam e aceleram os corpos para atestar não somente o dinamismo físico requerido pela contemporaneidade (VIRILIO, 1996a), mas também para torná-los meios que expressem a sua subjetividade, posto que é notório o fato de estarmos vivendo a era da crise dos sistemas de representações que outrora nos forneciam referências éticas e estéticas (VIRILIO, 1993a). O que nos direciona à premissa de que, na hipermodernidade, o sujeito é construído através de pontos de intersecção entre sistemas de significado ou fluxos tecnológicos onde a autonomia impera na formação do sujeito tornando-o cada vez mais abstrato (COOPER, 2002).

Desta forma, imagens de corpos de mulheres magras são amplamente divulgadas nos meios de comunicação nos fazendo crer que essa espetacularização do corpo feminino as

⁸ O termo culto ao corpo é empregado neste trabalho em aproximação ao que Castro (2003) utilizou tendo como definição: o tipo de relação que o indivíduo tem com o seu corpo para fins de modelamento, com o objetivo de aproximá-lo ao máximo do padrão de beleza estabelecido.

coloca em uma posição de vítima e algoz da nossa contemporaneidade. Pois, como podemos observar: “reduzidas ao silêncio, nossas *top models* não têm mais nada de provocante. Seus corpos são despidos, mas também expostos *sem uma palavra*, aos sofrimentos de laboratório, da cirurgia plástica à testosterona... Não nos enganemos quanto a isso; se elas lançam uma moda, não se trata mais de uma moda relacionada a roupas” (VIRILIO, 1999a, p.73).

Desta forma, a todo instante somos convidados e estimulados a administrar a própria aparência e a redesenhar e superar as formas físicas, pois a nossa época se rende aos diversos cultos que celebram e festejam a corporalidade. Das práticas esportivas intensas e, muitas vezes, radicais, ao uso proliferado do silicone e das cirurgias plásticas, diversas técnicas e terapias servem para hipervalorizar e pavonear o corpo nas ruas, praias, clubes, páginas de revistas, programas televisivos, filmes publicitários, imagens diversas na internet, passarelas, galerias de arte, entre outros (COUTO, 2004).

Em tempos em que o tempo se apresenta como um dos recursos mais escassos às pessoas um paradoxo é apresentado através de uma pesquisa veiculada em mídia nacional que nos revela que o brasileiro passa quase 30% do tempo preocupado com a aparência⁹. Um dos princípios que pode balizar essa preocupação nos é apresentada por Gonçalves (2003) que atesta a idéia da modernidade ligada à propriedade, produção e liberdade das amarras que os controles disciplinares das instituições modernas nos impuseram gerando um “eu” que escolhe e que é responsável pela gerência do seu próprio corpo.

Sendo assim, o corpo pode ser visto em nossa sociedade contemporânea como um projeto, uma escolha e não como uma herança, algo natural ou como a “prisão da alma” de outrora. Objetificou-se e tornou-se algo que pode ser modificado, cortado, colado, mexido, enxertado, esticado, diminuído, transplantado e sujeito a transformações gerando uma celebração ao hedonismo e extinguindo a velha obrigatoriedade que o mesmo impunha, onde nascem aspectos alusivos às suas programação e conservação amplamente convertidas em prazer (COUTO, 2004) e auto-expressão (FEATHERSTONE, 1991). Desta forma, nos é apresentada uma cultura de especialistas, de conhecimento especializado porque considera que todos os problemas do projeto de construção do “eu” e do corpo são técnicos e podem ser resolvidos através de técnicas (disponíveis através de mercadorias).

É notório que em nossa época se privilegia o corpo belo, jovem, forte e saudável (MONTEIRO, 2004; LIPOVETSKY 2000, FEATHERSTONE, 1991, GONÇALVES, 2003, CASTRO,

⁹ Reportagem veiculada na Rede Globo de Televisão no programa Bom Dia Brasil em 12/01/2006.

2003, GOLDENBERG, 2002). O corpo que não está dentro do modelo ou que tenha deformidades evidentes que contrariem o ideal estético estabelecido converte-se em autêntico estigma e poderá ser excluído do convívio social. Em outras palavras, cuidar da aparência do corpo gera muitos dividendos simbólicos e materiais, na medida em que um corpo bem cuidado pode garantir ao indivíduo melhor performance e aceitação social (CASTRO, 2003) e conseqüentemente um “eu” mais aceitável (FEATHERSTONE, 1991).

Esta parece ser uma valorização de uma estética sem ética e sem valores morais, em que a rejeição dos “sem-forma” é inevitável. Para Couto (2004), o que emerge é um corpo cujas qualidades baseiam-se na competência, mutabilidade e performance não se tratando apenas de liberar cada vez mais os desejos inconscientes “impressos” ou guardados no corpo, mas de poder amplamente refabricar simultaneamente corpo e espírito, passado e presente (SANT’ANNA, 1995). Assim sendo, a deterioração e a decadência do corpo são amplamente combatidas em nossa sociedade (FEATHERSTONE, 1991).

Em outras palavras, além dos cosméticos e dos músculos anabolizados, as estratégias do corpo performático atual concentram-se na busca de mecanismos que evitem doenças, retardem o envelhecimento e prolonguem a vida (MONTEIRO, 2004) integrando em alguns momentos indústrias atrelas ao lazer, turismo, alimentação, conforto (SANT’ANNA, 1995) e moda nos levando ao suposto de que a “indústria performática do eu” está alicerçada em dois pilares fortes e até “incontestáveis” em determinados momentos, que são: os avanços tecnológicos e a ciência fazendo romper possíveis e antigas distâncias existentes entre corpo e tecnologia.

Desta forma, torna-se imoral ficar doente, velho, flácido, gordo, triste estas fragilidades tipicamente humanas se transformam no excesso que a era do corpo vem produzindo (GONÇALVES, 2003) assim sendo, neste mercado, não existem indivíduos gordos e feios, apenas indivíduos preguiçosos (GOLDENBERG, 2002).

O corpo natural, perfeito por que outrora tinha todos os órgãos funcionando de forma integrada e como um sistema cheio de plausibilidade, esse que a gente nasce, que imprime as nossas origens étnicas e que exhibe os traços familiares, parece estar cheio de “imperfeições” frente ao corpo criado pelas imagens dos cinemas, dos jogos de videogames e das telenovelas que exibem um padrão que “promete” poder ser atingido por meio da intervenção tecnológica. Assim sendo, a ordem dos fatos é invertida e o corpo perfeito torna-se aquele mediado pela tecnologia que o torna capital.

O exposto pode nos levar a crer que tudo se dá devido a desresponsabilização do Estado frente aos seus cidadãos que se tornaram consumidores (ou vice-versa) em uma economia neoliberal (e em rede) que nos fez passar de uma posição passiva de ser cuidado (pela razão, pela história, pelo progresso) a uma posição de ativa (ou seria re-ativa?) de se cuidar, estamos em um mundo de “livre mercado” (GONÇALVES, 2003).

Assim, no palco da sociedade contemporânea, para que a performance e o ator sejam aplaudidos é preciso se ter um corpo musculoso, porém magro, desta forma, se firmando uma “guerra” contra a gordura, a flacidez, o corpo mole. O desejo é ser esbelto, mas com a carne dura, rígida, as formas modeladas, minuciosamente desenhadas. A robustez muscular implica também na retidão do corpo, na rigidez do porte, na leveza dos movimentos, na graciosidade dos gestos. Os homens musculosos e as supermodelos são objetos de desejo e inspiração e a preocupação excessiva com a imagem corporal é assinalada pela urgência em conseguir a massa muscular desejada no menor tempo possível (COUTO, 2004).

As mulheres vão longe com o “jogo” do virtual e da performance e não sabem retornar e o mundo está sendo colonizado por imagens solidárias (i.e., imagens criadas de forma objetiva, “democrática” e industrial) aos meios de comunicação hegemônicos no lugar de valorização de imagens solitárias criadas por cada um de nós (i.e., subjetivas, elitizadas e artesanais) estas últimas que nos parecem ser as fontes que fornecem sentido à existência do indivíduo. Ou seja, quanto mais se impõe o ideal de autonomia individual, mais aumenta a exigência de conformidade aos modelos sociais do corpo (GOLDENBERG, 2002).

Imagens essas (i.e., as proliferadas pela mídia em geral) que nos convidam, por meio da sua linguagem sedutora e sublime, a comparações, pois são elas mesmas lembretes constantes do que nós somos e do que podemos ser com o efeito do que se está por vir (FEATHERSTONE, 1991) e da forma como nós podemos nos fazer existir socialmente. Elas “falam” da nossa gerência ou ingerência em torno de nós mesmos, sendo assim, as imagens que as tecnologias propagam tornam os indivíduos mais “conscientes” da aparência externa, da apresentação corpórea e do seu visual nos solicitando atuações cada vez mais performáticas na vida cotidiana.

Desta forma, os exemplos dessa cultura do corpo são numerosos demais para que seja necessário detalhá-los, tanto no universo saturado da publicidade, quanto na permanência do espetáculo esportivo na mídia, nos brinquedos de crianças, no número e na difusão consideráveis das revistas voltadas para a cultura do corpo, ou ainda na estética gay (COURTINE, 1995).

A cultura contemporânea do corpo apresenta-se, portanto, de forma complexa, pois tanto contribui para liberar a mulher de coações morais e autoritárias do passado, como para confrontá-lo com a emergência de riscos, problemas e intolerâncias até então desconhecidas (SANT'ANNA, 1995). Desta forma, o corpo não se mostra somente como veículo de aparência enganosa, mas lugar de fascínio, sedução, criação de alianças, via pactos estéticos que celebram o prazer, a criatividade e o humor (VILLAÇA, 1998; LIPOVETSKY 2000). Coloquemos então, em escrutínio, a “coação moral” desse mercado que engendra esse culto¹⁰, na próxima seção deste trabalho.

1.4 A força do mercado da boa forma, da técnica e da beleza

Se vivêssemos uma vida completamente natural, não precisaríamos pensar em exercitar nossos corpos. Por eras, os diferentes povos do mundo viveram em florestas densas, ilhas remotas, vastas planícies e nas friidas calotas polares. Suas necessidades materiais se impunham ao longo do curso de suas vidas. Hoje, aconchegados entre satélites e a fibra ótica, perdemos contato com o que é natural. O progresso tornou nossas vidas mais fáceis, mais confortáveis - e sedentárias.

Desta forma, este é um aspecto da realidade cotidiana a qual nos confrontamos, o fato de estarmos mais sedentários, apressados, estressados e debilitados pelo modo de vida moderno que nos aprisiona em sua lógica do signo da rapidez nos levando a crer que a busca por atividades que nos dêem prazer, relaxamento, saúde e paz estão sendo as nossas buscas como válvula de escape diante das frustrações e angústias cotidianas, a exemplo das atividades físicas.

Já que a atividade física, geradora de um bem estar físico e mental, pode ser efetuada também em locais públicos (i.e., praias e praças), a que se deve o sucesso das academias de

¹⁰ Para a Sant'Anna (1995) as razões de culto ao corpo se dão devido: (1) ao destaque do corpo na mídia e nas experiências de lazer associando-se mais ao terreno das artes (2) proliferação crescente dos espaços e das técnicas para o cultivo do corpo saudável e jovem, assim como a banalização da idéia de que os prazeres físicos devem não apenas ser valorizados, mas incessantemente fomentados em todos os lugares e momentos do cotidiano (3) a ampla rede de sociabilidade inventada ou reforçada dentro dos novos templos de cultura física (4) a espantosa massificação das cirurgias plásticas, incluindo intervenções em nome da beleza cada vez mais constantes, precisas e naturalizadas.

ginástica¹¹? Devido à elevada concentração demográfica nos grandes centros urbanos, a conseqüente redução de áreas livres e verdes e elevação dos índices de criminalidade e violência nas cidades, uma grande parcela da população está recorrendo aos centros especializados em prática de exercícios físicos¹².

A atual sofisticação eletrônica das máquinas de musculação, a possibilidade de ter uma prática de atividade supervisionada [maior nível de profissionalização (ZANETTE, 2003)], a oferta de outros produtos e serviços que estão atrelados a esta atividade intensificando seus resultados, a rede de socialização que se cria ao freqüentar o ambiente, além de aumentar a motivação para os exercícios físicos, podem ser, em parte, a responsável pela popularização das academias, que hoje se traduz no lócus verdadeiro para o consumo do corpo, acessíveis apenas àqueles indivíduos detentores do capital necessário para o aprimoramento da forma¹³.

Durante os anos 90, todos os setores da economia envolvidos com a produção e/ou manutenção da beleza, este que “anda” lado-a-lado com o mercado de academias, experimentaram significativo crescimento. O setor responsável pela fabricação dos produtos de higiene pessoal, cosméticos e perfumaria acumulou um crescimento de 126,6%, durante os

¹¹ As academias de ginástica estabeleceram-se em torno dos anos 70 como centros freqüentados por homens para a prática de halterofilismo e de lutas segundo Rojas (2002). Já para Guiselini (2001), o avanço das academias se deu devido à descoberta dos exercícios aeróbicos, através de estudos de Kenneth Cooper (ZANETTE, 2003; ROJAS, 2002). Aquelas se tornaram mais populares na década de 80, com o advento das aulas de ginástica, freqüentadas por mulheres (MORAES, 2002). Desde então há freqüentadores de ambos os sexos, com um número cada vez maior de modalidades e programas oferecidos (ROJAS, 2002).

¹² Sobre as diversidades existentes na prática de atividades físicas podemos afirmar inclusive que até as corporações privadas estão investindo, na prática de atividades físicas por meio de projetos de espaços adequados para que aquelas se concretizem, já que a rotina de trabalho é encarada como um gerador de stress, o que contribui cada vez mais para a falta de controle físico e mental adequados e pesquisas comprovam que um programa de atividade física com objetivo de melhorar a saúde dos colaboradores traz muitas vantagens para a empresa, como por exemplo, a diminuição de faltas e afastamentos por motivos de saúde, diminuição dos gastos com departamento médico e aumento da disposição para trabalhar, entre outras (Folha de São Paulo - 31/08/2006). Para o capital é importante ter trabalhadores saudáveis sendo assim, o mesmo investe tempo e esforço em seus funcionários.

¹³ Quando essa “febre” por atividade física começou? As campanhas promocionais “responsáveis” pelo aumento da prática da atividade física apareceram em torno do ano de 1967 e estas tentavam transformar pessoas sedentárias em praticantes de atividades físicas (ZANETTE, 2003) e data de 1920 a criação do primeiro ginásio, montado por José Floriano Peixoto, atleta e lutador filho do Marechal Floriano Peixoto. Entretanto, coube ao português Enéas Campello montar um estabelecimento totalmente dedicado ao ensino da ginástica com halteres, constituindo-se em um autêntico ginásio, onde se encontravam lojas dotadas de uma modernidade excessiva para a época, o ano de 1925 (ZANETTE, 2003) a inspiração para os verdadeiros *shoppings* de culto à “saúde perfeita” da nossa época contemporânea. Ainda de acordo com a autora, as instituições sociais que primeiro investiram na prática sistematizada de exercícios físicos foram as corporações militares cabendo-lhes a estas a histórica implantação das primeiras Escolas de Educação Física do país. Posteriormente, nos colégios foram sendo introduzidas as aulas de ginástica, inspiradas nos modelos europeus. Um livro pioneiro foi publicado na Imprensa Oficial do Estado de São Paulo em 1897, na cidade de Ouro Preto, de autoria do Prof. Antônio Martiniano Ferreira: o “Compêndio de Ginástica”, destinado aos quartéis e aos colégios, mostrando exercícios com os halteres exatamente iguais aos que são usados atualmente, mesmo nas melhores academias (MONTEIRO, 2006).

anos de 1991-1995, passando de um faturamento de 1,5 bilhão de dólares no primeiro ano para 3,4 bilhões no último (CASTRO, 2003)¹⁴. Evidenciando de forma mais ilustrativa a dimensão desse mercado, Goldenberg (2002) aponta que o crescimento das vendas anuais deste é de quatro vezes mais do que o do resto do setor produtivo, baseada em reportagem veiculada na Revista Época em 21/05/2001.

Em 2005, a indústria da beleza movimentou R\$ 15,5 bilhões. A busca da imagem ideal sustenta um setor que não está sujeito às flutuações da economia e nos últimos cinco anos, descontada a inflação, a indústria brasileira cresceu pouco mais de 2%. O índice foi de quase 11% para o setor de higiene, perfumaria e cosméticos¹⁵.

Quanto ao mercado de consumo de cirurgia plástica, neste, somos o maior do mundo para fins estéticos posto que 80% das cirurgias plásticas realizadas no Brasil são para estes fins em contraposição a 20% com finalidade reparadora, segundo dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica. Em 2000, 350 mil pessoas se submeteram a pelo menos um procedimento com finalidade estética, de acordo com a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (GOLDEMBERG, 2002). Provavelmente o crescimento rápido e recente da cirurgia plástica pode ser relacionado à proporção crescente de mulheres que trabalham (que em vinte anos - 1980-2000 - aumentou, chegando a uma quantidade de 50% entre as mulheres brasileiras) o que gera uma maior independência financeira atribuindo-a a liberdade para gastar sua renda em serviços individuais (EDMONDS, 2002).

No setor de serviços, as academias de ginástica e as clínicas de cirurgia plástica são as instituições mais significativas do mercado de produção da beleza que impulsiona o mercado da aparência citado anteriormente. Embora não haja cifras precisas, estima-se que o mercado da malhação movimenta dois bilhões de reais por ano no país (CASTRO, 2003) se apresentando como um negócio que atrai empresários, fundos de investimentos e redes multinacionais [*Reebok, Nike, Adidas, Technogym, Body pump, Body jump*, entre outras]. No Brasil ainda não há regulamentação do setor, por esse motivo e por diferenças nos registros de empresas nas cidades, não se tem certeza sobre a quantidade de academias de ginástica (ZANETTE, 2003) estima-se que o número no país esteja entre 4.800 e 10.000 (GOLDENBERG, 2002).

¹⁴ A autora aponta três fatores que influenciaram esse crescimento:

- (1) Redução da carga tributária do imposto da produção de cosméticos;
- (2) O impacto do plano Real que aumentou o poder de compra dos que eram excluídos a esse tipo de consumo até então;
- (3) Redução da carga tributária incidente sobre as vendas de produtos cosméticos

¹⁵ Dados obtidos em reportagem veiculada no Bom Dia Brasil, da Rede Globo de Televisão, no dia 17/03/2006.

Como o leitor pôde observar vários são os olhares e lugares que nos permitem observar o consumo cultural do corpo contemporâneo que instiga uma espécie de culto, entre as opções apresentadas, o local escolhido para a nossa investigação, que melhor exemplifica este culto atual foi um *fitness center*, argumentação melhor explorada na próxima seção deste trabalho.

1.5 O “*fitness center*”: um templo de consumo contemporâneo

Todas as sociedades de todos os tempos cultuam seus deuses, constroem seus templos, formalizam e extemporalizam suas relações sociais através de rituais construindo para tal um espaço sagrado que se diferencia do profano, representação do cotidiano. A nossa sociedade de consumo criou deuses mais desumanos, vestiu-os com roupagens mais sofisticadas que se reciclam rapidamente e criou templos suntuosos dominados pelo corre-corre de pessoas apressadas e pelo burburinho de mercadorias, caixas de embalagens, infinidade de papéis e toda sorte de entretenimento que objetivam “prender” o homem neste universo (PIETROCOLLA, 1986).

O templo, então, nas sociedades primitivas e na nossa, se caracteriza como um lugar de coesão e representação social que nos remete a adoração a um Deus, a mitos e que nos direciona a valores consagrados e a rituais específicos de iniciação (passagem); sobrevivência, sacrifício e consumo. Questões alusivas ao sagrado e ao profano são tratadas lá e para compreender um pouco esta dialética, convidamos o leitor a uma passagem pelo universo dos símbolos.

Desta forma, podemos iniciar dizendo que a humanidade não poderia começar com o pensamento abstrato nem com a linguagem racional; teve que passar pela era da linguagem simbólica, do mito e da poesia. As primeiras nações não pensavam por meio de conceitos, mas por imagens poéticas; falavam fabulando e escreviam hieróglifos. As sociedades primitivas parecem compensar a ausência de progresso tecnológico, a ausência de preocupações tecnocráticas com um fantástico transbordamento de imaginação. Os atos mais cotidianos, os costumes, as relações sociais são sobrecarregados de símbolos, mas não estamos, nós, da sociedade complexa, também sobrecarregados deles?

O nosso dia-a-dia nos é apresentado por meio deles e cabe a nós interpretá-los e compreendê-los e esta é uma tarefa que o ser humano exerce em qualquer tipo de sociedade; seja ela de caráter primitivo ou moderno, assim: “[...] Deste ponto de vista todos são iguais no sentido preciso de que todas as sociedades são vítimas e algozes do seu próprio simbolismo e de sua própria mitologia (ou melhor: mito-lógica)” (ROCHA, 1995, p.11).

Somos vítimas e algozes por que aqueles que refletem, são ambíguos, contraditórios, redundantes e são constituídos em uma parte concreta e outra abstrata, e podem ter sentidos diferentes para pessoas diferentes podendo ser ao mesmo tempo contestador e conformador, por poderem integrar ou excluir. Segundo Berger e Luckman (1976) o universo simbólico é evidentemente construído por objetivações sociais. No entanto, sua capacidade de atribuição de significações excede muito o domínio da vida social, de modo que o indivíduo pode “localizar-se” nele, mesmo em suas mais solitárias experiências e se quisermos entender seu significado temos que entender a história de sua produção.

O caráter de operação dos símbolos é nômico e ordenador os quais legitimam a biografia individual e a ordem institucional; eles ordenam as fases da biografia humana: o que é ser criança, ser adolescente, ser adulto o que conduz a sentimentos de segurança e satisfação e do “viver corretamente”. Através dos símbolos, a sociedade inteira ganha sentido. Instituição e papéis particulares são legitimados por sua localização em um mundo compreensivelmente dotado de significação. O que é sagrado, o que é profano, existiria aí uma falsa dicotomia?

Todas as sociedades experimentam momentos de efervescência e entusiasmo coletivos nos diz Durkheim (1974) que, naquele momento, enfatizou a camada profunda e duradoura de afetividade no âmago da sociedade, que se manifesta nos símbolos que corporificam os sentimentos sociais, as representações coletivas e os rituais nos alegando que qualquer coisa pode se tornar sagrada; porque não também os bens “profanos” do capitalismo? Para tanto basta que bens de consumo mundanos se transformem em posses muito estimadas (ver ROCHBERG-HALTON, 1986). Desta forma, nos posicionando, então em uma perspectiva do termo sagrado como sendo o resultado do imaginário coletivo de determinado grupo social. Assim, o sagrado indica algo que é separado e consagrado; profano denota aquilo que está em frente ou de fora do templo.

A sociedade impõe obrigações e respeito, que são as características do sagrado (GIDDENS, 1972). Quer assuma a forma de uma força impessoal difusa quer seja personalizado, o objeto do sagrado é concebido como uma entidade superior, que, para

Durkheim, simboliza a realidade e superioridade da sociedade sobre o indivíduo (FEATHERSTONE, 1995). O universo, conhecido e conhecível para o autor, é para o religioso composto pelas coisas sagradas, protegidas e isoladas por proibições. As coisas profanas são regulamentadas por estas proibições e mantidas à distância. Os ritos religiosos são regras que definem o comportamento do homem frente às coisas sagradas.

Alexander (1988), apoiando-se nas últimas idéias de Durkheim, argumenta que na sociedade moderna “os símbolos sociais são “como” símbolos sagrados, pois são poderosos e coercitivos; o conflito entre valores sociais é “como” o conflito entre o sagrado e o profano, ou entre a sacralidade pura e impura; a interação política é semelhante à participação ritual na medida em que produz a coesão e o comprometimento em torno de valores”. Isso não implica que os símbolos sociais sejam harmoniosos e integradores: eles podem ser contestados e submetidos a processos competitivos (FEATHERSTONE, 1995).

Ainda de acordo com o supracitado autor, a modernidade com seus processos de racionalização, mercantilização, secularização e desencantamento, não conduz ao eclipse dos sentimentos religiosos, pois, embora as religiões formais possam decair, as classificações simbólicas e as práticas rituais que corporifica a distinção sagrado/profano sobrevivem também no âmago dos processos sociais seculares (FEATHERSTONE, 1995).

Desta forma, então, a nossa sociedade está longe de ser um mundo material profano e simbolicamente empobrecido, onde as coisas, os bens e as mercadorias são tratados como mera utilidade. [Re]produzimos uma teia vasta e mutante de signos, imagens e símbolos, e esses símbolos não podem ser conceituados como algo meramente profano. O sentido do sagrado, que é o de criar e reafirmar consenso moral, está presente também em nossa sociedade, e é através da diversidade dos meios de comunicação atuais que a construção desse consenso moral está se tornando mais “fácil”.

Templos de consumo e símbolos do progresso das sociedades contemporâneas os *shoppings centers* adoram o seu Deus e a multiplicidade de bens de consumo ou mercadorias onde reina a abundância e a opulência, o brilho, o aceno do sonho da felicidade através da vivência de rituais e práticas que reafirmam suas crenças e as relações sociais daí decorrentes. Local onde se operacionaliza o ritual sagrado da sociedade contemporânea do mundo ocidental, o consumo, que nos leva a um novo modo de viver. Local mágico da troca de mercadorias (PIETROCOLLA, 1986).

É evidente que lá a compra raramente é uma transação econômica racional e calculista de maximização da utilidade, mas primordialmente uma atividade cultural de lazer, na qual as

peças tornam-se espectadores que se movimentam em meio a imagens espetaculares, projetadas para conotar suntuosidade e luxo, ou evocar conotações de lugares distantes, exóticos e desejáveis (FEATHERSTONE, 1995). É a arte de fazer compras e ter momentos de lazer num lugar agradável, climatizado, homogêneo, longe da sujeira, da confusão e da violência das ruas. Um *shopping* constitui um refúgio que nos protege não só das ruas perigosas das cidades, do frio, do vento e da chuva, como também de pedintes, vagabundos e adolescentes mal-intencionados (PIETROCOLLA, 1986; PADILHA, 2006).

Uma nova forma de comércio, que passa da compra e venda de bens de extrema necessidade, de consumo vital, para a compra e venda de supérfluos conspícuos, onde se cria um ambiente de imagens e símbolos que se associam aos bens para torná-los atraentes e levar as pessoas a acreditarem que eles são necessários, torna-se também um ato de cidadania. Começa, então, a haver uma grande mudança na concepção das pessoas sobre o que é e o que não é necessário para ser feliz.

É também um espaço que requer rituais de encontro e purificação. Lá nem se percebe as mudanças das estações: “reina uma eterna primavera”. Os cartões de crédito libertando o homem dos talões de cheques ou do dinheiro facilitam também as compras e completam o ritual de purificação. Para pagar basta mostrar o cartão e assinar a fatura. É o mundo das coisas fáceis e soluções mágicas (PIETROCOLLA, 1986).

O shopping tem um efeito entorpecedor, a idéia de que estamos cercados apenas por compradores semelhantes a nós mesmos, reunidos em uma espécie de comunhão consumista. Ali não há submundo, recantos mal-iluminados ou vias de escape de fácil acesso (nem mesmo os freqüentadores ordeiros), o que torna a possibilidade de roubar uma bolsa, por exemplo, remota.

A participação dos rituais nesses templos exige, no entanto, uma marca, uma distinção que é a posse do dinheiro que inclui ou exclui o indivíduo do grande ritual do mundo contemporâneo: o consumo. Lá é o mundo das marcas e das etiquetas. Os shoppings provavelmente não precisam de medidas muito extremas para afastar elementos indesejáveis. Já vigora um mecanismo de auto-regulagem, extremamente eficaz, capaz de manter a ordem na “shoppinglândia”. Este mecanismo emite sinais muito sutis para atrair determinadas pessoas e afastar outras (UNDERHILL, 2004).

A idéia de fetichismo das mercadorias de Marx, que via as mercadorias revestidas de um caráter misterioso, primeiramente porque as mercadorias escondem nelas o trabalho humano, o que significa que o sapato ou bolsa que compramos carregam todas as relações

sociais que se estabelecem no trabalho e depois porque as pessoas trocam mercadorias e, nessa troca, tornam-se elas mesmas mercadorias sem perceber, ou seja, é o que implica o processo de ‘coisificação’ dos seres humanos que vivem na sociedade das mercadorias. Tudo se converte em mercadoria, mesmo que alguém vá lá e não compre nada. Tudo que se olha tem um preço. As pessoas que se relacionam no shopping em meio às mercadorias acabam perdendo o que têm de humano (PADILHA, 2006).

“Lá o ritual de compra de um objeto é quase um ritual de encontro do homem consigo mesmo. Ele reafirma neste gestual sua identidade, personalidade e valores. Através dos objetos que compra, ele se humaniza, pois são esses que lhe devolverão a identidade perdida no mundo da produção. A posse sobre o objeto dá legitimidade e integra-o no corpo social produzindo a sensação de ser um dos eleitos (PIETROCOLLA, 1986, p.61)”.

São ambientes simulados que fazem uso de ilusões e espetáculos oníricos, ecletismo e mistura de códigos, que induzem o público a fluir por uma multiplicidade de vocabulários culturais sem oportunidade de distanciamento (desdistanciamento) estimulando o sentido de ausência de mediações, o “instantaneamento”, o descontrole emocional e o espanto infantil que repercutem em uma desordem cultural e em um ecletismo estilístico que se tornam aspectos comuns de espaços onde se pretende construir o consumo e o lazer como “experiências” (FEATHERSTONE, 1995).

As possibilidades combinatórias e a errância lúdica acalentam o espírito dando, pelo menos naquele momento, uma gostosa sensação de prazer e harmonia. Ademais, esta racionalização do consumo se conecta com a modernização do capitalismo. Praticidade, rapidez, liberdade para escolher e renunciar, independência para a realização das compras – o consumidor, é ele próprio seu agente de serviço – constituem elementos que respondem à lógica e à própria cultura do sistema (PIETROCOLLA, 1986, p.60).

É a magia do luxo, do sensual, do perfeito. O consumo é dominado por um pensamento mágico que induz sutilmente a ação em direção à aquisição e ao poder. Na sociedade de consumo um dos paradigmas mais importantes é o mito¹⁶ da juventude que estimula o culto à moda e ao bem-estar.

¹⁶ O mito traz uma mensagem não explícita que transcende a nossa capacidade de ver e tocar. Ele diz respeito a modelos exemplares de atividade humana. Embora fale de coisas verdadeiras ele não é verdadeiro em seu conteúdo manifesto, mas possui um valor, daí sua eficácia social. É necessário, pois, interpretá-lo. O mito é fruto da incrível capacidade do homem de criar um mundo de significados. O mito é uma fala, um discurso, uma linguagem que expressa as coisas do mundo, as contradições, as dúvidas e as inquietações do homem. O mito é uma história contada que não tem autor, nem criador, somente narradores (PIETROCOLLA, 1986).

Ser jovem é ser belo, forte, livre, feliz e transformador. É saber lidar com o inesperado, com rapidez, é não ter ainda as marcas deixadas pelo viver. É ter a liberdade idealizada e um poder ilimitado. Ser jovem é ter dentes bonitos limpos, pele queimada pelo sol, lábios sorridentes, cabelos revoltos e movimentos ágeis. É antes de tudo ser livre, poder escolher e mudar a vontade uma vez que seu caminho está ainda por ser traçado.

No novo templo de consumo, no *fitness center*, o consumidor tem a possibilidade de consumir produtos e serviços que ajudam a fortificar o mito da juventude que vivemos em nossa contemporaneidade. Nivelando todos como consumidores, o mito da juventude na sociedade capitalista do ocidente tem um papel importante na reafirmação e reatualização da crença no consumo como um modo de vida.

O tempo do jovem é o futuro, impalpável, distante, promissor e isto transposto para o mundo da cultura em que a produção infindável de bens constitui a mola propulsora da construção social, sugere acima de tudo mudança e renovação das mercadorias. Esse modo de ser requerido pela cultura capitalista reafirma e reproduz a ideologia do consumo que consiste, como já vimos, na transfiguração dos bens conspícuos em vitais, entendendo por esses tudo aquilo que torna o homem identificado com o seu meio e no seu tempo (PIETROCOLLA, 1986).

Ainda de acordo com o supracitado autor, o mito da juventude impede que apareçam as particularidades físicas e sociais do ser humano. Encobre a existência das mudanças físicas do homem que caminha fatalmente para o envelhecimento e morte, bem como mascara as condições reais de existência do jovem numa sociedade de classes. O mito da juventude responde ao louco desejo dos homens de serem eternamente jovens, belos e felizes numa sociedade supostamente homogênea, onde reina a igualdade e a liberdade.

Há então o estímulo ao consumo de produtos que nos façam parecer mais jovens para responder à demanda da sociedade a qual fazemos parte, desta forma nos tornando mais distantes da temida morte e do envelhecimento que é estimulado pelo discurso da saúde-perfeita, que gera o corpo-perfeito que transforma nossos vínculos sociais. O lugar perfeito então para viver esse mito é o *fitness center* que se utiliza da lógica conceitual do *shopping center* fornecendo comodidade, segurança, facilidade de encontrar tudo em um mesmo lugar, produtos, serviços e mais ainda experiências para os seus consumidores.

Um lugar então privilegiado e típico da nossa sociedade das imagens que faz valer a realização do seu modo de produção capitalista, que ao normatizar um padrão de corpo inumano e tecnologizado, encoraja os indivíduos a se engajarem em rituais de consumo das

mais diversas naturezas para exercer a sua plenitude de SER social. Desta forma, adentremos então, no templo que forneceu o cenário para o nosso ator ritualizar a experiência da malhação.

2 A experiência da malhação

2.1 O cenário escolhido

É tempo então que o leitor agora se familiarize com o nosso templo. A estrutura vista de fora é suntuosa e contém elementos de estilo de construção contemporâneos que podem aludir à era tecnológica que vivemos (i.e., o formato da construção que é quadrado, como se fosse um galpão, a cor que é clara nos passando a sensação de limpeza e harmonia de uma construção *clean* como conclama os “espaços tecnologizados” e higienizados da modernidade) seguindo a mescla de consumo e ciência, o ambiente remete a uma dinâmica que combina o aspecto asséptico dos laboratórios científicos com a decoração que lembra os *shopping centers*.

Ao mesmo tempo em que a construção nos passa a sensação de um ambiente fechado, claustrofóbico (as janelas não são abertas, pois a academia é toda climatizada) coabitam também os vidros que aliviam essa sensação do ambiente que foi criado artificialmente simulando uma interação com o ambiente exterior (supostamente natural) através da sua função de refletividade. Um observador mais atento, que esteja do lado de fora, consegue, inclusive, ver o que está acontecendo dentro da academia.

Um jardim com gramas e plantas bem tratadas todas “verdinhas” dão o “toque natural” a esta estrutura faraônica e onipotente que pode ser referenciada como um ícone da cultura tecnologizada [hiper-real] e de culto ao corpo que vivemos. A sensação de se ver a construção do lado de fora no horário da noite é bem impactante quando os refletores estão acesos, fazendo sombras e iluminando somente os lugares programados para uma melhor visualização, pois fica parecendo mais uma imagem criada por computador de tão perfeita que nos é apresentada.

Expostas na estrutura externa pudemos observar algumas marcas do capital presentes na academia como a *Technogym* (empresa que fabrica aparelhos de musculação); a TIM (empresa operadora de telefonia celular); Movimento (empresa que vende roupas de ginástica e afins) e a Sadia (empresa de alimentos em sua linha *light*). Na estrutura interna o que não

falta são marcas-capitais imperando, como exemplo, podemos citar: *Rebook, Nike, Adidas, Body Systems, Power Jump, Rpm, Philips, Mega Mass, Protein*, entre muitas outras.

O primeiro piso, que fica no mesmo nível da rua, é o piso do estacionamento. A quantidade de carros importados presente nele era praticamente incontável. Os clientes têm a possibilidade do serviço de manobrista que é pago por fora da mensalidade. Os manobristas são muito gentis (o sorriso é a marca registrada deles) e estão sempre fardados com um paletó preto. A segurança lá é bem cuidada, pois estamos sempre sendo cortejados por um deles quando chegamos ou saímos da academia. Podemos observar também rondas de carros de segurança privada vez ou outra.

A entrada da academia é triunfal, ostensiva e porque não dizer mística? Somos apresentados em princípio a uma escada bem larga que tem um piso diferenciado com um mármore de cor clara e um corrimão, que é de aço acinzentado exibindo uma forma arredondada. A distância entre os degraus é estreita, assim, não precisamos dá passos largos para subir de um degrau ao outro evitando, desta forma, a fadiga. A sensação de subir aquelas escadas e nos deparar com uma porta de vidro que abre e fecha automaticamente é interessante, pois parece que estamos prestes a enxergar um tesouro ou algo parecido, nos lembrando aquela velha passagem da literatura que fala: *abra-te sésamo!*

Antes de entrar na academia propriamente, entretanto, depois que subimos os degraus da escada, no lado direito, ficam o salão de beleza da academia e a locadora de DVD. Do lado esquerdo é o restaurante de cozinha francesa. Um sofá branco com formato em linhas curvas fica na frente da recepção, interessante nunca o vimos sendo utilizado.

Ao terminar a escada nos deparamos com a recepção que tem um balcão em forma retangular e a parte mais estreita deste é que fica voltada para quem está chegando na academia, o que em princípio pode causar um estranhamento já que fica um espaço físico muito restrito para esses que ainda estão querendo penetrar nessa comunidade. O que nos remeteu à questão: quem são os “escolhidos”; esses que podem entrar?

Ou seja, para alguém entrar na academia, a recepcionista precisa liberar o acesso e nessa espera não tem nenhuma cadeira ou algo mostrando a essa pessoa que ela está sendo bem-vinda. Na verdade, as recepcionistas ficam posicionadas de frente para o lado já liberado da entrada da academia, o lado mais largo do retângulo, privilegiando o atendimento de quem já está dentro deixando um espaço livre.

Para entrar, passamos por uma catraca eletrônica que fica do lado esquerdo e é a recepcionista que executa o registro das nossas digitais para liberar o acesso ao templo.

Depois de passar a catraca, do lado direito, fica a escada que sobe para o primeiro piso da academia e logo à frente a loja de artigos esportivos e de praia.

Na frente da recepção tem duas cadeiras e uma mesa onde geralmente ficam pessoas sentadas esperando seus “*personal-trainers*”, lendo jornal ou revista. As cadeiras são de metal e a mesa tem o pé de metal e o tampo de vidro. Se virarmos o corpo para o lado esquerdo nos deparamos com a recepção propriamente dita. As cadeiras que ficam na recepção são na cor cinza bem leve e o balcão é de um mármore branco.

No mesmo piso da recepção fica o salão da musculação que tem aproximadamente 800 m², 16 esteiras, 4 *transports* e 15 bicicletas ergométricas. Nesta área que podemos chamá-la de ergometria tem também 8 televisores, conectados à TV a cabo, que ficam sempre nos mesmos canais (Multishow, Sony, Sport TV e Globo) e um instrutor sempre em alerta para medir a frequência cardíaca dos alunos.

Antes de entrar no espaço da musculação, que é delimitado, por meio de uma cerca estilizada de metal, tem uma cadeira com um equipamento para a medição da frequência cardíaca, uma balança digital, dois computadores e duas impressoras para a pessoa imprimir seu treino. E, já na entrada um anúncio publicitário nos faz lembrar: “Seu corpo, sua melhor imagem”.

As estações, como são chamadas as máquinas da sala de musculação, são de última geração e da melhor marca que existe no mercado. São em torno de 60, multifacetadas e multifuncionais e por meio de simples ajustes o usuário pode adaptar as cargas e as dimensões que elas alcançam de acordo com o tamanho do seu corpo e seu objetivo de treino.

A área da musculação é toda climatizada e por meio da tecnologia da refrigeração do ar se busca um ambiente que tenha condições favoráveis de temperatura, pressão, umidade que independe da atmosfera exterior. Desta forma, pudemos observar que há uma tentativa por parte dos dirigentes da sala que a mesma permaneça com um clima “propício” à atividade, independentemente do horário que frequentarmos, que é: ar-condicionado ligado, na tentativa de evitar as tempéries e intempéries do tempo natural, o estilo de música *techno*, deixando sempre um tempo ambiente fabricado e perfeito.

A higiene é um valor central que norteia as ações dos indivíduos na academia, pois cena comum no campo era encontrar os serventes limpando os equipamentos e os diversos ambientes, desta forma, o piso da academia e os equipamentos estavam sempre brilhando. Atrelado a isso estavam os instrutores sempre com os cabelos devidamente penteados, roupas informais, de “treino”, entretanto, bem passadas e o sorriso também, sempre em prontidão.

Como higiene e saúde andam juntas, cabe-nos agora falar sobre a quantidade de bebedouros espalhados pela academia, eram muitos em cada ambiente existia um. Outra evidência do tema higiene era que atrelado a cada máquina havia um vaporizador com produto para limpá-la antes do seu uso.

A sala de musculação é rodeada de espelhos por toda parte, todas as paredes têm um, e é curioso observar como eles são bem utilizados, não só na hora que as pessoas estão fazendo o exercício físico, avaliando se fazem de forma correta, mas também quando simplesmente olham a imagem a qual estão expondo (as mulheres olhando seus próprios abdomens e os homens seus bíceps) e avaliam se estão em perfeita condição de serem apreciados como obras de arte. Neste ambiente tem um potente equipamento de som, que serve de “*pick up*” para um “DJ” que aporta lá toda segunda e quarta, e um microfone que lembra os horários das aulas nas salas de ginástica do andar de cima e da sala ao lado.

Lá a dinâmica de acompanhamento do treino pelos instrutores se processa de forma que cada área era de responsabilidade de um deles. Esse fato, em princípio, causou estranhamento, já que o praticante parecia estar em uma linha de produção de um chão de fábrica, como se fosse um produto passando por etapas de um processo produtivo que no final é avaliado por um controle de qualidade, no qual muitas vezes foi necessário repetir informações para os professores entre um e outro exercício. Você não tem chance de estabelecer vínculo com o professor, termina sendo uma peça da engrenagem e quando perguntamos a um deles quem era o responsável pelo treino ele disse que era qualquer um que vestisse a camisa da academia e que esse papel de acompanhar o treino todo por aluno é trabalho de *personal*.

Na parte de trás da área da ergometria, fica a lanchonete e quem está treinando consegue ver o que está acontecendo e quem está nela, desta forma, mostrando-se como um excelente local de encontro. Tem cinco mesas de metal com o tampo de vidro, acompanhadas de um tipo de cadeiras de metal leve. O cardápio é em sua maioria de saladas e sanduíches leves e perto do balcão tem uma máquina de café expresso.

Neste mesmo piso, em frente ao salão da musculação tem os vestiários feminino e masculino, um espaço para reabilitação cardiopulmonar e metabólica e um espaço com uma televisão de tela plana. O estilo da academia é claro, privilegia cores neutras no ambiente que alude a certa “frieza” imposta pelos artefatos tecnológicos, mas ao mesmo tempo coloca uma cor vermelha nas roupas dos instrutores [afinal eles precisam fornecer estímulos para os consumidores poderem treinar]. Já as recepcionistas usam camisetas brancas.

O vestiário feminino, que fica em frente à área da musculação, tem o mesmo piso da academia, um porcelanato de cor bege, claro e brilhoso com uma textura lisa e até escorregadia. Logo que você abre a porta se confronta com um uma espécie de corredor, pequeno, que lhe direciona para as pias e o balcão onde as primeiras são brancas, de louça e ficam afixadas (são três pias) por cima do balcão e o mármore é de uma pedra escura preta “chamuscada” de textura lisa também. Tem um espelho grande, em cima do balcão, e além das pias, tem um vaso de plantas artificiais.

Na área comum do banheiro, tem um banco de madeira (pintado de preto) e os armários, os quais as pessoas podem solicitar cadeado na recepção e utilizá-los livremente, sendo obrigada a devolver a chave no mesmo dia do uso na sanção de ter seus pertences retirados do armário e alocados na recepção para serem pegos no dia seguinte. Do lado direito tem as cabines fechadas com os banheiros individuais, totalizando sete. A porta de cada um é de vidro “jateado” e a louça sanitária é branca. Em cada banheiro, além do chuveirinho, tem um suporte com papel especial que serve para cobrir o vaso sanitário na hora do uso, o que possibilita uma higienização maior e também um outro suporte pregado na parede contendo pequenos saquinhos de plástico para as mulheres colocarem os absorventes já utilizados. Do lado esquerdo, ficam as sete cabines individuais com os chuveiros para a pessoa tomar banho. Os chuveiros são enormes, a ducha é bem forte e o padrão visual segue a mesma linha, a saber: as portas são de vidro jateado, as paredes que separam um banheiro do outro são de mármore (a mesma pedra preta utilizada no balcão da pia).

É comum ver sinais de “proibido fumar” nos mais diversos ambientes da academia. O espaço “tela plana Philips” , com tecnologia avançada e definição de imagem de qualidade superior, é um ambiente bem aconchegante, pois sempre tem pessoas lá, seja esperando alguém que não acabou o treino ou esperando seu próprio *personal*, seja assistindo um pouco daquelas imagens inebriantes que geralmente alude a algum tipo de esporte, ou ainda simplesmente conversando com os outros.

A administração da academia fica em cima da lanchonete, em uma espécie de mezanino, por traz da área da musculação, onde estão fixados uns painéis enormes com imagens de uma mulher fazendo diferentes modalidades de atividades física, pintados em uma base de vidro. Esses painéis permitem que as pessoas que estão do outro lado vejam tudo o que está acontecendo no salão da área de musculação. Eles foram observados como um agente coibidor de ações por parte dos instrutores e funcionários.

O acesso ao segundo piso se dá por meio de uma escada que parece ter uma estrutura solta, pois é segura por meio de um pilar de forma arredondada, os degraus são bem próximos uns dos outros e no final de cada um tem uma fita antiderrapante, uma vez que a piscina está nesse andar superior. O corrimão tem o mesmo estilo da escada de fora é encorpado e de aço e possui uma cor acinzentada.

No segundo piso do lado direito tem uma sala de ginástica com um “palco” para o professor e os mais diversos equipamentos (i.e., colchões, pesos de tamanhos e cores diferenciadas para membros superiores ou inferiores, entre outros), vestiários feminino e masculino, sauna, sala para avaliação física, sala para nutrição esportiva, sala de pilates, ciclismo e lutas marciais. O telhado nesse andar é um pouco aberto e é coberto por telhas mesmo, pudemos observar que o pé direito da construção é bem alto, e que nesta área já há uma interação maior entre ambiente interno e externo e a climatização já se mostra hibridizada com menos ar refrigerado e mais ar-ambiente. No final do corredor encontramos uma plantinha que estava sendo muito mal cuidada, parecia estar morrendo, sem cor, sem vida, sem oxigênio, tão diferente dos equipamentos da sala de musculação que estavam sempre sendo bem cuidados e higienizados.

Do lado esquerdo, a sala de massagem, um espaço infantil com diversos brinquedos, televisão, computador e videogames, a sala de marketing da academia e uma sala para o motor da piscina, que fica no andar de cima. Ultrapassando a estrutura física da academia outras atividades em grupos são incentivadas fora dela, como por exemplo, as caminhadas no calçadão da Avenida Boa Viagem, trilhas ecológicas e festas.

Por este poder ser caracterizado como um local de investigação ideal onde se impera a produção e o consumo de imagens, da aparência e do culto ao corpo, valores que estão em alta em nossa sociedade e que foram fonte de investigação desta etnografia, ficamos sete meses em campo compartilhando com as pessoas dessa forma de vida (i.e., a forma de vida das pessoas que freqüentam a academia de ginástica e mais especificamente as que fazem musculação) para assim pudermos elucidar pistas que evidenciem seus valores, normas de conduta, crenças e razões para o ritual desse consumo. Passemos então a uma descrição mais aprofundada acerca das pessoas e as relações que elas estabeleciam com esse mundo material.

2.2 O olhar interacional para a compreensão da experiência da malhação

Todo estudo etnográfico trata de uma aproximação a um dado modo de vida a uma realidade que em algum sentido e em dado momento mostrou-se estranha para o pesquisador e o intrigou, “convidando-o” a um esclarecimento. Em busca desse esclarecimento, esta seção do trabalho elucida de maneira mais geral que específica os temas que fizeram parte da experiência da malhação. Ela objetiva descrever densamente as experiências vividas em campo por meio da observação das relações estabelecidas entre as pessoas e o mundo material e os significados que elas atribuem às interações com aquele e com os Outros [em conformidade aos estudos situados na antropologia do consumo].

Trata-se, então, primeiramente, de uma apresentação acerca da nossa vivência, que em outro momento subsequente serão tratadas de forma concreta onde destacaremos as variedades do ato de malhar, repercutindo no final desta seção em uma abstração alusiva à experiência embebida no ato de malhar *per se* (a malhação), de um sujeito epistemológico (a malhadora) e do seu objeto (o corpo). Entretanto, antes de chegarmos à parte introdutória dos atos de malhar apresentamos a nossa compreensão teórica acerca das interações sociais explicitando a teoria que forneceu a luz que iluminou o nosso campo: *A Representação do Eu na Vida Cotidiana* de Erving Goffman (1984).

Para o autor, estar em sociedade é representar um papel de forma expressiva, encenar um drama, participar de um espetáculo, causar uma impressão em dada platéia, seguir um *script*. Sua obra foi uma reação a 3 tradições intelectuais que imperava na época dos anos 50 e 60, a saber: teoria de Talcott Parsons, a abordagem psicanalítica de Freud e as tendências positivistas presentes na sociologia da época o que nos leva à compreensão do seu trabalho como sendo uma extensão e integração da perspectiva do interacionismo simbólico¹⁷, as assertivas metodológicas da Escola de Chicago e a sociologia de Durkheim e Georg Simmel.

Seu estudo se apresenta como sendo uma teoria dramatúrgica, que inspirada no arcabouço teatral, o autor utiliza para retratar e ao mesmo tempo criticar, o quanto estamos atrelados aos padrões que os *scripts* sociais nos impõem para assim podermos viver a nossa realidade cotidiana, como se estivéssemos em um palco. Ele é categórico ao afirmar que é só

¹⁷ Para um maior aprofundamento acerca dessa tradição de pensamento sociológica o leitor poderá fazer a leitura do apêndice intitulado: “Questão de Método” deste trabalho.

por meio das máscaras, que conseguimos interagir, já que são elas que nos fornecem pistas acerca das expectativas sobre a encenação a ser desempenhada no espetáculo, assim como a sua idoneidade e plausibilidade.

O autor parte do princípio de que o objetivo de toda interação é alcançar o equilíbrio onde o “eu” individual está, na maioria das vezes, subjugado ao coletivo, já que a natureza inerente à construção do vínculo social exige essa flexibilidade e adaptação para se fazer existir. Em sua teoria o “eu” é visto como o produto dos vários meios e situações nas quais é produzido e mantido. Em seus estudos, entretanto, a socialização não deve ser compreendida como um processo de aprendizagem de papéis, mas como um processo de aprendizagem de ação e leitura sobre as situações nas quais nos encontramos ao precisarmos definir qual das múltiplas faces devemos acessar para agir em dada situação.

Desta forma, os indivíduos “atuam” no sentido de proporcionar aos outros materiais expressivos para que eles consigam inferir pistas de ação nas situações cotidianas. Parte-se do pressuposto de que o homem, quando envolvido em qualquer interação social o faz por meio de um personagem que impacta e é impactado por uma platéia e tem o seu papel definido pelo diretor do espetáculo, que tem a função da dominância diretiva posto que é ele quem estabelece os papéis, os divide junto aos participantes do show e também traz de volta para “linha da situação” o membro da equipe que se tornou “inconveniente”.

A representação, tema central da sua teoria, é a atividade sob a qual o indivíduo se empenha durante determinado período de tempo com o objetivo de exercer influência sobre determinada platéia, que pode ou não estar fisicamente presente, se tratando, inclusive de referências que o ator pode utilizar para a sua atuação (i.e.: valores morais).

A construção da fachada, esta que é o lócus onde ocorrerá o espetáculo, é um processo denominado de realização dramática, é lá onde encontramos o cenário que contém elementos de pano de fundo que constitui o suporte no qual a peça da ação humana se desenrolará. Dessa forma, é o ambiente onde pode se observar o papel social do ator sendo desempenhado, assim como o desvelamento das expectativas do público por meio do comportamento interativo e onde a definição da situação se concretiza. O equipamento expressivo, um conjunto de informações a respeito de fatos não-arentes que é transmitido com o intuito de as pessoas que o recebem poderem orientar sua resposta ao ator (i.e. as impressões), é institucionalizado por meio da aparência e da maneira, aspectos fundamentais para que a encenação seja crível e inconsistências entre os dois podem confundir ou decepcionar a platéia, interferindo no processo de significação da encenação.

As representações¹⁸ são tidas como fenômenos essencialmente coletivos (i.e.: o eu coletivo) simbolizadas na fachada ou região de frente por meio de ações rotineiras, expectativas padronizadas, rituais e pistas de comportamentos reificados, estes que são os processos de atribuir “concretude” a generalizações abstratas (i.e. ações cotidianas que não conseguimos explicar os porquês e para quês e que simplesmente executamos). O ator pode representar uma situação de forma proposital (controlada) ou espontânea (inconsciente) e a sua posição em relação ao papel que está encenando pode ser de convicção (quando acredita piamente na sua performance) ou de cinismo (quando não acredita no papel, mas encena mesmo assim com o objetivo de influenciar a platéia). Um fenômeno que vale ressaltar é que quanto mais o indivíduo se familiariza com o papel a ser desempenhado mais se torna inconsciente dos seus atos.

Chegamos ao ponto de afirmar que um pressuposto em sua teoria é que, por meio da interação social, a ação humana se embebe de sentido e devemos ter em mente que o comportamento humano é um processo dialético em que o indivíduo e a sociedade estão estreitamente inter-relacionados. Ou seja, as pessoas compreendem suas experiências a partir dos significados que encontram nos símbolos dos grupos aos quais pertencem e que desta forma, a linguagem se firma como uma parte essencial da vida social.

Na interação existem três papéis típicos, a saber: o ator, o responsável pela representação e que está sempre presente por meio da expressão de sua personagem causando uma impressão no público, este que participa por meio das expectativas que tem frente à encenação da peça, e os estranhos, as pessoas que ficaram do lado de fora do espetáculo, mas que em certa sentido influenciaram ou influenciam a atuação. Nas interações, desempenhamos papéis de acordo com a nossa posição social e a nossa intenção na interação. O acesso às regiões é que posiciona o papel que o ator desempenha (i.e., o ator tem acesso à região da fachada e os bastidores, já o público só frequenta a fachada e os estranhos têm acesso à região de fora da representação). Para o autor a região é o campo que delimita a nossa percepção que interferirá na definição da situação.

¹⁸ A representação é tratada como fenômeno coletivo já que: (1) ao observar uma interação podemos falar mais sobre o papel performatizado do que o ator, posto que o acesso que se tem é só ao palco; (2) o ator está em cena a serviço de um show maior que envolve outros significantes e que geralmente não é explícito; (3) a definição da situação posta ao ator geralmente está atrelada aos outros papéis que estão sendo encenados; (4) o fato de que os papéis podem ser performatizados por diferentes atores para preservar o show e (5) a representação entre atores depende da audiência que pode ou não está presente como mencionado em outro momento do texto (GOFFMAN, 1984).

Os atores com o intuito de terem suas atuações convincentes e preservarem a sua face, ensaiam o papel social que irão encenar, pensam sobre as contingências que podem interferir no espetáculo e também refletem sobre a resposta que querem obter do público processo que o autor chama de circunspeção dramaturgica, uma prática característica defensiva para ele conseguir manipular as impressões desejadas em sua platéia; outras práticas dessa natureza consistem na disciplina dramaturgica, que é o estar emocionalmente dissociado do papel que está representando, e, a lealdade que se refere aos segredos e aos padrões morais característicos à equipe que está atuando com ele.

Outrossim, fatores que influenciam a sua performance podem estar atrelados ao seu autoconceito (a “presença” da audiência ausente na encenação que se dá por meio dos seus valores morais ou de grupos referenciais em sua conduta) e também aos acontecimentos dos bastidores, região que só ele tem acesso e que de certa forma o liberta por alguns momentos da máscara que precisa usar para estar no palco já que é nela que alguns valores discrepantes podem vir à tona. Destarte, é importante que sejam pensados alguns mecanismos de controle sobre o que acontece nos bastidores (i.e. a proibição do acesso do público; a presença de alguns confidentes que tem acesso aos seus segredos; o controle da comunicação imprópria que possa surgir, esta podendo ser caracterizada como o tratamento que se dá aos ausentes, por exemplo, a platéia, conversa sobre a encenação e a convivência da equipe) para que o ator entre em cena bem preparado.

Por mais que o ator se prepare para a encenação, faz-se mister apontar que algumas rupturas podem acontecer que interferirão na percepção da platéia e conseqüentemente no processo de significação da encenação (i.e.: gestos involuntários dos atores ou da platéia, intromissões inoportunas de estranhos e gafes que comprometerão à cortesia da cena). O contexto também é mudado frente a algumas formas depreciativas que podem surgir (i.e.: quando o ator é forçado a tomar uma linha de conduta contrária aos seus sentimentos íntimos, quando o membro da equipe representa seu papel para divertimento secreto de seus companheiros ou quando se fazem necessárias ações de realinhamento). Um último ponto a ser ressaltado é o cuidado que se deve ter com a região de fora da representação, região onde se encontram os especialistas do espetáculo (i.e., as pessoas que vão trabalhar para a construção, manutenção e conserto do mesmo) podendo, estes, também freqüentar os bastidores devido a essa caracterização da sua função.

Em sua obra *Interaction Ritual* (1982), nosso autor caracteriza o ritual como sendo condição *sine qua non* para a existência da ordem social quando afirma que a estrutura social

é sustentada por rituais e que são estes que a estratificam. Outros aspectos relevantes que corroboram com essa aproximação é quando percebemos que a encenação pública dos rituais (i.e., de um ato social) protege o “eu” que é construído nos bastidores. É fato também, que até as situações mais íntimas exige uma estrutura ritualística para a sua experiência o que permite incluir a que estamos investigando: a experiência da malhação, que está sendo observada por nós como um ritual.

Cabe ressaltar, entretanto, que percebemos em sua obra, uma grande tensão entre um projeto sociológico claramente definido e a volta à transparência nas relações humanas que serão discutidas no capítulo que aborda a aquiescência social neste trabalho¹⁹. Em síntese, trata-se de uma abordagem microsociológica que, por meio de uma maneira rica e detalhada, fala sobre a construção social da identidade e das relações grupais, assim como a dinâmica e os significados das informações interpessoais, sobre o desempenho do papel social e a relação entre o ambiente e os processos que se apresentou como sendo uma lente adequada para observar de forma mais acurada a dinâmica do espetáculo que encenamos em nosso tempo.

2.3 Introdução aos atos de malhar

O “malhar” pode ser entendido por extensão de sentido e uso informal, segundo o dicionário eletrônico Houaiss, como sendo, por um lado: o ato de exercitar o corpo ou partes do corpo para fortalecer a musculatura e também o ato de fazer exercícios de musculação ou ginástica. Por outro lado, pode significar: castigar fisicamente, e em um sentido figurado pode ser sinônimo para criticar, no sentido que lhe pode ser atribuído de maldizer, escarnecer. E sobre o uso do sentido do termo malhar dentro da academia, como esclareceu uma das *personal trainers* do campo, o mais adequado parecia ser treinar e explica:

“Que negócio é esse de malhar rapaz... Quem malha é quem fala mal de alguém. Isso é coisa dessa novelinha aí [*fala apontando para o televisor que está ligado*] oh:

¹⁹ Cabe aqui uma parte ilustrativa deste ponto extraída dos seus escritos: “de qualquer modo, embora a face social de uma pessoa possa ser o que ela possui de mais pessoal, o centro de sua segurança e prazer, trata-se apenas de um empréstimo que lhe foi feito pela sociedade: poderá ser-lhe retirada caso não se comporte de modo a merecê-la. Atributos aprovados e sua relação com a face fazem de cada homem seu próprio carcereiro: trata-se de uma coerção social fundamental mesmo, que todo homem goste de sua cela” (GOFFMAN, 1988, p.80-81).

Malhação. Foi depois dela que as pessoas começaram a falar em malhar na academia. Aqui a gente treina. (NC. Ex. 50. §4- lin 55-59)”²⁰

Treinar pode ser sinônimo para: executar regularmente uma atividade; exercitar, praticar, ficar perito. Saber das regras do jogo para poder vencê-lo. Treinar envolve também disciplina, preparação e dedicação. O resultado do treino vai depender do envolvimento do treinando e à sua capacidade de submissão. Polêmicas à parte, adotaremos o termo malhar por ser o mais usual no senso-comum e, por incrível que pareça, também no campo o campo se rendeu às influências da tecnocultura.

Se fizéssemos uma união e chegássemos a uma definição que dissesse: malhar é fazer exercícios de musculação ou ginástica e acrescentássemos o castigar fisicamente, em um sentido complementar e não excludente, chegaríamos bem próximos ao que a nossa investigação de campo nos mostrou, ou seja, que o ato de malhar se dá de formas variadas e que estas envolvem certa dose de castigo, sacrifício e dor, mas que no final gera recompensas simbólicas e materiais²¹.

2.3.1 Um ato com características religiosas

O ato de malhar, logo nos primeiros dias de campo, se apresentou como sendo um ato de obrigação “quase religiosa”, ou seja, um ato que nos remete a ações incontestáveis que nos remetem aos dogmas e aos mandamentos das religiões. Ato animado por crenças que se inscreve como sendo um ato de fé, de alguém que age acreditando em função da salvação que permite a sua inclusão no mundo dos eleitos [na terra prometida].

²⁰ Para um melhor detalhamento sobre o sistema de codificação que utilizamos nesta pesquisa, ver o Apêndice intitulado Questão de Método, na seção 2.4 . NC (Extrato 50) Título: Malhar é coisa de novela aqui a gente treina. Uma *personal trainer* do campo em interação com sua aluna, no momento em que esta estava fazendo esteira, lhe ensina a “verdade” sobre o que ela realmente está fazendo na academia: treinando, imersa em um regime de disciplina. A personal faz ainda uma alerta para a má influência que o artefato tecno-cultural e ícone da indústria cultural, a televisão, causa deturpa, deturpando a essência do seu labor. Data: 26/07/2006; Tempo: Entrada: 16:30h – Saída: 18:10. Horas de Campo: 89h05min. Local: Treino na musculação; Horário do registro das notas: 22:00h.

²¹ Decidimos investigar a experiência de consumo de malhar na modalidade “musculação”, primeiro por esta estar em franca ascensão nas academias de ginástica; segundo porque é o local da academia onde a maioria dos frequentadores passa, mesmo que só para fazer exercício aeróbio, neste sentido, se apresentando como um dos espaços mais democráticos do *fitness center*; terceiro, por que é a atividade física que detém menos restrição para os praticantes; quarto por apresentar a lógica da velocidade dos tempos modernos, pois é a que apresenta resultados mais rápidos.

Desta forma, aqueles que não procedem como manda o livro religioso, estarão pecando e uma grande culpa incide sobre esses. Como os atores sociais, aqueles, que estão em nosso templo buscando a salvação, agem de forma a defender o seu papel social e se envolvem nos mais diversos tipos de ações e racionalizações para serem consistentes com a face que estarão exibindo em nosso espaço público.

Propomos a analogia também porque ouvíamos frequentemente das pessoas que transitavam no campo termos religiosos, como por exemplo: “estou aqui pagando meus pecados”, “me sinto culpado quando não venho à academia”, “é um sacrifício muito grande, mas vale a pena” como se houvesse mesmo uma força maior “religiosa”, incidindo sobre a sua decisão.

Assim, sobre elas paira, então, uma obrigatoriedade em frequentar a academia, esta que é o local utilizado para purificação e comunhão com Deus. Essa comunhão não é fácil e exige sacrifício, assim como na religião católica se confessa antes de comungar para a expiação dos pecados, elas parecem precisar de um ritual parecido para estar na sociedade das imagens. Lúcia não cometeu um pecado, mas se preparou antes de entrar no templo, como manda os rituais religiosos, para a sua consagração:

“Que cara de sono hein?” [*pergunta a instrutora*]
 [*E aquela responde prontamente*]: “Ahhh, minha filha hoje foi difícil. Dei umas dez voltas pelo meio da casa de olho fechado para acordar [*ela exibia um ar de riso que parecia nem ela mesma acreditar no que tinha feito para poder ir para a academia: “correr de olho fechado”?* Tinha um tom de voz acelerado e, além de estar fazendo a atividade física que acelerava o seu ritmo, pois era aeróbica, gesticulava muito denotando certa ansiedade] (NC. Ex.11. §4- lin 26-35)²²”.

O indivíduo, ao se sentir coagido a executar alguma ação, o que nos faz lembrar da idéia de coerção na sociologia de Durkheim (1974) que a denomina como sendo uma ação embebida pelo fato social que exerce influência sobre a vontade individual, é porque haverá

²²NC. (Extrato 11). Título: Dez voltinhas na sala para acordar e o prazer depois. Aspectos presentes na interação. Interação 17: Papéis dos interagentes: Instrutor – Praticante. Contexto: A praticante estava fazendo o *transport*, este é um aparelho que trabalha a condição aeróbia do indivíduo onde ele fica em uma posição similar à de pedalar só que de pé, evitando impacto nos joelhos. Uma das particularidades dessa máquina é que ela ajuda a processar mais calorias do que a bicicleta. Perfil da Instrutora (Lívia): 20-25 anos, estatura mediana, magra, cabelo longo, castanho cor de mel, olhos também castanho claro, está sempre com um sorriso no rosto e conversando com as alunas. O perfil dela como instrutora é mais leve, queremos dizer que ela respeita o aluno quando ele fala que a carga está pesada, por exemplo, e não tenta ficar aumentando de forma aleatória. Os temas que emergiram na interação foram: (1) Superar o sono dá prazer (2) Estratégia para vencer uma possível ruptura na apresentação da sua face. (3) A atividade física dá disposição para o trabalho. Perfil da praticante: aproximadamente 25-30 anos, alta, mais cheinha, cabelo preto, ondulado, preso, pele morena clara, vestia uma calça preta justa e uma camiseta branca da marca *reebok* e um tênis *nike*. Data: 06/04/06 (Quinta-feira). Hora de Entrada: 5:45. Horas de campo: 36h30min. Hora de Saída: 7:00. Hora das Notas: 5:20. Treino na Musculação.

algum tipo de sanção se a mesma não for efetuada. Em nosso caso, para Lúcia, essa sanção se dá da seguinte forma: “se eu não vier para a academia a essa hora, fica mais difícil de vir durante o dia. E fora que, para trabalhar você fica mais disposta, mais animada e o prazer que você sente de ter vindo é maior do que o sono. Eu penso no depois (NC. Ex.11. §4- lin 26-35)”. Está claro, então, para a praticante que o seu sacrifício valerá a pena.

Em um primeiro momento parece ter sido uma ação meramente individual, já que ela nos diz do prazer, da animação e da disposição ganhos com a atividade física, lembremos então do conceito de representação do nosso autor, citado anteriormente, para afirmar que não construiu sozinha essa sensação que ela nos fala, já que houve, no mínimo, outros três atores envolvidos: o marketing experiencial da academia²³, os instrutores e a mídia (i.e., as revistas especializadas, programas de televisão, entre outros).

2.3.2 Ato de malhar: um ato de prazer, e a dor?

Em nosso templo pudemos observar cenas que mostravam alguns corpos com fisionomias expressando dor, cansaço, contrações musculares e também outros expressando alegria, disposição e descontração, que em princípio podem parecer ser contraditórias. Entretanto, lá se mostraram como face da mesma moeda, já que o gerenciamento de impressões (GOFFMAN,1984) esteve e está presente o tempo todo em nossas interações sociais e lá não podia ser diferente. Assim como a emissão de gemidos também faz parte do show, estes que podem ser ora por prazer, ora por dor, como a cena descrita abaixo em nossas notas de campo:

“A mulher estava se exercitando em um equipamento denominado de mesa flexora, máquina que trabalha os glúteos e o músculo posterior da coxa. Nesta máquina a posição que o indivíduo se encontra é deitada e em plano horizontal com o ventre para baixo com as mãos sobre os pegadores, pernas totalmente estendidas e tornozelos sob os apoios. O exercício é realizar flexão simultânea dos joelhos através de contração dos músculos posteriores da coxa, até próximo às nádegas e, em seguida, retornar à posição inicial através da contração excêntrica do mesmo. A mulher estava num estado que parecia ser de hipnose ou transe, seu movimento era ritmado e pudemos observar que ela fazia o exercício de olhos fechados, emitia umas caretas, gemia e espremia o corpo todo. O prazer que ela estava tendo parecia

²³ O marketing experiencial é uma forma de marketing desenvolvida por Schmitt (2002) que privilegia ações voltadas para incrementar a experiência do consumidor no ponto de venda. Pela descrição já elaborada neste trabalho pode-se perceber que havia uma preocupação e um cuidado para que os fiéis encontrassem o templo sempre pronto para lhe atender de forma que o sacrifício fosse menos doloroso. Atividades em grupo fora da academia eram incentivadas como, por exemplo: caminhadas ecológicas, triathlon, entre outras.

quase um prazer sexual estava notório. O que foi confirmado com um instrutor que se aproximou e falou, em um tom de riso: está bonzinho o exercício aí não é? Nessa hora ela tomou um susto, pois, emitiu um gesto involuntário que causou uma ruptura na situação, sorriu e de forma constrangida disse: é, está sim (NC. Ex.23. §5- lin 41-52)”²⁴.

Na supracitada interação, podemos afirmar que houve uma preocupação das duas partes em salvar a própria face havendo uma cooperação tácita para que ambos atingissem seu objetivo, mesmo que por motivos diferentes (GOFFMAN, 1984). O instrutor tentou salvar o seu espetáculo, defendeu o seu papel de diretor da encenação, e com uma prática defensiva, e de forma polida realinou a aluna à situação, afinal estávamos em um local público, local que veta aquele tipo de conduta.

Eles compartilharam um segredo para que o show continuasse e é comum os instrutores compartilharem esse tipo de segredo com seus alunos. Segredos sobre a biologia do nosso corpo, os instintos presentes nele e sua forma de funcionamento, como por exemplo, dias em que as mulheres estão menstruadas e que não conseguem acompanhar o treino proposto ou quando há lesões que um treino excessivo pode causar.

Em uma conversa com um dos instrutores, sobre essa particularidade do corpo feminino ele nos fala em tom compreensivo parecendo entender o que se passa em nosso universo: “é um período que a mulher vai estar inchada e se sente feia. Aí, porra, você não vai estressá-la mais ainda por causa disso. Tem que fazer um treino menos estressante²⁵”.

Para podermos sentir e saber o que é o prazer precisamos conhecer a sua outra face, a dor, pois sabemos que os significados que construímos em torno das nossas experiências se dão frente às alteridades. A dor, então, é um fato social comum entre os praticantes desta atividade física. Existem tipos de dor, por exemplo: a dor que a pessoa sente quando está iniciando a atividade física, essa é uma “dor normal”, tem a dor resultante de um exercício mal executado, essa é uma “dor anormal” que precisa ser tratada, tem a dor causada por uma lesão em algum músculo ou tendão, tem a dor que a pessoa sente quando muda de treino e

²⁴NC (Extrato 23). Título: Verde e Amarelo! É copa. Esta nota aborda observações sobre temas diversificados onde podemos destacar três principais: (1) a socialização na academia quando esta fixa em suas paredes “cartazes-convites” para assistir os jogos da seleção com o grupo; (2) o momento certo para a atualização do praticante da atividade física e (3) a dificuldade de emagrecer, entre outros. Data: 29/05/06 (Segunda-feira). Hora de Entrada: 8:30. Hora de Saída: 10:00. Horas de campo: 53h20min. Hora das Notas: 23:00. Treino na Musculação.

²⁵ EN (3): Título: Entrevista com Instrutor. Data: 02/11/06 (Quinta-Feira). Início: 9:00. Término: 10:10. Transcrição: 12:30. Local: Academia. Perfil do instrutor: estatura mediana, 25-30 anos, cabelos e olhos castanhos claros, corpo forte com músculos bem delineados, ex-magro, se autodefine como sendo um consumidor consciente de proteínas para aumentar a massa muscular. Em sala de aula desempenha o papel de um professor que incentiva as alunas, é super rigoroso em relação a execução do exercício e fica estimulando sempre o aumento da carga.

tem aquela “dorzinha gostosa” que a pessoa sente quando o músculo começa a arder devido ao esforço físico. Assim, a dor pode ser um sofrimento físico ou moral, uma mágoa, uma aflição, e também pode ser um fato de condolência ou piedade, mostra-se então como ruptura da situação do treino, mas também como um fato “esperado”.

Por um lado a prática da musculação pode evitar lesões, já que é um esporte programado e calculado, o qual não há a interferência direta de outros praticantes em sua execução, é supervisionado, em um sentido diferente de um jogo de futebol, por exemplo, mas por outro ela as incita se não houver o equilíbrio na sua prática tanto por parte do praticante quanto do instrutor.

Uma lesão para o praticante de musculação é o que Goffman (1984) chamaria de ruptura, ou seja, de uma ação que ameaça a integridade de uma performance social. Como fala Fábio, um dos nossos instrutores: “o que mais vejo aqui na academia é a galera começar toda empolgada, sempre querendo pegar mais peso porque vê resultados no corpo e aí exagera. Não adianta exagerar, porque, no final rola lesão aí o indivíduo fica sem treinar, perde a saúde. Não é pior?” (NC. Ex.21. §3- lin 31-35)²⁶.

A musculação é hoje, uma das atividades mais recomendadas, todas as pessoas podem fazer, seja para quem quer emagrecer, aumentar ou definir a musculatura, como também, para quem quer evitar lesões e até tratá-las, além de ficar “sarado” e com um corpo forte, saudável e bonito. Este ambiente nos pareceu estar em fase de transição e aberto a novos públicos e não só aos homens e jovens como fora outrora.

As mulheres, os idosos e idosas também estão começando a frequentar a área da musculação com os seus devidos escudeiros, os *personal trainers*, esses que os ajudam a fazer “as honras da casa” e acolhê-los já que, o ambiente “público” resiste um pouco as suas presenças, privilegiando estímulos que não lhes apetezem: músicas altas em estilo *techno*, professores muito jovens e os Outros que são ainda em sua maioria os que lhe causam estranhamento.

²⁶ NC (Extrato 21) Título: A droga dele é Fábio. Conversa com um dos instrutores da academia sobre lesões, a questão da ingestão de drogas anabolizantes entre os praticantes de musculação e observações a cerca do perfil dos praticantes que varia de acordo com o horário do dia. Data: 26/05/06 (Sexta-feira). Hora de Entrada: 20:45. Hora de Saída: 22:10. 50h20min. Horas de campo: 50h20min. Hora das Notas: 23:50. Treino na Musculação. Perfil de Fábio: estatura média-baixa (1.65), corpo esguio, mas musculoso, super definido, cabelo claro, curto, usa sempre gel, pele clara. Valoriza a conscientização do corpo e acompanha a presença dos alunos no treino de perto. Temas: Ironia sobre a ausência da aluna no treino.

2.3.3 Um ato saudável ou estético?

A busca pela saúde apareceu como sendo o gatilho motivacional consciente da maioria das pessoas que freqüentam a academia e, mais especificamente, a nossa sala de musculação que corroborou com o estudo de Castro (2003)²⁷.

Em nossa sala, entretanto, houve a recusa em assumir a estética como um dos principais agentes motivadores por boa parte das informantes, o que foi de encontro a Castro (2003), que viu dentre os grupos estudados o da musculação como sendo o único grupo praticante de atividade física que assumia isso abertamente.

Desta forma, a fala e a imagem oficial vendida e consumida em nossa sala aludiam à saúde, entretanto, percebemos que no seu cotidiano essa saúde era subsumida frente à estética. Dizemos isso porque em conversas informais no campo observamos que a saúde era um termo que abrangia vários outros: bem-estar físico e mental, um corpo magro, equilíbrio, entre outros, que serão mais bem discutidos em outro momento desse texto.

No campo existem normas e padrões que norteiam os treinos e a distinção de gostos dos exercícios propostos. É perceptível o constrangimento daqueles que arriscam fazer exercícios que trabalhem os glúteos, por exemplo, entre os homens, pois há o repúdio por meio de comentários maliciosos que os membros do grupo emitem. Uma interação observada no campo foi bastante ilustrativa para falar dessas resistências, quando em um momento do diálogo o rapaz fala em um tom de constrangimento: “eu conto os segundos pra acabar logo o treino de perna; e essa máquina então é coisa de veado [*risos*] (NC. Ex.34. §4- lin28)²⁸”.

Ou seja, existem exercícios direcionados para esculpir ou trabalhar determinadas partes do corpo que ressaltem as peculiaridades físicas tidas pela cultura como sinais de

²⁷ O estudo intitulado: “Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo” de Castro (2003), buscou mostrar que o culto ao corpo é uma manifestação cultural que dá sustentação ao discurso hegemônico sobre corporeidade, o qual perpassa toda a sociedade como ideologia – doutrina, sistema de valores, que expressa a disputa de interesses em jogo – e como cultura – processo social no qual os homens definem e modelam as suas vidas. Desta forma, apreendeu os estilos de vida dos grupos de freqüentadores de academias em modalidades diferentes, isto é, yoga, dança de salão, capoeira e musculação que repercute em seus consumos de produtos culturais e contrapôs esse hábito ao discurso emitido por duas publicações especializadas: corpo a corpe boa forma.

²⁸ NC (Extrato 34) Título: Copa do Mundo: Alemanha e Argentina. O extrato se apresenta em cinco partes que revelam os seguintes aspectos observados no campo: (1) o clima que estava reinando na academia naquele dia, que era de apreensão quanto ao jogo que ia passar na televisão; (2) a preocupação de um dos instrutores com uma aluna que estava com uma lesão; (3) e (5) interações entre instrutor e praticantes abordando o caráter socializador da academia e a (4) que é a interação de onde foi extraída a citação apresentada. Esta interação se deu entre o Pesquisador e um Praticante e a situação em que estavam envolvidos era que os dois estavam fazendo o exercício mesa flexora onde pudemos extrair da conversação os seguintes temas: especificações sobre o que é exercício de homem e exercício de mulher e o sacrifício que este estava se impondo ao ir de encontro à sua volição. Data: 30/06/06 (Sexta-feira) Entrada: 5:30 Saída: 7:00. Horas de Campo: 67h35min. Horário das Notas: 14:00 Treino na musculação.

beleza. Para as mulheres, as regiões do abdômen, coxas, panturrilhas, cintura e glúteos (regiões inferiores do corpo); já os homens preferem desenvolver os ombros, costas, peito e braço (regiões superiores do corpo).

A busca por otimizar o volume das nádegas, no caso das mulheres, aponta para uma característica que Gilberto Freyre (1986) denominou “dignificação das ancas” presente em nossa cultura brasileira. Segundo o autor a mulher de formas mais salientes (leia-se: nádegas e quadris) tende a ser considerada mais ortodoxamente feminina devido à adoração que os homens brasileiros têm pelas “belas nádegas”. Desta forma, possuir nádegas volumosas, arrebitadas e bem torneadas confere às mulheres brasileiras uma espécie de poder no jogo da sedução e uma busca pela beleza feminina baseada no olhar masculino.

A recusa dos homens em trabalhar essa região do corpo pode ser explicada pela busca da beleza masculina pelo olhar masculino, diferentemente do que ocorre com as mulheres, eles se exercitam para “se tornarem grandes”, “temidos e respeitados” entre eles mesmos, amealhando prestígio e *status* entre os outros homens.

Em seu estudo intitulado “Musculação: expansão e manutenção da masculinidade” Sabino (2000), menciona o artigo intitulado: Tem pente aí? de Roberto DaMatta (1997) que aponta para a sacralidade das nádegas masculinas em nossa cultura. Estas jamais devem ser tocadas, pois tal fato colocaria em risco a própria masculinidade, profanando-a. “A bunda do homem remete a uma espécie de existência negativa nas representações masculinas; é uma região que não deve nem mesmo ser olhada, ao contrário das nádegas femininas (SABINO, 2000, p.99)”. Neste estudo, entretanto, suas entrevistadas várias vezes disseram apreciar nádegas masculinas arrebitadas e torneadas e lamentaram o desprezo que os homens conferem a essa parte de seus corpos.

Chegamos a ponto de argumentar que, na musculação, o corpo é tratado como objeto sobre o qual o espírito se debruça com sua razão instrumental para melhor conhecê-lo e dominá-lo. O corpo é dividido em áreas e o treino é elaborado de forma a atender o objetivo de cada indivíduo, que com a ajuda das máquinas acelera o tempo necessário para a execução de tal empreendimento.

Para a obtenção de um bom resultado com a prática da musculação, os instrutores advertem sobre a importância de se fazer a avaliação física antes de iniciar a atividade, assim um treino adequado a cada indivíduo é implementado levando em consideração, inclusive as suas limitações. Como a maioria dos processos de avaliação, o que apresentaremos não deixa

de gerar insatisfações, já que somos submetidos a um processo de tipificação que pode repercutir em constrangimentos. Os aspectos que compõem a avaliação física são:

“(1) Avaliação antropométrica composta por: 1.1 Peso, 1.2 Estatura, 1.3 Análise da Composição Corporal, 1.4 Perimetria; 1.5 Determinação do Somatotipo; (2) Avaliação Neuromotora 2.1 Teste de flexibilidade; 2.2 Avaliação da Força e Resistência 2.3 Avaliação da Capacidade Aeróbia (Vo2max) e a Avaliação Postural” (NC. Ex.1. §10- lin 74-79)²⁹

Poderíamos dizer que a avaliação física faz parte de um ritual de iniciação do praticante nessa cultura, já que todos devem passar por ela antes de se sentir um membro desse grupo. Sua linguagem é muito peculiar e científica e a primeira vez que passamos por um avaliador este explica o que quer dizer cada item nos convencendo da importância que este fato social tem para o treino. Cabe ressaltar que o objetivo da avaliação, que é o de individualizar o treino parece não ter tido efeito prático: primeiro quando há uma regra tácita entre os instrutores de querer sempre aumentar a carga e segundo quando se privilegia um sistema de rodízio entre os instrutores tornando o tratamento instrutor-aluno mais distanciado e frio³⁰.

Desta forma, o que não falta na área são experimentos que mostrem correlação entre perfil do praticante, as condições de exposição ao exercício, isto é, frequência, intensidade, velocidade, ritmo, entre outros e os resultados alcançados. O que nos leva à duas questões: (1) Qual é o seu objetivo aqui na academia? (2) A carga está boa? Assim aspectos de uma lógica mecanicista, serializada, que, no final não privilegia o indivíduo, antagônica, então ao que é proliferado pelo livro sagrado.

2.3.4 A apologia ao peso

Sobre a primeira questão supracitada podemos elucidar alguns: ganho de massa muscular e conseqüente perda de peso e gordura, correção da postura corporal, baixar o nível de colesterol, ganhar aptidão física, delineamento corporal, entre outros. Já a segunda questão

²⁹ NC (Extrato 1) Título: O dia em que iniciei minhas notas de campo. Este extrato inicial está rico nas descrições a cerca do ambiente da academia e em alguns dos estranhamentos iniciais pelos quais passamos em campo: a avaliação física, a catraca eletrônica, a questão do acompanhamento do instrutor ser pulverizado no lugar de concentrado, entre outros, que serão mais explorados na seção intitulada “o papel do pesquisador” deste trabalho. Data: 02/03/06 (Quinta-feira). Hora de Entrada: 20:00. Hora de Saída: 21:30. Hora das Notas: 24:00. Horas de campo 24 hs. Local: Treino na musculação.

³⁰ Em cada treino eu tinha que falar de duas lesões: a primeira no ombro e a segunda no joelho, pelo fato de não ser acompanhada diariamente por um mesmo instrutor o que causava um aborrecimento.

é formulada, geralmente, quando estamos iniciando o exercício em alguma máquina e o instrutor pergunta se a carga está boa, pois há sempre uma tentativa por parte deles de aumentá-la. Como alertou um deles “peso levinho, jamais. Vamos alterar logo isso (NC. Ex.30. §1- lin 5)³¹”.

Outras evidências do campo poderiam ser comentadas aqui retratando a verdadeira apologia que os instrutores fazem em relação ao aumento da carga que as pessoas conseguem levantar ao fazer suas atividades, como fala Fábio, um dos instrutores, quando em momento de interação com um praticante: “o ideal é sempre aumentar a carga e ir para a última quantidade de frequência, por exemplo, se o treino é programado para ter entre 8-12 repetições, você deve almejar chegar no 12 (NC. Ex.7. §3- lin12)³²”.

Esta prática é ressaltada independentemente de gênero e do nível em que o praticante se enquadra e observamos que há uma espécie de guerra de força aí, enquanto os instrutores ficam instigando os praticantes a superarem seus limites de força corporais os praticantes parecem atuar, também, sempre com um nível de força residual, pois, sabem que os fiscais [instrutores] a qualquer hora estarão por perto e solicitando o incremento da carga.

2.3.5 Uma ou várias visões de mundo?

A musculação nos remete diretamente a uma visão de mundo radicada, entre outros aspectos, na virilidade e na honra, no vigor e na força do corpo e da imagem, na determinação e abnegação e em uma concepção específica de saúde.

O que nos faz chegar a uma das normatizações generalizadas desta cultura que é o fato do corpo ser o critério básico de reconhecimento e classificação, o que possibilita o

³¹ NC (Extrato 30) Título: O grito. A dor. O prazer. Este extrato foi escrito em seis partes onde a primeira alude a questões do ambiente da academia; a segunda a uma experiência de um grito de alívio que um praticante emite ao fazer um exercício, a terceira, quarta e quinta partes alude a interações entre praticantes e *personals* e a sexta a uma conversa com uma *fitness*. Data: 14/06/06 (Quinta-feira). Entrada: 16:00. Saída: 17:00. Horas de campo: 62h35. Horário das Notas: 18:00. Perfil do instrutor que falou a citação: 30-35 anos, estatura baixa, magro, mas bastante musculoso, cabelo preto, curto, liso e cortado com estilo mais repicado, usa gel, ele tem uma postura bem empinada e tinha um jeito mais alternativo. Como professor gosta de ficar instigando as alunas a aumentarem as cargas.

³² NC (Extrato 7) Título: O ideal é sempre o máximo. Esta citação foi extraída a partir de uma interação entre uma praticante e um instrutor onde a mesma reclama da carga, dizendo que está pesada e o instrutor responde com a citação apresentada denotando uma falta de interesse na questão exposta pela praticante. Essa falta de interesse na interação é mencionada por Goffman (1984) como sendo um processo de evitação, ou seja, o instrutor evitou o que a aluna estava dizendo com o intuito de preservar a sua face na interação. Data: 18/03/06 (Sábado). Hora de Entrada: 8:00. Hora de Saída: 9:30. Horas de campo: 31h45min. Hora das Notas: 15:00. Treino na Musculação.

fundamento de uma reciprocidade calcada em uma concepção de mundo centrada no indivíduo. Alguns dos valores compartilhados pelos praticantes no campo foram: a busca pela saúde, juventude, o uso de inovações tecnológicas, sucesso profissional, anuência social que pode(m) ser conquistada(s) ao apresentar o passaporte com o carimbo de “corpo em forma”.

Compartilhamos momentos em campo com grande diversidade de pessoas que estavam em busca de um “corpo em forma”, mas que atribuíam sentidos diferentes a esse corpo e conseqüentemente ao ato de malhar que se apresenta como um meio para atingir a uma finalidade específica. Poderíamos pressupor, ao falar de uma sala de musculação que detém uma clientela com alto poder aquisitivo e um público essencialmente mais jovem, que todos se envolvem no ato para conquistar um corpo magro, este como sendo o corpo que é refletido pela mídia. Seria reducionismo nosso, entretanto, pois exceções significativas e particularizadas nos chamaram à atenção permitindo-nos explorar de forma mais elucidativa as diversas finalidades embebidas no ato de malhar caracterizadas, em nosso estudo, pelos atores [sujeitos] que o praticam³³.

Os atos que estarão sendo descritos abaixo não são excludentes entre si, ao contrário, nos falamos acima de tudo, dos diferentes papéis que as malhadoras podem exercer nas mais variadas representações sociais às quais se submete em nosso campo. Assim, uma mesma malhadora pode em um momento malhar para obter mais saúde e em outro momento malhar para obter um corpo mais delineado.

Abordamos, então as [i]materialidades existentes nas formas de expressão, nos saberes, nas celebrações e temporalidades, nos lugares e artefatos, e também as crenças e valores constitutivos no *script* de cada papel social (i.e., a *body builder*, a *fitness*, a sociável, a educativa, a atleta “fds”, a atleta “pro”, a reabilitadora) com o intuito de melhor esmiuçar as visões de mundo que estão por traz de cada uma delas para que, em um momento posterior, possamos compreender o que as aproxima e o que as afasta, e assim podermos conhecer quem é o sujeito que malha, o significado que ele atribui à experiência de consumo da malhação, que relação ele constrói com o próprio corpo e o reflexo disso em suas relações sociais.

³³ Este trabalho não se trata de uma investigação que discute a questão de gênero. Entretanto, devido ao fato da investigadora ser mulher e por termos feito a opção em observar o ritual de consumo do malhar em seu ambiente natural, e por isso haver a possibilidade daquela fazer parte do grupo e compartilhar dos códigos de conduta, alinhamos nosso foco observacional para as malhadoras.

2.4 As variedades do ato de malhar

2.4.1 A *body builder*³⁴: um corpo esculpido

2.4.1.1 A [i]materialidade das suas formas de Expressão³⁵

Toda arte tem uma intenção. Ao observarmos a relação entre o artista e sua obra, percebemos nitidamente que um é extensão, continuidade e porque não dizer condição de existência do outro? O primeiro cria, se expressa, contesta, e por meio desta expressão imprime em alguém a resposta de um olhar que é automaticamente absorvido por aquele que contempla.

A arte de que falamos é a de um artesão que manipula técnicas para esculpir um corpo esteticamente perfeito, “isto” que é a matéria-prima do seu trabalho. Ele não manipula argila, barro, pincéis ou tintas, mas exerce a sua criação por meio de outros instrumentos com vias a atingir a raridade embebida no prazer proporcionado pela experiência estética, esta que é elemento fundamental da composição da forma da *body-builder*.

Ao tomarmos como ponto de partida a definição de estética de Baumgarten, que a tem como sendo “a ciência da percepção em geral”, e assim analogamente como sendo sinônimo de conhecimento através dos sentidos, compreende-se, assim, a sua perspectiva do belo também no domínio da sensibilidade por estar imediatamente relacionada com a percepção, os sentimentos, a imaginação e práticas culturais que nos fornecem a concepção de sentido, o

³⁴ *Body Builder*: quer dizer fisiculturista em português e *Body building* é o ato em que aquele se envolve com a finalidade de “crescer o corpo”. Segundo Courtine (1995), o termo *body-building* apresenta problemas de tradução, pois se o traduzirmos para o termo fisiculturismo, que significa um ideal de desenvolvimento relativamente harmonioso do corpo, este parece não mais corresponder à hipérbole muscular sem precedente que se apoderou do *body-building* recentemente. Para efeito dos nossos estudos, a definição de fisiculturismo que estamos adotando é a mesma de Sabino (2000, p.16): “o uso de exercícios progressivo de força e resistência com o objetivo de controlar, administrar e desenvolver uma musculatura específica(...) o uso de tais pesos é controlado em conformidade com o objetivo estético do executante”.

³⁵ Em nosso estudo compreendemos as formas de expressão de um grupo como sendo as caracterizações das relações que constituem sua estrutura, abstraindo-se o conteúdo, ou seja, as manifestações do pensamento por meio de uma palavra ou gesto que significam um grupo social.

que nos leva a acordar com o dito popular: “a beleza está nos olhos de quem vê” e de como vê.

Ao olharmos uma delas o que vemos? Um corpo magro, que para elas quer dizer um corpo com a menor quantidade de gordura possível, o que nem sempre significa um corpo leve na balança como poderíamos pensar no senso comum, e sim um corpo com grande quantidade de massa muscular, e forte. É um corpo onde tudo parece estar aparente: seus músculos, seus ossos, suas veias, sua circulação. Belo, para quem compartilha dos códigos dessa cultura:

“É uma coisa linda! É o ultrapassar o limite de massa muscular comum, e a beleza está em imaginar até onde o Homem chegou ao que tange o crescimento da quantidade de massa magra. Conseguimos coisas que era inimaginável: uma pessoa pesar 120 quilos e ter um percentual de gordura baixo? Não era possível. Eu não acho bonito o corpo em si, mas acho lindo o fato de poder ultrapassar os seus limites (EN.3. §20. lin186-191)”.

Ela exhibe seu corpo como uma obra de arte em processo de acabamento, sempre passível de ser esculpida, onde a beleza se encontra naquele corpo que detém todos os centímetros dentro de um padrão de perfeição que busca harmonia e equilíbrio em suas medidas. Seu corpo impõe um olhar, ele é diferente, algumas resistências precisam ser transpostas.

Seu olhar é ativo e penetrante, seus gestos contidos, mas firmes, seu “jeito de andar” também é diferente, anda com os braços afastados, com a cabeça enfiada no pescoço, peito abaulado, rigidez e um balanço mecânico que parece ser “calculado”, tradução da sua prática esportiva mecanicista. Este corpo pode ser de um homem ou de uma mulher, não importa, o que importa para elas é ultrapassar os limites naturais que o corpo lhe impõe para poder exibi-lo de forma forte e magra³⁶.

Por um lado, a sensação que temos ao olhar um corpo desses é de estranhar, pois nos chama a atenção pela sua definição muscular e ao mesmo tempo pela sua indefinição de gênero, este que nos diz sobre os atributos expressivos do feminino e do masculino construídos no âmbito da cultura. Este corpo é raro e acima de tudo exótico. Exótico, por estar relativo a uma posição, pois, não há diferença cujo valor seja durável como nos diz Amorim (2004).

³⁶ Essa busca do corpo que tem uma estética masculinizada aparece em Sabino (2000) como um indício de uma nova estratégia de reprodução de dominação masculina, já que a percepção que a mulher tem de si por intermédio do olhar masculino e a tentativa de se tornar igual ao homem, cobiçando os itens que fundam a masculinidade hegemônica e elevando a masculinidade a modelo ideal a ser perseguido tanto estética quanto eticamente parecem perpetuar a dominação masculina.

Por outro lado, então, tentemos, nos aproximar e nos tornar familiares, dialoguemos com uma delas sobre esse “hermafroditismo” contido em seu corpo: “(...) pessoas diziam: *olha o braço daquela menina parece um homem! Será que é homem ou mulher? Você percebe os olhares* (EN.2.§13. lin 67-69)³⁷”. Para esta fisiculturista, que é casada e que tem filho, incomoda o olhar que os Outros emitem colocando em xeque a sua feminilidade. Por isso já diminuiu a intensidade do treino, está se sentindo cobrada pela sociedade, evidenciamos, por meio de suas próprias palavras:

“Ninguém paga as minhas contas. Mas, de repente, se você está em um lugar e a pessoa está olhando, criticando, incomoda. Tudo bem, você faz aquilo que você gosta, mas também tem que se sentir bem nos lugares. Os comentários, os olhares, estavam começando a me incomodar. Então chegou num ponto que eu queria. Agora vou manter. Se ultrapassar vou ficar fora do padrão (EN.2.§12.lin60-65)”.

Indícios, então de que o eu individual está, na maioria das vezes, subjogado ao coletivo, já que a natureza inerente à construção do vínculo social exige essa flexibilidade e adaptação para se fazer existir. Na teoria de Goffman (1984) o “eu” é visto como o produto dos vários meios e situações nas quais é produzido e mantido, e é sempre coletivo. Somos produtos de uma intensa negociação entre o eu e a sociedade. Na citação acima, o coletivo ficou mais forte, já na citação abaixo, observamos que existiu uma recusa por parte da atleta em atender a esse padrão da sociedade:

“Até um dia, eu estava na praia, deitada de costas, uma mulher passou e comentou: *ah, as pernas dela até vai, mas as costas, estão horríveis*. Agora para mim, quando alguém diz que eu estou horrível é ótimo, porque me diz que eu estou atingindo meus objetivos, que é ter mais definição muscular, por que a definição muscular quer dizer que ali não tem gordura (EN.1§11.lin69-73)³⁸”.

³⁷ EN (2): Título: Entrevista com Fisiculturista. Data: 03/11/06 (Sexta-Feira). Início: 9:30. Término: 10:10. Transcrição: 12:30. Local: Trabalho dela, dona de um salão de beleza. Perfil da fisiculturista: estatura mediana, 35 anos, casada, com filho de 14 anos, cabelo preto, pele bronzeada da praia, corpo altamente definido, magro, mas com braços e pernas fortes. Começou a treinar musculação depois que teve o filho e a finalidade era definir melhor a musculatura e perder a barriga. Faz oito anos que treina. Ao olhar conseguimos defini-la como uma delas, o interessante é que sentiu dificuldade em se autodenominar fisiculturista porque não competia, muito embora tivesse recebido vários convites de instrutores e *personals* que já lhe treinaram. Não se denominou como sendo uma pessoa vaidosa, o que nos causou certo estranhamento, já que seu trabalho e seu prazer giram em torno do culto ao corpo.

³⁸ EN (1): Título: Entrevista com Fisiculturista e Instrutora. Data: 02/11/06 (Quinta-Feira). Início: 17:00. Término: 17:40. Transcrição: 18:30. Local: Academia. Perfil: Estatura baixa, cabelo louro (pintado), olhos castanhos claros, corpo super forte, peito estufado para frente, braços e pernas grossas e fortes, postura altiva, o andar era com as pernas afastadas, tom de voz grosso, sorriso congelado. Casada com um fisiculturista, sem filhos, 37 anos de idade. Autodenominou-se fisiculturista e durante toda a entrevista ficou tentando enaltecer a importância de o treino ser no limite da saúde, o que para ela não acontece com aqueles que competem. Isso nos deu a sensação de que estava se esforçando em preservar a sua face de educadora física. Ingressou no mundo da

Nosso trabalho não procurou investigar questões de gênero, como dito em outro lugar desse texto, entretanto, vale ressaltar que para o senso comum e para os próprios praticantes, o fisiculturismo é um esporte “de homem”, pois poucas são as mulheres que se aventuram nele, mas quando se aventuram parecem fazer uso de uma lógica essencialmente masculina para ter sucesso, o que por vezes pode fazê-las perder um pouco da sua feminilidade. Fato que não mostrou ser problema, já que se livram da sua “condição inferior” de ter um corpo natural de mulher, que atrapalha a conquista do seu objetivo de ter um corpo magro, pois para uma de nossas fisiculturistas:

“A mulher, ela tem tudo de ruim: ela engorda com mais facilidade, ela tem celulite, ela tem dificuldade de emagrecer, ela tem menos quantidade de músculos do que os homens. Aí vêm as questões hormonais, também. Os homens têm a testosterona que é o responsável por esse aumento de massa muscular magra e a gente não tem quantidade suficiente para promover esse aumento (EN.1.§8.lin43-47)”

A preocupação com a performance, os gestos, a execução correta e sincronizada da atividade física são típicos das *body-builders*, preocupação que parece advir de uma lógica que se assemelha com a ética puritana que surge travestida em nossa sociedade contemporânea, já que a sua razão parece estar distinta segundo Goldenberg (2002) e Sabino (2000).

“Falam” por meio dos gestos, do toque, da ação, muito mais do que pelas palavras. Privilegiando, então, o estilo não-verbal em sua comunicação e conseqüentemente em suas interações sociais. Para elas um gesto ou uma imagem parece “valer mais que mil palavras” dando-nos a impressão de certa timidez ou falta de habilidade social³⁹ (GOFFMAN, 1984). Desta forma, ao falar, falam pausadamente denotando dificuldade em encontrar no mundo das palavras o que desejam expressar e certa rigidez em sua conduta esta última expressa pela busca do prazer individual que a sua prática imprime, mesmo sabendo que são estigmatizadas pela sociedade, como diz uma delas: “é para o meu prazer pessoal, só. Isso não me eleva em nada, até atrapalha (EN.1.§11.lin79-82)”.

Na academia chamam a atenção devido a sua quantidade de músculos, pelo seu conhecimento das máquinas, séries de exercícios e remédios. Também pelo fato de intermediar o fornecimento de anabolizantes nacionais e importados para alunos

musculação porque achava que a estética corporal da pessoa que fazia musculação era mais bonita do que a dos outros esportes, porque era mais gorda e também se achava muito tímida.

³⁹Compreendemos, aqui a habilidade social como em Goffman (1984) que menciona esta como sendo a habilidade que temos em desempenhar os nossos papéis sociais quando estamos representando.

frequêntadores⁴⁰. São as detentoras dos códigos para a construção da fachada onde se realizará a representação (GOFFMAN, 1984).

Assim, elas fazem os exercícios de forma sincronizada, como em um grande espetáculo, em um mesmo tempo e uma incentiva a outra, como nos revela a fala de uma das pessoas quando em uma conversa informal menciona sobre a atitude de um *body builder*: “[...] bem, assim, ele curte não é? Outro dia eu estava fazendo um exercício para braço aí ele disse: *espera aí. Espera, vamos fazer junto, sincronizado, o tempo e tal...* (NC. Ex.33. §4-lin82-84).”

Um grito: Uhhhhhhhhhh [maxilar, mandíbulas e bochechas contraídas, o trincar dos dentes, enrubescimento da face, o franzir da testa, o fechar dos olhos, a força] em seguida o barulho do peso sendo jogado no chão⁴¹ e em alguns casos o vômito no final. Como não aproximar uma cena dessas a um sacrifício védico, como os descritos em Mauss (2005)⁴². Sendo, neste caso, um sacrifício onde a vítima é um ser humano e não um animal irracional?

2.4.1.2 A [i]materialidade dos seus saberes⁴³

Seus saberes são construídos em torno da estética do corpo magro que engloba conhecimentos sobre: fisiologia, nutrição, uso de remédios e substâncias diversas, em síntese, conhecimentos científicos ligados à área de saúde. Vê-se como um agente modificador da realidade do corpo que lhe foi “dado” naturalmente e grande parte do conhecimento que elas constroem é envolto pelas suas experiências práticas apreendidas no cotidiano por meio de

⁴⁰ Sabino (2000, p. 73) nos fala que, “atualmente essas drogas estão proibidas no Brasil pelo Ministério da Saúde (só podem ser administradas por prescrição médica, tendo venda farmacêutica sem receita proibida por lei). O artigo 28 da portaria 344/98 proibiu a entrada irregular dessas drogas no país por reembolso postal ou tráfego aéreo, que eram os meios utilizados para burlar a legislação. O artigo 60 da mesma portaria limita o uso em cinco ampolas por pessoa durante sessenta dias de tratamento. Alguns fisiculturistas injetam num só dia uma quantidade muito maior do que esta, prescrita para dois meses. O ator Arnold Schwarzenegger, por exemplo, usava 400 ml por dia, enquanto hoje alguns atletas chegam a injetar entre 2 e 3 mil ml diariamente” (O Globo. Esportes, 02/11/1998, p.6).

⁴¹ Interpretamos a ação de “jogar o peso no chão” como uma conquista, pois só sente a necessidade de agir assim aqueles que estão no limite da sua força, um ato heróico, então.

⁴² Em Mauss (2005), o ato do sacrifício é um fato social por que é um ato que dá sentido à vida coletiva. Neste ato há sempre quatro elementos: o sacrificante, a vítima, a divindade e o sacrificador. Nas religiões que o autor investigou a vítima sacrificada era o elo entre o profano e o sagrado, assim se sacrificava animais, objetos ou pessoas para que houvesse a purificação e conseqüentemente a comunhão com o seu Deus. A analogia entre o sacrifício e o ato de malhar será melhor investigada no capítulo 5 deste trabalho.

⁴³ Os saberes são os conhecimentos adquiridos pelo grupo, sua sabedoria, o que é dito ou pensado sabiamente por este grupo que revela sensatez ou prudência ao agir. Sua experiência prática.

experimentações intuitivas ou simples imitação, utiliza-se da ciência como meio para atingir a sua finalidade.

O corpo estriado, musculoso, sarado, definido e esculpido que elas almejam não é alcançado sem o sacrifício de uma alimentação balanceada, que envolve um cardápio que privilegia a ingestão de proteínas e raízes em períodos regulares (de três em três horas), suplementos alimentares e treino pesado (este definido por elas como sendo um treino que tenta ultrapassar o limite da força).

É uma disciplina muito rigorosa que encobre muito sofrimento, labor e arte que não deve ser confundida com aquelas que buscam um corpo esteticamente perfeito por meio de técnicas como a lipoaspiração, por exemplo, que foi veementemente criticada por elas: “Eu sou contra lipoaspiração. Eu sou contra. Eu sei que com exercício físico e com dieta você chega. Não é saudável. Agora os médicos prescrevem lipoaspiração, mas não prescrevem ergogênicos em doses terapêuticas⁴⁴”. O que torna a lipoaspiração ou a ingestão de ergogênicos certo ou errado? O que é saudável? Seriam as duas, ações “terapeutizantes”, para inserir o sujeito nessa sociedade da magreza? Neste sentido, a outra nos fala:

“São poucas as mulheres que encaram uma academia de ginástica. Eu conheço mulheres que preferem fazer lipoaspiração a entrar em uma academia de ginástica. Existe um “ser perfeito” dessa maneira. Pra mim isso não é ser perfeito [pausa]. Tem um caminho bem mais saudável pra ter o corpo perfeito que é entrar numa academia (EN 2 §33lin264-267).”

Retrocedemos, então, à discussão do estranho e do familiar. O familiar é o que em nós habita, o estranho é o Outro, a alteridade, o que nos intriga. Desta forma, o corpo simplesmente transformado por uma intervenção cirúrgica não é consensuado como um corpo esteticamente perfeito e saudável para este grupo onde a representação de saúde está atrelada não somente à ausência de adiposidade no corpo, mas também a uma musculatura rígida e aparente que não é atingido em uma sala cirúrgica.

Nem todos os atletas podem treinar no limite da sua força esses devem obter condições de aptidão física em nível cardiovascular e respiratório e para obter o corpo escultural, além dos componentes já citados em outro lugar desse texto, existe também uma predisposição genética que contribui para o alcance de suas metas. O sacrifício muitas vezes exige a

⁴⁴ Ergogênico é a definição de qualquer item que aumente a performance acima do que o treino regular é capaz. Pode ser mecânico, psicológico, fisiológico, medicamentoso ou nutricional (Andrade, 2006). Fonte: http://www2.uol.com.br/runningbr/index.html?http://www2.uol.com.br/runningbr/edicoes/materias_ed09/materia_03.html. Acesso em 10/11/2006 às 22:20.

preparação da vítima, entretanto, como nos diz Mauss (2005), às vezes a vítima é sagrada por razão do seu nascimento e a espécie a que pertence está unida à divindade por laços especiais que a torna rara.

São os detentores do saber prático da academia, daí a posse do *status* que conquistam perante os frequentadores, onde muitas vezes entram em conflito com os instrutores por exercerem certo tipo de concorrência, como nos fala um deles: “quando você pega um aluno desse ele acha que já sabe bem, e, muitas vezes não sabe, aí não obedece ao instrutor, aí é complicado porque ele começa a “corrigir” outros alunos e termina fazendo errado (EN.3.§11lin115-117)⁴⁵”.

Em se tratando de um saber mais prático do que teórico, a intuição e o “*feeling*” são aspectos presentes na construção do seu conhecimento, assim, quando uma técnica de aperfeiçoamento corporal dá certo para uma fisiculturista esta é repassada para as outras que desejam o mesmo tipo de aprimoramento (i.e., enrijecimento do abdômen, ou como aumentar o diâmetro da panturrilha, entre outras). Neste sentido há o compartilhamento de informações somente entre as pessoas desse grupo, o que Goffman (1984) chama de segredo, já que como dito anteriormente, nem todas as pessoas podem treinar como elas.

Lembremos do brilho no olhar e do riso contido emitido por uma das fisiculturistas quando nos falou: “temos técnicas para deixar a mulher assim um pouco mais durinha, tirar a barriguinha, devido às experiências das fisiculturistas. Elas são as cobaias (EN.1.§11lin61-63)”.

Um brilho no olhar que denota certa alegria, celebração, comemoração, conquista só alcançadas porque existiu uma cobaia, em nosso caso uma pessoa que foi usada, ou melhor se deixou usar, para fins experimentais que intencionam a transposição da estética natural do corpo para uma nova estética, mais “perfeita”. Antecipamos, então, uma de suas celebrações, que nos leva a uma questão mais abrangente: o que mais elas comemoram? Entremos, então, na questão das celebrações e das suas ocorrências.

⁴⁵ Quando falou isso usou do recurso da comparação entre um instrutor magro e um fisiculturista e disse que a possibilidade do aluno acreditar mais nas dicas do segundo era maior, pois o primeiro não tinha impresso no seu corpo o seu saber.

2.4.1.3 A [i]materialidade das celebrações e temporalidades

As celebrações nos falam das conquistas, das marcas na existência da vida das pessoas e dos caminhos que elas trilham na formação da representação da sua identidade social. Celebramos o nascimento, o crescimento, a maturidade e a morte em nossas vidas e, em cada grupo, os valores atribuídos e o caráter ritualístico nas quais essas circunstâncias são tratadas fornecem o sentimento de segurança e pertença que precisamos para interagir socialmente.

Chegamos a ponto de dizer que uma celebração é um ritual já que aquela assim como este envolve um grupo reunido em situação face-a-face com um foco mútuo e um conhecimento mútuo desse foco, agregando também um compartilhamento do humor das pessoas que intensifica a situação experienciada. Assim, o ritual se torna um símbolo da experiência por envolver uma pressão social onde sentimentos morais e um senso de consciência são partilhados, tornando o mundo físico e mental repleto de objetos que simbolizam a sociedade (COLLINS, 1998). Desta forma, podemos atribuir ao ato de malhar da *body-builder* um caráter ritualístico.

O que é preciso fazer para ser uma fisiculturista, então? Que caminhos elas percorrem até se tornar uma delas, que marcas são impressas nelas e expressas por elas em seus rituais? Antes de se tornar uma fisiculturista a pessoa é uma simples praticante de musculação que tem como finalidade do seu ato o aprimoramento da forma corporal exibindo uma estética que torna mais aparente e delineado os músculos, como uma das nossas informantes que diz: “comecei a fazer musculação pela modificação corporal que a musculação faz, ela deixa o corpo mais bonito (EN.1.§4.lin22-23)”.

Como elas chegam lá? Primeiramente começam freqüentando a academia de forma rotineira com certa freqüência, depois de algum tempo percebem as mudanças no corpo e vêm nesta forma de atividade física um caminho mais rápido do que nas outras modalidades para se chegar a um corpo perfeito, longe da flacidez e da gordura. Em um piscar de olhos estão mais tempo fazendo exercícios, solicitando dos instrutores séries mais complexas e se envolvendo mais com o treino.

Chega o momento em que não conseguem mais treinar sozinhas e precisam do instrutor ou de uma dupla para ajudar a dar “o toque” no final da série proposta. Os treinos começam a se coletivizar e aí observamos um marco na prática da atividade, pois quando o praticante precisa deste “toque” é um indício de que está fazendo o exercício no limite da sua força. O toque é a ajuda que o outro fornece já nas últimas repetições de dada atividade. Então

o instrutor acompanha mais de perto essa aluna e começa a incentivá-la, estando junto, tornando-a “consciente” do treino que ela está fazendo, aumentando a sua carga e chamando-a de atleta.

Ao falar de atleta lembremos que as fisiculturistas profissionais treinam para ingressar no palco do concurso ao qual se submetem onde entram com seus corpos inchados, artificialmente bronzeados, cuidadosamente depilados e lubrificados, um ritual que lembra os concursos de *miss*, de beleza feminina. Não acompanhamos especificamente essas que treinam para participar desse tipo de evento, mas que usam de uma mesma razão para o treino que a faz participar do palco da vida cotidiana.

Depois de socializada no mundo da musculação e de compartilhar com os códigos de conduta dele, um rito de passagem para se tornar uma *body builder* se institucionaliza: o consumo de drogas. Este teoricamente poderia ser denominado como um “fato social total”, ou seja, um acontecimento de dimensões biopsicosociais, termo utilizado por Mauss (1974), já que proporciona ao indivíduo não só um novo corpo, um novo olhar para si mesmo e também um *status* diferenciado no grupo o qual faz parte. Apresentamos então, um relato extraído do trabalho de Sabino (2000, p.179) sobre o significado do uso de drogas:

“A primeira vez que tomei ‘bomba’ foi o Paulão [ex-fisiculturista] que me arranhou e me aplicou também... Eu tinha muito medo, mas sabia que mais cedo ou mais tarde eu teria que tomar se eu quisesse chegar aonde eu queria. Naquele dia passei a me sentir outra pessoa... Vi que começava a malhar de verdade, que participava de uma espécie de...acho que... segredo... Fora isso o efeito foi muito bom. Na mesma semana já tava pegando quinze quilos a mais no *leg press* [máquina de exercitar as pernas] e, na semana seguinte, todo mundo estava dizendo: ‘Aí, hein, tá com maior pernã... tá sarada’. Diante disso só dá p’ra se sentir bem, né?! Cê se sente forte, gostosa e poderosa [risos]. ” (Márcia, 29 anos, economista).

O segredo que ela fala nos remete ao repertório característico de práticas de salvação de face de Goffman (1984), práticas que nos dizem sobre o que é ser, realmente, uma pessoa de determinada cultura. Parece haver um acordo tácito entre as pessoas dessa cultura em não desvelar esse segredo (o de insumo de drogas já que é proibida a sua utilização), mas é impossível não se perceber isso pela expressão do seu corpo.

Depois de ter passado pela experiência de fisiculturista e ter apreendido os códigos de conduta dessa realidade, diferentemente do Paulão, um dos nossos instrutores preferiu sair desse mundo, como retrata o seu depoimento:

“Eu, por exemplo, já fiz fisiculturismo (já pesei quase vinte quilos a mais) e aí teve um momento que percebi que o caminho que estava meio que sendo traçado para mim era um que eu não queria...tinha muita gente usando drogas e tal...eu não queria entrar nessa, por isso deixei pra lá (NC. Ex.21. §3- lin23-26)”

Em Goffman (1984), o autor nos fala que são os diretores da cena que determinam as ações que envolvem seus atores na defesa do papel ao qual estão sendo expostos, o que corrobora com o ato institucionalizado do uso de drogas se a pessoa quiser ser fisiculturista.

É na região dos bastidores, região permeada por especialistas e colegas que acontece a preparação para os atores sociais entrarem no palco, local onde as fisiculturistas fazem uso da tecnologia e do saber científico para a construção da fachada, tudo isso com a finalidade de atuar de forma convincente e apresentar um corpo na forma que desejam. Seria o uso das drogas um meio de contestação ou de imersão em uma lógica societal que prima pelo corpo magro e que hoje está disseminada em outros níveis de praticantes de atividade física e não somente nos níveis de competição? Parece que essa prática está sendo estendida, como nos relata um dos nossos instrutores do campo:

“É impressionante os artificios que as pessoas usam para conseguir “dobrar” o corpo e ficar com o corpo sarado. Olha, já trabalhei em mais de dez academias daqui de Recife e posso te dizer que é muito difícil encontrar pessoas (os próprios instrutores e pessoas da área de educação física) que não se rendam a isso” (NC. Ex.21. §3- lin22-35).

Voltemos de forma mais específica, então ao tema central desta seção: das celebrações, dos momentos solenes da vida da fisiculturista. Nas sociedades primitivas existe tempo de consagração das colheitas, tempo de sacrifícios da lua nova e da lua cheia, das festas sazonais e pastoris, festas de fim de ano. O tempo fornece uma ordenação para os rituais e as celebrações que determinam quando o indivíduo está pronto para ultrapassar dada posição social que exerce no grupo o qual faz parte.

O corpo sofre as intempéries do tempo: ele amadurece, envelhece, ganha novas formas e incorpora uma nova funcionalidade que exige cuidados diferenciados. Na razão da *body-builder*, o envelhecer a torna mais distante do foco central do seu cotidiano que está atrelada a obtenção do corpo magro, desprovido de gordura e de flacidez. Como nos lembra uma de nossas fisiculturistas: “chega certa idade o metabolismo vai ficando mais lento e você fica correndo um grande risco de ficar feia. Antes, o que não acontecia quando era novinha agora acontece com mais frequência: celulite, barriga, flacidez, estria (EN.2.§8.lin41-48)”.

A maturidade que supostamente é atingida com a idade mais avançada, e os encantos que este ciclo da vida pode ter, assim como todos os outros estágios da vida humana, não foram mencionados por ela e nem evidenciados em campo. Em momento posterior ela enfatizou a cobrança que “a sociedade” e ela faziam em torno da estética corporal. Por tudo ao

que já foi exposto até aqui podemos dizer que há por parte delas o privilégio em viver o tempo presente, o aqui - agora, o perigo de viver uma morte instantânea porque fazem uso de drogas anabolizantes esteróides é patente, descuidando então da previsão de um futuro.

Um rito importante é o convite para participar de eventos fora da academia. Em que momento se faz um convite? Convidamos pessoas quando queremos partilhar momentos com elas e conseqüentemente estreitar nossas relações sociais, assim, quando uma fisiculturista convida a outra para compartilhar de momentos fora da academia pode-se demarcar como sendo um fato que a posiciona socialmente como esta sendo um membro do grupo.

Tivemos uma experiência em campo que trata dos conflitos presentes na execução dos papéis sociais: o que é ser membro deste grupo? Uma das praticantes que freqüentava a academia me abordou, pois estava impressionada com um convite que recebeu de um fisiculturista da academia para fazer uma *happy-hour* em um rodízio de carnes:

“[...] Digo: Poxa, é fogo! Antes eu tinha perguntado pra quê que eles iam para esse *happy hour* e qual era a celebração para esse encontro. Ele respondeu: *a gente começa a conversar para ver como é que está o resultado da malhação depois come e bebe*. Aí eu disse poxa...malham pra caramba para no outro dia ir tomar todas? A malhação vai pro brejo não é? Eu até disse a ele no outro dia, *pôxa Paulinho, não sei o que era que eu ia fazer lá, eu não bebo nada*...Terminou que ele mudou de assunto e tal. Ele disse: *pois eu bebi todas* (aí ele reforçou né), *no outro dia eu acordei tarde nem fui trabalhar* (NC. Ex.33. §4- lin54-60)⁴⁶.”

Para ela a representação social dele não foi convicta já que para a execução do seu papel social, o de *body-builder*, se previa que houvesse uma preocupação maior também com a qualidade de vida, bem-estar, saúde e equilíbrio. O fato parece ter sido confirmado por ele também, já que mudou de assunto, entrando em um processo de evitar a situação. A confusão da definição dos papéis na situação veio à tona mais uma vez quando em outro momento da conversa ela mencionou que não entendeu nem porque ele a convidou, já que não fazia parte do grupo.

Uma confusão de papéis ou um lembrete do seu “lado humano”? Chegamos então a ponto de dizer que o alcance dos seus objetivos não é conquistado de forma linear e

⁴⁶ NC (Extrato 33) Título: Cássia, o body builder e o Rodízio de Carnes. Data: 27/06/06 (Terça-feira). Entrada: 18:50. Saída: 20:00. Horas de campo: 66h05min. Horário das Notas: 20:45. Treino na musculação. O extrato foi escrito em quatro partes onde a primeira contemplou os aspectos ambientais da academia; a segunda uma cobrança de um instrutor com uma aluna devido a ausência dela no treino; a terceira uma interação entre um instrutor e a pesquisadora e o quarta parte uma conversa entre a pesquisadora e uma praticante. Esta citação estava na quarta parte do extrato. Perfil desta praticante: aproximadamente 35-40 anos, estatura baixa-média (1.55), corpo enxuto, cabelo escuro, médio-longo, preto, preso, olhos claros, pele clara, vestia uma calça azul da loja movimento, top azul com uma blusinha justa verde. O tênis era Nike.

desprovido de conflitos. Afinal, esses fazem parte da nossa natureza. Em princípio, essa ação de freqüentar um rodízio de carnes, poderia soar contraditória, mas como não partilhamos a experiência com eles não sabemos se houve realmente um excesso que rompesse o equilíbrio do seu corpo.

A dinâmica de um grupo, compreendido por nós como um conceito que aglutina pessoas que compartilham homogeneidade de práticas e visões de mundo, pode ser caracterizada e melhor compreendida por meio da análise da utilização dos espaços onde se faz presente. Ou seja, como diz Durkheim (1974), o espaço, é uma das categorias fundamentais para a compreensão de determinada cultura, pois é a relação das pessoas estabelecida com o espaço que nos aponta sobre relações estabelecidas e a hierarquia entre os membros do grupo (i.e., quem entra em determinado lugar e quem não entra, de acordo com o papel que exerce, o aspecto funcional do espaço, se determinados artefatos ficam na entrada ou na saída, para quem ficam direcionados os espaços maiores e menores, entre outros). Assim, analisemos, as suas relações com os lugares e os objetos que os compõem.

2.4.1.4 A [i]materialidade dos lugares e dos artefatos

As *body-builders* estabelecem uma sintonia e uma sinergia tão perfeita com o espaço da academia que parecem fazer parte da decoração. Fora as máquinas específicas para elas, que treinam mais pesado; os halteres, os supinos e barras, podemos elucidar os seguintes objetos que fazem parte do seu mundo: tênis, calça tac tel, camiseta, *top*, adipômetro, fita métrica, espelho, balança, isotônico, bebida energética, suplementos nutricionais (i.e., barra de cereais, proteínas, creatinas, entre outras), anabolizantes esteróides, luva, toalha, revistas especializadas, bolsa para o treino, entre outras.

Posicionam-se em locais específicos, nos lugares que têm pesos mais “pesados”, nesta sala é muito significativo o fato de eles estarem próximos aos espelhos⁴⁷, já que seu equipamento expressivo, o corpo, é avaliado nos mínimos detalhes para que a performance seja convincente, onde a estética permeia suas ações o tempo todo e a saúde parece ficar

⁴⁷ Parafrazeando Sabino (2000): “os espelhos tornam a academia uma região panóptica, um local onde cada um observa todos e todos observam cada um”.

subsumida à primeira⁴⁸. Assim, a academia é uma espécie de extensão da casa, já que é lá que elas encontram os Outros que compartilham da sua visão de mundo. Descrevemos a sala que visitamos onde elaboramos as entrevistas deste trabalho:

“A sala contém acústica diferenciada. O chão é revestido de borracha, pois muitas vezes os pesos “pesados” são jogados e o impacto pode danificar a sua estrutura. O estilo do ambiente é *underground*, ou seja, tem as paredes pintadas com grafismos em tons mais escuros e se localiza na parte de traz da academia que era a garagem da casa. Interessante refletir que é na garagem, o local que além de abrigarmos os carros, abrigamos também materiais que não usamos mais, entulhos, local obscuro e escuro onde as coisas escusas acontecem, lá é o lugar do proibido, esta não é à frente da casa, no nosso caso a frente da academia, e nem a sala de visita (EN1. lin 153-160)”.

Em visitas a alguns *sites* da internet (e.g., www.fisiculturismo.com.br; <http://www.jmusculacao.8k.com/set1.html>, <http://www.nabba.com.br/musculacao27.asp>; entre outros) tivemos a mesma impressão em relação a este mundo, a de que ele possui um estilo *underground*, pois lá também são utilizadas cores escuras, comunicação ambígua e muito ferro (claro!). Fato que não se confirmou no estilo das lojas de suplementos alimentares que visitamos. Estas eram mais claras, até porque estavam em um *shopping center*, entretanto, as imagens de homens e mulheres hipermusculosas eram elementos que estavam presentes em todos eles. Outro aspecto importante sobre “seus” lugares, ressaltado por uma de nossas fisiculturistas, foi quando e onde aconteceu a última competição em nossa cidade: “aconteceu entre setembro e outubro deste ano e foi lá em um clube lá em Afogados (EN 2. lin 194)”, um bairro de subúrbio que não é bom freqüentar em período noturno, é perigoso.

Desta forma, os supracitados lugares são locais onde as fisiculturistas se encontram, se [re]conhecem e constroem a sua identidade. Nos outros elas são estigmatizadas, como dito em outro lugar deste texto, o que nos leva a uma questão a ser explorada em nossa próxima seção: quais são as crenças e os valores que fornecem sentidos para o seu modo de vida?

⁴⁸ Tudo não passa de uma grande indústria já que o grupo que organiza o concurso do título mais cobiçado por estes indivíduos, o Mister Olympia é o mesmo grupo que fundou a Federação Internacional de Body-Building, presente em 136 países e o detentor de produtos de nutrição, fabricante de aparelhagens de musculação, proprietário de ginásios, editor de revistas especializadas que estão entre as maiores tiragens (*muscles e fitness*, *shape*, *flex*, *men's fitness*, *moxie*, entre outras). Indústria essa que saiu do casulo restrito das competições e começou a permear o cotidiano das pessoas que freqüentam as academias de ginástica (COURTINE, 1995 e SABINO, 2000).

2.4.1.5 [...] das crenças e dos valores

Neste mundo vivido, como em todos os outros, há uma sedimentação de crenças e valores que impulsionam ações e que fornecem sentidos às suas formas de expressão que certamente imprimem marcas em si e nos outros que [com]vivem.

Por um lado: ser uma *body-builder* é ter uma filosofia de vida, uma crença de que se pode transformar uma realidade corporal, em outras palavras, a crença de que se é um agente modificador, alguém que não se satisfaz com o que é dado. O seu prazer gira em torno da construção do corpo por meio de uma intensa prática de atividade física, onde o seu lema é: “*no pain, no gain*” (RADNER,1996), e pelo consumo de alimentos e suplementos especiais.

As crenças que cultuam em torno de si e dos outros, amplamente refletidas nas seções anteriores, podem ser sintetizadas nos seguintes pontos: (1) a tecnologia é um meio utilizado para atingir a sua finalidade, que é o corpo esteticamente perfeito; (2) o sedentarismo não ajuda a atingir o bem-estar que buscam, que está aliado ao prazer que o próprio treino traz [elas se denominaram viciadas no treino] e a consequência com uma boa relação que este pode lhe proporcionar com o espelho; (3) ser saudável é ter um corpo com baixo teor de gordura.

Um dos valores centrais é a estética que está subsumida à disciplina que supõe o sacrifício, já que “quando você vê alguém assim (com um corpo de fisiculturista) pode saber que aquela pessoa ali está sofrendo muito, mas tudo gira em torno da satisfação de se ver diferente não é? O corpo trabalhado, é bem maior do que esse sacrifício (EN.1 §11- lin90-92)”. Outros valores abstraídos e observados por nós em sua prática são: a busca da perfeição, o ser diferente e a transposição do obstáculo.

Por outro lado, cabe ressaltar, que ser uma *body builder* é cultivar uma idéia de violência contra si quando tomamos conhecimento de que há desordens alimentares, lógicas homossexuais e perturbações fisiológicas que aparecem com o uso de ergogênicos, esteróides, anabolizantes e a prática excessiva de atividade física que transgridem a normalização do que é ser saudável. Assim, elas pagam um alto preço para serem as melhores, ou seja, “a fórmula um da musculação (EN.1.§11.lin59)⁴⁹”.

⁴⁹Neste processo de produção dos músculos, os marombeiros ou fisiculturistas servem também como cobaia para a indústria da forma. Assim (com licença da metáfora mecanicista) como os carros de fórmula 1 servem de experimento para a indústria automotiva aplicar nos carros de passeio seus avanços tecnológicos, da mesma maneira o corpo dos fisiculturistas serve para as indústrias farmacêuticas, de suplementos alimentares, de aparelhos de musculação e moda esportiva, como veículo de teste para a eficácia de seus produtos. Os saberes e as práticas sobre o corpo são produzidos e reproduzidos no cotidiano das academias. Tais técnicas do corpo

Desta forma, a racionalidade presente na ação de uma *body builder*, essa do indivíduo poder ser o construtor, o artesão do corpo, o que modifica, e de interferir na própria natureza nos foi apresentada de maneira muito clara no campo e parece entremear as variedades dos atos presentes. Igualmente, é o que compõe a lógica disseminada pelos meios de comunicação que suscita e incentiva o consumo das tecnologias do corpo. Assim, o próximo ato que intitulamos de *fitness* compartilha, em algum sentido, com a lógica da construção do corpo, assim como todos os outros, entretanto, parece não consensuar do código da estética do corpo belo dos músculos hipertrofiados e exagerados da *body-builder*.

2.4.2 A *Fitness*: um corpo *fashion*

2.4.2.1 A [i]materialidade das suas formas de expressão

Um corpo que “está na moda”, que é reflexo das maneiras e aparências constitutivas da nossa época e sociedade, caracterizado pelos costumes, jeito de vestir, expressões e impressões que a cultura de consumo, efêmera em sua essência e lógica, nos revela⁵⁰. Assim, um corpo na moda é um corpo que está de acordo com a estética impregnada por uma forma de fazer e um produto que se tornou oficial, que em nosso estudo e nesta categoria específica, se traduz por um corpo que foi produzido, impresso e “audiovisualizado” pela mídia global com vias a adquirir a anuência de todos.

Um corpo comprado no mercado com o carimbo de “válido até enquanto durar a moda”. Em campo, por exemplo, encontramos uma informante que há dez anos atrás fez cirurgia para diminuir os seios e no ano passado implantou uma prótese para aumentá-los. Para elas o corpo é sua forma de expressão maior que se traduz tanto na subjetividade de quem o conduz quanto na intersubjetividade que ele gera nos processos interacionais:

estruturam e organizam um processo crescente de expansão do cuidado com a forma e a força física, organizando também as relações sociais dentro e fora das instituições de exercícios físicos (SABINO, 2003).

⁵⁰ As maneiras são os estímulos que utilizamos enquanto atores sociais sobre o nosso papel na interação e as aparências são as impressões que marcam a nossa performance (GOFFMAN, 1984).

“O corpo mostra assim, você e o espaço. Quando você se sente assim diferente nos lugares que você vai, meio se escondendo, meio fora, é por que você não está bem, não é não? (NC. Ex.33. §4- lin210-211)”.

Essa preocupação com as impressões sobre o eu e também estado de espírito que deixamos marcadas nas interações está pautada em uma construção da identidade orientada para o outro, característica implícita em nossa contemporaneidade, como nos fala Slater (2002). O que nos faz compreender, então, a identidade como sendo o produto de um processo social (GOFFMAN, 1984), este como sendo dirigido não para a manutenção de modelos interiores, mas no sentido de desenvolver uma sensibilidade excepcional para as ações e os desejos dos outros.

Elas ostentam um corpo que exhibe lábios carnudos, botox, peles esticadas, nádegas perfeitamente empinadas, seios avantajados devidamente siliconizados e arredondados, abdômen sarado com pernas e panturrilhas bem delineadas tudo isso longe da flacidez e da temida celulite. Elas fazem questão de expressar atributos corporais que consensuem culturalmente ícones de feminilidade, ao contrário das nossas *body-builders*. Essa é a sua beleza super aparente e super exibida.

Assim, uma associação que nos vem à mente quando falamos desse corpo é o institucionalizado pela boneca Barbie que vende o supracitado padrão de consumo de beleza extra-sensorial e a promessa de uma vida feliz atrelado ao mesmo (i.e., não só um corpo perfeito, mas um trabalho perfeito, um salário perfeito, um namorado perfeito, entre outros). As meninas crescem e querem ser como as suas Barbies, que simbolizam para elas o *status* da perfeição. A decepção chega quando percebem que aquele é inatingível, que consiste apenas, em uma estratégia de desejo.⁵¹

Percebe-se entre elas que a visão do corpo do Outro influencia a interpretação que cada uma tem de seu próprio corpo, e que por meio de um processo de mimese social, o visual torna-se corporal (MALYSSE, 2002)⁵². Os gestos, a graciosidade, o domínio do corpo e o ritmo são característicos da sua forma de vida. Elas “se produzem” antes de cada aparição de cena social, nos levando à visão goffmaniana das apresentações de si. Possuem a consciência do

⁵¹ Veiculou-se recentemente na mídia matéria de atrizes que se submeteram a cirurgias que serram ossos do abdômen que protegem o pulmão com o intuito de exibir aquele com uma forma mais definida buscando equilíbrio e harmonia na relação entre as partes do corpo. Ação que nos pareceu estranha, entretanto.

⁵² Em seu artigo intitulado: “*Em busca dos (H)alteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca (2002)*”, o autor que é um antropólogo francês, faz um estudo minucioso sobre o culto ao corpo na cidade do Rio de Janeiro aproximando em suas conclusões finais esse culto e a lógica da exibição o qual está atrelado ao trabalho de um artista e finaliza dizendo que (p.134): “nessa transformação de vivo em visual, o corpo torna-se um *alter ego*, e o ego é medido pelo peso dos halteres que se devem levantar a cada dia para enfim conquistar sua própria semelhança”.

poder que uma expressão feminina bem articulada imprime nos Outros com os quais interagem. Assim como descrevemos sobre as expressões de uma delas em nossas notas de campo:

Ela aparentava ter entre 20-25 anos, estatura mediana, pele clara, olhos escuros, cabelo grande liso, preto, que no momento estava solto. O corpo tinha todas as suas linhas definidas, incluindo o abdômen, o que é difícil para uma mulher. Ela andava pelo salão como se estivesse desfilando para todo mundo ver; tinha uma postura altiva que exibia certo orgulho, pois andava com a sua cabeça para cima e olhava diretamente nos olhos das pessoas que a encarava. Cada vez que mexia com a cabeça seus cabelos se movimentavam de forma sedutora. Seus passos eram lentos e sua pisada era firme e ao mesmo tempo leve. Como ela atraía os homens da sala, pude observar pelo menos três parando para falar com ela. Parecia estar muito à vontade com o ambiente, com as máquinas, com as pessoas e com o seu próprio corpo que estava sendo exibido de forma prazerosa. Conversava em tom baixo, de vez em quando exibia um sorriso misterioso. Encenava um espetáculo de forma convincente (NC. Ex.12. §5- lin30-42).

Se nos dias de hoje a tecnologia tem *status* de divindade, elas são as Deusas do nosso templo, as nossas “*material girls*”, são as que detêm a comunhão perfeita com o Senhor. Compartilham os segredos sobre as intervenções (sacrifícios) por quais passou somente com os seus pares, os que comungam da sua crença. Ou seja, a nossa *fitness* é expressão máxima da integração entre o corpo e a tecnologia e também do ramo de negócios do mesmo nome que é constituído fundamentalmente pelas “aulas enlatadas⁵³” vendidas na academia, que, na definição de um dos nossos informantes:

“Essas aulas enlatadas, são elas principalmente que lideram o mundo *fitness*⁵⁴. São aulas que não estão preocupadas com a saúde para começar. Vê só, o stress nas articulações quando os alunos fazem essa aula é muito grande. Tem fisioterapeutas, inclusive, que condenam veementemente essas aulas. Agora para a academia vende bem. O aluno acha que o correr e o transpirar é o que faz emagrecer ele vai lá e faz a aula. Emagrecer é aumentar o índice da massa magra. E a musculação e a alimentação que faz isso....Sem falar que nessas aulas, o professor fica um animador e o pior é que sem criatividade (EN. 3. §2- lin15-27)⁵⁵”.

⁵³ Aulas que nos referimos: Body Pump, Body Combat, Body Balance, Body Step, Body Jump, RPM, Power Pump, entre outras.

⁵⁴ Outros consumos fazem parte do ramo fitness, em nossa perspectiva, a saber: suplementos nutricionais, mais as linhas diet e light das empresas, produtos como roupas, tênis e acessórios específicos para praticar a modalidade assim como equipamentos maiores.

⁵⁵ NC (Extrato 29) Título: Ciclismo-*indoor*. Agonia! Esquizofrenia. Data: 13/06/06 (Quarta-feira). Entrada: 16:00. Saída: 17:00. Horas de campo: 61h35min. Horário das Notas: 18:00. Aula de Ciclismo *Indoor*: RPM. Este extrato fala da experiência que tivemos ao participar de uma aula daquela modalidade. O instrutor é uma espécie de *Dj*, um animador, pois a aula gira em torno da quantidade de músicas e do tempo de cada uma delas na lógica estabelecida para a aula que simula a atmosfera de ciclismo em outdoors, isto é, alternando trechos mais velozes e lentos em diferentes terrenos (subidas, retas e terrenos mistos). A música é a vedete da aula, sem ela não há treino. O som é ensurdecador, muito alto, a sala era pequena demais e a os ritmos das batidas nos falavam sobre os obstáculos que deveriam ser suplantados pelo biker. O instrutor ficou no comando e as falas dele para estimular a turma foram fascinantes como esta trazida para o texto e outras, a saber: vamos queimar a pipoca de ontem (lin.126)! Ninguém bebeu mesmo (lin 127)! Simbora valendo um brigadeiro, eu não disse o tamanho dele (lin 137)! Só agora ta começando a arder, foi daí que nasceu o palavrão (lin.139)! Entre outras. Segundo o instrutor essa modalidade é um treinamento muito utilizado por desportistas para ganho de performance, pois

Elas atraem os olhares por exibirem a estética congruente com o oficial exalando harmonia e beleza, mesmo que plastificada, em seus corpos expostos, *seminus* (elas reduzem suas roupas a um simples instrumento de valorização do corpo), com a segurança e a altivez de quem faz uso do corpo como uma estratégia de poder e negociação em suas interações.

Quanto as suas roupas “à flor da pele”, que mostram a ambigüidade do exposto/escondido, do visível/invisível na estética do seu vestuário, ao usarem roupas curtas, decotadas e extremamente justas sem a intervenção do autocontrole do pudor, parecem querer testar sua capacidade de sedução, fazendo do próprio corpo uma moeda erótico-social (MALYSSE, 2002). Neste sentido, o culto ao corpo para elas parece estar associado a uma forma de narcisismo corporal coletivo onde “fazer uma boa impressão”, assim como em Goffman (1984), se torna equivalente a ter um bom corpo, aquele que se reflete na moda.

O corpo que está na moda é o que está institucionalizado. Neste sentido, Berger e Luckman (1976), diz que a instituição é um modo socialmente aceito de realizar certas atividades. Assim, o institucionalizado é o que nos é cotidianamente e muitas vezes inexplicavelmente familiar. Para aqueles autores, as instituições nos levam a abstrações que generalizam a conduta humana o que desemboca em uma questão crucial: que instituições foram criadas para fomentar seus saberes?

2.4.2.2 A [i]materialidade dos saberes

Em campo pudemos constatar que elas querem ver transformação no corpo e em muitos casos não conseguem esperar o tempo que a atividade física necessita para fazer efeito. Seus saberes giram em torno de um estoque que as alimente com informações que as ajudem a consumir [comprar] o corpo esteticamente perfeito, saudável e o mais rapidamente possível.

A prática da atividade física para as *fitness* nos pareceu como uma prática menos prazerosa do que as outras práticas disponíveis para a obtenção do corpo perfeito (i.e., massagens, ingestão de medicamentos, intervenções cirúrgicas, entre outras), já que esta exige

desenvolve as capacidades neuromusculares e cardiorrespiratórias é também uma das modalidades que mais ajuda a gastar calorias. As impressões que tive ao participar dessa aula em um ambiente simulado de uma hiper-realidade (de que você está em uma experiência de ciclismo na rua) contendo também luzes estroboscópicas (estas não são encontradas na rua) e a série de exercícios pré-fabricada (que tolhe a faculdade do pensar do professor) remeteram a uma miscelânea de elementos da “realidade” dos nossos tempos de tecnocultura.

uma abnegação por parte delas e um esforço maior, coisa que o uso de tecnologias pode amenizar.

Desta forma, a lipoaspiração mostrou-se entre elas como sendo algo institucionalizado, que por se tratar de uma generalização comportamental dentro deste grupo, a torna impassível de questionamento não somente entre as informantes, mas também entre os instrutores da academia que as incentivam quando a simples prática da atividade física não faz efeito a olhos vistos. Fato expresso pelo diálogo entre a pesquisadora de campo e um instrutor da academia:

Sandro: Tu achas que melhorou aquela gordurinha que fica embaixo dos braços e nas costas só fazendo atividade física?

Eu: Acho que não.

Sandro: Por que você não faz uma *lipo light* aí?

Eu: Morro de medo

Sandro: É super seguro. Já vi um monte de gente aqui que fez e ficou ótimo, perfeito.

Eu: Morro de medo.

Sandro: Tem perigo não (NC. Ex.44. §7- lin143-150)⁵⁶.

O que nos chamou atenção foi que, quando a supracitada interação chegou em momento posterior, onde a pesquisadora fala da prática intrusiva que é a lipoaspiração e das dores que a pessoa sente depois, ele responde: “as mulheres daqui da academia tomam remédio para a dor. O problema mesmo é a cinta que a pessoa tem que usar durante um mês depois da intervenção (NC. Ex.44. §7- lin161-162).” O problema é a cinta?

É um “vale tudo” na guerra contra a gordura. Elas são anestesiadas pelo desejo de se sentirem belas e atraentes e também pelo bombardeamento de imagens que a tecnocultura dissemina. A promessa da conquista da beleza por meio da validação da ciência médica e também pelos avanços tecnológicos, aparece como sendo um caminho em princípio mais fácil do que aquele das horas despendidas na malhação.

O olhar antropológico, entretanto, faz parte de outra realidade e se ocupa das lacunas da realidade percebida, produzindo sempre uma versão sublimada, surreal, íntima e questionadora a partir das aparências das suas experiências em campo. Neste sentido,

⁵⁶ NC (Extrato 44) Título: Toma um remedinho para a dor que vem depois da lipo. Data: 14/07/06 (Sexta-feira). Entrada: 21:00. Saída: 22:30. Horas de Campo: 83h35min. Horário das Notas: 24:00. Treino na musculação. Esta nota foi escrita em sete partes que abordaram os seguintes temas: (1) Solicitação da recepcionista para que a pesquisadora tirasse uma foto para inserir em seu arquivo do computador; (2) Descrição da cena de uma mulher tendo aferida a sua pressão; (3) e (4) Acompanhamento do instrutor junto às alunas que estavam fazendo treino aeróbio; (5) Descrição de um painel de propaganda fixado na área de traz da musculação; (6) Conversa entre uma instrutora e a praticante e (7) Conversa entre um instrutor e a pesquisadora. Perfil de Sandro: 35-40 anos, estatura média 1.70, corpo com os músculos bem definidos, moreno, usa óculos, cabelo curto, preto, ondulado, usa gel de vez em quando, é surfista, e chegado a essas coisas de meditação e tem a crença de corpo são, mente sã. A imagem dele me lembra a de um dos artistas que fez super-homem.

convidamos o leitor à “estranhar” esta prática atual relacionada ao culto ao corpo, a lipoaspiração, o quê, e como acontece esse procedimento cirúrgico?

O corpo é devidamente preparado, as partes que precisam ser remodeladas são demarcadas, mas antes sistemas de computação são utilizados para a simulação dos resultados da intervenção, incitando ainda mais o desejo da dona daquele corpo em torná-lo mais aceito por ela e pelos Outros. Um paradoxo surge já que a preparação exige que o corpo esteja apto (saudável, isto é, com taxas de sangue, batimentos cardíacos e respiratórios nos parâmetros da normalidade que a ciência apregoa) para passar pela intervenção. Um corpo saudável que em questão de minutos pode se tornar um corpo perfeito ou um corpo morto, mas envereda-se em qualquer sacrifício com fé para transformar-se em algo sagrado e deixar de lado os resquícios da vida profana. Abaixo, a descrição de uma lipoaspiração:

“Para que as veias se contraíam e o sangramento seja menor, o cirurgião injeta meio litro de soro fisiológico misturado com adrenalina nas partes do corpo previamente demarcadas com pincel atômico. São oitenta picadas em menos de dois minutos. O ritmo frenético não pára. Através de um corte de um centímetro de largura feito pouco acima do cóccix, o médico introduz uma cânula com 30 centímetros de comprimento e 4 milímetros de diâmetro, parecida com um espeto de churrasco feito de teflon. A gordura entra por um buraco na ponta e é sugada pela cânula. A sucção pode ser feita tanto por uma seringa com vácuo encaixada no final da cânula quanto por um tubo plástico ligado a um aparelho aspirador (...). Depois de quinze minutos cavoucando para a direita e para a esquerda, ele descansa (...). É preciso um pouco de força e velocidade para vencer as placas de gordura (...). Terminada a cirurgia o médico sai da ala e tira o avental. Sua camisa está encharcada de suor (GOLDENBERG, 2002, p.22)”.

Procedimento com potencial para sensibilizar alguns dos mais insensíveis dos seres. A doença da dona do corpo que passa por este sacrifício é psíquica, pois a dor de se sentir rejeitada pela sociedade é maior do que os traumas pós-operatórios que a lipoaspiração deixa marcados, argumento que os médicos cirurgiões plásticos utilizaram durante muito tempo para encobrir o que de fútil pudesse haver em sua prática científica e medicinal, afinal, a sua paciente estaria se livrando de um mal⁵⁷.

⁵⁷ Sobre a interpretação da cirurgia plástica encontramos olhares complementares de dois autores citados por Edmonds (2002) em seu artigo intitulado: “*No Universo da Beleza: Notas de campo sobre cirurgia plástica no Rio de Janeiro*”. O primeiro foi Gilman (1999), que em sua obra *Making the body beautiful* desenvolveu a interpretação da cirurgia plástica como sendo um meio de “passing” ou impostura – isto é um meio de capacitar pessoas estigmatizadas a se “fazerem passar” por normais. A cirurgia seria o desejo de aceitação que se traduz na busca interminável de um objetivo que sempre se afasta. O segundo foi Haiken (1997) em seu trabalho: *Vênus Envy: A History of Cosmetic Surgery*, que falou da aceitação pública da cirurgia plástica devido: a) a crença num vínculo fundamental entre auto-estima e aparência física, ou seja, a psicologização; e b) a crença de que a aparência tem valor de mercado, ou seja, torna a pessoa mais competitiva nos mercados de trabalho e de casamento.

A idéia de que qualquer um pode ser belo contribuiu para a aceitação pública e generalizada da cirurgia estética. Então, os indivíduos são vítimas e algozes não somente dos seus próprios mitos, mas também das suas próprias celas, faz-se necessário, entretanto, que gostem delas, como disse Goffman (1984).

Em campo, observamos que elas aprendem, via veículos de comunicação (e quantos veículos... jornais, revistas, TVs, filmes, entre outros) e instrutores da academia, que o corpo ideal só é atingido por meio de uma aliança disciplinar forte que contempla: alimentação saudável, massagens, atividade física e intervenções cirúrgicas. Assim a mídia apresenta o corpo como um objeto a ser reconstruído saturado de estereótipos, e aparece como um quadro inacabado que se transforma em imagem do corpo: o corpo torna-se uma superfície virtual, um objeto de autoplastia que, entretanto, apresenta resistências (MALYSSE, 2002).

As informantes já se conscientizaram da importância daquela aliança, conforme podemos perceber nas duas citações seguintes extraídas do diário de campo: “eu gostaria que tivesse mudança no corpo, física não é? [*pausa*] Mas, não faço por onde, só faço ginástica, continuo comendo as mesmas coisas. Então, não dá para ver um efeito [*houve uma ênfase na palavra efeito*] (NC. Ex.33. §4- lin93-95)”. Em outro momento, outra informante nos fala:

“Não é fácil, e nem é suficiente só malhar, a gente tem que ter uma alimentação balanceada também para obter resultados (...) Fui para a nutricionista da academia e tive resultados bem satisfatórios [*neste momento mostrou o bíceps dizendo que só tinha conseguido aquilo depois que começou a alimentação balanceada aliada à atividade física*] (NC. Ex.1.§15- lin119-124)”.

Percebemos que para algumas delas é muito difícil assumir a estética como sendo a razão principal das suas idas à academia assim, estas, racionalizam sua ação atribuindo suas motivações à busca de saúde e de prevenção ao envelhecimento. Outras, no entanto, assumem que a saúde em si não é algo suficientemente forte para fazê-las enveredar em um programa de atividade física rigoroso:

Assim não tem uma coisa que me motive além do fato de que é ..[*pausa*] saúde ...que não acho que seja o suficientemente forte para eu ir com prazer. Essa coisa de buscar saúde é mais questão de preservar a vida mesmo, tais entendendo (NC. Ex.33.§4- lin115-118)?

Assim, o emaranhado formado pelos temas: estética, saúde e bem-estar começa a tomar corpo em nosso campo. Emaranhado este que foi defendido de forma peculiar por um dos nossos instrutores, que ao exercer uma prática de salvação da face no espetáculo que

estava encenando, (dizemos isto porque ele sabia que para a sua interlocutora a estética estava subsumida à saúde), conclui dizendo que questões de estética são também questões de saúde:

“Flacidez é gordura. Gordura leva a uma vida não saudável, a enfermidade, a doença. É a massa que está fora do lugar que não faz bem a saúde. É importante tratar, fazer exercício, por que não, não é? Uma academia tipo essa as pessoas fazem atividade física muito pela estética. Toda estética tem um fundo psicológico. Eu quero ficar bem. Bem por quê? Bem. Estético com saúde também (NC. Ex.42. §5 lin85-89)⁵⁸”.

Elas transformam seus corpos para ter o prazer de exibir suas curvas, seus excessos e suas faltas, em momentos de celebração e de interação social fora da academia com a finalidade de também transformar, e em algum sentido somente, estreitar seus vínculos sociais. Investigaremos então as suas formas e momentos de celebração.

2.4.2.3 A [i]materialidade das celebrações e temporalidades

Primavera, verão, outono, inverno. Em cada estação uma ação que ordena, um momento, um tempo, uma festividade. Frente ao que já foi exposto até agora parece uma tautologia mencionar que a estação mais esperada pelas nossas *fitness* é o verão, já que é nesta última que impera a supervalorização e superexposição do corpo ação que funda o seu modo de vida. É o culto e o cuidado do corpo com vias a atingir uma bela exposição do seu (e dos outros) objeto de desejo.

É naquela estação que as academias incrementam a sua quantidade de alunos segundo as evidências das pesquisas que tivemos acesso, a saber: Sabino (2000), Goldenberg (2002) e Castro (2003) e também do que presenciamos em campo. O inverno é o momento ideal para as intervenções cirúrgicas, já que a maioria delas inclui em seu ritual uma distância em relação ao nosso Astro-Rei, nela há então um ritual de preparação para que o ator brilhe ao encenar no palco da esperada estação-luz.

⁵⁸ NC (Extrato 42) Título: *Mente sã, corpore sano*. Data: 12/07/06 (Quarta-feira). Entrada: 20:00. Saída: 21:30. Horas de campo: 80h35min. Horário das Notas: 23:50. Treino na musculação. O extrato foi escrito em 12 partes que abordaram: (1) O clima da academia; (2) Tecnologia aliada ao momento do treino; (3),(4) e (5) Conversa entre a pesquisadora e um instrutor sobre o seu papel de educador físico e o seu olhar para o corpo; (6), (7) e (9) Negociação entre uma praticante e um instrutor para baixar a carga do treino; (8) Conversa entre uma instrutora e uma praticante sobre emagrecimento; (10) Conversa entre a pesquisadora e uma estagiária sobre as atividades que competem ao estagiário; (11) Conversa entre a instrutora e a pesquisadora sobre o aumento de carga no treino na próxima vez que fizer o exercício e (12) Conversa entre um instrutor e uma praticante sobre qual seria a versão que ela iria fazer do treino se a oficial ou a compacta, que diferem em relação ao tempo que ela teria disponível.

Nesta hora cabe questionar: celebramos só os bons momentos? Por que não falarmos também da celebração ou de rituais que nos despojem das experiências que trouxeram aprendizado por meio da dor? Às vezes, a dor e o sacrifício são experiências maiores do que aquela que os Deuses podem nos ofertar para abrirmos mão da vida profana. Desta forma, percebemos que em seus rituais de sacrifício existem também aquelas sacrificantes que desistem de fazer parte do espetáculo público:

“Tinha um tratamento com umas faixas que eu passava um frio desgraçado. Agora, querendo ou não, surtiu efeito. Na época que eu fiz, em Dezembro, eu emagreci três quilos. Eu vi que a celulite diminuiu. Agora eu pensei: *Meu Deus é um sofrimento danado, chegar lá o frio, poxa, é horrível*. Aí eu desisti (NC. Ex.33. §4 lin157-162)”.

Não é uma tarefa fácil. É árdua e envolve, acima de tudo, o comprometimento de muitos capitais, mesmo não sendo para a competição do palco do concurso ao qual você se inscreve para ser avaliado, mas aquele que você é automaticamente imposto, ao da vida cotidiana. A avaliação é instantânea, o olhar do Outro é inevitável, já que o corpo é a primeira “coisa” que temos acesso ao interagir com o Outro.

Um dos momentos que partilhamos com as informantes foi uma caminhada ecológica. Nesta tivemos a oportunidade de conhecer uma médica, anestesista que exibia o perfil ideal para descrever o estilo de ser de uma *fitness*. O primeiro estranhamento:

Médica: Quando a gente chegar lá, eu vou trocar a calça.

Eu: É? Por quê?

Médica: Porque esta aqui fica mostrando as gordurinhas e isso é o que eu não quero obviamente (NC. Ex.51. §4. lin44-47)⁵⁹.

⁵⁹ NC (Extrato 51) Título: A terceira caminhada “ecológica” Data: 29/07/06 (Sábado). Entrada: 9:00. Saída: 18:30. Horas de Campo: 99h55min. Horário das Notas: 22:00. O extrato foi muito extenso (17 páginas), foi escrito em 39 partes. Sintetizaremos as impressões generalizadas que tivemos sobre o evento. O ônibus saiu da academia às exatas 09:00 como tinha sido combinado. O grupo todo estava em aproximadamente 120 pessoas e o perfil estava bem variado, pudemos observar tanto pessoas mais velhas como também mais novas, homens e mulheres, com corpos e formas variadas. O destino final do trajeto era a Vila Hípica de Gravatá (cidade de interior do nosso Estado). A caminhada durou aproximadamente 3 horas. O fato de termos intitulado a caminhada de “ecológica” foi porque passamos mais de uma hora andando no asfalto de uma BR o que causou uma certa inquietação, porque tinha toda aquela poluição dos carros e um calor infernal que subia do asfalto. A regra número um da ecologia foi infligida: não respeitamos a natureza. Era a hora de o sol brilhar com toda a sua força e intensidade (12hs-14hs) e nós como pós-modernos que somos trabalhadores de escritórios e atletas de fim de semana pensamos que podíamos enfrentá-lo sem pagar um preço. A sensação de mistura de elementos, ambigüidade e complexidade se instalou, e eu não conseguia entender como aquilo podia ser um momento de relaxamento, a busca pela saúde e contato com a natureza. Encontramos pessoas que tinham até vinho “saindo de dentro” daquelas mochilas todas equipadas de atletas que fazem rapel. Era um mecanismo que ficava um canudinho de plástico mais espesso do lado de fora saindo de dentro de um local na mochila que podia ser preenchido com qualquer tipo de bebida. Estranhei as contradições, ah, vale ressaltar que a parada que fizemos antes de iniciarmos a caminhada foi feita em um local que vendia coxinhas e toda sorte de alimentos gordurosos. Bom, fora os desafios de subir e descer ladeiras, a falta de água no meio do caminho e o calor escaldante, ao

Elas vão à academia para olhar e serem olhadas. Certamente, não somente naquele local, mas em todos os outros onde tenham a oportunidade de assim o fazerem. Quando sentamos juntas na primeira parada para encontrar o restante do grupo a ênfase que ela dava às aparências era fantástica e estava em todo momento tecendo comentários sobre os homens que passavam por ela. No meio da caminhada, depois de andarmos por trinta minutos no asfalto quente e no acostamento de uma BR, fato que tornou esse primeiro momento indubitavelmente doloroso, ela falou: “assim não dá. Como é que vamos chegar lindas e belas na hípica? (NC. Ex.51. 7§ lin139)”. Esse foi o segundo choque.

Um ritual de iniciação a essa cultura é a primeira intervenção cirúrgica, seja de lipoaspiração ou de outra natureza qualquer, pela qual *a fitness* passa. Elas nascem, ou melhor, renascem no ambiente de outrora, em uma maca de hospital, sendo que agora de dentro dela mesma. Para quê renascer? Esperança, vida nova, a busca de um novo olhar diferente dela em relação a ela mesma e do Outro. Transformação. Um momento de alegria.

A possibilidade de poder mexer no corpo e ser o que quiser, como em uma prática prazerosa e hedonista, como nos fala uma de nossas informantes, que em uma das intervenções a que se submeteu perdeu a sensibilidade do queixo, mas ainda intenciona passar por outra cirurgia, dessa vez no abdômen: “não, assim. Eu gosto de me divertir entende [pausa] porque eu me divirto com essas coisas. Eu gosto de ter esse poder de mexer comigo é até uma diversão. Eu posso mudar isso, mudar aquilo, entendesse (NC. Ex.30. 6§ lin105-107)”?

Comemoram quando o Outro percebe a diferença na mudança da fisionomia e do corpo, mesmo quando a intervenção a deixa com um olhar inexpressivo, congelado, que não nos emite qualquer tipo de sensação. Outro motivo de alegria é quando está se liberando das amarras intitulada “celulite”, como nos fala outra informante:

Cássia me abordou no campo, no momento em que eu estava tomando água, depois que tinha feito trinta minutos de esteira e disse:

Cássia: Estou tão feliz [*fala sorrindo, com uma voz animada, em uma entonação de fofoca*]

Eu: O que foi que aconteceu?

Cássia: As minhas celulites estão bem melhor

Eu: E o que é que tu estais fazendo?

chegarmos lá na Vila Hípica o que eles nos ofereceram foi uma mesa de frutas e barrinhas de cereais. Fato que causou uma frustração enorme porque no meio da caminhada o que se falava era do almoço que estava esperando a gente em nosso destino. Encontrei até um garoto de programa “infiltrado” em nosso grupo, tudo a ver não é? Um local excelente para ele vender seu corpo o que me fez pensar, quantos deles não existem em nossa academia?

Cássia: Massagem, drenagem linfática. Estou super feliz. Acho muito feio aquele corpo cheio de celulite, é horrível.

Eu: É ótimo mesmo não é? Livrar-se das celulites?

Cássia: Nem fale a sensação é ótima mesmo (NC. Ex.17. §3. lin24-33)⁶⁰.

Desta forma, festejam aproveitando qualquer oportunidade de colocar o corpo à mostra, como pudemos perceber em uma festa que participamos da academia quando observamos a quantidade e variedade de corpos femininos e masculinos mais parecendo uma praia e uma comemoração diurna do que uma balada noturna, de tão extravagante que nos fez parecer. Como escrito em nossas notas de campo:

As mulheres exibiam seus corpos sem nenhum pudor. Orgulhosas, com posturas altivas [essa postura de cabeça levemente empinada e um olhar longe como se não tivesse preocupado com o outro é bem comum nessas pessoas que freqüentam a academia. Estaria isso atrelado ao poder que o conhecimento do próprio corpo pode trazer a essas pessoas? A consciência não é algo que liberta?], pareciam que estavam exibindo seus troféus: muitas delas estavam usando shortes (inusitado para um evento noturno e principalmente em uma noite chuvosa, mas está na moda), micro-saias, blusas bem curtinhas e bem justinhas. A maquiagem também complementava o visual que era sempre em tom mais forte, brilhoso, iluminado. Nos cabelos das mulheres o “poder” estava com aqueles longos, louros e escovados o que não quer dizer que não houvesse também as morenas com seus cabelos escuros, também longos e escovados (NC. Ex.39. §8. lin61-71)⁶¹.

A temporalidade é compreendida por elas sempre em um tempo presente que pode ter o seu efeito retardado, principalmente para frear o envelhecimento que é algo que elas abominam. A meta é diminuir a expressão daquele em seu corpo. Não querem parecer ter a idade que têm. Fazem uso de produtos intitulados: antiidade, antienvelhecimento, anti-rugas, tudo para alimentar o mito da juventude que a nossa sociedade cultua por meio do consumo e da moda que é efêmera, passageira, rápida, assim como a juventude que elas insistem em manter para si. O problema é que a idade chega, quer queira quer não e deixa suas marcas, é

⁶⁰ NC (Extrato 17) Título: Dia dos sumidos aparecerem? Data: 20/05/06. Hora de Entrada: 8:30. Hora de Saída: 10:00. Horas de campo: 45h20min. Hora das Notas: 15:00. Treino na Musculação. Este extrato foi escrito em três partes que contemplavam três interações, que abordaram os seguintes temas: (1) Uma praticante grávida fazendo esteira; (2) Cobrança sobre ausência no treino e (3) A alegria de uma praticante porque estava melhorando a aparência das celulites no seu corpo.

⁶¹ NC (Extrato 39) Título: A festa de aniversário. Data: 07/07/06 (Sexta-feira). Entrada: 23:00. Saída: 2:00. Horas de Campo: 76h35min. Horário das Notas: 9:40. Na festa. Em consonância com a política do marketing experiencial da academia não poderia faltar um evento para comemorar seu aniversário, bom este extrato tratou disso e foi escrito em 16 partes que abordaram os seguintes temas: (1) a preparação para a festa (2) os objetivos traçados pela pesquisadora acerca do que observar (3), (4), (5), (6), (12), (13), (14) Descrição do local que em síntese unia vários elementos para agradar as várias tribos que atenderam ao evento: estrutura superbem arquitetada, local rústico com piso, bancos e mesas de madeira (era uma cachaçaria), a iluminação tentava clarear o ambiente os estilos de música foram: uma banda de forró, outra de pagode e DJ. (7) Menção a cerca da importância do toque corporal para elas (8) A citação ora apresentada (9) Descrição das roupas que os instrutores estavam vestindo (10) Temas das conversas do banheiro feminino (11) Descrição do menu (15) Encontro com o meu primeiro instrutor de academia e (16) Reflexões sobre o ambiente eminentemente socializador e experiencial que a academia vende.

difícil apagar seus indícios. O sonho da juventude eterna e da experiência da vida plastificada e perfeita ainda é ficção, só a boneca Barbie que não envelhece.

Enfim, se a vida cotidiana é um palco, local onde se exibem corpos, nos aproximemos dos outros lugares que elas freqüentam, a praia, por exemplo, que aparece como sendo um lugar sagrado, respeitado e temido por elas. Em campo ouvimos em tom de “brincadeira séria”: “ei pessoal, o verão está chegando, olha o ‘teste da praia’ (NC. Ex.24. §9- lin62)⁶²”.

2.4.2.4 A [i]materialidade dos lugares e artefatos

A praia é tida por alguns como um dos locais mais democráticos do mundo. Encontramos por lá tipos ricos, pobres, brancos, negros, altos, baixos, bonitos, feios, estrangeiros... Em algumas cidades, a praia é ponto de compra e venda de corpos para finalidades sexuais. É um lugar público utilizado, entre outras coisas, para o exercício do olhar. Elas freqüentam as praias que estão na moda onde podem encontrar os Outros que avaliarão as suas performances de biquíni, já que precisam do seu olhar para se fazerem existir. Um corpo a ser apreciado e desejado: “você vai à praia e vê aquelas pessoas todas malhadoras e pensa: *bem que eu podia estar assim...* (NC. Ex.33. §4.lin158-159)”.

Quando submetidas ao “teste da praia” e da exibição do corpo, esperam atender aos requisitos mínimos de aptidão física para poderem estar ali, de graciosidade e de feminilidade, pois o constrangimento que gera o olhar do outro e do próprio olhar em torno do seu corpo quando não está em condições sócio-ideais, é tão grande que é tomado como uma forma de relaxamento com ela mesma, o que remete a uma ação de conduta amoral, já que não está compartilhada com os outros, como podemos observar na fala abaixo:

“Eu acho que é feio. Esteticamente não é agradável você ver seu próprio corpo cheio de celulite. Basta o tempo. Além de ficar feia a pessoa muito gorda e cheia de celulite é complicado saber que você é responsável por aquilo ali por que: você não é o que você come? Então eu acho que mostra um pouco de relaxamento com você mesmo (NC. Ex.33.§4- lin140-143).”

⁶² NC (Extrato 24) Título: Treino novo. Data: 30/05/06 (Terça-Feira). Entrada: 10:00. Saída: 11:30. Horas de campo: 54h50min. Horário das Notas: 11:50. Treino na musculação. O extrato abordou os seguintes temas: (1) o processo de adaptação da pesquisadora com o seu treino novo; (2) Uma interação que transcendia assuntos alusivos a academia e saúde, falavam de um encontro extra-academia; (3) A aula de abdominal – de onde foi extraída a citação presente.

Na academia treinam acompanhadas para gerar um estímulo maior, pois parece não apreciar fazer atividade física, esta que pode fazê-las entrar em contato com a parte humana do seu corpo: o suor, o mau cheiro, o cabelo despenteado, a maquiagem que mancha, a fadiga, entre outros. Fatores que são, em parte, amenizados pela climatização perfeita que o nosso templo dispõe. Tudo para que a experiência seja o menos dolorosa possível. Os efeitos do treino parecem precisar de um tempo maior para ser evidenciados⁶³.

O espelho e a balança são os dois objetos que lideram o seu sistema e todos os outros artefatos que as ajudem a ter um reflexo mais primoroso a cerca da construção minuciosa que teve em torno da sua aparência, entra em sua lista de compras, a saber: cirurgias, cosméticos (i.e., maquiagem, cremes para estrias, celulites, entre outras), massagens da moda, tênis, roupas, suplementos e dietas alimentares (i.e., energéticos, barras de cereais, entre outros), livros de auto-ajuda, revistas femininas, todos eles ostentando a marca que pode ser verdadeira ou *fake*.

Como dito em outro momento desse texto elas são consumidoras fiéis das aulas programadas que são as mais vendidas das academias. Pudemos observar que freqüentam pouco a área da musculação, o que não é verdade no dia em que o “DJ” pousa por lá com a sua música inebriante. Neste dia o salão fica cheio delas e o ambiente todo se transforma em um ponto de encontro de “gente bonita” como diria uma de nossas informantes, fato registrado em nosso diário:

“Hoje a área de musculação estava com DJ tocando (quando falo em DJ falo em música alta, muita interação, pouca conversa e ritmo techno) e foi aí que comecei a entender uma afirmativa que Fábio (o professor) tinha feito sobre a diferença do público que freqüenta a academia no período da manhã e no período da noite. Esse horário particularmente é um horário que vai muito adulto jovem e aí o ambiente estava superlotado tinha aproximadamente umas 150 pessoas naquela área específica. Pareceu um clima mais de boate e de encontro do que de pessoas que estavam querendo “trabalhar o corpo”. Boate porque vi as pessoas falando com o dj e opinando sobre as músicas que estavam tocando e também o clima de paquera e de exibição de corpos. As mulheres nesse horário se preocupam mais com o visual, as roupas que elas usam são de marcas mais badaladas, os tênis super “*fashion*”, os cabelos também, assim como a maquiagem, já que a maioria estava voltando do trabalho e vão direto para a academia (NC.Ex.36. §5- lin27-41)⁶⁴”.

⁶³ Em torno do prazer no momento da experiência do consumo, pudemos observar que no banheiro feminino da academia existe um secador de cabelo profissional que a freqüentadora pode utilizar depois que tomar o seu banho e sair com a sensação da sua toailete completa para encarar o palco das suas próximas interações sociais.

⁶⁴ NC (Extrato 36) Título: Visitando o site da academia. Data: 04/07/06 (Terça-feira). Entrada: 18:30. Saída: 20:00. Horas de campo: 70h35min. Horário das Notas: 23:00. Treino na musculação. O extrato abordou os seguintes temas: (1) o ambiente da musculação com o dj; (2) conversa entre a pesquisadora e um instrutor sobre um evento de circuito que teve na academia; (3) diálogo entre duas mulheres na esteira sobre a festa da academia que só ia ter ‘gente bonita’; (4) alocação dos professores por área e (5) informações relevantes obtidas por meio do *site*.

Ao termos entrado em contato com os ambientes que elas freqüentam, os artefatos que fazem parte do seu mundo, compartilhado de experiências, assim como termos posto em evidência suas formas de expressão e a formação dos seus saberes nos tornamos aptos então a intuir sobre as crenças e os valores que sedimentam o seu cotidiano.

2.4.2.5 [...] das crenças e dos valores

Assim, por um lado ser uma *fitness* é ter um corpo transformado por meio de adições de próteses ou subtrações de peles, ossos, e dos excessos que possam interferir na imagem da perfeição que elas obstinadamente tentam construir. Uma possível dicotomia entre o que é natural e artificial não permeia sua visão de mundo, então a tecnologia (o artificial?) é um instrumento utilizado por elas para valorizar seus atributos corporais com o intuito de criar uma impressão mais marcante nos Outros com os quais interage. Alia-se àquela de forma tão peculiar que a imagem que elas criam termina pecando justamente pela falta da expressão, nos casos de aplicação de botox, por exemplo, ou quando perdem a sensibilidade na pele que foi tratada.

A estética é um dos valores centrais seguindo-se do bem-estar que engloba a saúde física e mental, esta só adquirida quando o corpo está de acordo com o que está sendo proliferado pela mídia. Lembremos que elas querem ser desejadas e admiradas pelos Outros. O treino na academia não é uma fonte de prazer, diferentemente das *body-builders*, nos levando a uma classificação de corpo como sendo sedentário. A sociabilidade, no sentido de “fazer o social” do senso comum, este como sendo uma forma de agir só por meio das aparências e dos códigos que a sedimentam, é uma das molas propulsoras das suas ações e a disciplina parece não fazer parte da sua cartilha, já que pudemos perceber em campo que muitas delas são indisciplinadas em suas ações alimentares, cometendo excessos, e esperando que o Deus da tecnologia conceda a Graça de se manterem perfeitas por meio dos sacrifícios tecnologizados aos quais se submetem. É um corpo tecnologicamente mediado.

Por outro lado, ser uma *fitness* é cultivar uma forte violência contra o seu “eu” interior, que pode levá-la até a aniquilação, é ser uma fiel seguidora do padrão de beleza dominante e uma fomentadora inveterada de nossa sociedade de consumo. Vale ressaltar que fazem isso em busca de um bem-estar psicologizado, como já mencionado anteriormente, desta forma

fazendo uso de uma lógica de consumo hedonista, romântica e alienante, em alguns casos, e em outros de forma consciente, acordada e sublimada.

Investigaremos em que sentido poderemos aproximar e distanciar as lógicas presentes na complexidade existente entre os atos até agora apresentados com o nosso próximo ato, que é aquele incorporado pela praticante que busca na academia um refúgio para ampliar e estreitar seus vínculos sociais. Na próxima seção, apresentaremos a nossa sociável, praticante de atividade física que está em busca de um corpo relacional.

2.4.3 A sociável: Um corpo relacional

2.4.3.1 A [i]materialidade das suas formas de expressão

Um corpo em interação, em processo, se relacionando e emitindo sentidos diversos em sua expressão e que, de fato, imprime certa singularidade. Um corpo que não deixa aniquilar o seu “eu” individual frente aos vários espetáculos que encena ao interagir socialmente. Outrossim, a sua relação com o espaço, o tempo e os Outros é fruto de uma negociação constante frente aos seus desejos interiores e a normalização que as relações, de certa forma, impõe.

Elas (as sociáveis) fazem do seu corpo um produto das suas técnicas e das suas representações, um objeto que pode aprimorar para adicionar à sua já inerente habilidade social. São camaleônicas e se transformam quando querem ou precisam, como nos fala uma das informantes: “se a vontade de colocar uma prótese de silicone nos seios, por exemplo, é minha ou da sociedade não interessa, já introjetei, agora é minha também. O que não podemos é nos escravizar nem somente o corpo material e nem o espiritual, o equilíbrio é que deve ser a nossa busca (NC.Ex.53.§2 lin17-20)⁶⁵”.

A expressão máxima que temos de um corpo relacional é que ele nunca está só, está sempre tocando, trocando e se trocando com os Outros independentemente das suas características físicas, são corpos que se movimentam, brigam e se reconciliam. Diferentemente das nossas *fitness*, são as detentoras exímias da etiqueta social com a

⁶⁵ NC (Extrato 53) Título: A importância do corpo: uma conversa. Período: 15/08/06. Conversa Informal. Conversa entre a pesquisadora e uma das suas colegas de mestrado.

finalidade não somente de segui-las, mas também de burlá-las, caso haja a necessidade, são as nossas estrategistas sociais, ou seja, elas improvisam para fazerem uma encenação mais convincente no palco (GOFFMAN, 1984).

Comunicativas e líderes por excelência podemos percebê-las de longe, por meio da sua fala que é mais bem articulada e em tom mais alto do que as *body builders*, por exemplo. Os movimentos são firmes, o olhar é altivo, porque é emitido com a cabeça esticada para cima nos dando a sensação de que são pessoas que sabem o que quer e como quer. Assim encontram a forma para ganhar legitimidade no campo, por meio da fala do seu corpo. Exalam uma aura própria que transcende o que está aparente, assim como toda boa obra de arte, elas não são passíveis de reprodução e sim de produção para cada momento.

O sorriso e o humor lhes são peculiares, freqüentam a academia de forma assídua. Uma cena em campo chamou a atenção, e podemos dizer que, de certa forma, acenou para esse tipo de pessoas que freqüentam a academia, como exposto abaixo:

“Era um sábado e a academia estava vazia. A cena aconteceu na sala do lado da musculação onde os alunos fazem as abdominais. Era um grupo de quatro mulheres fazendo exercícios para os glúteos e abdômen. Uma delas, a líder que criava os exercícios, contava de forma séria, enquanto as outras a imitavam, e em alguns momentos a primeira até corrigia. Elas também conversavam, riam, se desconcentravam e aí era quando tinham que começar tudo de novo. Pareciam se divertir. Falavam baixo [como se estivessem fazendo alguma coisa errada], fofocavam, brincavam. Interessante a harmonia que o grupo passou na interação. Elas estavam ali, fazendo a atividade de forma descompromissada e sem professor [talvez por isso aquela sensação de estar fazendo alguma coisa errada], era um momento lúdico de prazer e de socialização na academia. Depois de alguns minutos, um professor chegou perto e sorrindo com um tom debochado, apontando para o rapaz que estava ao seu lado, falou: *o que é isso?* Elas deram risadas altas, pararam o que estavam fazendo [houve uma ruptura na cena, como em Goffman, (1984)], ficaram desconcertadas, mas se divertiram com a pergunta do professor. O grupo se dissolveu quando o sobrinho de uma delas chegou falando: tia...fechou a sala lá em cima, vamos embora? (NC.Ex.22.§2- lin6-21)”⁶⁶

Atraem olhares e conversas porque são divertidas, bem humoradas e acima de tudo reflexivas. Os professores ficam sempre bem próximos a elas, o que gera a criação de um vínculo social mais estreito que se confirma em convites para encontros fora da academia, como ilustra o extrato abaixo: uma interação entre uma instrutora e uma aluna da academia, aquela falando do quarto do filho que estava esperando (07 meses):

Renata: Hoje o sol dele vai ser colocado lá no quarto (falou isso apontando para a barriga)

⁶⁶ NC (Extrato 22) Título: Academia é diversão. Data: 27/05/06 (Sábado). Hora de Entrada: 11:30. Hora de Saída: 13:00. Horas de campo: 51h50min. Hora das Notas: 15:00. Treino na Musculação. Extrato composto essencialmente pela cena descrita.

Aluna: Ah que bom, falta muito ainda para o quarto ficar pronto?
 Renata: Não já está tudo bem encaminhado (NC. Ex.25.§6 lin50-53)⁶⁷.

Pudemos observar que negociavam o treino com o professor, chegavam cheias de preguiça, iniciando conversas com a pessoa que estava do lado, no momento de descanso entre uma série de exercício e outra. Mudavam a carga do treino quando o instrutor saía de perto porque não agüentavam fazer como ele instruiu, entre outras ações que lhes são características. Antes de iniciar o treino falavam com todos que estavam na sala, se possível apertando a mão, buscando um contato físico.

Desta forma, em busca de interação, elas participam de todos os eventos de marketing experiencial que a academia programa (i.e., circuitos de modalidades físicas integradas, caminhadas no calçadão da praia, caminhadas ecológicas, trilhas, entre outras). Abaixo, um diálogo que retrata a negociação do treino que uma delas efetuou com um dos instrutores do campo:

“Clodoaldo: Ligou aí direitinho? [pergunta apontando para o *transport*]
 Lucélia: Ah, liguei.
 Clodoaldo: E aí, vai fazer só aeróbio hoje, ou vai treinar musculação também?
 Lucélia: Vou fazer só aeróbio.
 Clodoaldo: Por quê?
 Lucélia: Por que eu já treinei dois dias de perna essa semana
 Clodoaldo: Sei [ênfaticou a fala com um tom como se não tivesse acreditando no que a mulher estava dizendo]
 Lucélia: Já treinei um dia braço e já me acho muito larga aqui pra cima e não quero estimular mais isso não.
 Clodoaldo: Certo. Vou fazer só uma pergunta, pode ser?
 Lucélia: Pode.
 Clodoaldo: Quero ver se é realmente verdade essa sua resposta. Vamos ver o seu olhar ao responder a pergunta tá? [pausa] Não é preguiça não, é?
 Lucélia: Não é não (risos) tanto é que vou dá uma caprichada lá na abdominal.
 (NC. Ex.44.§3 lin18-33)”.

São bem informadas e excelentes interpretadoras dos símbolos, possuidoras de uma razão sensível e não somente instrumental. Entendem o Outro, daí a facilidade na interação, mas também [re]agem no sentido de querer ser entendida. O que nos faz aproximar teoricamente da compreensão acerca do processo de socialização como sendo um processo de interpretação da situação onde os atores sociais se envolvem no momento da interação como

⁶⁷ NC (Extrato 25) Título: Aula de abdominal. Data: 01/06/06 (Quinta-Feira). Entrada: 7:15. Saída: 11:30. Horas de campo: 56h05min. Horário das Notas: 11:50. Aula de abdominal. O extrato foi escrito em 7 partes que abordaram os seguintes temas: (1) Dor que a pesquisadora estava sentindo no braço esquerdo devido a uma lesão; (2) Música brega no salão da musculação (que inusitado, era uma brincadeira entre um dos instrutores e um aluno!); (3) Alongamento; (4) A professora grávida de sete meses ainda dando aula; (5) Aula de abdominal; (6) O sol que a professora iria afixar no quarto do filho que ia nascer e (7) Final da aula...palmas para a professora.

em Goffman (1984) e não simplesmente a escolha de um papel social específico o que as tornam atoras sociais mais convictas do que as *fitness*. A convicção das suas ações nos pareceu advir do equilíbrio que elas procuram manter entre seu “eu” interior e exterior, o que nos remete a uma questão, já que são tão conscienciosas, como elas sabem que sabem e também, como constroem seus saberes?

2.4.3.2 A [i]materialidade dos saberes

Constroem seus saberes em busca do equilíbrio entre o interior e o exterior tendo seus corpos como mediadores por excelência dessas duas dimensões que o compõe. Elas compreendem que a cultura é a principal modeladora, mas não se submetem a técnicas corporais sem antes refletir bastante sobre as suas conseqüências. O conhecimento que elas constroem é envolto pelas experiências que obtêm nas interações sociais e na prática. Ou seja, não se contentam, não se satisfazem com o saber que não compreendam completamente, que não experienciem de forma profunda e que seja revelado de dentro do seu Ser.

Não vivem em função do corpo, o corpo, é que tem que funcionar para elas. Essa é a concepção de corpo perfeito e de saúde, o corpo funcionando bem. Utilizam-se da ciência e das tecnologias que proporcionem facilidades nos processos interacionais e corporais.

A prática da atividade física para as sociáveis nos pareceu como uma prática prazerosa por proporcionar momentos de troca com os Outros, que é a sua finalidade, mas não pela atividade física *per se*. A disciplina que o treino exige para a obtenção de resultados não é algo que as elas busquem. Ao contrário, são indisciplinadas, daí o fascínio que exercem, uma indisciplinada que não chega a incomodar os outros, mas que nos chama a atenção pelo seu caráter contestador e ao mesmo tempo dócil.

O saber prático sobre a tecnologia envolvida nas máquinas e no treino advém devido às suas horas de socialização na academia, mas suas conversas dificilmente giram em torno do treino em si. Os temas das suas conversas são os mais variados, incluindo seus maridos, namorados, filhos, trabalhos, festas, finais de semana, entre outros. Como observamos na interação abaixo:

Professora: Vai ter coxinha, salgadinhos e um bolo. Vai ser algo simples.

Aluna 1: É, mas não deixa de fazer.

Professora: É. O problema é que vou trabalhar e quero que você se responsabilize em pegar os salgadinhos, pode ser? Por que para mim vai ser quase impossível chegar a tempo para pegar os salgadinhos.

Aluna 1: Claro, eu pego sim. Sem problemas.

Professora: Ah, o quartinho do bebê está lindo. Vocês vão ver.

[Achei interessante esse comentário porque tece aos vínculos sociais que são criados na academia e também mostra que nem só da forma física vivem os frequentadores. Outros temas são abordados] (NC. Ex.24.§5 lin26-35).

Não são avessas à tecnologia, nem à ciência, apenas cautelosas em relação às suas promessas. Valorizam a beleza interior, que pode ou não, tornar-se aparente no exterior. Utilizam-se dos veículos de comunicação para se manterem informadas e criticam o culto ao corpo contemporâneo, muito embora enveredem em alguns consumos que o fortifique também, como a própria academia de ginástica.

Entretanto, dentre as nossas praticantes, elas parecem ser o grupo das mais preocupadas com o Corpo filosoficamente falando, ou seja, o corpo enquanto questão de reflexão, fato que o nosso “imaginário maquínico” (VIRILIO, 1984) tem nos privado pensar onde a cultura tecnológica está preocupada com um corpo culturalmente imaginado: o corpo concebido segundo a cultura capitalista.

O corpo individual é reflexo e reflexão do corpo social do qual elas fazem parte e suas celebrações e temporalidades são vivenciadas de forma bastante intensa como o leitor poderá observar nesta próxima seção.

2.4.3.3 A [i]materialidade das celebrações e temporalidades

Deixam transparecer em seus corpos os movimentos da vida. Celebram o dia, a noite e as mais diversas situações cotidianas: o trabalho, o treino, o encontro com familiares ou com amigos, entre outros, todos motivos para estar junto, são gregárias, relações públicas, ponto de encontro e de contato dentro e fora da academia.

Fazem uso do templo para relaxar, conhecer gente nova e entrar em comunhão com o Senhor, afinal a oração feita em conjunto surte mais efeito. Como nos falou uma de nossas informantes: “eu passei em um concurso público então, agora estou mais relaxada. É isso aí. A academia é meu relaxe. Estou só esperando a posse. Nesse ínterim, venho pra academia. E conheço gente nova (NC. Ex.30.§6 lin87-88).”

As diferenças são comemoradas, gostam de cultuar a individualidade das pessoas e respeitam-nas, pois, odeiam a escravização e a submissão que não seja consentida por elas.

Possuem uma maneira poética de ver o corpo, quer dizer, como dissemos em outro lugar, não são contra a tecnologia, mas contra a cultura tecnológica que reifica a imagem dos corpos ⁶⁸.

A aliança que as *fitness* têm como um mantra de salvação (i.e., alimentação saudável, massagens, atividade física e intervenções cirúrgicas), perde a sua força quando falamos das sociáveis, que quando atendem os seus eventos não se culpam, aparentemente, em enveredar em ações que a enfraqueça, como por exemplo, o prazer em deliciar-se com uma culinária exótica, afinal este também faz parte da vida, daí a sua flexibilidade.

Estas são mais midiáticas do que as *fitness* e por midiáticas queremos dizer que são mais expostas, que são mais vistas, desta forma, ficando mais evidentes do que as segundas, podendo, inclusive exercer mais influência entre os membros do grupo mesmo que, em alguns momentos, não detenham o passaporte do corpo que é institucionalizado nesse campo.

Assim, quando aquele atributo lhe falta, como nos lembra Goffman (1984), é comum haver membros desviantes em qualquer grupo ou comunidade unida, sejam por seus atos, atributos ou pelos dois ao mesmo tempo. Neste caso, o desviante passa a desempenhar um papel particular ao mesmo tempo símbolo do grupo e representante de certas funções estereotipadas, enquanto lhe é negado o respeito devido aos membros de pleno direito. De modo característico, tal indivíduo cessa de jogar o jogo das distâncias sociais: ele invade e se deixa invadir à vontade. Ele representa freqüentemente um foco de atenção que liga os outros num círculo de participantes, do qual ele é o centro, mas do qual ele não partilha todo o estatuto.

A temporalidade, ou seja, suas relações com o passado, presente e futuro se dão de forma um pouco diferenciada do que com as *body builders* e as *fitness*, ou seja, a ênfase no presente perde a força e começa a ser dividida entre as outras duas noções de tempo, já que estabelecem com o passado uma relação de aprendizagem, para não cometer os mesmos erros, e com o futuro a perspectiva de um tempo a ser experienciado de forma singular do que o que já foi outrora (i.e., no passado e no presente), posto que se entregam de corpo e alma às suas experiências de tempo, pelo fluxo de impressões sensoriais que elas ativam.

Assim, celebram intensamente as fases da vida, valorizam os nascimentos das idades novas e as particularidades inerentes às características do que é ser adolescente, jovem, adulto, idoso. Cada fase tem um *glamour*, um mistério, uma dádiva e um lado obscuro

⁶⁸ Sobre a poética dos corpos ler o artigo: “Da Imagem Tecnológica do Corpo às Imagens Poéticas dos Corpos” de Danilo di Manno de Almeida, publicado no livro de Bernadette Lyra e Wilton Garcia intitulado: Corpo e Imagem pela Editora Arte e Ciência em 2002.

também e elas sabem disso. O envelhecer é percebido por elas como uma fase natural da vida que também deve ser vivida com todas as suas glórias.

Lembrei de uma procuradora que conhecemos no evento da caminhada ecológica, ela deveria ter entre 50-60 anos, estatura baixa, o corpo gordinho, era praticante de hidroginástica. Como registrado em nossas notas de campo:

“A empolgação dela, durante o percurso, impressionava: primeiro por que conseguiu manter um sorriso estampado no rosto do começo ao fim da caminhada; segundo, que, nos momentos em que eu esmorecia cansada e diminuía os passos, ela instigava dizendo que nós não poderíamos ficar pra traz; e terceiro, a animação que ela exibia por meio de um brilho no olhar quando falou da festa que tinha ido no dia anterior. Sua animação era cativante (NC.Ex.51.§40 lin 775-783)”.

As sociáveis são competitivas e se reconhecem pelo olhar que os Outros emitem frente às suas performances sociais. Neste sentido, diferem das *fitness* porque o meio que essas utilizam é diferente, as segundas buscam interpretar o olhar que os outros disparam em relação à mera exibição dos seus corpos e as primeiras por meio da sua habilidade social, do seu corpo que fala e que não apenas se movimenta. Ao falar em movimento, falamos de lugares, busquemos conhecer então, os lugares que as primeiras freqüentam e os objetos que adornam a produção do seu espetáculo.

2.4.3.4 A [i]materialidade dos lugares e artefatos

As sociáveis são freqüentadoras assíduas dos espaços da musculação que propiciam treinar o aprimoramento da capacidade aeróbia, isto é, espaços onde ficam as esteiras, as bicicletas e os *transports*. Talvez porque aquele é o tipo de treino que ativa a liberação de hormônios chamados endorfinas, o hormônio da alegria, ou por ser o local mais propício para conversar com as pessoas. Poderíamos elencar uma série de motivos, mas isso não é uma preocupação da sociologia dramaturgica que estamos utilizando para analisar o campo, conseqüentemente não é nossa. O nível de análise a qual nos propomos é o da interação social, esta que está embebida em seus artifícios, artificialidades e etiquetas que dá luz à vida social.

Podemos falar de uma possível monotonia que envolve a prática da musculação, o que poderia nos fazer entender que esta seria uma atividade mais direcionada para pessoas tímidas, e não para as sociáveis, já que envolve: a execução do treino de forma individual e não coletiva pelo menos em nível simplificado e a flexibilização de horário que impossibilita

a criação de vínculos, entre outros. Na entrevista que fizemos com uma das praticantes, o reverso se revelou, pois a busca dela estava justamente em aprimorar a sua sociabilidade, já que precisava interagir com professores diferentes para que houvesse uma orientação mais precisa acerca das séries de exercícios as quais se submetia. Em campo, pudemos observar as estratégias que as pessoas utilizavam para eufemizar àquela característica (i.e., monotonia) que então somente um dia lhe foi peculiar e que hoje está sendo transposta. Estratégias que podemos nomear: inserção de DJ nas da musculação, o treino em dupla, a contratação de um *personal trainer*. Ações que geram o compromisso porque envolve o Outro, vamos à fala de uma de nossas informantes: “Eu gosto muito do pessoal daqui eles são muito atenciosos [referindo-se aos instrutores]. Eu treino com um *personal trainer*. É ótimo porque gera um compromisso, inclusive financeiro. Sou preguiçosa para fazer por conta própria (NC. Ex.3.§4 lin26-28) ⁶⁹”.

É interessante observar as conversas paralelas que surgem entre as praticantes dentro de uma sala de musculação para assim podermos desmistificar que esta só envolve tipos de pessoas que estão essencialmente preocupadas com a estética dos seus corpos. Entretanto, é fato, que se esse também não compusesse a sua agenda de prioridades elas não estariam ali, mas cabe aqui ressaltar que outros saberes lhes “diz” respeito. Esses momentos podem ser interpretados como momentos de confissão, já que muitos deles contemplam temas que poderiam ser categorizados como sendo profanos: a preguiça, o tempo que não passa na esteira, os excessos cometidos nos finais de semana e em eventos como a Páscoa e o São João e as noites mal dormidas. Um exemplo disso é a interação abaixo:

Sandro: E aí Chris, deu aula hoje?

Eu: Dei, dei sim.

Sandro: Como estais?

Eu: Estou bem.

Sandro: Eu estou super cansado hoje, dormi mal prá caramba.

Eu: É, quando a gente dorme mal é horrível que no outro dia a gente fica todo quebrado sem conseguir trabalhar direito, nem treinar.

⁶⁹ NC (Extrato 3) Título: Treinar, compromisso financeiro. Dta 04/06/06 (Sábado). Hora de Entrada: 9:00. Hora de Saída: 10:30. Horas de Campo: 26h45min. Hora das Notas: 14:00. Treino na Musculação. Este extrato contemplou os seguintes temas: (1) Preguiça para ir à academia. (2) Meu estranhamento em relação à pouca conversa que consegui observar em campo. (3) A impossibilidade de gravar todos os treinos. (4) Os excessos do carnaval estavam sendo expiados na academia. A interação da qual extraímos a citação foi entre a pesquisadora e uma praticante enquanto estavam na esteira, o perfil da praticante era o seguinte: aparentava ter entre 50-60 anos, estatura mediana, pele morena (devido a sua nacionalidade, era mexicana), cabelo longo, preto, estava preso e alisado, vestia uma calça justa preta e um *top*, corpo bem enxuto.

Sandro: Nem fale (NC. Ex.26.§4 lin36-48)⁷⁰.

O lugar, a sala de musculação, ganha uma nova aura quando é dia do *DJ* tocar por lá a experiência do treino ganha um novo sentido e outras pessoas e não somente as *body-builders*; mas as nossas *fitness* e as sociáveis, fazem questão de aportar por lá. As segundas porque terão a oportunidade de mostrar a eficácia do seu corpo *fashion* perante os outros e as terceiras porque terão a oportunidade de treinar e ao mesmo tempo executar a sua habilidade social, já que o ambiente fica repleto de pessoas buscando interação no lugar de treino. Em um destes dias pudemos observar, conforme as notas de campo:

“Uma mulher, devia ter seus 30 anos, corpo gordo, cabelo curto, preso e besuntado com um tipo de creme que deixava seu cabelo grudado no couro cabeludo. Ela vestia uma calça justa verde e um *top* justo, também verde, mostrando o abdômen que estava protuso. Chamou a atenção porque estava dançando no meio da academia [o DJ fazia parte do simulacro de uma balada e não era para sair dançando] nos passando a sensação de que estava se divertindo bastante, pois exibia um sorriso no rosto e leveza em seu andar. Em um dado momento ela deu um abraço e um beijo na face de um dos professores, que reagiu de forma fria, deixando o corpo parado e depois a afastando com os braços (NC. Ex.31.§ lin69-76)⁷¹”.

Poderíamos pressupor, entretanto, que é mais fácil observar esses tipos de pessoas em aulas mais coletivizadas, como pudemos perceber quando experienciamos as aulas de abdominal, alongamento e RPM. Nessas aulas as pessoas realmente se socializam mais do que na musculação, desta forma podendo ser evidenciado de forma mais clara a noção grupo e a sua coesão em torno de objetivos e assuntos compartilhados. Abaixo, diálogos e impressões que tivemos ao participar de uma aula de alongamento em nossas notas de campo:

“Depois de meses freqüentando a sala de musculação e escutando a sua música *techno*, a primeira coisa que me chamou a atenção foi a música tranqüila da aula de alongamento que mais me lembrou um mantra. Um outro ponto que vale ressaltar foi a diferença que pude perceber entre o perfil do público da aula, que era composto por senhoras dos seus 50-60anos e o professor que era um carioca, moreno, alto com o corpo todo sarado, musculoso e dividido em seus mínimos

⁷⁰ NC (Extrato 26) Título: Conscientizando-se sobre o corpo. Data: 09/06/06 (Sexta-Feira). Entrada: 20:40. Saída: 22:00. Horas de campo 57h25min. Horário das Notas: 23:00. Treino na musculação. Este extrato foi escrito em nove partes que contemplaram os seguintes temas: (1) A descrição de um casal que começou o namoro lá na academia; (2) Descrição sobre o ambiente da lanchonete; (3) O início do meu treino; (4) Interação transcrita no corpo do texto; (5) Cobrança sobre a ausência de uma praticante no treino; (6) Uma interação entre a pesquisadora e uma praticante que falava da falta de interação na academia; (7) Interação entre a pesquisadora e um instrutor falando sobre Copa do Mundo; (8) Interação entre a pesquisadora e um instrutor falando da importância da consciência corporal no treino; (9) Negociação do treino.

⁷¹ NC (Extrato 31) Título: Banheiro Feminino e DJ. Data 21/06/06 (Quinta-Feira). Hora de Entrada: 18:50. Hora de Saída: 20:00. Horas de Campo: 63h45min. Hora das Notas: 20:45. Treino na Musculação. Este extrato foi escrito em oito partes que contemplavam os seguintes temas: (1) observações sobre o uniforme dos profissionais da academia; (2) as dores no joelho que a pesquisadora estava sentindo devido a um desvio patelar; (3) e (4) banheiro feminino; (5), (6) e (8) Descrição do ambiente da musculação com o *DJ*.

detalhes (posso dizer isso porque ele estava usando um short de lycra preto justo e uma camisa do *body systems*, que também era justa). Durante a aula achei interessante a observação de uma das alunas que falou: ‘Renato, porque você demora mais tempo nos exercícios mais difíceis e menos nos mais fáceis? [todas na sala riram e compartilharam com ela da “angústia”]’. Assim ele respondeu: ‘Tudo bem eu alívio no próximo’. Depois a aluna volta a falar: ‘Renato, você hoje está muito acelerado’. Ele respondeu: ‘Ah, estou acordado desde às três horas da manhã, a minha filha fez pipi na cama e aí foi difícil dormir depois’. Aí foi um alvoroço na sala, as ‘meninhas’, como o professor carinhosamente chamou as alunas, começaram a falar das suas experiências com filhos e netos e quando terminou a aula uma delas me perguntou: ‘o que você achou da aula, gostou?’ Eu respondi: ‘gostei sim’ e saí pensando, bem na musculação eu entro e saio muitas vezes e ninguém nem me cumprimenta, a não ser o professor. Elas pareciam estar ali para ampliar e estreitar os vínculos sociais (NC.Ex.8.§4 lin 25-44)⁷²’.

Na excursão pelos lugares das sociáveis, passamos pela festa de aniversário, pela caminhada ecológica, pelas aulas com *DJ*, aula de alongamento, nos cabendo então registrar outros eventos que a academia proporciona e que se tornam lugares para as nossas sociáveis como, por exemplo: os jogos da copa do mundo, “aulões” especiais para dia das mães, dia dos pais, dia das crianças, caminhadas no calçadão da praia, circuitos de atividade física, *thriathlon*, corrida das pontes, bazar de tênis Reebok, entre outros.

Durante a nossa estada em campo recebemos especificamente 19 “e-mails-convites” que poderíamos categorizar como sendo provedores de experiência⁷³, e que em algum sentido podem suprir a necessidade de socialização das pessoas na academia. Podemos encontrar as sociáveis em outros lugares tão diversos quanto às possibilidades de “eus” que elas carregam em seu foro íntimo e que administram de forma exemplar. Aqueles variam desde uma exposição cultural, um *shopping center*, uma livraria, um cinema, um teatro, um show, um barzinho até às boates da moda.

⁷² NC (Extrato 8) Título: Aula de Alongamento. Data: 03/04/06 (Segunda-feira). Hora de entrada: 7:00. Hora de Saída: 9:00. Horas de Campo: 33h45min. Hora das Notas: 15:00. Treino na Aula de Alongamento. O extrato foi escrito em quatro partes, onde a primeira abordou as angústias da pesquisadora em estranhar algo tão familiar; a segunda contém descrições em torno do ambiente físico da academia, a terceira a observação em torno de uma mulher que estava quase caindo em cima do guidão da bicicleta e a última as impressões que tive na aula de alongamento.

⁷³ Os provedores de experiência incluem as comunicações, as pessoas que fazem parte da empresa, *web sites* e mídia eletrônica, ambientes espaciais, co-marcas, presença do produto e a identidade visual e verbal da marca com os seus sinais e símbolos a serem interpretados (SCHMITT, 2002). Para o leitor ter uma idéia do conteúdo dos e-mails, seguem, os títulos: (1) Super aula de *spinning*; (2) Aulas de forró; (3) Promoção Dia das Mães (A mãe, neste mês só paga metade); (4) Dia das mães (Super circuito com Banda); (5) O cabeleireiro da academia em clima de aniversário; (6) Copa do mundo. Venha fazer parte da torcida mais animada do Brasil; (7) Aula *Body Systems*; (8) 1º Circuito *Sadia Light*; (9) Convite para a Festa de Aniversário da academia; (10) Convite para o Jogo do Brasil na copa do mundo de 2006; (11) Queda da Bastilha. Venha comemorar em nosso restaurante; (12) Convite para a caminhada ecológica; (13) Plano de pagamento congelado; (14) Aula dançante: traga um amigo; (15) Aula dos pais. Tios, filhos e primos também podem participar; (16) 4º Triathlon; (17) 2º Bazar Reebok; (18) Dia das Crianças; (19) Aula de Salsa.

O celular, o computador e a balança são os objetos que lideram o seu sistema e todos os artefatos que as ajudem a interagir de forma mais convicta entra em sua lista de compras: roupas, bolsas, calçados especiais para o treino e para passeio, maquiagem, cremes estéticos, revistas, livros, pois assim como as *fitness*, e todo ator social que atua de forma convincente, elas se produzem antes de entrar no palco com vias a expressar os códigos que a façam ser compreendidas pelos Outros com os quais vão contracenar. O que sustenta a sua encenação, ou melhor, o seu mundo está construído em cima de que pilares?

2.4.3.5 [...] das crenças e dos valores

As crenças guiam os comportamentos das pessoas, dizem como elas devem agir pensar e sentir sobre determinadas situações (i.e., em quê se deve prestar atenção, o que as coisas querem dizer, como reagir emocionalmente, entre outros), já os valores são expressos por meio da observação dos comportamentos validados e compartilhados pelo grupo e lidam com os elementos menos controláveis do ambiente, ou seja, com as matérias estéticas ou morais que reduzem a incerteza de se estar fora do grupo o qual deseja fazer parte. Sintetizaremos, então, o que significa ser uma sociável em nosso estudo.

Por um lado ser uma sociável é viver em torno de uma crença de que os vínculos sociais podem e devem ser mantidos, cortados e restaurados, onde ao corpo se é atribuído o papel de mediador comandado por alguém que se adapta e se flexibiliza quando necessário. O seu prazer gira em torno da socialização que, em nosso estudo, ela busca por meio da atividade física. O equilíbrio é uma busca incessante em suas ações tornando-se uma utopia, pois os pesos e as medidas são distorcidos já que se apaixonam pelos temas que circundam a sua vida impossibilitando uma razão mais reflexiva.

As crenças que cultuam em torno de si e dos outros, amplamente refletidas nas seções anteriores podem ser sintetizadas nos seguintes pontos: (1) a tecnologia exposta no campo e disponível no mercado é um meio utilizado para atingir a sua finalidade, que é a socialização; (2) o bem-estar é atingido quando o corpo deixa de estar sedentário e começa a funcionar melhor proporcionando mais momentos de interação repercutindo em relações mais duradouras; (3) ser saudável é alcançar um bem-estar físico e mental; (4) atuar em sociedade é ser consciente, sobretudo das possíveis alienações e reificações as quais estão submetidas.

Um dos valores centrais é a socialização seguido da saúde que estão subsumidos à aspectos como disciplina e ordem, estes não são relevantes. A estética é algo que elas buscam,

pois se o equilíbrio é um de seus ideais e a harmonia das partes é um dos aspectos que geram o equilíbrio e aquela (a harmonia) é um dos componentes centrais da estética há então uma busca pelo prazer da experiência estética mesmo que de modo indireto em seu *ethos*⁷⁴.

Por outro lado, cabe ressaltar, que ser uma sociável é cultivar também uma idéia de relativização que pode ser interpretada como indisciplina quando tomamos conhecimento das ações extremadas e não equilibradas as quais se submetem de acordo com a definição da situação ao qual estão expostas, que podem chegar a aniquilar o seu “eu” interior, que elas tanto valorizam, mas que parece ser [re]alimentado nas interações.

Desta forma, a racionalidade presente na ação de uma sociável, essa do indivíduo poder ampliar, cortar e estreitar seus vínculos sociais por meio do seu corpo e nas interações nos foi apresentada de forma esplendorosa no campo. O seu corpo é belo essencialmente porque é fonte de expressão e negociação constantes, estas que são ações que refletem a arte do viver.

Assim, convidamos o leitor a conhecer a próxima atriz do nosso templo espetaculoso, a educativa, que compartilha, em algum sentido, com a lógica da sociável, em relação à saúde, por exemplo, mas que parece não estar tão próxima quando falamos do valor atribuído à disciplina que se apresentou como um valor dissonante entre elas.

2.4.4 A Educativa: Um corpo saudável

2.4.4.1 A [i]materialidade das suas formas de Expressão

Toda ação tem uma reação e a educativa parece compreender bem isso. Ao observarmos a relação que a educativa tem com o seu corpo podemos perceber que é uma relação de aprendizagem continuada direcionada a um aprendiz que se debruça sobre as mais variadas técnicas para desenvolver a sua performance e exibir um corpo aparentemente bem cuidado e saudável.

⁷⁴ Na discussão antropológica de Geertz (1989) ele denomina o termo *ethos* para os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo “visão de mundo”. O *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete.

Ela pode não fazer uso de cadernos e livros, mas exerce a sua aprendizagem em sala de aula, praticando os exercícios propostos pelos instrutores e utilizando a tecnologia avançada da sala de musculação. Desta forma, ela se compromete em um regime disciplinar com vias a conseguir a utopia do corpo saudável, este que é elemento fundamental da composição da forma da educativa.

Seria, a saúde, simplesmente, mais “uma questão de preservação da vida” como nos disse uma de nossas informantes, ou abarcaria outras complexidades? Ao tomarmos como ponto de partida a definição de saúde emitida pela Organização Mundial de Saúde, que é: “estado de equilíbrio e completo bem-estar físico, mental e social”, podemos compreender como o seu escopo é abrangente e também obscuro, dando margem a uma infinidade de interpretações.

Ser saudável em um momento da história tinha a ver com ser gordo, obeso e hoje parece ter a ver com o ser magro. Claude Fischher em seu artigo: “*Obeso benigno, obeso maligno*” de 1995 nos fala da ambigüidade presente no termo e da importância em compreender a medida e o conceito atribuído por cada cultura às categorias propriamente ditas (magro, obeso, gordo, etc), pois é aquela que o constrói. No Japão a saúde tem a ver com comer peixe cru, costume que no Brasil ainda encontra resistências, enfim, poderíamos elencar uma infinidade de costumes que demarcariam os limites do que é ser saudável.

Ao olharmos uma delas o que vemos? Um corpo saudável que para a educativa quer dizer, proporcional em suas dimensões, com a quantidade de gordura aceitável dentro dos parâmetros da normalidade que o órgão supracitado institui. É um corpo que emana vitalidade, disposição e prontidão. Um corpo não tão expressivo quanto os das *fitness*, mas com músculos, ossos, veias e hormônios fazendo-se existir de forma harmoniosa e funcional que repercute em bem estar. Como nos falou uma das informantes:

“Bem estar físico e mental essa é a minha meta aqui na academia. Ficar magra, sarada, não. Saúde, qualidade de vida. Na minha idade, já tenho três filhos. Tenho que me cuidar. Sinto-me bem quando venho para a academia é muito bom. Tudo no corpo funciona melhor (a pele, os ossos, o intestino). Previne osteoporose. Tenho colesterol alto. É excelente (NC. Ex.6. §1 lin13-17)⁷⁵”.

⁷⁵ NC (Extrato 6) Título: Pela “saúde” tudo. Data: 17/03/06 (Sexta-feira). Hora de Entrada: 10:00. Hora de Saída: 11:00. Horas de Campo: 30h15min. Hora das Notas: 11:30. Treino na Musculação. Este extrato foi escrito contemplando uma interação entre a pesquisadora e uma praticante do campo. Os temas que emergiram na interação foram: reflexões sobre a estrutura física da academia; o bem-estar que a atividade física proporciona; provocação da pesquisadora em torno do tema “saúde”; ingressou na atividade física porque foi influenciada pela filha mais nova. Foi interessante que quando eu a “provoquei” dizendo que todo mundo parecia estar buscando saúde na academia, mas terminavam pegando peso exagerado [neste momento eu aponte para uns garotos que estavam na nossa frente pegando muito “pesado” no treino] e ela reagiu dizendo que aquilo estava errado e

Ela exhibe seu corpo como um equipamento, que parece ter um manual de instruções para seu melhor uso como todos os que são complexos, a ser sempre alimentado com os melhores hábitos possíveis. A beleza se encontra na harmonia que ele transmite por meio do tom da pele, do viço do cabelo, expressões da face que também está cuidada, pouca celulite, reflexos dos bons hábitos que ela cultua. Seu corpo é apreciado pelo zelo que ele exhibe em seus detalhes.

O olhar é de alguém seguro, de uma pessoa que detém informações, seus gestos são contidos como os da *body-builders*, mas não tão firmes. Seu “jeito de andar” é aquele que reflete certa rigidez, uma postura ereta (para não dá problemas na coluna cervical), cuidada, harmoniosa e calma. Os braços caem suavemente sobre o corpo, a cabeça é ligeiramente voltada para cima, o peito é estufado para frente, os ombros mais abertos, tradução da sua disciplina do cuidar do corpo. As características que diferenciam os gêneros são presentes aqui, mas não fazem uso do corpo para seduzir como as *fitness*.

Não chega a exhibir características corporais grotescas como as *body-builders* (i.e., um corpo masculinizado), mas também não fazem questão de exhibir ícones de feminilidade como as *fitness*, não nos causa estranhamento, mas também não são tão atraentes como as sociáveis. Entretanto, podemos perceber que se envolvem em práticas diversas de culto ao corpo, porque este exhibe uma vitalidade peculiar, consequência do cuidado que elas têm, como dito em outro momento.

O “eu” individual delas é forte e elas dificilmente permitem trair o seu objetivo de ter um corpo saudável frente à sua vida social mesmo que termine sendo rotuladas como “chatas” porque em sua prática cotidiana não bebem, não fumam e não fazem farras até altas horas da noite, isso seria uma ruptura ao espetáculo que estão encenando, já que em princípio, aquela ação desequilibraria a harmonia e a saúde do corpo. Elas salvam a sua face em busca do seu objetivo nos atos que compartilha com os outros.

Faz questão de cumprir o treino do começo ao fim sem improvisar em nenhum momento o *script* que lhe foi dado. Treinam de forma a privilegiar o conforto, a anatomia do seu corpo exibindo a forma correta de fazer o exercício com os ritmos, frequências e pausas bem medidas para obter o melhor resultado.

confirmando em um tom de defesa: “claro que também não quero ficar flácida, mas o principal comigo é pelo bem-estar mesmo”.

Falam de forma bem explicada, justificando todos os argumentos e querendo que os outros assim o façam quando estiverem em interação com elas utilizam-se também dos meios não-verbais de comunicação para incrementar a sua performance fazendo dos gestos e dos movimentos seus aliados. Falam pouco, mas quando falam se expressam de forma primorosa, falam pausadamente, elas conhecem bem o mundo das palavras, desconhecido para as *body-builders*.

Na academia chamam a atenção porque querem fazer os exercícios de forma correta e se empenham bastante. Estão sempre questionando os instrutores para que eles lhes supram de informações sobre práticas relacionadas à atividade física e também sobre alimentação. A interação abaixo, entre uma instrutora e uma praticante, que aconteceu enquanto a segunda estava na esteira, posiciona esse local como sendo um local de construção desse tipo de conhecimento:

“Praticante: Para que serve a aula de *ciclismo indoor*?”

Instrutora: Para queimar calorias. Se você estiver querendo emagrecer e queimar caloria é a aula ideal.

Praticante: Sei.

Instrutora: Se você estiver querendo queimar calorias existem dois caminhos: o primeiro é diminuir os insumos o segundo seria fazer atividade física de maior intensidade.

Praticante: É o equilíbrio...

Instrutora: É. E você deve saber que tem calorias boas e calorias ruins (que geram gordura)...

Praticante: Sei sim...

Instrutora: Por exemplo, os famosos brigadeiros que vocês gostam é uma caloria ruim porque se transforma em gordura e é nocivo para o bom funcionamento do organismo. Vocês comem besteira pra depois ficar aí tudo aperreada falando que estão cheias de celulite.

Praticante: É mesmo.

Instrutora: Alimentação é aprendizado, a gente aprende a comer comida saudável, acostuma, cria o hábito, o paladar se ajusta. É muito importante saber se alimentar de forma adequada isso influencia nos resultados do treino, também (NC. Ex.19. §5 lin46-62)⁷⁶.

O empenho delas chama a atenção e isso reflete no seu corpo que a cada dia apresenta incremento na performance. A academia é uma das fontes de alimentação dos seus saberes, outras também serão evidenciadas na próxima seção.

⁷⁶ NC (Extrato 19) Título: A regra de ouro: gastar mais calorias que ingerir. Data: 23/05/06 (Terça-feira). Hora de Entrada: 9:00. Hora de Saída: 10:30. 47h10min. Hora das Notas: 14:00. Treino na Musculação. O extrato foi escrito em cinco partes que abordaram os seguintes temas: (1) Impressões gerais do ambiente; (2) Comentários entre duas praticantes sobre a barriga que fica no corpo da mulher depois da gravidez; (3) Elogio de uma personal à uma praticante sobre o retorno do treino; (4) Treino abdominal; (5) Interação citada no corpo do texto.

2.4.4.2 A [i]materialidade dos seus saberes

Seus saberes são construídos em torno de uma experiência estética que proporcione um corpo que chegue o mais perto possível do saudável, e isto engloba conhecimentos sobre: fisiologia, nutrição, uso de remédios e substâncias diversas, em síntese, conhecimentos científicos ligados à área de saúde.

Vê-se como agente que aprimora a performance do corpo que lhe foi “dado” naturalmente e grande parte do conhecimento que elas constroem é envolto em experiências práticas apreendidas no cotidiano por meio da disseminação dos saberes que os instrutores da academia semeiam, pela prática e imitação. Utilizam-se da ciência como um ponto de partida e de chegada para a sua finalidade.

O corpo saudável que elas almejam não é alcançado sem o sacrifício de uma alimentação balanceada, ingestão de suplementos alimentares (se houver necessidade) e treino assistido de perto por um instrutor ou *personal*. Sua disciplina é rigorosa e encobre abnegação que não deve ser confundida com aquelas que buscam um corpo saudável pela suposta simplicidade das técnicas intrusivas e cirúrgicas como a lipoaspiração, por exemplo. Pareceram preferir acreditar na tríade: alimentação saudável, massagens (cosméticos) e treino, mas fazem uso daquela se a tríade não funcionar.

São as detentoras do saber reflexivo na prática da academia, elas sabem o que é bom e o que é ruim para alcançar os seus objetivos. Não ostentam um *status*, interessante observar isso, já que a maioria das academias vende a saúde em seu *slogan*, o que parece confirmar aquele emaranhado que falamos em outro momento desse texto. “Quando o professor pega um aluno desses, que faz tudo certinho, que questiona e que busca uma consciência corporal é excelente, porque se sabe que a chance de uma resposta positiva é maior”, nos falou um de nossos instrutores.

Em se tratando de um saber que procura aliar a prática à teoria que está sendo disseminada pelos mentores e meios de comunicação diversos possuem certa reflexividade e ponderação em suas ações que tendem a ser equilibradas e harmoniosas. Lembremos da frase emitida por um dos nossos instrutores que falou a uma das praticantes: “eu gosto de perguntar em que parte do corpo aluno está sentindo o exercício, por que para fazer a atividade física direito é importante a consciência corporal (NC. Ex.26. §8 lin143-144)”.

Elas sabem das regras do treino e dos rituais que devem ser seguidos para uma melhor performance: primeiro alongar, depois esquentar na esteira ou bicicleta e por último o treino dos grupos musculares específicos. Assim como para as *body-builders* o treino para as

educativas faz parte de um ritual, e é motivo de comemoração e celebração, o que nos remete a uma questão mais abrangente: o que mais elas comemoram? Entremos, então, na questão das celebrações e das suas ocorrências.

2.4.4.3 A [i]materialidade das celebrações e temporalidades

A obtenção da saúde, do corpo funcionando de forma primorosa com suas taxas sanguíneas dentro dos parâmetros da normalidade, assim como o peso e a massa corpórea, essas são alguns dos fatos que elas celebram. A ida ao nutricionista, endocrinologista e outros médicos também fazem parte da sua atuação performática. Elas treinam musculação porque buscam os benefícios que são amplamente divulgados pela mídia como, por exemplo: a prevenção da osteoporose, o emagrecimento, evita lesões musculares, melhora o sono e o bem estar, rejuvenesce e também melhora a auto-estima.

Diferentemente das *body-builders* as educativas não passam por um processo de “se tornar uma delas”. Elas já começam a atividade física com o seu papel social definido e sabendo o que querem, porque tinham informações sobre os benefícios que a mesma agrega ao seu corpo que se reflete também na estética, pois elas não são desprovidas de preocupação quanto a sua estética corporal. Ao contrário, em campo, inclusive encontramos algumas delas que usavam o discurso médico para validar a sua ida à academia e no final o tema “estética” emergia como secundário e de forma inevitável.

Elas são disciplinadas, organizadas, tem tempo definido para todas as atividades que exercem. Vão para a academia com o tempo muitas vezes reduzido, mas não deixam de comparecer ao compromisso do sacrifício que proporciona a comunhão com o Senhor. A saúde do seu corpo é construída em torno da distância à flacidez e da gordura, já que esta última faz mal para a saúde e o desempenho do corpo.

Como as sociáveis, elas buscam alguém para treinar com elas. Geralmente o instrutor acompanha mais de perto essa aluna que ele percebe como tendo potencial para responder bem ao treino, pois se comprometem com as suas instruções ajudando na manutenção da sua face e proporcionando uma performance convincente para os dois. A educativa tem uma tendência a se tornar uma de nossas *atletas pro* que serão descritas *a posteriori*.

A socialização da educativa no mundo da musculação não é dolorosa, pois a lógica embebida no treino, a racionalidade e a disciplina necessária para se ter sucesso em campo parece já ser características que ela cultua em outras instâncias da sua vida. Um fato social

total como em Mauss (1974) acontece quando elas avançam no nível do treino. Elas sentem que têm a chance de obter mais resultados com um treino mais elevado e aí ficam orgulhosas em poder evoluir, e assim celebram, pois é um marco que “fala” do seu avanço e do aprimoramento da sua performance e a mudança de *status* do seu papel social no grupo ao qual pertencem.

Planejam-se para que seu corpo esteja em forma e funcionando bem para aproveitar intensamente as fases da vida e os seus tempos. Cada estação do ano exige um comportamento diferenciado para ser experienciada de forma completa e equilibrada e assim elas fazem: se preparam para não sofrer os maus tempos. Isso faz parte da sua disciplina. Frequentam a academia durante o ano todo porque acreditam que a saúde está atrelada a mudanças de hábitos de vida.

O tempo nos fornece o sentido da vida, do nascimento, da morte, dos rituais solenes por qual passamos para nos tornarmos pessoas nas comunidades que fazemos parte. Conseguimos significar as experiências por que ordenamos, quantificamos e classificamos (i.e., qualificamos), nomeamos e estabelecemos relações dos elementos que as compõem.

Em nossa cultura, no início do ano festejamos o Carnaval, depois vem a Páscoa, em Maio o Dia das Mães, Junho o São João, em Agosto o Dia dos Pais, em Setembro o início da Primavera (que para o nosso povo é o início da estação quente), Outubro o Dia das Crianças e Dezembro o Natal e o Final do Ano. As educativas entendem bem o significado dessa cronologia e das celebrações, pois elas sabem que precisam estar com o corpo saudável para experienciá-las.

Das nossas praticantes elas são as que mais entendem dos ciclos de vida dos corpos, dos limites que cada fase impõe, já que primam pelo bom funcionamento buscando de forma obcecada, em alguns momentos, o mais alto estado de vigor mental e físico. Elas se preparam para envelhecer bem, de todos os outros tipos que encontramos essas nos parecem ser as mais sábias neste sentido.

O corpo sofre as intempéries do tempo, ele amadurece, envelhece, ganha novas formas e incorpora uma nova funcionalidade que exige cuidados diferenciados. Na razão da educativa, o envelhecer, fato que deixa marcas não as torna menos atraentes ou longe dos seus objetivos centrais na academia. Elas são ponderadas e sabem que o envelhecimento do corpo pode ser atenuado por meio da atividade física e é por isso que elas a praticam, para ter uma maior qualidade de vida quando a idade vai chegando. Mais um hábito incorporado aos cuidados corporais, como nos falou uma das informantes do campo:

“Hoje, eu estou fazendo atividade física mais por que eu sei que tenho que fazer. Porque eu vejo tanta gente nova tendo ataque cardíaco que assusta. Não tem o hábito de escovar o dente e de comer? A atividade física deve fazer parte da rotina. Eu vou, eu vou com preguiça Christianni, agora lógico quando eu volto para casa eu me sinto bem porque eu consegui fazer, entendeu? Eu vou, não vou com prazer eu não... (NC. Ex.33. §4 lin108-112)”.

Elas celebram quando percebem que a idade está chegando e que elas estão conseguindo manter seus corpos saudáveis, percebem que a academia não influencia a genética do corpo, mas acreditam que pode em algum sentido amenizar a ação do tempo sobre eles. A maturidade, que supostamente é atingida com a idade mais avançada, e os encantos que este estágio do ciclo de vida pode ter, é vivido por elas heroicamente. Não nos pareceu quererem retardar o tempo e negar o que viveram e como viveram, mas atenuar as marcas que ele deixou em seus corpos impactando em sua saúde, aquelas sim são alvo de trabalho e treino constantes.

Polidez, educação, disciplina, autocontrole são características que circundam o seu *modus vivendi*, com isso não queremos dizer que elas gostem de “ver” a idade chegando, mas simplesmente que se planejam para experienciar de forma menos dolorosa esse fato. A dieta saudável a acompanha há tempos, assim como padrões de conduta rigorosos em relação ao seu corpo estabelecendo horários específicos para acordar e dormir assim como horários de trabalho e lazer.

Em nossos tempos modernos parece difícil ter essa vida assim, tão regrada, já que o acúmulo de atividades e de papéis sociais assola a todos nós de maneira a impedir uma normalização e o equilíbrio em nossas condutas cotidianas. Uma das nossas educativas, ao falar sobre a festa de aniversário que frequentou nos disse: “Eu gostei da festa (...) Saber a hora de chegar saber a hora de sair. Eu achei que foi ótima, que valeu a pena (NC. Ex.40. §2 lin7-9)⁷⁷” fazendo-nos tomar consciência da importância da utilização do tempo.

⁷⁷ NC (Extrato 40) Título: Triangulando a festa: o olhar do Outro. Data: 09/07/06 (Domingo). Início: 15hs. Término: 16hs. Horas de Campo: 77h35min. Transcrição: 17hs. Conversa com Cássia sobre a Festa. Esse extrato foi uma conversa informal que tive com uma das informantes que foi na festa da academia, queria confirmar as impressões que eu tinha tido sobre a festa com alguém. Os temas presentes neste extrato foram: (1) Hora para entrar e hora para sair da festa; (2) Ela impressionou-se com o tamanho das roupas que as mulheres da festa estavam usando, eram todas muito pequenas; (3) A socialização das pessoas foi descrita por ela como sendo superficial; (4) A diversidade de tribos de pessoas presentes; (5) Definição do perfil das pessoas da academia, que no final, terminou sendo bem eclético na concepção dela; (6) Transtorno na hora de estacionar o carro, porque a noite estava chuvosa e os manobristas estavam trabalhando mais lentamente, o detalhe que ela frisou foi o fato de os manobristas serem os mesmos da academia como sendo positivo, pois “parecia que ela estava indo para o treino”, dava mais confiança em deixar o carro com eles que ela já conhecia; (7) O “ficar”, o fato de hoje em dia as pessoas ficarem nas festas sem se conhecerem foi ressaltado por ela, pois encontramos um rapaz que ficou a noite toda insistindo.

A modernidade criou um tempo que não existia, esse tempo real do computador que aniquila a diferença existente entre a noção de noite e dia (e conseqüentemente de descanso e trabalho), e que possibilita a comunicação com qualquer pessoa do mundo em qualquer instante bastando uma linha de comunicação. As interfaces estão geradas e as nossas percepções de espaço e tempo estão sendo alteradas⁷⁸. Administração do tempo essa é a disciplina do tempo que vivemos. Em campo observamos, inclusive versões compactas de treino para aquelas alunas que estavam “sem tempo” de fazer o treino completo. Conforme o diálogo abaixo, extraído das nossas notas:

“Eu estava fazendo a esteira perto de Cássia e aí Ricardo, um dos instrutores, chegou perguntando: E aí Cássia, estais com tempo hoje ou quer fazer a versão compacta do treino?
Cássia responde: Hoje dá tempo de fazer a versão completa (NC. Ex.42. §12 lin133-135)”.

Em alguns momentos também erram e celebram o erro por meio de um processo de autopunição, pois não querem falhar. Entretanto, em todo processo educativo há momentos de evolução e involução, estes últimos devem ser acompanhados pelos tutores, porque, atrelados ao suposto ou exposto fracasso, há o desestímulo e o questionamento sobre a aplicabilidade prática do conhecimento que se está adquirindo. Nesses momentos elas procuram seus instrutores, os especialistas, e o templo, para poderem se manter na linha do espetáculo e haver a redenção como apresentado neste diálogo abaixo:

“Instrutor: Você não treinou ontem?
Eu: É treinei sim. Mas aí como só tinha vindo na segunda-feira quis compensar aí vim ontem e estou aqui hoje.
Eu: É internamente a gente tem um nome pra isso a gente brinca dizendo que o sábado é o dia da CONSCIÊNCIA PESADA. O dia em que aqueles que não treinaram durante a semana todinha aparecem.
Instrutor: O pior é que é mesmo. [risos] (NC. Ex.27. §1 lin4-10)⁷⁹”.

Consciência pesada porque não cumpriu com as tarefas que lhes foram solicitadas. A salvação exige comprometimento e assiduidade ao templo e as nossas educativas sabem disso,

⁷⁸ Compreendemos aqui o conceito de interface como em Virilio (1993, p.40): “uma nova ‘superfície’ que anula a separação clássica de posição, de instante ou de objeto, assim como a tradicional divisão do espaço em dimensões físicas, em benefício de um configuração instantânea, ou quase, em que o observador e o observado são bruscamente acoplados, confundidos e ligados por uma linguagem codificada COUCHOT”.

⁷⁹ NC (Extrato 27) Título: Dia da consciência pesada. Data: 10/06/06 (Sábado). Entrada: 9:00. Saída: 10:30. Horas de Campo: 58h55min. Horário das Notas: 11:00. Treino na musculação. O extrato abordou interações que contemplavam os seguintes temas: (1) a consciência pesada das pessoas que não treinam com a frequência que deveriam treinar; (2) a importância do alongamento antes de iniciar a atividade física; (3) a recusa de um senhor em revezar a máquina porque estava suado; (4) momento de descontração entre dois instrutores e uma turma de adolescentes.

elas nos pareceram ser boas alunas, pois eram esforçadas, motivadas, faziam seus deveres de casa e se preparavam para as aulas de forma que o efeito podia ser percebido em seu corpo. As educativas são curiosas e estão sempre investigando sobre as melhores técnicas corporais não só em nosso templo, usufruindo inclusive da sauna que o mesmo dispõe, mas também freqüentando outros lugares, visitaremos, então, seus outros lugares.

2.4.4.4 A [i]materialidade dos lugares e dos artefatos

Assim como as *body-builders*, as educativas também conseguem estabelecer uma boa sintonia com o espaço do nosso templo, pois conhecem as máquinas e sabem fazer as adaptações necessárias para ajustá-las aos seus corpos e as cargas dos pesos que serão submetidas, de acordo com a prescrição do instrutor, inscritas em suas fichas. Interessante é que algumas delas conseguem fazer esse papel “melhor” do que os próprios instrutores. Fato que podemos evidenciar por meio do extrato das nossas notas de campo, exposto abaixo:

Um fato interessante foi uma aluna que, assim como eu, também tem uma estatura mais baixa do que o normal e aí o professor, que estava ajustando a máquina para uma outra aluna, chegou perto daquela e começou a observá-la fazendo o exercício. Ele estranhou por que ela estava com os pés posicionados de forma diferente para poder alcançar o chão. Depois de algum momento observando, ele falou: “ah, tá entendi”. E foi engraçado porque aí depois os dois riram da cena [pensei: então “essa tecnologia” não está tão avançada e universal assim ela é boa para quem está dentro padrão].

Assim, podemos dizer que tecnologia enquadra, rotula, padroniza e mecaniza ações privando-nos, em alguns momentos, do poder que temos de criar. Os dois tiveram que abandonar o script para poderem atuar melhor. Ao pensar nas educativas não estabelecemos analogia direta com lugares específicos da academia como fazemos com as primeiras que ficam perto dos espelhos e as sociáveis que pareceram preferir os treinos aeróbios. As educativas transitam por todo o ambiente, pois sabem que o sucesso do treino está no equilíbrio e na harmonia das partes que o compõe, assim, faz-se necessário ter disposição para explorar todos os lugares indiscriminadamente.

Podemos elucidar alguns objetos que fazem parte do seu mundo: balança, tênis, calças, camisetas, *tops*, adipômetro, isotônico, bebida energética, suplementos nutricionais (i.e., vitaminas, barra de cereais, proteínas, creatinas, entre outras), luva, toalha, revistas especializadas, bolsa para o treino, entre outros. O vaporizador que detém um líquido anti-séptico é amplamente utilizado por elas que fazem uso daquele antes de entrarem em contato

com as máquinas, pois higiene é saúde e não é isto que elas estão buscando? Parecem até exagerar um pouco, em campo encontramos uma pessoa que se recusou a revezar a máquina com um outro praticante porque estava suado⁸⁰.

A relação com a academia não chega a ser tão íntima quanto a que as *body-builders* estabelecem tendo-a como uma espécie de extensão da casa porque é só lá que conseguem encontrar outros que compartilham sua visão de mundo. As educativas têm outros lugares públicos tão importantes quanto aquele, a exemplo podemos citar os consultórios médicos e as clínicas de estética. A casa proporciona a sensação de acolhimento, conhecimento, e reconhecimento, e é essa mesma sensação que se busca nos lugares que freqüentam, conforme nos fala uma de nossas informantes:

“Abandonei aquela clínica de estética. Povo chato sabe. Paguei o pacote, mas não gostei não. Muito chato lá. Eu tinha feito até ter bebê com uma mulher que estava acostumada, é diferente. Não gostei daquela gente besta. Você nunca faz com a mesma pessoa, uma faz de um jeito a outra faz de outro, aí não acompanha é ruim. Tem que ficar explicando a mesma história. É aí terminei sem ir mesmo (NC. Ex.47. §11 lin108-112)⁸¹”.

A educação é um regime disciplinar que pressupõe padrões de condutas adequados frente às mais diversas situações, assim cabe-nos frisar que aquele regime faz parte do processo civilizador, que mostrou ao Homem que o estar em sociedade e conseqüentemente o estar em contato com o Outro pressupõe compromisso. As educativas primam pela formação de relacionamentos no lugar do agir por meio de simples interações, por isso, a insatisfação da informante acima quando não obteve isso na empresa com a qual deveria se relacionar o que a fez abandonar o tratamento mesmo já tendo efetuado pagamento por ele.

Em outro lugar desse texto falamos da higiene e vale ressaltar que esta também é uma prática que faz parte desse processo de civilizar e disciplinar o Homem. Seus lugares (os das educativas), modernos em sua essência, detêm essa característica, que nos remete aos elementos de tecnologia e à sensação de frieza, pois a tecnologia e a sua versão de

⁸⁰ Revezar a máquina é uma prática comum na sala de musculação. É a ação que faz a pessoa ceder a máquina para outro praticante enquanto dá o tempo necessário de espera entre uma série e outra de exercício. A situação ficou constrangedora porque a maioria das pessoas não se opõe ao revezamento e a pessoa quando negou saiu de junto, em um processo de evitar a face, como diria Goffman (1984), foi uma ação desviante.

⁸¹ NC (Extrato 47) Título: Lento e lá embaixo. Data: 21/07/06 (Sexta-feira). Entrada: 7:30. Saída: 9:10. Horas de Campo: 86h25min. Horário das Notas: 12:00. Treino na musculação. Esse extrato foi escrito em dez partes que abordaram os seguintes temas: (1) O clima da academia no horário da manhã; (2) Posse frente aos equipamentos da academia; (3) Uma mulher dando o “toque” para a outra; (4) Reflexão sobre a pergunta: e aí a carga está boa? (5) A dificuldade em formar vínculos sociais na musculação, esta parece criar um ethos de distanciamento entre as pessoas; (6) A descartabilidade presente na academia, assim como diz Fontenelle (2002) estamos em época de uma cultura descartável; (7) Dicas para executar melhor o exercício; (8) Negociação do treino; (9) Resultado da malhação; (10) Apetite fica maior quando se está praticando atividade física.

comunicação digitalizada, atualmente vende ambientes virtuais livres de sujeira e de imperfeição, coisas comuns somente ao corpo do Homem do mundo da terra de carne e osso, que para alguns (i.e., teóricos pós-humanos) parece estar ultrapassado. Essas são as imagens que seus lugares remetem, suas cores são claras, transparentes ou cinzas e a perfeição parece reinar neles, diferentemente dos ambientes das *body-builders* que são obscuros, escusos e por vezes ambíguos.

Elas freqüentam a academia para adquirir saúde e consciência corporal. Para elas a atividade física constitui num fator de equilíbrio em suas vidas expresso na interação entre o espírito e o corpo, a afetividade e a energia, o indivíduo e o grupo, o que promove a totalidade. As imagens dos corpos saudáveis, como os que estão representados nas imagens dos painéis fixados nas paredes e descritos em nossa nota de campo logo abaixo citada, representam esse aspecto, nos rendemos, então a uma dessas imagens:

“Hoje estive observando o painel enorme que tem na parede da sala de abdominal (sua dimensão toma a parede toda de lado a lado e de cima a baixo). As fotos estampadas são fotos de uma mulher; mulher “normal” não é aquela imagem de uma mulher de corpo super definido, malhadora, loura. Ao contrário, é uma morena vestida de short e blusa com o corpo torneado, mas não exagerado, saudável, correndo em um parque super arborizado com flores bem coloridas e bem cuidado (*ambiente natural o uso das cores, das sombras estava muito bem elaborado*) a imagem está muito bem estruturada nos fazendo ingressar nela permitindo-nos sentir por meio da imaginação a sensação do atrito do vento batendo no corpo daquela mulher e a liberdade que o correr em ambiente natural proporciona. Parece até que a imagem é em vídeo e não em foto de tão perfeita que a mesma se apresenta. (NC. Ex.44. §5 lin67-78)”.

A educação física para elas é um processo amplo e continuado que, como dito em outro momento, pode estar atrelado à estética e terapias científicas práticas, uma perspectiva holística e complexa que nos faz questionar sobre o que está por vir em nosso texto: que crenças e valores estão incorporados em suas práticas?

2.4.4.5 [...] das crenças e dos valores

Assim, por um lado: ser uma educativa é ter uma filosofia de vida que busca saúde, bem-estar e qualidade de vida sedimentada por uma crença de que se pode intervir na realidade da saúde do corpo, em outras palavras, a crença de que se é um agente educador,

transformador e reflexivo. O seu prazer gira em torno da construção do corpo por meio da disciplina e da prática de hábitos saudáveis em seu cotidiano.

As crenças que cultuam em torno de si e dos Outros, amplamente refletidas nas seções anteriores podem ser sintetizadas nos seguintes pontos: (1) a tecnologia é um meio utilizado de forma conscienciosa para atingir a sua finalidade que é o corpo saudável; (2) o sedentarismo não ajuda a atingir o bem-estar que buscam, este está aliado à prática da atividade física, pois ela é um dos componentes fundamentais para o bom funcionamento do corpo; (3) ser saudável é ter um corpo funcionando bem e que seja refletido, percebido, nas dimensões do seu interior e exterior.

Desta forma, um dos valores centrais é a saúde que está aliada à estética e conseqüentemente à disciplina, que neste caso se remete a uma questão de conduta moral em relação ao corpo, uma atitude moderna que está ligada, entre outros fatores, à ética puritana e hedonista. Outros valores abstraídos e observados por nós em sua prática são: perfeição, equilíbrio e harmonia.

Por outro lado, cabe ressaltar, que ser uma educativa é também cultivar uma idéia implícita de violência contra si, quando percebemos que a metáfora de corpo-perfeito que parece permear as suas ações aniquila a subjetividade e o caráter emocional (disfuncional) que interfere em seu funcionamento. A modernidade ao mesmo tempo em que constrói hábitos saudáveis, como a atividade física e o controle da dieta, por exemplo, destrói quando ajuda a construir uma sociedade de seres humanos frustrados porque não conseguem ser perfeitos e previsíveis.

Assim, a racionalidade presente na ação de uma educativa, essa do indivíduo ser o senhor de si, centrado, disciplinado e interventor da natureza corporal é uma razão essencialmente instrumental que parece não considerar a complexidade inerente às ambigüidades do mundo da vida que inclusive vai de encontro ao manifesto mundial de Educação Física (2000) que a define como sendo “o elemento de Educação que utiliza, sistematicamente as atividades físicas e a influência dos agentes naturais: ar, sol, água, etc. como meios específicos, onde a atividade física é considerada um meio educativo privilegiado porque abrange o ser na sua totalidade”, em integração com o seu meio natural. Em contrapartida a questão que cabe aqui é: onde e em que circunstâncias se encontram os meios naturais e públicos para se exercer essa totalidade do Ser?

2.4.5 A atleta “fds”⁸²: um corpo ativo

2.4.5.1 A [i]materialidade das suas formas de expressão

Corpo de atleta: em princípio, um corpo inevitavelmente marcado pela prática do seu esporte. Para as jogadoras de basquete um corpo alto e ágil, para as halterofilistas um corpo pesado e forte, para as nossas praticantes de musculação um corpo magro que apresente harmonia e equilíbrio em suas partes, por meio de um delineamento perfeito dos músculos que devem estar aparentes, assim como as veias por onde circulam o seu sangue.

Essencialmente antagônico ao das *fitness*, o corpo da nossa atleta “fds” é um corpo ativo, sendo assim, não sedentário, que representa de forma primorosa a identidade contemporânea caracterizada pela liberdade no seu usufruto, porque parecem ser mais descompromissadas em relação às suas performances no palco do nosso templo.

Tomando emprestado o termo de Baudrillard, elas são um simulacro⁸³ da atleta “pro” e das nossas *body-builders*, pois talvez quisessem ser uma dessas de verdade, mas não são, pois para ser uma delas exige-se outras características que serão discutidas mais adiante, que elas parecem não possuir. Assim, o ideal de representação de corpo para elas é o corpo magro, forte, com grande quantidade de massa muscular aparente, e em atividade.

Corpo que expressa um estilo de vida ativo⁸⁴. Uma “mulher ativa” e moderna, que trabalha fora e que não quer deixar de ter contato com a parte humana do seu corpo que sua, que treina, que se desafia pelos múltiplos papéis sociais que exerce e que quer ter um tempo para seu lazer e para si. Corpo que expressa ruptura com o padrão antigo de domesticidade feminina, da fragilidade que aquele impunha.

Seu olhar é firme, determinado, nos passando a sensação de que quando estabelecem uma meta se comprometem em cumprir, pois são competitivas, afinal aproveitam a oportunidade que as outras, que um dia enfrentaram o espaço público, da cidade e do trabalho pela primeira vez lhe concederam. Uma de nossas informantes em campo, nos diz: “(...)agora

⁸² Usamos “fds” para abreviar “final de semana”, já que são aquelas praticantes mais sedentárias e que visitam o templo com uma frequência menor que as outras.

⁸³ O simulacro para Baudrillard (1995) é denominado como sendo uma realidade “mascarada”, imaginada que está consentida apenas pelas imagens e representações que fazemos delas, é a hiper-realidade.

⁸⁴ Utilizamos o termo “estilo de vida” como em Featherstone (1995), para indicar individualidade, auto-expressão e consciência de si estilizada.

que entrei de férias vou fazer de tudo para aproveitar mais o meu tempo aqui na academia, vou me transformar em uma atleta (NC. Ex. 1. §15- lin 127-129).”

O andar é apressado, as passadas são rápidas, elas nos dão a sensação de querer ultrapassar o tempo. Há certa dose de firmeza e rigidez em seus gestos e movimentos, buscam, mesmo que de forma implícita, um padrão de conduta masculinizada que o mundo do trabalho e do esporte lhe “solicita”, entretanto, como dito em outro lugar desse texto não era de interesse nosso investigar a variável sociológica denominada gênero e sim o significado que o sujeito atribui à experiência do ato de malhar, esta como sendo um consumo cultural.

Para a atleta clássica, que enfrenta torneios, as metas são atingidas quando ela consegue ultrapassar as marcas já alcançadas. É uma questão sempre de superação e desafio. Para as nossas atletas “feds” a meta e a motivação da praticante são o próprio exercício físico e as sensações que a sua prática produz. É o resultado de uma valorização diferente do corpo, de uma mística e de um jogo hedonístico consigo mesmo que difere da moral competitiva tradicional. Uma de nossas informantes em campo nos diz: “Vir para a academia é uma questão de disciplina pra mim. É o maior sufoco, tenho que levar a filha para a escola, trabalhar, é dureza, o tempo é muito limitado. Mas tem que ter tempo pra mim (NC. Ex. 8. §7- lin51-53)”.

Um corpo que reflete o estilo de vida [pós]moderno de uma sociedade desobrigada onde a pluralidade de formas de expressão é “consentida” por um lado, pois pudemos observar as diversidades em suas formas, mas a obrigatoriedade moral de cuidar do próprio corpo está presente por um outro lado, incluindo o tempo necessário para a atividade física como um lazer, uma válvula de escape, que é fundamental para haver uma maior qualidade de vida. Sendo assim, se envolvem nas caminhadas que a academia patrocina, em peladas com amigos nos finais de semana e em esportes de aventura.

Em uma tentativa de salvação da sua face, como em Goffman (1984), elas fazem questão de exibir a característica do estilo de vida ativo usando roupas de marcas esportivas, tênis, às vezes fora da academia, e são capazes de deixar em seu carro a mochila que levam com o seu toucador, pois para elas não basta Ser tem que Parecer e, muitas vezes, Parecer sem Ser. “Confortáveis e atuais: marcas investem no *sportwear* e apostam em novos conceitos para seduzir os adeptos do mundo *fashion*”, como a chamada de um periódico que li quando estava em campo⁸⁵.

⁸⁵ O periódico foi uma revista; a *Via Sports* magazine. Edição nº 35. Ano IX. Junho de 2006. A seção que a matéria estava localizada era denominada *Style*. A matéria mencionava que o estilo *sportwear* virou conceito de

Em suas interações sociais parecem sintetizar as formas de expressão verbal das sociáveis e educativas com a agilidade e os toques, expressões não-verbais, das *body-builders*, fazendo-nos crer que possuem habilidade social. Desta forma, ao falar, falam em um ritmo acelerado, denotando extrema afinidade com o mundo das palavras, ritmo aquele que interpretamos como produto de alguém que sente ansiedade.

Na academia elas chamam a atenção devido a sua espontaneidade e pelo interesse que exibem pelo tema “esportes”, é lá que elas se [re]alimentam. Em essência, possuem conhecimento das máquinas e das séries de exercícios, parecem que dominam o ato do espetáculo que estão encenando, mesmo que seja de forma cínica, afinal não é um atleta de verdade, mas tenta viver a vida como se assim o fosse, cabe-nos agora uma questão: como constroem seus saberes em torno da atividade física?

2.4.5.2 A [i]materialidade dos seus saberes

Seus saberes são construídos em torno da estética do corpo ativo que engloba conhecimentos sobre: esportes, fisiologia, ecologia, nutrição e uso de remédios com a finalidade de incremento de qualidade de vida. Vê-se como um agente que incrementa a realidade do corpo que lhe foi “dado” naturalmente, assim, como todas as outras praticantes. Grande parte do conhecimento que elas constroem é envolto pelas práticas apreendidas no cotidiano e por meio de programas e noticiários esportivos que ela acompanha veiculados da mídia. Seu corpo ativo está estreitamente ligado ao lazer e a saúde que incrementa a sua qualidade de vida que está associada ao bem-estar.

A atleta “fda” não consegue ter uma alimentação balanceada, o cardápio das suas refeições é aquele dos modernos *fast foods* e dos restaurantes que fazem entrega em seus trabalhos, dificilmente conseguem aderir a um regime alimentar, já que seu cotidiano gira em torno de reuniões de trabalho que geralmente acontecem fora de hora e a administração de outras demandas que lhe são atribuídas (i.e., levar filho na escola, no esporte, fazer compras para a casa, entre outras).

Assim, observamos que a disciplina de trabalho a qual se submete é muito rigorosa e encobre muito sofrimento e abnegação, inclusive dos seus familiares, e o cuidado com o

moda, e então, marcas famosas como Adidas, Puma e *Everlast* criaram linhas exclusivas para agradar os adeptos do conceito de conforto na moda do vestir. Fala também das parcerias entre estilistas famosos como Stella McCartney e Alexandre Herchcovitch com as citadas marcas.

corpo fica subsumido aquele. Ela sabe que o aumento das exigências de se fazer uma atividade física foi induzido pela degeneração do tipo de vida que leva. A atividade física é percebida por elas como um campo onde os malefícios dos seus comportamentos e atitudes podem ser minorados, o local onde é possível valorizar o nosso “eu” (corpo) tão mitigado pelos problemas do cotidiano (PACHECO, 2000). Desta forma, como nos disse uma de nossas informantes em campo:

“Ah, para vim à academia a essa hora da manhã, penso no chocolate que comi ontem. Tenho muita tendência pra engordar se descuidar já viu, engordo mesmo. Outra coisa, penso também no dinheiro; essa academia é muito cara isso aqui é literalmente suado pra mim. Eu fazia em outra academia bem mais barata, mas fechou. E como essa aqui é mais perto de casa, não preciso pegar carro pra vir é melhor, menos um motivo para deixar de vir. Depois que comecei a fazer academia a essa hora vejo que passo o meu dia mais energizada, meu desempenho no trabalho melhora, é ótimo (NC. Ex. 16. §7-lin 41-47)⁸⁶.”

Em se tratando de um saber mais prático e midiático (i.e., saber adquirido pelos meios de comunicação) do que teórico, a intuição e o “feeling” são aspectos presentes na construção do seu conhecimento, assim, quando uma de nossas atletas “fds” conseguem obter uma experiência mais prazerosa e exultante em alguma prática de atividade física elas compartilham com as outras.

A noção de totalidade do Ser, que situa o homem e a natureza como parte de um todo uníssono, embasa seus saberes. Assim como as educativas, as atletas “fds” idealizam uma maior aproximação com os elementos da natureza que acreditam ser a fonte de vida maior para fornecer energia ao seu dia-a-dia, este que está fundamentalmente tecnologizado. Daí a sua pré-disposição a fazer esportes de aventura, escaladas, rapel, etc.

Lembremos de o quanto os Homens esquecem dos desafios que a natureza impele porque pretensiosamente quer dominá-la, isso desde épocas remotas, e durante a caminhada “ecológica” que participamos com muitas atletas “fds” aprendemos um saber básico em torno daquela: respeito. Não respeitamos nem a natureza do ambiente quando invadimos o espaço do sol que estava na sua hora de brilhar e ainda reclamamos dele e nem a natureza dos corpos

⁸⁶ NC (Extrato 16) Título: Melhora do fluxo do sangue por meio da panturrilha? Data: 19/05/06. Hora de Entrada: 5:45. Hora de Saída: 7:15. Horas de Campo: 43h50min. Hora das Notas: 7:30. Treino na Musculação. O extrato foi escrito em 10 partes que abordou os seguintes temas: (1), (2) e (3) O ambiente da academia; (4) A preocupação com a saúde; (5) Dizeres fixados nos painéis da sala: “Seu corpo. Sua melhor imagem” e “Quer um toque para entrar em forma? Temos vários”; (6) Descrição da sala do ciclismo *indoor*; (7) Interação entre a pesquisadora e uma informante de onde foi extraída a citação do corpo do texto; (8) Interação entre a pesquisadora e um instrutor; (9) e (10) Interações entre instrutores e praticantes que abordaram: a estética do corpo de uma delas e a saúde, pois teve a sua pressão arterial aferida.

das atletas “fds” que indubitavelmente não estavam aptos a andar durante três horas ininterruptas. Como registrado em nossas notas de campo:

Desrespeitamos, e ainda culpamos o sol. Sobre isso até a minha companheira de caminhada falou: ah, não marcaram mais cedo porque as pessoas saem na sexta-feira a noite e aí para acordar cedo no outro dia fica ruim. Não lembramos mais do quanto o sol queima a não ser que experienciemos isso e como estamos longe, trabalhando em nossos ambientes climatizados fica cada vez mais difícil respeitar sem conhecer as regras que estão por trás (NC. Ex. 51. §10- lin 171-176).”

A segunda natureza do homem (a tecnologia) quer dispor da primeira a seu bel prazer, quer torná-la cada vez menos natural, mais elaborada e produzida e assim a primeira natureza desaparece progressivamente e fica cada vez mais difícil a definição da relação entre natureza e cultura, entre o natural e o artificial o que gera uma crise ecológica.

2.4.5.3 A [i]materialidade das celebrações e temporalidades

Dramas e alegrias. Experiências que deixam marcas físicas e emocionais, a congregação de vários substantivos, verbos e predicados que expressam o sentido das situações, das celebrações, das condições do tempo vivido, das interações.

Tempo vivido com qualidade de vida. Para pensar a vida devemos pensar a morte, mas como relacioná-la ao projeto de vida? Virilio (1984) fala que a morte não é triste é o próprio Ser e que precisamos reconhecê-la como um organizador da vida. Ao nascer já estamos morrendo. Queremos adiar a morte e o envelhecimento, mas estes fazem parte da nossa condição humana e assim da vida. Desta forma, passamos pelos estágios da raiva, da negação, da negociação e da depressão antes de passarmos a aceitar a morte como parte da vida.

A atividade física incrementa a qualidade de vida dando a impressão apenas de nos distanciar da morte, fazendo-nos envelhecer de forma mais saudável por meio da preservação do nosso corpo. Lembremo-nos que o que anima o corpo é a alma e as nossas atletas “fds” sabem disso, desta forma, buscam a vida, a alma, ao ativar o seu corpo, mesmo que por pequena quantidade de tempo disponível.

Desta forma, freqüentam pouco a academia, mas quando o faz, faz intensamente, celebrando e em horários inusitados, sábado, domingo, final de noite ou início da manhã. Assim, elas celebram a oportunidade de se tornarem menos sedentárias e urbanas e também a oportunidade de terem o contato com a natureza, mesmo desrespeitando-a e sendo

desrespeitada. Como apresenta o trecho de um dos diálogos da caminhada “ecológica”, depois de as duas mulheres terem andado pelo caminho errado da trilha:

Mulher 1: O problema é que quem tem que ir na frente é o guia, né? Cadê ele?

Mulher 2: Estou vendo não.

Mulher 1: É bom que o guia nem esteja realmente na frente se não vai ser linchado. A gente aqui com esse corpo atlético, esbaforida, cansada, depois de ter perdido o caminho. Ele que não apareça (NC. Ex. 51. §10- lin 171-176)⁸⁷.

A natureza é cíclica e exige o conhecimento dos seus ciclos para que haja uma maior harmonia entre ela e os Homens. Nela existe a definição das dimensões do tempo: as estações, os meses, os períodos que marcam o dia e a noite. Época para plantar e época para colher. Nascimento, crescimento, maturidade, declínio e morte. O que é preciso fazer para ser uma atleta “fds”, então? Que caminhos elas percorrem até se tornar uma delas, que marcas são impressas nelas e expressas por elas em seus rituais?

A socialização da atleta “fds” com o mundo da musculação é tranqüila, pois, esta atividade física lhe fornece a autonomia que aquela precisa para poder freqüentar a academia quando lhe for mais conveniente. Quanto à compreensão dos códigos de conduta também, pois, ela detém afinidade com o mundo dos esportes. Para elas a liberdade de poder escolher a hora é fundamental, para os instrutores um aspecto que compromete o rendimento e os resultados que o treino pode proporcionar, que eles tentam reverter “fiscalizando” a freqüência delas.

Parece que eles não entenderam que elas vão à academia por lazer, o que nos remete a uma das lembranças que o texto sobre a indústria cultural de Horkheimer e Adorno (2000) nos imprime: a mesma lógica utilizada nas horas de trabalho, utilizada também no lazer, nos momentos de entretenimento e a falência do projeto daquela que em princípio era aliviar o Homem do mundo do trabalho e da sua lógica mecanicista, a sucessão automática de práticas reguladas, fornecendo-o diversão.

Em campo, era muito comum os instrutores cobrarem as ausências das atletas “fds”, afinal eles eram os diretores da cena e o seu papel é o de definir e distribuir o papel dos atores que estão encenando o espetáculo, como diria Goffman (1984). Uma das cobranças mais criativas que escutamos em campo foi:

⁸⁷ Mulher 1: Perfil: estatura baixa, olhos puxados parecia ter origem oriental, 40-45 anos, separada, três filhos, cabelo preto liso longo, corpo estilo violão. Estava usando uma maquiagem forte, batom avermelhado, lápis de olho preto. Usava uma calça preta e a camisa da caminhada com um colar preto por cima.

Mulher 2: Perfil: estatura baixa, olhos castanhos, 50-60 anos, separada, dois filhos, cabelo castanho claro, curto, ondulado, corpo gordo. Usava uma calça preta e a camisa da caminhada.

Instrutor Luciano: Sumida hein?

Mulher: É estava trabalhando não deu para vim essas duas últimas semanas.

Instrutor: Ah, na próxima vez me diga que aí você pega uma dispensa para o trabalho aqui na academia dizendo que não vai poder comparecer porque se for vai atrapalhar o treino, sua vinda a academia e definitivamente isso não pode. [A entonação que ele usou para falar isso é que chamou a atenção; foi em tom sarcástico, assim como a sua proposta].

Mulher: É com certeza é melhor estar aqui do que trabalhando. [risos] (NC. Ex. 13. §7- lin 61-67).

A atleta “fds” é uma aspirante a atleta “pro”, não é uma dessas porque não consegue ter a disciplina na prática do esporte, não consegue se comprometer porque não prioriza isso dentre as múltiplas tarefas que tem que exercer em seu cotidiano. Celebram quando podem ir à academia porque é um momento raro e ficam querendo aproveitar ao máximo quando estão por lá, o que às vezes atrapalha porque chegam ávidas para experienciar a situação do treino e terminam exagerando. Os instrutores, nesse momento, que deveriam gerenciar a situação terminam se envolvendo só com uma parte do seu papel que é o de querer que a aluna tenha resultado e “esquece” de frear os excessos que aquela esteja cometendo no treino⁸⁸.

Quando elas começam a freqüentar a academia o seu *status* é o de atleta “fds” com o potencial de se tornar uma atleta “pro”, pois pudemos observar que, primeiramente, elas começam freqüentando a academia de forma descompromissada com certa freqüência, depois de algum tempo começam a se sentir bem, a perceber que a qualidade de vida melhora, que consegue desempenhar melhor o trabalho, a sua auto-estima fica mais elevada, o corpo (mente e matéria) sentem os resultados daí elas começam a encontrar um tempo nas agendas e se comprometem um pouco mais com o treino e em um piscar de olhos estão mais tempo fazendo exercícios, solicitando dos instrutores séries mais complexas e se envolvendo mais o que a leva ao segundo status.

Os instrutores começam a ficar mais tempo junto delas e a motivá-las chamando-as de atleta, a propósito, um termo bem empregado lá na academia, agora lá não treinam atletas de verdade que vão para as olimpíadas⁸⁹. Eu não sou atleta, Cássia não é atleta, e quando

⁸⁸ Lembrei-me agora que passei duas semanas sem conseguir treinar depois da caminhada “ecológica”, sentia muitas dores nas pernas, tomei relaxante muscular durante uma semana para poder agüentar a dor.

⁸⁹ Faço uma correção no texto, já que, soube da existência de duas atletas profissionais que treinavam lá, mas não consegui acompanhar seus treinos, primeiro porque estava fazendo uma pesquisa de caráter privado e segundo porque também não consegui vê-las freqüentando a academia o que me remeteu a seguinte questão: será que é só uma ladainha vociferada pelo nosso templo?

chegávamos lá a recepção era emitida com aquele termo. O que nos remete a uma questão: o que é ser atleta e o que está por trás desse termo tão comum na academia?

Ao vermos um atleta intuímos, no senso comum, que é uma pessoa que gosta de transpor desafios, sair da inércia (deixar o sedentarismo), ter um corpo em atividade, estabelecer metas e a sua conseqüente superação. Ter disciplina e equilíbrio em suas ações cotidianas e buscar a saúde para a mente e o corpo são outras características. O atleta é sinônimo de compromisso. As nossas atletas “fds” parecem não atender a esse pré-requisito fundamental, mas gostariam de ter em seu comportamento algumas dessas características que serão mais bem evidenciadas na próxima seção intitulada de crenças e valores.

Depois de socializada no mundo da musculação e de compartilhar com os códigos de conduta dele, um rito de passagem para se tornar uma atleta “fds” se institucionaliza: o treino novo. Caracterizamos o treino novo como um rito de passagem porque a pessoa só vive essa experiência depois que já passou pela fase de adaptação onde conhecem as máquinas, a lógica do treino por grupos musculares, a importância de cumprir o ritual de alongamento, aquecimento, para só assim iniciar as máquinas e o treino ganhar a devida significação e identificação, desta forma a atleta “fds” transcende o que e Luckman (1976) chamam de socialização primária⁹⁰.

Desta forma, nosso “bebê” começa a se tornar “criança” e a fazer escolhas de acordo com o mundo com o qual se identifica. Em campo pudemos observar essa transcendência da socialização primária e o fato de que a socialização, como os supracitados autores nos dizem, nunca é total e jamais está acabada. O que permite nos aproximar do conceito de socialização de Goffman (1984) quando diz que este é um processo que requer interpretação à cerca da situação a qual o ator está envolvido. Assim, o treino novo é um [re] começo que faz a pessoa passar por um novo processo de adaptação, novo somente em algum sentido, porque já teve a oportunidade de experienciar algumas partes dele. Por exemplo, as dores que a pessoa sente no corpo ao fazer os primeiros dias de treino novo são parecidas com aquelas primeiras, entretanto, o desafio de ter ultrapassado os primeiros meses e ter alcançado essa nova fase a

⁹⁰Para os autores, a socialização primária se dá por um processo de interiorização da realidade objetiva que dada sociedade transmite para o indivíduo que só se efetua a partir da interpretação que aquele dá ao fato e este como sendo dotado de sentido, que pressupõe a significação. Na forma complexa da interiorização, não somente “compreendo” os processos subjetivos momentâneos do outro, mas “compreendo” o mundo em que vive e esse mundo torna-se o meu próprio, processo que só acontece quando há uma identificação que só se realiza em horizonte que implica um mundo social específico. Desta forma a identidade, a realidade e sociedade fazem parte da cristalização do processo de interiorização inerente à socialização.

conduz para um novo horizonte o de poder antecipar e remediar as mazelas que o processo tenha inculcido anteriormente.

Lembramos nesse momento do sorriso no rosto e da alegria que uma de nossas praticantes exibiu no dia em que chegou à academia, quando foi imprimir o treino e viu que aquele era novo. Sorriso que denotava também certo orgulho e quando foi falar com um dos instrutores para poder lhe explicar (i.e., socializar) sobre as máquinas, as repetições e a série como um todo este lhe disse: “tem que evoluir, não é? E ela concordou: é (NC. Ex. 24. §6- lin 40)”. A evolução faz parte do show.

Como já dito em outro momento desse texto, o corpo sofre as intempéries do tempo, ele amadurece, envelhece, ganha novas formas e incorpora uma nova funcionalidade que exige cuidados diferenciados. O corpo representado nesse momento da vida “ganha” uma “nova” imagem e a nossa sociedade das imagens é a primeira instituição a invalidar esse corpo colocando em evidência, apenas, os mais jovens, afinal esses consomem mais e é mais fácil vender para eles.

As nossas atletas “fds” sentem essa passagem do tempo porque o vigor que a outra fase tinha vai acabando e conseqüentemente a atividade que elas tanto primam também declinam. Uma delas nos diz, em um dos momentos da caminhada, entre uma fala ofegante daqui e outra dali: “É fogo Chris. A idade vai chegando a gente perde o pique mesmo. O corpo já não responde as nossas vontades da mesma forma. [Eu respondi, de forma a tentar animá-la]: “É final. Parece que só faltam três quilômetros (NC. Ex. 51. §27- lin 442-444)”. Ou seja, na razão da atleta “fds”, o envelhecer a torna mais distante do foco central da sua ida à academia que está atrelada a obtenção do corpo ativo.

Ao avançar a idade adquirimos maturidade, esta que pode ser definida como sendo um estado, uma condição (de estrutura, forma, função ou organismo) do estágio adulto; uma condição de plenitude em arte, saber ou em habilidade adquirida, quando o assunto é corpo e aparência é difícil encontrar aquela pessoa que deseje estar em estágio de maturidade. Mas se o corpo é a síntese da nossa exposta aparência e suposta essência, porque não aprendemos a nos render aos encantos que a essência exala no lugar das aparências, do que está exposto?

Neste sentido, uma de nossas atletas “fds” falou que não trocava seu corpo de 37 anos por aquele que ela tinha na idade dos 15, pois agora está com o corpo que sempre quis ter, faz atividade física há mais de treze anos. Assim, nos levando a crer que nunca é tarde para se beneficiar dos efeitos aparentes que a atividade física proporciona ao corpo.

Como acontece com as *body-builders*, um rito importante é o convite para participar de eventos fora da academia. Em busca de estreitar suas relações sociais e com a natureza, elas vibram quando têm a oportunidade de ativar seus corpos em outros lugares, passemos então a investigar as suas relações com aqueles e também com o mundo material que os compõem, em nossas próximas linhas.

2.4.5.4 A [i]materialidade dos lugares e dos artefatos

As atletas “fds” gostam de fantasia, de lazer, de experiência, do componente lúdico e da sensação que a atividade física lhe propicia, por isso pareceram preferir atividades *outdoors*. Na área da musculação, percebemos que era mais comum encontrá-las fazendo exercícios aeróbios, queremos dizer, esteiras, *transports* e bicicletas.

As aulas “enlatadas” citadas em outro lugar desse texto como sendo um dos lugares das *fitness*, também fazem parte dos lugares das atletas “fds”. Cabe ressaltar que quando a praticante começa a freqüentar mais a academia ela começa a criar uma identificação maior com certos equipamentos e lugares, pois muito embora a tecnologia padronize, ainda assim, tem uns que se adaptam melhor ao corpo do que outros, mesmo sendo duas esteiras do mesmo fabricante e do mesmo modelo. Em uma de nossas notas de campo registramos essa peculiaridade:

“Ouvi duas falas interessantes hoje. A primeira foi de uma mulher que estava falando com a outra, as duas estavam fazendo bicicleta, a primeira chega e falou: ‘olha eu gosto mesmo é dessa bicicleta, as outras não são iguais a ela’. E a outra responde: ‘que besteira, é tudo igual’. A primeira responde: ‘para você, para mim não, prefiro esta e pronto’ [risos]. Engraçado que um outro rapaz que estava do meu lado falou a mesma coisa sobre a esteira dizendo que aquela que ele estava fazendo era a esteira “dele”. É uma espécie de posse e de reconhecimento frente aos equipamentos da academia e de delimitação do espaço conseqüentemente. Impressionante terem acontecido em um mesmo dia e em questão de minutos uma observação depois a outra (NC. Ex. 47. §2- lin 7-15)”.

Fora as máquinas específicas supracitadas, podemos elucidar os seguintes objetos que fazem parte do seu mundo do esporte fictício: tênis diferenciados, calças tac tel de malha ou lycra, shorts, camisetas, *top*, balança, isotônico, bebida energética, suplementos nutricionais

(i.e., barra de cereais, proteínas, creatinas, entre outras), luva, toalha, revistas especializadas, bolsa para o treino, entre outros⁹¹.

O tênis recebeu a posição de liderança nos seus artefatos porque como dito em outro momento, a moda de esporte está invadindo as ruas e este é um dos artefatos mais “democráticos” no sentido de poder ser utilizado em “mais lugares”. Já conseguiu ver um atleta sem tênis? Eles são a base do corpo que quer mostrar e “estar em atividade”.

As atletas “fds” da nossa academia freqüentam praia e campo simplesmente porque não excluem as oportunidades e lugares que possam usufruir do contato com a natureza. Sobre tênis e natureza, em nossos registros de campo encontramos uma passagem relevante que fala de um momento que tivemos que atravessar um riacho e tirar o tênis:

“Em um momento tivemos que atravessar um pequeno riacho para chegar em nosso destino, que era a hípica. Os organizadores da trilha amarraram uma corda nos caules de duas árvores, de um canto a outro, assim a travessia ficou mais tranqüila, pois pudemos colocar nossas mãos nesta corda para equilibrar o corpo e não cair. Tiramos o tênis e colocamos os nossos pés em contato com a água, que estava super gelada, e com o fundo do riacho que estava cheio de lodo e escorregadio. Tinha também umas pedrinhas, pequenos obstáculos, que massageavam os nossos pés. A sensação foi ótima, pois aliviou o calor que estávamos sentindo em nosso corpo, proporcionando frescor, alívio e uma dormência deliciosa nos pés que estavam apertados e andando há mais de duas horas (NC. Ex. 51. §31- lin 548-557)”.

As atletas de “fds” assim como as “pro” estabelecem metas a serem atingidas e também são movidas a desafios e transposição de obstáculos, essa é uma das aproximações que nos fizeram colocar sob a mesma categoria de atleta, porque a determinação, a vontade de vencer é algo que está presente, tanto nesta que vem só para o final de semana quanto para aquela outra que treina como se fosse uma profissional que compete para ganhar prêmio. Aqui o prêmio que se ganha é não pagar o mico de não conseguir ir até o final, como nos disse uma delas na caminhada: “eu fiquei pensando: eu vou chegar, eu vou chegar, eu vou chegar, eu vou chegar (pausa) O que eu não queria era o mico de ter que pegar a ambulância. E o contato com a natureza é ótimo (NC. Ex. 51. §38- lin740-744)”.

Passeamos pelos lugares, conhecemos artefatos, tentamos descrever as interpretações que fizemos das expressões que as atletas “fds” emitiram em campo cabe-nos agora, então investigar a sedimentação das crenças e dos valores do seu mundo.

⁹¹ Lembrei de uma das nossas atletas *fds* que reclamou a falta de Red Bull (bebida energética) na caminhada “ecológica” deste ano, segundo ela, o produto realmente energiza e dá mais força para conseguir completar o percurso que fica menos desgastante.

2.4.5.5 [...] das crenças e dos valores

Frente ao exposto até agora, podemos dizer que, por um lado: ser uma atleta “fds” é ter um estilo de vida baseado em uma crença de que, mesmo vivendo em uma época [pós]moderna e sedentária que distancia cada vez mais o Homem da Natureza, aquele pode e deve manter o contato com essa, para só assim conseguir se manter saudável e ter seu corpo ativo. Assim, seu prazer gira em torno da construção do corpo ativo, por meio da prática de atividades físicas que propiciem não só a saúde, o bem-estar e a qualidade de vida, mas também sensações de conquista e alegria frente à experiência a qual está envolvida.

As crenças que cultuam em torno de si e dos Outros, amplamente refletidas nas seções anteriores podem ser sintetizadas nos seguintes pontos: (1) a tecnologia é um meio utilizado por elas de forma crítica nos momentos de lazer; (2) assim como as educativas, para as atletas “fds”, o sedentarismo não ajuda a atingir o bem-estar que buscam, este está aliado à prática da atividade física, *per se*; (3) ser saudável é ter um corpo equilibrado e harmonioso e acima de tudo ativo.

Um dos valores centrais é o combate ao ócio que a modernidade traz, que inclui o prazer da experiência estética que, como dito anteriormente, está ligada à razão dos sentidos, já que o corpo ativo é o corpo que, dentre outras coisas, sente, olha, cheira, degusta e escuta e não apenas representa. Diferente do corpo moderno que deixa o imaginário maquínico tomar conta do seu Ser limitando-o em seus campos sensoriais.

Uma de nossas instrutoras fala em tom veemente: “meu filho vai ter que fazer um esporte, ele vai escolher qual, por lazer, seja o que for (...) Não quero ter um filho sedentário, a criança sedentária é mais limitada, assim como o espaço que ela ocupa e aí deixa de criar, de expandir seus movimentos ficam limitados e isso ela leva em tudo para a vida (NC. Ex. 51. §30- lin508-514)”.

O sacrifício para elas está ligado, essencialmente, à falta de tempo que têm para se dedicar ao treino o que as deixam com a sensação de culpa, muitas vezes. Outros valores abstraídos e observados por nós em sua prática foram: autonomia, determinação e sociabilidade.

Por outro lado, cabe ressaltar, que ser uma atleta “fds” é cultuar uma idéia de uma volta ao essencial, que somente em uma época assim o foi, que pode gerar frustração quando tomamos conhecimento da falta de espaços públicos e ao ar livre para podermos exercer o contato com a provedora maior de nossas vidas, a mãe-natureza.

Desta forma, a racionalidade presente na ação de uma atleta “fds”, essa do indivíduo poder ser o transformador da sua segunda natureza (cultura) e voltar a ter um contato sensível com a primeira para poder assim conquistar um corpo ativo e equilibrado nos foi apresentada de maneira clara no campo. Sendo assim, convidamos o leitor a conhecer a outra face de uma outra atleta que encontramos em campo: a atleta “pro”.

2.4.6 A atleta “pro”: Um corpo de alto desempenho

2.4.6.1 A [i]materialidade das suas formas de expressão

As atletas “pro”, assim como todos os Homens, se expressam em torno de ideais de modelos de Homem e nesse projeto investem ações, sonhos e desejos, conferindo-lhes força e uma função de utopia que lhes desafia a superar a realidade existente e chegar à perfeição (BENTO, 2002)⁹². Em campo são as nossas atletas “profissionais” (Pro) que treinam como se fosse uma atleta de competição com a finalidade de atingir o alto desempenho em sua performance.

O corpo de qualquer atleta é um corpo-produto de múltiplas intervenções e disciplinas e se expressa por meio do melhor desempenho, como se fosse um motor equipado nos aludindo a uma metáfora que seria a do corpo-máquina. Máquina, no entanto que não deixa de inspirar uma experiência estética, pois como escreveu Urbano Tavares Rodrigues, citado por Bento (2002), um crítico literário português: “ao lançar-se um dardo importa que ele vá longe, mas é preciso também que o gesto seja belo”.

É fato que desde os primórdios da humanidade, o mito prometeico do progresso, da transformação e melhoria da natureza subjaz à civilização e ilumina a sua caminhada com o fogo da técnica, da cultura, da ciência e também do esporte (BENTO, 2002). Desta forma, o

⁹²Em seu artigo intitulado: “Doping e Modelos de Homem”, veiculado na Revista eletrônica portuguesa de ciências do desporto, volume, 2, número 5, período de Julho-Dezembro de 2002. Uma publicação semestral da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto, ISSN: 1645-0523, o autor aborda as implicações que o caminho do uso do doping representa na construção do atleta de alto rendimento. Entre eles um que nos chamou a atenção foi o uso problemático da liberdade, implícito nas questões de superação, excelência e perfeição onde o ideal de perfeição é tão acentuado que aponta para além dos limites humanos naturais e leva forçosamente a equiparar o Homem à Máquina.

esporte motiva e instiga a arte, outrossim, de onde saíram as inspirações para aquelas esculturas gregas maravilhosas, senão de um ideal de um corpo atlético e perfeito?

Ao olharmos uma delas o que vemos? Um corpo que deixa impresso as marcas do seu esporte que, como já dito por outras palavras em outro lugar deste texto, *lócus* onde tudo parece estar [trans]aparente. Seu corpo deixa de ser apenas natureza primeira e torna-se um grande campo experimental dos desejos, das visões, das esperanças, das expectativas mais elevadas e das fantasias mais prodigiosas. Expressam, entre outros sentimentos, paixão pelo que fazem.

O corpo delas representa o seu troféu, o ápice do seu *modus vivendi*, que elas exibem de forma orgulhosa e no qual investem muito tempo e capital em seu aprimoramento e que sintetiza um estilo de vida de abnegação e muita disciplina. A beleza do seu corpo está na exibição perfeita dos gestos que o seu esporte exige. Em nosso templo a execução dos exercícios feita de forma ritmada e com as pausas necessárias eram condições *sine qua non* para que a performance na cena fosse espetaculosa.

Assim como as *body-builders*, as nossas atletas “pro” têm um olhar altivo, penetrante, e determinado. Seus gestos são contidos e intensos, seu “jeito de andar” possui um ritmo mais acelerado do que o das pessoas “comuns”. A exposta fragilidade da biologia do corpo natural que sente, é posta em cheque, pois, buscam transcender o que de fato possa ser tido como limite na performance esportiva. Elas não querem assumir nenhum tipo de limite, ao contrário, querem ultrapassar. Como nos diz uma delas, em campo:

“Atleta é sinônimo de dor e sofrimento. Atleta não é referência nenhuma para nenhuma pessoa saudável. Porque a gente é muito assim, pode estar machucado, contundido, quando a gente quer a gente diz: *`tá bom eu agüento, eu estou machucada, mas eu quero`*. A gente fica pensando em tudo que já viveu, no esforço, para depois dizer não? Não dá. É questão de honra. Eu preciso provar para mim que sou capaz, mesmo doente, mas assim serei capaz de ver até onde pude chegar. E a gente leva isso para tudo na vida (NC. Ex. 51. §30- lin530-536)”.

Podemos perceber no extrato acima que ela colocou o Ser atleta como um ente acima de questões de gênero, como um ser abstrato que tem um estilo de vida, um gosto, um jeito de ser, que podemos interpretar como sendo o que possui um corpo a ser comandado pelo espírito e suas volições⁹³.

⁹³Neste ponto, o leitor pode ver o artigo de Miriam Adelman, de 2003, intitulado: “Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina” que fala da “estética da limitação”, esta que representa o discurso da feminilidade na sociedade moderna, que é avaliada pela autora à luz das práticas esportivas femininas que ela identificou como prática que fornece outras representações ao corpo feminino chegando a ponto de argumentar

As nossas atletas “pro” se preocupam em fazer os exercícios de forma correta e são incentivadas, também a buscar e a desenvolver seu treino com uma maior margem de segurança possível para não haver contusões e obterem um melhor aproveitamento. Em campo estão, na maioria das vezes, acompanhadas pelo seu *personal trainer*, com a sua avaliação física em dia e com metas cotidianas estabelecidas para seus treinos. Como nos falou uma delas: “tenho *personal* porque meu treino é completamente diferente do que impõem as academias, aquelas fichinhas prontas. Meu treino muda todo dia, toda semana. Na verdade só quem sabe é o *personal*. Existe um acompanhamento. Sozinha não dá (EN. 3-lin68-71).”

A própria concepção de *personal trainer*, que lhe é cara, expressa alguns aspectos importantes a ser refletido: o primeiro deles remete a questão sobre o público e o privado, já que o usufruto de um deles desloca a pessoa do espaço “público” da academia e a privatiza, deixando o treino na musculação mais individualizado ainda e também personalizado; o segundo está atrelado ao caráter de supervisão que antes era lugar comum apenas aos atletas que competiam e hoje está uma prática de consumo cultural disseminada também aos atletas “pro”, que querem aprimorar seu desempenho físico e sua estética corporal; o terceiro alude ao comprometimento que a atleta assume junto ao seu tutor que negocia com aquela a aquisição de novos hábitos para assim poder ter o retorno esperado.

Desta forma, o incentivo do *personal* é fundamental, pois, vimos que o corpo e a alma delas são entregues a ele para ser transformado. O *personal* surge como o diretor da cena que a atleta “pro” encenará no templo. Pudemos observar que elas falam e gesticulam pouco, a não ser quando estão nas máquinas, treinando. Naquele momento se expressam: fazem caretas, gemem parecendo sentir cada fricção da máquina e dos seus músculos, e se olham no espelho de forma narcísea, nos dando a impressão de que estão tendo prazer em executá-lo.

Em nosso templo, elas chamam à atenção devido ao seu comprometimento com o treino, o desempenho que obtêm, a assistência que recebem do seu técnico, conhecimento das séries de exercícios, entre outros. A lógica do treino delas é a mesma de um atleta que compete: intenciona superar os limites que o seu corpo impõe, que em algum momento pode ser interpretado como excesso e sacrifício por aquele que está observando, como apresenta o extrato das nossas notas de campo:

em considerações finais que as evidências em campo lhe mostraram que existe a participação dessas mulheres na tentativa de desconstruir a citada estética, mas que pelo outro, se vêem imersas em uma cultura na qual a atividade esportiva das mulheres pode, de fato, ‘comprometer a feminilidade’ da atleta.

“Outra interação chamou a atenção, entre um *personal* e sua aluna. Ela parecia estar fatigada, pois exibia um semblante contorcido que nos fazia entender que estava sentindo dor e cansaço. Seu corpo estava todo contraído passando a sensação de já não agüentar mais o exercício. Pudemos observar que ela já estava usando outros músculos e outras forças, que não as solicitadas pela atividade em questão, para conseguir atingir a sua meta de concluir o exercício. O papel do instrutor era motivá-la, desta forma, ficou o tempo todo dizendo: *bora, bora, bora* [o ritmo da sua fala era acelerado, forte e ao interagir olhava no olho da aluna]. *Vai, você consegue!* Ela gemia, até que conseguiu fazer 5 repetições do exercício, ele ajudando; dando ‘o toque’. No final o *personal* dá a consolação: *ótimo, não disse que você conseguia?* [Pensei: por hora acabou o sacrifício] (NC. Ex.30. §5- lin32-39)⁹⁴”

2.4.6.2 A [i]materialidade dos seus saberes

A atleta “pro” constrói o seu saber em torno do mito do herói, independentemente do esporte que pratica⁹⁵. Em sociedades capitalistas, nas quais a mídia exerce uma forte influência, a princípio, podem ser destacados dois tipos de heróis, segundo Sabino (2003): os heróis por acaso e os heróis preparados; os primeiros são lançados heróis, defrontados com a aventura, que neles desperta uma qualidade que ignoravam possuir. O segundo tipo é o do *self made man*, aquele que persegue com todas as suas forças e glória. É em torno deste segundo que situamos a experiência que tivemos em campo.

As provações, neste processo, são concebidas para ver se o pretendente a herói pode realmente ser um herói. O passado difícil, cheio de provações, repleto de forças maléficas, é ressaltado e superdimensionado em todas as proezas. Sobre essa questão, uma das nossas informantes nos fala:

“O treino é muito puxado. Meu pai é que me treina. Sou de uma família de atletas. Agora é aquela coisa [pausa]. Você tem que se dedicar e abdicar de algumas coisas. Comecei a treinar com meu avô e na época dele era assim, tudo tinha que ser perfeito. Os exames de faixa quem fazia era meu avô, e assim, a gente tinha que tirar as maiores notas e quem avaliava era ele. Ela botava pra lascar. A gente podia

⁹⁴ Essa foi a interação de número 59 em nossas notas de campo localizada no extrato número 30. *Personal* – Praticante. Situação: Treinando na polia. Perfil do *personal* estatura média, 40-45 anos, corpo super musculoso. Perfil da aluna: estatura média-baixa, 30-35 anos, corpo com músculos bem definidos, loura, cabelos longos, usava um *top* branco com uma calça preta. Temas que interpretamos que emergiram na interação: Superação de limites do Corpo. Excesso.

⁹⁵ Sabino (2003) menciona que Lévi-Strauss em sua obra de 1984 mostra que, nos mitos, o herói tende a se separar dos seus realizando um périplo que é seguido pela maioria daqueles que almejam o sucesso. O mito estabelece, então, uma regra, um exemplo, para aqueles que objetivam realizar o mesmo processo.

fazer o mesmo golpe que a outra pessoa, mas ele não dava a mesma nota. Era super rigoroso (NC. Ex.51. §30- lin495-501)⁹⁶”.

Vale ressaltar que a musculação é um esporte que fornece a base para todos os outros, pois todo atleta profissional treina musculação para adquirir uma melhor aptidão física, incrementar a força, fortificar os músculos, entre outros. A competição na sala de musculação não se dá de forma direta como em outros esportes, como dissemos anteriormente por outras palavras, mas sim com a comparação do olhar do outro, que pode ser refletido na estética corporal e também nas cargas que as atletas estão conseguindo alcançar no treino.

Tivemos a oportunidade de conhecer uma judoca, campeã estadual, que treina musculação na academia que freqüentamos e que também é instrutora dessa modalidade naquele ambiente. Em contato com ela, pudemos observar que a construção dos seus saberes se consolida como sendo um processo de fuga em torno da possibilidade de erro e também da desilusão de perder uma competição.

Desta forma, há a internalização das regras do jogo ao qual está imposta e um estudo ampliado sobre os adversários que enfrentará. Assim, com vias a adquirir uma melhor contextualização do espetáculo que deverá encenar, a atleta “pro” se debruça no desafio de compreender e ensaiar as lutas que serão travadas no palco. Nossa atleta fala:

“Quando eu vou competir com alguém que eu não conheço, eu vou estudando o estilo de luta da pessoa, estudando, até conseguir. É um desafio. Às vezes, de acordo com o adversário você tem que mudar todo o seu estilo de luta para poder vencê-lo. E a gente leva isso para a vida da gente (NC. Ex.51. §30- lin505-508)”.

Assim, o conceito da habilidade social de Goffman nos fala da importância da interpretação da situação para se poder encenar de forma mais convincente a representação social a qual nos submetemos. A nossa atleta vence, então, quando se adapta ao estilo de luta da sua adversária e vai mais além quando diz que leva isso para a vida.

O corpo é o caminho para a sua glória e a estética do corpo das atletas “pro” está atrelada à percepção que temos e que elas têm a cerca da sua performance. Elas buscam o mais alto desempenho, e a beleza está em ir “além-do-humano” e para isso incorporam

⁹⁶ Essa é uma atleta pernambucana que se destacou na modalidade de judô e como pode ser observado no citado extrato, o esporte é algo cultivado pela família. Em outro momento da conversa, que tivemos na caminhada “ecológica” a mesma atleta fala de outras dificuldades, como por exemplo, a questão de se manter sempre no peso adequado na categoria que está enquadrada para a competição a qual irá concorrer, entre outras.

conhecimentos sobre: fisiologia, nutrição, uso de remédios e substâncias diversas. Como as outras, constroem seus saberes em torno de conhecimentos científicos ligados à área de saúde e tecnologia. O alto desempenho é alcançado por meio de alimentação apropriada, suplementos alimentares, treino pesado e muita abnegação. Disciplina que encobre muito sofrimento, labor e arte, pois nem só de técnica vive o esporte.

A relação que elas estabelecem com o corpo é uma relação de saber íntima, pois só assim conseguem extrair ao máximo dele. Sabem exatamente as respostas que vão ter frente às ações de controle ou descontrole que executam. Esse saber embasado na metáfora do “Homem-Máquina” fornece a ilusão de poder aos seus portadores, pois se a realidade – seja ela o corpo humano ou o universo – é uma máquina, basta saber apertar os botões certos ou articular as engrenagens adequadas para se obter os resultados desejados. Este mito científico está na base de todo o paroxismo reducionista que imperou nas grandes teorias sociais e impera, de forma mais sutil, em várias ciências do corpo e da saúde até o presente momento (BENTO, 2002).

A arte também faz parte da construção do seu saber já que, além de elas construírem corpos que proporcionam uma experiência estética ao serem apreciados. A experiência de arte a qual estamos lidando, que ganhou o “espaço sem espaço” das redes digitalizadas, é a de uma arte desprovida de condições espaciais para se presenciar o espetáculo e o seu *status* agora é o do ar livre e do cotidiano que se sacraliza nas ruas da cidade e não nos museus ou galerias, como outrora. Assim, cabe-nos uma questão: como fica a arte do esporte nesta perspectiva, já que é o espaço que faz parar o olhar?

A arte é um produto da subjetividade humana. Produto que revela o elemento diferencial que pode fazer a atleta superar a técnica em sua performance. Assim como a arte, a técnica é uma criação do Homem é também uma forma de expressão, que situada em um momento e um espaço específico compõe uma forma de saber, uma representação que jamais é cópia inocente de qualquer realidade. Como usar a técnica com “sabedoria”, então?

As técnicas que compõem os seus saberes são plurais e exige complacência em seus usos, pois como nos diz Virilio (1996a), cada técnica gera um acidente, o que nos cabe uma questão: que acidentes estão sendo gerados com o uso indiscriminado dessas

novas técnicas corporais? Parece estar havendo um uso problemático e indevido da liberdade⁹⁷ que é tão cara ao Ser Humano.

Assim como as *body-builders*, as atletas “pro” detêm uma base consolidada de conhecimento sobre o treino que, como dito por outras palavras, deve ser supervisionado para aprimorar a sua performance. Elas se autodenominam viciadas pela academia e não conseguem deixar de frequentá-la, se assim o fizer sentem-se culpadas. A culpa que elas sentem parece ser um juízo de valor que está condicionado pelo sistema simbólico da cultura esportista a qual estão submetidas.

Lembremos da fala de uma de nossas atletas quando disse que não conseguia se alimentar 5 ou 6 vezes ao dia, como prescrito para obter um melhor rendimento, e fazia uso dos compostos de proteínas para suprir a sua necessidade biológica: “Então quando chegar em casa o fato de tomar uma proteína me repõe, facilita...eu não tenho que comer o que não gosto”. A tecnologia também está embebida na lei do menor esforço como diria Virilio (1996a), fazemos uso dela para nos “poupar”.

O que é certo e o que é errado? Por que tomamos como “certo” nos alimentar de animais mortos e em certo sentido “errado” ingerir proteína industrializada? Se nos aproximarmos do preparo da comida que faz parte das nossas refeições chegamos à conclusão que um ritual de sacrifício acontece aos animais que nos alimentam. Entretanto, a maioria de nós não parece se sentir culpado e precisar da benção divina para ingerir aquele alimento. Em sociedades “primitivas” exigia-se um ritual de expiação de culpa ao sacrificante do animal que estava sendo imolado para servir de alimento (MAUSS, 2005).

Assim, uma “lei natural da evolução das espécies” está implícita nesta ação, pois somos nós que sobrevivemos àquele sacrifício, que nos faz lembrar que somos tão animais quanto aqueles, pois ainda temos carne, osso, veias, sangue e uma complexidade peculiar que não faz parte do mundo binário das máquinas como a tecnologia nos faz querer crer quando utilizamos a metáfora de corpo-máquina que falamos anteriormente.

As atletas “pro” se emocionam, sentem, vibram com as suas conquistas, uma delas nos fala: “a sensação de estar lá em cima é boa demais (...) É algo assim que você não

⁹⁷ A liberdade no empirismo e utilitarismo é a capacidade individual de autodeterminação, caracterizada por compatibilizar autonomia e livre-arbítrio com os múltiplos condicionamentos naturais, psicológicos ou sociais que impõem predisposições ao agir humano. No kantismo ou existencialismo sartriano, a liberdade é a potencialidade (nem sempre concretizada) de escolha autônoma, independente de quaisquer condições e limites, por meio da qual o ser humano realiza a plena autodeterminação, constituindo a si mesmo e ao mundo que o cerca. A liberdade nem sempre é concretizada porque está atrelada as suas implicações no mundo que estamos construindo (MORA, 2001).

consegue explicar mil tipos de felicidade, de emoções, uma coisa só, que no final se traduz em um `valeu a pena´ (NC. Ex.51. §30- lin501-508)”.

Lembremos então desta parte da composição da sua [i]matéria que constitui a construção de saberes que está embebida em uma linguagem mítica e ao mesmo tempo heróica. Linguagem fabulada e imagética baseada em um imaginário que ajuda a construir o corpo de alta performance que elas tanto almejam, mas embasado em um mundo tecnologizado e conseqüentemente maquinico. Em busca desse ideal se reflete o espírito do tempo, com as suas ambivalências, contingências, alternativas, oposições e contradições que exige rituais de celebração para deixar impressas a sua passagem, que será mais bem explorada na próxima seção deste trabalho.

2.4.6.3 A [i]materialidade das celebrações e temporalidades

Falamos do pódio de uma atleta “pro” que compete em torneios estaduais e brasileiros e que tem a musculação como uma atividade esportiva de base para poder torná-la mais competitiva. Aquela experiência sintetiza a celebração de nível máximo para a finalidade do seu ato que é o corpo com um nível alto de desempenho. Compartilhando da razão presente no sujeito que busca essa performance, encontramos em campo, outras atletas “pro” que não competem, mas treinam como se assim o fizessem e que mantêm uma disciplina rígida em relação a sua alimentação e aos horários de treino e de descanso.

Sobre isto, vale ressaltar que conhecemos em campo uma médica, que ia passar um mês em outra cidade, por motivos alusivos a trabalho, e uma das preocupações que ela teve foi com o fato de não deixar a sua atividade física mesmo estando fora, como elucida o extrato abaixo, que começa com a sua colega perguntando:

“Juliana: Sim, mas e aí, já encontrou uma academia lá perto do hospital onde você vai trabalhar?”

Simone: No lugar que eu vou ficar tem uma sala que tem uns equipamentos, vou ter que me virar por lá assim mesmo.

Juliana: É. É mesmo (NC. Ex.48. §3- lin41-43)⁹⁸”.

⁹⁸ NC (Extrato 48) Título: Não vai se privar de tudo, mas tem que fazer um esforçozinho. Data: 24/07/06. (Segunda-feira). Entrada: 6:00. Saída: 7:10. Horas de Campo: 87h35min. Horário das Notas: 12:00. Treino na musculação. O extrato foi escrito em 6 partes que elucidaram os seguintes temas: (1) Um aluno reclamando da refrigeração do ar que estava muito quente; (2) e (5) Observações sobre o ambiente; (3) A interação entre duas mulheres na hora do exercício aeróbio do *transport*; (4) Elogio de uma instrutora frente ao desempenho que uma das alunas teve na aula de RPM; (6) Interação entre uma aluna e um *personal* que estava trabalhando com ela “no limite”.

As pessoas têm alternativas diferenciadas para experienciarem a passagem do tempo. Um mês trabalhando repercute em um sentido, um mês viajando já incorpora outro sentido, o que nos leva a questionar: o que aconteceria se essa mulher simplesmente passasse esse um mês sem treinar? Ela não é atleta de competição, ou seja, não está se preparando para nenhum torneio oficial, mas faz questão de não parar o treino. O papel que ela exerce, inspirando-nos em Goffman (1984), está associado a um *script* que não inscreve a possibilidade de não treinar, senão ela perde a sua platéia, que inclusive pode ser ela mesma e seus medos interiores, como por exemplo, o medo de perder o nível da performance corporal que já alcançou.

Celebração, momento solene que incorpora também o lado obscuro, sombrio e não somente o das glórias. Por meio de outras palavras já falamos acerca do caráter ordenador e contingencial que o tempo abarca. Para cada tempo, então um contra-tempo uma força implícita. As competições esportivas acontecem dentro dos seus calendários dos seus tempos, esporte de verão, esporte de inverno, e assim vai.

Desta forma, a nossa atleta judoca está treinando para o campeonato deste ano, como ela nos falou, para ingressar em uma nova categoria porque já alcançou uma idade que a categoria anterior não contemplava, que tem pessoas mais pesadas do que ela, e por isso passou por um momento de ser “cevada”. O lado obscuro, então, o que vai de encontro a sua natureza corporal. Ela estava em conflito, pois no ano passado teve que passar o tempo todo em dieta super rigorosa por que já estava no limite do peso e este ano teve que engordar para alcançar a marca do peso da categoria subsequente. E sobre as expectativas para a sua colocação no pódio ela nos fala:

“As expectativas são as seguintes: como é o ano de adaptação é muito difícil conseguir ter uma boa colocação. Como estou mais pesada, ainda estou me adaptando aos golpes e ao próprio espaço físico, pois é diferente treinar assim. Os golpes são mais difíceis (...) As pessoas dessa categoria têm mais força, mais experiência (NC. Ex.51. §30- lin486-489)”.

Mesmo sabendo da pouca chance que terá para se classificar ela diz: “competir é a minha vida (NC. Ex.51. §30- lin493)”. A pessoa não nasce atleta, ela se torna atleta por meio de uma vida disciplinada e abnegada. Em cada fase da vida uma categoria específica para se enquadrar os talentos que vão surgindo e sendo aprimorados ao longo do tempo. Na academia elas começam de forma despreziosa e lúdica e depois que percebem que podem obter um desempenho melhor elas começam a se envolver mais com o treino.

Poderíamos dizer que um rito de passagem, acontece quando as atletas “pro” percebem que sozinhas elas não conseguem mais evoluir no treino e precisam de um *personal trainer*, para poder ajudá-las a obter um desempenho mais elevado. E estas muitas vezes são os maiores incentivadores, também, do uso de substâncias ergogênicas que aprimorem a performance das suas alunas.

Elas são performáticas porque acrescentam às formas originais e antigas formas novas de um modo persistente, sistemático, e contínuo que geram níveis superiores de rendimento e performance que repercute também em um gesto belo. Quantas delas encontramos em campo se olhando num espelho fazendo poses e gestos durante o exercício fazendo-nos lembrar daquelas estátuas gregas que colocavam em escrutínio todas as partes do corpo humano?

Uma ruptura na situação acontece quando o seu corpo não responde ao estímulo que elas estão fornecendo e assim ignoram os seus sinais em prol do esporte e da sensação de desafio que o pódio representa, como nos fala uma delas: “eu mesma tive problemas de joelho, no menisco, e o médico queria que eu fizesse uma cirurgia e aí daqui que eu me recuperasse e tal seria um tempo danado, ia ser mais um ano. Eu não quero passar mais um ano para ingressar nessa nova categoria, entendeu? (NC. Ex.51. §30- lin526-529).”

As atletas “pro” entram no mundo do esporte e das competições muito cedo, a sua saída também acontece quando ainda estão muito jovens. Entretanto, é fato que esse marco varia de acordo com cada tipo de esporte. O envelhecer para as atletas “pro” é sinônimo de perda de mobilidade, de movimento e conseqüentemente de desempenho no esporte, principalmente naquele que exija alto rendimento corporal.

Na academia as atletas “pro” podem ser encontradas não somente na sala de musculação, mas também na piscina, nadando, já que como constou em nossas frequências no andar de cima, pudemos observar nas placas fixadas na parede, que a equipe de natação é campeã e também que a atleta pernambucana que foi para as últimas olimpíadas também treinou uma época na piscina de lá. Investiguemos a seguir, outros espaços que elas frequentam.

2.4.6.4 A [i]materialidade dos lugares e artefatos

O espaço é algo limitado ao mundo da experiência sensível (VIRILIO, 1996a), é através do espaço que enquadrados o nosso campo perceptivo e é aquele que nos fornece os estímulos a serem interpretados em nossa experiência, desta forma, nos reconhecemos nos

espaços que vivemos por meio do cheiro, do tato, do som, entre outros. O espaço é o que faz expandir ou diminuir os nossos movimentos ele possui características próprias.

Por um lado o espaço nos dá a sensação de limite da experiência sensorial estabelecendo relações e distâncias entre objetos percebidos como já mencionado. Por outro lado, aparece também como uma extensão ideal sem limites como uma extensão abstrata, indefinida e de significado subjetivo.

Então, ser uma atleta “pro” é estar em alguns lugares e ao mesmo tempo os constituir, e, como as *body-builders*, aquela se posiciona em locais específicos da sala onde tem pesos mais pesados e também equipamentos com tecnologia mais avançada para ajudar no incremento das suas performances.

Fora as máquinas específicas, os halteres, supinos e as barras podemos elucidar os seguintes objetos que fazem parte do seu mundo: tênis, calça tac tel, camiseta, *top*, adipômetro, fita métrica, espelho, balança, isotônico, bebida energética, suplementos nutricionais (i.e., barra de cereais, proteínas, creatinas, entre outras), luva, toalha, revistas especializadas, bolsa para o treino.

As atletas “pro” também têm a academia como uma extensão da casa, conhecem cada parte dela e sabem exatamente a função de cada cômodo, pois é lá que elas adquirem conhecimentos e saberes para se tornarem mais competitivas e convincentes no espetáculo que irão encenar. Lugar sagrado que deve ser respeitado por todos os que compartilham o seu mundo da vida, como nos fala uma delas:

“Meu namorado atual e meu ex-marido me conheceram numa academia e ele nunca me proibiu porque ele sempre soube que este é o meu mundo, é o meu jeito de ser, a coisa que eu mais gosto de fazer, malhar. Então ele jamais vai me proibir, jamais vai me impedir. Faz parte da minha vida eu não sei viver sem isso. Eu seria uma pessoa insuportável, se tirar de mim uma coisa que eu gosto muito de fazer (EN.2.§lin131-135)”.

Como nos falou a supracitada atleta “pro”, a sua existência está atrelada a sua experiência de malhar, é um consumo vital e conseqüentemente conspícuo. Consultórios de nutricionistas e fisioterapeutas se configuram também como os espaços que as atletas “pro” freqüentam, assim como as lojas que vendem artigos esportivos e suplementos alimentares. Os campeonatos dos seus esportes preferidos e, em se tratando da nossa academia: as caminhadas corridas e circuitos programados pela direção, são outros lugares que as atletas “pro” freqüentam.

Em campo, pudemos observar que elas preferem treinar em horários menos “badalados”, pois assim não precisam esperar pelas máquinas. Em treinos avançados como os

delas, existem momentos que se prescreve o circuito, que é a execução de exercícios em máquinas variadas sem ter a espera entre uma máquina e outra, ou seja, quando a academia está cheia fica inviável esse tipo de treino porque é de bom tom que haja revezamento nas máquinas com as outras pessoas que estão compartilhando o espaço.

Por meio de outras palavras proliferadas até o momento, pudemos constatar que a atleta “pro” parece embasar suas ações em um ideal de ética e estética que estão associadas a pretensões no domínio do transcendente, do extraordinário e do “além-do-humano”. Convidamos o leitor a [re]conhecer o embasamento do seu mundo da vida na próxima seção, por meio do desvelamento das suas crenças e valores.

2.4.6.5 [...] das crenças e dos valores

Assim, por um lado: ser uma atleta “pro” é não se acomodar com a natureza corporal e acreditar que se é produto da cultura e de múltiplas intervenções, que toma o corpo como objeto da sua curiosidade e ocupação de natureza primeira, original e biológica. É viver em torno do aprimoramento da performance para criar um corpo de alto desempenho.

O prazer gira em torno da construção desse corpo e da sua predisposição em domesticá-lo para poder exibi-lo de forma a conquistar os louros de uma melhor performance quando estiver encenando e com uma estética bela adequada a cada tipo de apresentação.

As crenças que cultuam em torno de si e dos Outros, amplamente refletidas nas seções anteriores podem ser sintetizadas nos seguintes pontos: (1) a tecnologia é o instrumento fundamental para fazê-las atingir a sua meta; (2) a atividade física é altamente valorizada pelas atletas “pro”, esta é a fonte que alimenta o desafio ao qual se submetem transpor (i.e., aumentar o desempenho do seu corpo); (3) como mencionado por uma delas, essas não são parâmetro para pessoa saudável, pois, são tão obstinadas em alcançar a meta que se propõem que parecem esquecer da saúde, por mais paradoxal que isso à primeira vista possa parecer.

Desta forma, um dos valores centrais é a performance que está aliada à estética e conseqüentemente à disciplina. Outros valores abstraídos e observados por nós em sua prática são: a perfeição, equilíbrio e harmonia.

Por outro lado, cabe ressaltar, que ser uma atleta “pro” é também cultuar uma idéia implícita de violência contra si, quando há sempre uma força interior querendo fazer anular a natureza primeira do corpo tornando-o um “supercorpo” que está atrelado à já mencionada metáfora do corpo-máquina.

Assim, a racionalidade presente na ação de uma atleta “pro” parece instrumentalizar o que não deveria ser instrumentalizado, já que podemos observar que no esporte a técnica é um elemento estrutural importante que deve compartilhar espaço com um “outro” que é a arte. Esta que implica a subjetividade, a improvisação e acima de tudo a expressão que cria, produz e não apenas reproduz. Passamos então, de um corpo de alto desempenho a um corpo a ser consertado, pois, convidamos o leitor a conhecer a nossa reabilitadora que frequenta o templo para consertar o seu corpo.

2.4.7 A Reabilitadora: um corpo a ser consertado

2.4.7.1 A [i]materialidade das suas formas de expressão

Todo ser humano possui um corpo que contém dentro de si as características que são peculiares à espécie e que se espera expressar em forma de determinadas possibilidades, capacidades e qualidades. Por um lado, cada um parece ser igual em certo sentido, e por outro lado, diferente e único. Assim, constituímos-nos em forma de um Ser que existe em uma unidade funcional e biológica, composta de uma matéria que é animada como um todo que lhe é comum e transcendente que é composto, entretanto, por partes que lhe são singulares.

Esperamos que o corpo funcione, entretanto, o que significa o corpo não funcionar? Em outras palavras, falamos até o presente momento, de corpos que não estavam com a sua funcionalidade biológica comprometida, outrossim, eles funcionavam, mas “ansiavam” ultrapassar a barreira do que pudemos chamar de “natural”. O objetivo nesta seção será compreender as formas de expressão de outro tipo de corpo, um corpo “a ser consertado”.

O corpo da nossa reabilitadora é um corpo arranhado, quebrado que precisa ser remendado para que ela possa ter uma qualidade de vida melhor. Um corpo danificado porque nem todos os órgãos, articulações, músculos e subsistemas, estão cumprindo o seu “papel” para que o sistema maior funcione.

Um corpo complexo e ambíguo, como todos os outros apresentados até então, que pode pecar por faltas ou por excessos, mas que está em busca do equilíbrio, consumindo o que lhe falta e extraindo-se o que excede. Corpo marcado por uma ou várias máculas que podem

ser aparentes ou não, mas que são símbolos de estigma para os outros que estão em interação social com ele.

Em princípio, ao contrário do corpo das *body-builders*, esse é um corpo que expressa certa contenção, no sentido de ser mais implícito, intimista, do que explícito como o dessas, e não naquele sentido de briga ou luta, pois nesses últimos sentidos eles (os dois tipos de corpos) se aproximam. Pois, o primeiro luta para extrapolar a sua natureza e o segundo luta para fazer com que seus músculos, seus ossos, suas veias, sua circulação funcione no padrão mínimo que as façam sobreviver.

Elas “carregam” seus corpos nos dando a sensação de que são mais “pesados” do que todos os outros, já que fora a deficiência física e interior que sentem, que para algumas está implícita e para outras está explícita, carregam também o estigma social, pois é fato que são sempre em algum sentido diferentes daquelas que apresentam um corpo “normal”, como aponta uma de nossas observações do campo:

Ela usava uma calça vermelha e uma blusa branca de malha solta e frouxa. Aparentava ser jovem entre 30-35 anos, no máximo. Era obesa. A postura dela era de uma pessoa que parecia estar desconfortável naquele ambiente, pois: não tinha aquele “olhar altivo” que as verdadeiras nativas têm; a interação dela com as máquinas era bem desajeitada (parecia que ela não se ajustava, não cabia); o ritmo dela era bem mais lento do que as outras que eu havia observado no campo. Quando ela estava subindo no *transport* quase caía. Ela fazia um esforço fenomenal para dá as passadas e a postura dela era interessante porque ela se debruçava sobre a máquina (o corpo dela estava todo para frente) e suave bastante (pegava a toalha branca que trazia e passava no rosto de instante em instante). O professor chegou perto para medir a pressão dela e aí foi quando ele “apontou” que a postura dela não estava adequada, que ela deveria melhorar senão poderia sentir dores no dia seguinte. Alguns instantes depois ela saiu. Ficou na esteira durante 5 minutos (NC. Ex.50. §2 lin15-26).

Desta forma, podemos dizer que, em nosso tempo, as reabilitadoras são pessoas que estão em recuperação das funções dos seus órgãos vitais como o coração, o pulmão e também em busca do aprimoramento do metabolismo como um todo através do exercício físico com a intenção de incrementar a saúde, buscando um “contato misto”⁹⁹ com as outras pessoas.

⁹⁹ O embasamento teórico que utilizamos para estabelecer um diálogo com a reabilitadora que encontramos em campo, foi a obra de Erving Goffman intitulada: “Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada” publicada pela LTC no ano de 1988, em sua quarta edição. O autor define “contatos mistos” como sendo momentos em que os estigmatizados e os “normais” estão na mesma situação social, ou seja, na presença física imediata um do outro. E a obra citada trata da investigação desses tipos de situações onde as pessoas estigmatizadas entram em contato com as “normais”. O estigmatizado é aquele que possui qualquer característica que o torna diferente aos olhos dos outros com os quais interage, e os normais são aqueles que não se afastam das expectativas particulares nas situações que lhe são postas. Os estigmas então, são os atributos indesejáveis que os indivíduos expõem, e só o são porque são incongruentes com o estereótipo que criamos, podendo se caracterizar de três formas: (1) quando há as abominações do corpo, ou seja, deformidades físicas; (2) as culpas

A atividade física para elas pode ser representada analogamente como um remédio que é prescrito na dosagem certa e que a sua “ingestão” deve ser monitorada para evitar a incidência de efeitos colaterais onde existe um programa de atividade física adequada para cada tipo de restrição que o corpo impõe. Sobre este ponto, um dos informantes, que é instrutor especializado em atividades físicas voltada para reabilitação, nos fala:

“Bom, essa área que eu trabalho é uma área que exige um cuidado especial sabe. O acompanhamento tem que ser bem maior, a gente tem que ficar o tempo todo em sintonia com o aluno pra ver se ele está confortável, se a carga está realmente adequada ao biótipo dele e para fortalecer a musculatura que está precisando para que eles exerçam melhor sua atividade diária (EN. 4. lin 36-40)”.

Assim, o olhar delas é um olhar de quem solicita, de quem é complacente, mas é também, ao mesmo tempo, altivo e penetrante, pois estão em interação social conosco, “os normais”. A etiqueta social nos fala, em algum dos seus mandamentos, para nos tratarmos como iguais, pois, é verdade que elas não querem ser lembradas o tempo todo das suas limitações e dos seus estigmas. O corpo representa uma demarcação a ser transposta em seu *status* “natural”, e nos parece que o que elas querem é poder exibi-lo e acima de tudo, senti-lo, como um todo harmonioso e equilibrado.

Conhecemos, em campo, D.Maria, uma senhora de aproximadamente 65 anos, estatura baixa, corpo magro, cabelo que exibia um tom louro acobreado e um tamanho curto, detentora de um olhar cativante e enternecido, simpática e alegre. Recuperemos, a descrição que fizemos sobre o seu andar, em nossas notas:

D.Maria andava mancando, pendendo o peso do seu corpo todo para o lado esquerdo. Seus passos eram lentos e utilizava o apoio de uma bengala. Seu andar lembrava o movimento de um barco. Vai à academia com um motorista que lhe espera todas as segundas e quartas feiras quando à conduzir de volta ao seu lar ao terminar a seção de reabilitação (EN. 5. lin 44-47) .

Fora o estigma corporal que ela exibia, conforme a supracitada descrição apontou, esta senhora foi portadora de um câncer na língua, que conseguiu curar, mas que deixou seqüelas em sua voz, estigma esse que ela fez questão de explicitar: “Faz dois anos que eu tive câncer na língua, foi o cigarro, por isso eu falo assim, enrolado, a língua foi cortada em um pedaço (EN. 5. lin 20-22)” .

Esta expressão dela nos fez lembrar da predisposição à vitimização que os estigmatizados possuem quando tentam corrigir os seus defeitos. Neste caso específico, ela

estava solicitando apoio, já que manteve a audiência informada sobre a sua deficiência. Posto está que o indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças sobre identidade que nós temos. Assim, o comum, então, era que ela tivesse uma voz diferente da que emitiu daí a sua justificativa.

É fato que a consciência que temos de nós mesmos e dos outros nos é acessada a partir das condições que experienciamos por meio do nosso corpo, invertemos então a lógica do cogito de Descartes. Agora dizemos: existo logo penso, já que elaboramos pensamentos, criações e sentimentos interpretados frente ao mundo sensorial que compõe as experiências pessoais.

Elas freqüentam a academia em busca da qualidade de vida, que está relacionada com a independência funcional, pois a perda de aptidão produzida pela falta de atividade física pode comprometer gravemente a condição de viver sem depender de outras pessoas e que impacta nas ações de: levantar e sentar, subir escadas, transportar objetos, utilizar ferramentas e utensílios diversos, que são exemplos de atividades em que força e mobilidade articular são importantes. Outras ações como vestir as roupas e cuidar da higiene pessoal são tarefas muito prejudicadas pela falta de mobilidade nas articulações que são aprimoradas com a reabilitação (SANTARÉM, 1998)¹⁰⁰.

Na academia chamam a atenção devido à assistência que obtêm dos seus técnicos pessoais, pela dedicação, por expressarem esforço maior para desempenhar qualquer atividade física, por mais simples que possa parecer, e por estarem buscando uma relação mais harmoniosa com o corpo que, entre outros aspectos, nos passa a sensação de instabilidade e fragilidade. Elas são o que poderíamos chamar de oposto-complementar das *body-builders*, aquelas que detêm os códigos de expressão de conduta no campo, entretanto, os dois tipos fazem o exercício de forma espetacular, tentando superar seus próprios limites, e usando a sua força com toda intensidade, se sacrificando.

As interações sociais das reabilitadoras, em campo, nos pareceram ser mais restritas entre elas e os seus técnicos, talvez por estarem em uma situação aparente de desvantagem social¹⁰¹ (GOFFMAN, 1988). Em seus treinos, as preocupações com a performance e a

¹⁰⁰ Doutor em Medicina pela USP, Dr José Maria Santarém Sobrinho, é autor de artigos referenciais que dissemina os numerosos trabalhos científicos que têm demonstrado a importância dos efeitos dos exercícios com peso para a saúde. A citação posta no texto foi extraída do seu artigo intitulado: Atualização em Exercícios Resistidos: Saúde e Qualidade de Vida (1998) divulgado no site: <http://www.saudetotal.com/artigos/atividadefisica/saudevida.asp>, acessado por nós em 10/11/2006.

¹⁰¹ Desvantagem social é a situação em que o indivíduo aprende o que é natural e normal para o grupo, mas ao mesmo tempo, aprende também o que é não conseguir compartilhar daquele código de conduta.

execução correta dos exercícios estão evidentemente presentes, já que, o conforto ao fazer o exercício, este que já é uma forma de desgaste e desequilíbrio do corpo, é ao mesmo tempo, condição *sine qua non* para haver a reabilitação que elas estão buscando; busca que se dá por meio do uso dos seus saberes, que estão evidenciados nas próximas linhas.

2.4.7.2 A [i]materialidade dos seus saberes

Seus saberes são construídos em torno das suas queixas, aspirações, políticas e dos grupos que compreendem os seus estigmas que podem ser os que compartilham da mesma “posição estigmatizante” ou os que são informados e simpatizantes a cerca dela, daqueles que querem “consertar seu corpo”.

Como mencionado em outro momento, neste mesmo texto, o indivíduo estigmatizado tende a ter as mesmas crenças sobre identidade que nós temos (GOFFMAN, 1988). Elas sabem que o corpo disfuncional, estigmatizado, atrapalha e pode impedir desde a realização da mais simples tarefa cotidiana (i.e., ir ao banheiro) até a mais complexa (i.e., dirigir um carro) e também afastar aqueles que elas encontram, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus. Neste ponto, uma das nossas informantes, diz: “Eu tinha vergonha de mostrar meu corpo, aí eu não saía de casa, fiquei com o pé troncho e o joelho também (EN. 5. lin 28-30)”.

Os estigmatizados tentam interagir socialmente em “bases iguais”, mas só depois que passa pelo processo de aceitação da sua “deficiência”. Assim, a nossa informante nos insinua que até aquele momento não tinha conseguido se aceitar e preferia ficar em casa. Atitude esta, que para o nosso autor (GOFFMAN, 1988) leva o indivíduo à desconfiança, depressão, hostilidade, ansiedade e confusão.

A estética do seu corpo está atrelada à funcionalidade, e segundo o nosso instrutor-reabilitador: “naturalmente depois que as alunas começam a readquirir a funcionalidade normal do corpo a questão de aprimorar a estética vem à tona (EN. 4. lin 79-81)”. Os conhecimentos que permeiam o mundo das reabilitadoras são compostos por: fisiologia, nutrição, uso de remédios e substâncias diversas, em síntese, conhecimentos científicos ligados à área de saúde, como as outras que já apresentamos.

São “consertadoras dos seus corpos” e grande parte do conhecimento delas é envolto pelas experiências práticas no momento da atividade física, que está sendo supervisionada pelo seu técnico, que usa do seu talento subjetivo, intuição e sintonia com a praticante, para

ajustar a carga e perceber até onde o corpo dela pode ir e não somente da ciência. Esta é utilizada como ponto de partida e também de chegada, dependendo do nível da insuficiência física que a aluna apresenta o instrutor-reabilitador planeja os recursos tecnológicos a serem utilizados.

O corpo consertado que elas almejam não é alcançado sem o devido sacrifício corporal e de investimentos de capitais financeiros, sociais e de tempo. A dedicação e a disciplina são intensas e é um treino que envolve muita dor também, pois estão querendo ultrapassar a força do seu corpo e consertar o que está quebrado. A segurança é um aspecto fundamental para quem está se submetendo à reabilitação, como nos diz o nosso instrutor-reabilitador: “Com esse tipo de atividade física a gente tenta reabilitar as pessoas para que elas conquistem a segurança de executar pequenos movimentos da vida diária os quais ela estava sendo privada (EN.4. lin 48-49)”.

Desta forma, em um processo de reabilitação, quando uma pessoa aumenta sua força muscular passa a realizar tarefas específicas com menor número de fibras e conseqüentemente diminui a intensidade do esforço e também as alterações de frequência cardíaca e de pressão arterial incrementando a qualidade de vida (SANTARÉM, 1998).

Dentro do nosso templo elas são estigmatizadas por que parecem não compartilhar diretamente dos códigos de conduta dele. Por um lado, a impressão que dá é que o comum parecia ser que as reabilitadoras freqüentassem lugares específicos para elas, como clínicas de reabilitação, por exemplo, mas, por outro lado, como o nosso templo é uma promessa de “integrar” e de proporcionar serviços diversos relacionados aos cuidados corporais parece, então, por um momento fazer sentido para eles (os diretores da cena) a presença delas.

Lembremos, então do sorriso de D.Maria ao falar: “Eu adoro vir pra cá, o Henrique está aqui, ele anima a gente, melhora a auto-estima também, melhora tudo, você vem conversa com um, conversa com outro é ótimo” (EN.4.lin 48-50). Segundo Goffman (1988), é importante que haja o *feedback* saudável do intercâmbio social para a manutenção da saúde de qualquer indivíduo, inclusive os estigmatizados.

Falamos até agora de indivíduos desacreditados, que são aqueles que têm seus estigmas imediatamente aparentes em seu corpo, há também outra categoria de indivíduos estigmatizados que são os desacreditáveis, aqueles que não possuem a diferença imediatamente aparente ou que não se tem dela um conhecimento prévio (GOFFMAN, 1988).

Encontramos em campo, por exemplo, uma dessas desacreditáveis que estava fazendo atividade física e dieta alimentar por que tinha: “hipertensão e as taxas sangüíneas estavam

todas alteradas, além disso, meu histórico familiar também não está a meu favor não. Meu pai enfartou, aí já viu (NC. Ex.49. §1 lin27-29)”.

A nossa informante nos lembrou do caráter preventivo que compõe esse tipo de atividade física e vale ressaltar que para a reabilitação é importante que o saber que elas tenham construído em torno das limitações do seu corpo seja compartilhado com o seu professor, um segredo que só eles, que estão encenando a cena sabem, porque não pode haver rupturas que interfiram na performance do espetáculo da vida. No caso do indivíduo obeso, por exemplo, é fundamental uma avaliação cardíaca antes, nos fala o instrutor de uma experiência que teve com uma aluna:

“Eu tive o exemplo de uma aluna. Ela era jovem, 17 anos, obesa e queria porque queria fazer uma dessas aulas enlatadas. Eu proibi, mandei-a fazer primeiro a avaliação física. Ela fez lá no Hospital Esperança e aí no meio do exercício ela teve um infarto. O fato é que se ela não tivesse com uma estrutura de médicos por trás ela teria morrido. Os pais dela depois vieram aqui me agradecer. Eu respondi: *não fiz mais do que a minha obrigação eu estudo isso* (EN.4.lin 28-32)”.

Algumas questões são postas sobre as interações sociais que envolvem as desacreditáveis, em torno do encobrimento do seu estigma, a manipulação da informação oculta, a saber: deve-se exibir ou manter oculto? Conta ou não conta? Mente? Para quem, onde, quando e como contar a deficiência? Como saber que estamos interagindo com uma desacreditável? Alguns defeitos corporais podem ou não ser perceptível, mas e os de caráter? Não somos todos nós em algum sentido, em algum lugar e por um certo alguém estigmatizados?

Frente ao que descrevemos até agora podemos dizer que: ultrapassar, melhorar, aprimorar a funcionalidade do corpo com vias a executar algumas atividades cotidianas para assim se [re]inserir na sociedade é o que faz as reabilitadoras se envolverem no ato de malhar e que as torna capaz de comemorar. Descreveremos, então, as comemorações e as suas ocorrências.

2.4.7.3 A [i]materialidade das celebrações e temporalidades

Experimentamos a vida como um fluir no tempo, que ocorre em um espaço que nos é conhecido. O tempo significa uma sucessão de ciclos, e nós os vivemos em cada batida do pulso, do coração, do corpo. Assim como o percurso da Terra ao redor do Sol cria as noções

de dia e noite, também a nossa existência recebe condicionamentos dos dinamismos físicos, da própria natureza e da sociedade.

A mente, “produto” criado na interação e por meio da linguagem, segundo Mead (1934), emerge, então de dentro de uma corporeidade, de uma experiência corporal, sensorial, onde o estado de consciência surge a partir desse intercâmbio presente na relação experiência-corpo-mente. A experiência do toque trás a própria corporalidade à consciência, de maneira clara e concreta. Vivemos, em geral, tão afastados da nossa realidade física que exceto pelas sensações mais dolorosas, lembramo-nos raramente de algumas áreas do próprio corpo. Vivemos desencarnados. Parece que tocamos mais, e com mais carinho, aquilo que nos parece belo, atraente.

Porque somos urbanos, seres sensíveis e humanos essencialmente sociáveis, observamos em nosso cotidiano que os estigmatizados são pouco tocados, daí a importância de sua inserção em contatos mistos. As reabilitadoras, como qualquer um de nós, ao fazer atividade física têm a oportunidade de entrar em contato com as partes do seu corpo e assim [re]conhecê-las, para poderem aprimorá-las e aceitá-las em suas deficiências e diferenças.

Demarcaremos aqui uma celebração para as reabilitadoras aquela que está encarnada no processo de socialização, por qual elas passam dentro da academia, este que é o lugar para os “contatos mistos”. Exibiremos um extrato que fala do primeiro dia de uma de nossas informantes, que fazia hidroginástica e musculação, e que sentiu dificuldade em mostrar seu corpo de maiô e em público. Um corpo que ela mesma diz que já foi uma beleza e que agora está bizarro, nas palavras dela, então: “O primeiro dia foi horrível, eu sentia muita vergonha, mas fui me acostumando depois porque vi que a minha turma de hidroginástica tinha mais idosos, aí facilitou (EN.5.lin 52-53)”.

Ela precisou de tempo para aceitar a sua deficiência e também para expô-la em público e só sentiu segurança depois que viu que o grupo compartilhava com ela do seu estigma (i.e., o fato de ser mais velha e de estar com o corpo em declínio) por meio da informação social que ela emitia nos contatos que estabelecia com os outros da aula.

O tempo impõe certa ordem nas interações sociais, desta forma, há o nascimento, o crescimento, a maturidade e a morte. Ele impetra marcações na vida das pessoas. Algumas reabilitadoras já nascem com deficiências ou estigmas, outras adquirem mais tarde, o que, por vezes pode se tornar mais dolorosa a sua aceitação.

É fato, entretanto, que a experiência que as reabilitadoras têm com o tempo é diferente das outras que descrevemos e encontramos em campo até agora. A sensação que temos ao

observá-las é a de que o tempo é outro, para elas parece passar mais devagar, e importa que assim o seja, para que possam executar a atividade física, pois de outra forma não conseguiriam. Lembremos que o seu corpo não tem a agilidade e a flexibilidade de uma pessoa “normal”. A academia para elas é um remédio que deve ser tomado na dosagem certa.

Cada passo que elas conseguem executar é uma conquista, uma celebração e um motivo a mais para inserí-las na sociedade, pois como nos falou o instrutor-reabilitador: “Elas começam a se sentir útil para as outras pessoas e para elas mesmas. Elas se sentem mal porque não conseguem compartilhar de todos os momentos com as outras pessoas. Elas voltam a se sentir amadas (EN.4.lin 63-65)”. Pois como diria Goffman (1988), é fundamental para a vida da pessoa estigmatizada a colaboração que ela presta aos “normais” no sentido de atuar como se a sua qualidade diferencial manifesta não tivesse importância nem merecesse atenção especial.

O ritual da preparação (MCCRACKEN, 2003) para sair de casa e ir para academia é mais demorado, exige mais cuidado, mais pessoas e capitais envolvidos, e, dependendo do estigma corporal que elas carregam a experiência toma uma dimensão maior, o que faz muitas delas desistirem, em alguns momentos, de desfrutar da vida social e conseqüentemente da reabilitação.

Por terem uma experiência de tempo diferente das pessoas “normais”, e também por terem seus limites mais declaradamente explícitos e sentidos, elas parecem ter uma relação mais respeitosa com seus corpos e seus ciclos. Curiosamente, desde os povos mais remotos as fases femininas de fertilidade foram associadas às fases visíveis da lua, e esse contato da natureza exterior com a interior é importante porque trás a mulher de volta ao seu eixo o que está deixando de acontecer com as mulheres modernas que estão estranhando cada vez mais os seus períodos.

O envelhecer é um processo temido pelas reabilitadoras também, já que podem ter os seus estigmas corporais reproduzidos em uma escala maior com o avançar do tempo. Entretanto, vale ressaltar, que existem algumas exceções, por exemplo, o nosso instrutor-reabilitador viu um exemplo interessante que contradiz o que acabamos de mencionar e que serve à reflexão:

“Eu vi o exemplo, no curso que fiz na USP, de uma senhora de 93 anos que tinha tido um AVC desde os 67 anos e usava bengala e de uns 10 anos para cá ela conseguiu se livrar da bengala e hoje consegue, inclusive, pegar ônibus. Então, isso (a reabilitação) promove a inclusão social da pessoa e eleva a auto-estima dela (EN. 4.lin 41-45).”

Assim, nossas reabilitadoras aparentaram ser limitadas pelo tempo, limitadas pela sociedade, limitadas pelos próprios movimentos e em seus espaços, pois em alguns casos, por exemplo, quando usam cadeira de rodas, são privadas de freqüentarem os mesmos lugares que os “normais”, investigaremos então os lugares que elas freqüentam e os artefatos que compõem o seu mundo.

2.4.7.4 A [i]materialidade dos lugares e dos artefatos

As reabilitadoras desacreditáveis podem ser encontradas no espaço comum da academia e da musculação, onde pudemos observar e conversar com elas. Já as desacreditadas, que tenham como estigma corporal deficiências que possam ser solucionadas com a reabilitação cardiopulmonar e metabólica, podem ser encontradas em um espaço especialmente projetado para elas onde têm a oportunidade de praticar a atividade física de forma mais segura e assistida, e ao mesmo tempo, se contagiar pela movimentação e a socialização que a academia proporciona. Recuperemos as nossas notas de campo onde registramos as impressões desse lugar:

“Na frente da área da musculação foi aberto um novo espaço na academia que tinha sinalizado no vidro transparente: “reabilitação cardiopulmonar e metabólica”. Mais uma evidência da categoria “Saúde” em nosso campo de estudo. Conforme panfleto de divulgação que a academia circulou, neste espaço é oferecido um programa de treinamento que visa a prevenção e o tratamento não-farmacológico das doenças cardíacas, pulmonares e metabólicas através do exercício físico estabelecendo hábitos de vida mais saudáveis e que tem como objetivo: melhorar a capacidade funcional, melhorar o controle do peso, melhorar da auto-estima, menor gasto com a saúde. O programa foi elaborado por uma equipe multidisciplinar composta por cardiologista com especialização em Medicina do Esporte, professores de educação física com especialização em Reabilitação Cardíaca, nutricionista, fisioterapeuta e auxiliar de enfermagem. É uma sala “privada”, exibe a frieza de um consultório médico, pois as paredes são brancas, sem painéis, diferente dos outros ambientes da academia. Pude perceber também que é bem menos freqüentada do que os outros espaços. Na maioria das vezes que olho em direção ao ambiente às luzes estão apagadas. O acesso a sala é privado às pessoas envolvidas no processo de reabilitação (NC. Ex.13. §2 lin 4-19)” .

Pudemos observar, na perspectiva de quem está do lado de fora da sala¹⁰², e também na condição de leigo na área de saúde, que os artefatos que compunham o ambiente eram:

¹⁰² “Do lado de fora da sala”, porque, conforme explicitado no apêndice intitulado: “Questão de Método”, esta etnografia teve um caráter privado, onde a identidade do pesquisador estava oculta, por que acreditamos que a

esteiras para a realização de testes ergométricos e para a realização de um teste especial chamado de “teste ergométrico com ventilometria” indicado para pessoas que desejam realizar atividade física com segurança e eficácia (segundo o site da academia), bicicletas ergométricas, estetoscópio, tensiômetro, oxímetro (instrumento que determina fotoeletricamente a saturação de oxigênio), polar (instrumento que mede a frequência cardíaca).

Frente à quantidade de equipamentos observados e a importância que eles exercem no momento da execução da atividade física, pudemos analogamente afirmar que a relação das reabilitadoras com os equipamentos tecnológicos é uma relação complexa e ambivalente que envolve vida e morte. Assim, por um lado é fato que os equipamentos ajudam essas pessoas a desenvolverem as funcionalidades dos seus corpos e por outro, em treino, o nosso instrutor-reabilitador afirma que:

“A tecnologia é fundamental, inclusive quando a gente quer fazer um treino intervalado, pois mesmo a musculação tendo uma lógica mecanicista é envolvida também com uma intuição muito grande e exige um caráter subjetivo, pois temos acima de tudo que privilegiar o conforto da nossa aluna (EN.4.lin 69-71)”.

A supracitada citação nos leva a crer que a tecnologia deve ser utilizada com certa parcimônia, e para poder ser útil, ela deve estar submissa à razão do seu criador, o Homem, e não posta em uma relação invertida, como nos parece crer que está acontecendo atualmente, onde o criador perde o dom divino da criação e conseqüentemente da produção, e fica servil à criatura.

Difícil, entretanto, atuar dessa forma quando pensamos e observamos em nosso cotidiano pessoas que dependem dos avanços tecnológicos para poderem conquistar uma melhor qualidade de vida ou simplesmente sobreviver. O que nos remete à questão: que crenças e valores sedimentam o modo de vida dessas mulheres que estão lutando para reanimar seus corpos?

sua revelação poderia interferir na natureza do campo. Assim, privilegamos a forma natural de obtenção de dados para a realização desta e o método utilizado foi o de observação participante. Sabendo que o acesso a sala era restrito a pessoas que estavam envolvidas em atividades físicas com a finalidade de reabilitar o corpo, e por esse não constituir o foco central do trabalho, e ainda por que tivemos contato com outros sujeitos embebidos nesse ato em outros lugares da academia (i.e., hidroginástica e a própria sala de musculação comum aos “normais”), o que nos munuiu de informações suficientes para chegar no ponto da saturação dos dados que precisávamos para a análise exposta nessa seção. Assim, entendemos como desnecessário o contato com aquelas pessoas, ainda que por meio de outro método de coleta de dados, como uma entrevista, ou uma conversa informal, por exemplo, já que o contato com elas poderia suscitar questionamentos sobre o trabalho que estava sendo desenvolvido que pudessem nos levar a ter que tornar pública a nossa identidade que até então estava sendo preservada.

2.4.7.5 [...] das crenças e dos valores

Em outras palavras, por um lado: ser uma reabilitadora é lutar contra a deficiência do corpo estigmatizado que ela leva consigo, é não se acomodar com a natureza corporal, é deixar-se invadir pelas intervenções tecnológicas que possam auxiliá-la na recuperação dos movimentos dos membros e articulações corporais com vias a realizar as tarefas cotidianas independentemente de outras pessoas. É assim que elas conseguem atingir o prazer embebido na experiência estética incorporada no ato de malhar.

As crenças que cultuam em torno de si e dos Outros, amplamente refletidas nas seções anteriores podem ser sintetizadas nos seguintes pontos: (1) a tecnologia é o instrumento fundamental para fazê-las atingir a sua meta; (2) a atividade física é altamente valorizada pelas reabilitadoras, pois esta é a fonte que alimenta o desafio ao qual se submetem (i.e., a recuperação e a saúde do seu corpo); (3) a saúde é um valor central, uma questão que está atrelada à sua sobrevivência e que norteia as suas ações cotidianas.

Desta forma, o desempenho corporal da reabilitadora está sendo constantemente avaliado, por ela e pelo seu técnico, e a disciplina surge como um pilar fundamental para se experienciar o ato de malhar. O corpo não é somente objetificado, mas também vivenciado e sentido por ela em todas as suas dimensões. Outros valores abstraídos e observados por nós, em sua prática são: equilíbrio, harmonia, segurança, conforto e sociabilidade.

Por outro lado, cabe ressaltar, que ser uma reabilitadora é também cultivar uma idéia constante de possibilidade de insucesso quando percebemos que a sombra do estigma inevitavelmente macula o seu corpo, mesmo quando consegue ultrapassar alguns limites, tornando-a essencialmente dependente. Dependência esta que se apresenta como uma ruptura do espetáculo da vida cotidiana que elas desejam encenar. Assim, a racionalidade presente na ação de uma reabilitadora se embasa na premissa de que o corpo que ela carrega é um corpo que precisa ser consertado e libertado das amarras que o torna inexoravelmente dependente.

2.5 O que é a experiência da malhação, afinal?

A malhadora é o oposto da não-malhadora, daquela pessoa que não malha, que tem um corpo sedentário, e que não se envolve em uma experiência de consumo singular que é a

malhação, esta que, produz em seu agente uma postura que exhibe, por um lado: altivez, conforto, expansividade e exibicionismo e por outro, uma postura dependente e autocentrada.

Postura que nos sugere algumas questões a serem exploradas: Em que situações, ela tende a exibir com mais regularidade as supracitadas posturas ou deixa de exibir outras? Porque ela se expressa assim? De que forma a malhadora é construída? Quando esse sujeito nasce? O que lhe é característico? Que relação ela cultua com o seu corpo e com a experiência de consumo, que por ora intitulamos de malhação?

Compreenderemos, então, a postura do nosso sujeito epistêmico¹⁰³, que intitulamos de “malhadora”, sabendo, entretanto, que compreender envolve um processo interpretativo, no mínimo de um modo implícito, e que é em busca da compreensão e conseqüentemente da interpretação das situações e das relações observadas em campo que agiremos na tentativa de relatar o objeto de estudo o mais próximo possível da realidade observada.

A condição de existência da malhadora é o seu objeto, o corpo “próprio¹⁰⁴”. Existência esta que se embasa na crença de que ela não só pode como também deve interferir e transformar a sua forma de existir no mundo, o seu corpo próprio, que é o meio pelo qual ela conhece a si e aos outros, com os quais se relaciona, o que conseqüentemente, nos leva a crer que, ao cultuar a crença de que pode e deve mudar o corpo, ela transforma, também as interações sociais que constrói em torno de si, por meio dele que a representa no espetáculo da vida cotidiana.

A tecnologia, mencionada por Virilio (1984, p.29) como sendo a “nossa natureza produzida a partir do saber revelado sobre o enigma da natureza”, o resultado do conhecimento que produzimos depois que compreendemos a obscuridade e as restrições presentes naquela, nos foi apontada como sendo um componente fundamental que estrutura a experiência investigada e a existência do sujeito “malhadora”. Ela seria então o que Virilio (1999a) chama de Homem-planeta, um ser vivo industrializado, que se é preciso a todo custo

¹⁰³Nomeamos a malhadora como o nosso “Sujeito-epistêmico” porque partimos do princípio de que o sujeito é o fundador do conhecimento, o sujeito da sua epistemologia. Depois porque ele foi compreendido por nós através do processo de análises que elaboramos por meio da percepção, registro, sistematização e conseqüentemente interpretação, do que constatamos em campo ao presenciarmos situações nas quais emergiram relações simbólicas e hierárquicas em que os diversos sujeitos se apresentaram. Desta forma, apresenta-se como um sujeito ideal, universal, que não corresponde a ninguém em particular, embora sintetize as possibilidades de cada uma das pessoas e de todas as pessoas ao mesmo tempo (PIAGET, 1979). Para um maior detalhamento sobre a análise dos dados ler o apêndice intitulado: “Questão de Método” deste trabalho.

¹⁰⁴ Compreendemos aqui a noção de corpo “próprio” a de um corpo adicionado “a próteses que fazem de uma pessoa válida, superequipada, o equivalente de um inválido equipado” (VIRILIO, 1995, p.33). Afinal ao fazer uso das tecnologias do tempo de consumo, a malhadora se equipa e transforma seu corpo para fazer parte da sociedade das imagens.

invadir ou reduzir, fruto da colonização da tecnologia que conquistou o corpo humano e o mundo por meio da cibercultura representada pelas tecnologias digitais e comunicacionais.

Desta forma, ela é produto do mundo colonizado pela tecnologia e fruto da hibridização daquela com o corpo, que oferece oportunidades de múltiplas intervenções com os progressos que a modernidade disponibiliza. Para o supracitado autor essa era é a era do tecno-culto, era do culto a uma ciência desnaturada que exhibe um integrismo-técnico-científico, presente no *habitat natural* da malhadora, o *fitness center*, produto-síntese da cultura, que se transformou em “tráfego internacional inserido na ‘categoria serviços’ com numerosos produtos oferecidos aos consumidores pelas multinacionais” (VIRILIO, 1999a, p.50).

A descrição do seu espaço já foi elaborada em outro momento, mas cabe aqui deixar explícita a relação do mesmo com os universos virtuais dos ciberespaços, esses que são os espaços típicos da cibercultura¹⁰⁵ que compõe o que chamamos de tecnocultura, que de acordo com Virilio (1999a) pode ser compreendida como a cultura dos instrumentos de investigação tecnológica e de industrialização que combinam percepção e informação por meio dos dispositivos maquínicos de estetização ou culturalização da realidade que impregnam e interferem na organização social e conseqüentemente na produção de bens simbólicos e culturais.

A imersão naqueles espaços, que cotidianamente nos permitimos adentrar, seja em momentos de trabalho ou de lazer, quando acessamos computadores, internet, jogos, televisores e telas de cinemas nos remetem a uma realidade virtual que dissemina uma grande quantidade de imagens idealizadas por alguém que a produz nos fazendo viver naquele mundo imaginal que prolifera um mundo mítico e perfeito. Realidade imaginada, lúdica, plastificada, construída, de um mundo sem doenças, sem odores, sem contato físico, sem dor, ou seja, sem as mazelas do Homem¹⁰⁶. Conhecemos aquele mundo, o que torna difícil ignorá-lo, assim tentamos, a todo custo, e a custo da tecnologia disponível, fazer dos ambientes de “carne e osso”, imagem-semelhança daqueles proliferados pelas mídias digitais.

O templo da nossa malhadora parecia ser um daqueles ambientes. Entretanto, por mais que nós queiramos, a percepção do real não consegue desaparecer, somos seres vivos e mais

¹⁰⁵ O capítulo três dessa dissertação tratará de refletir de forma mais acurada os conceitos de cibercultura e tecnocultura.

¹⁰⁶ Inspiramo-nos nesse momento na crítica à modernidade, que Sfez (1996) realizou em seu livro *Saúde Perfeita*, quando ele apresenta a nova Eva, como sendo a representação dos numerosos conceitos que são retomados nas utopias atuais, as do século XXI: um homem perfeito, imortal, construído por técnicas de simulação, e que pensa, sente e imagina um mundo infinitamente melhor do que o nosso.

cedo ou mais tarde nossos corpos “se sentem” na vida real e assim nos convencemos de que o mundo não é apenas aparência é também essência, pois “o Homem está enraizado em seu corpo para o melhor e para o pior” (LÊ BRETON, 2003, p.11). Visto que mesmo quando se liberta de suas pertinências reais para assumir as múltiplas identidades do espaço virtual, brincando com seu sexo, sua idade, seus gostos, sua nacionalidade etc., o Homem não escapa do cansaço, da fome, do sono, das doenças ou da deficiência.

O que acontece é que a percepção do imaginal oculta a percepção real e quando confundimos a imagem mítica do virtual com a imagem real de nossas vidas, estamos de novo diante do ópio dos povos, que não é mais o rito religioso de outrora, e sim a overdose imaginal que pode conduzir para extinção da humanidade como espécie inteligente no planeta Terra (VIRILIO, 1998).

A malhadora é um exemplar de acuidade moral da quimera que existe entre esses dois mundos que cotidianamente a visita e nos visita. Vive em meio a uma compulsão e confusão interativa onde os limites da sua percepção são impactados quando há uma extensão do ser físico, que vai além da sua pele tanto nos espaços virtuais quanto no uso das máquinas de musculação. É um sujeito global que representa a pluralização de estilos de vida e de gostos híbridos do nosso mundo.¹⁰⁷ “Um mundo sem intimidade, tornado estranho e obscuro, inteiramente entregue às técnicas de informação e à superexposição dos detalhes” (VIRILIO, 1999a, p.59)

A tecnologia fomenta a sua crença de que ela é um agente transformador que está em busca da perfeição do corpo, que ela cultua de forma apaixonada, enérgica, dependente¹⁰⁸ e autocentrada. Aspectos presentes na sua maneira, que de forma regular, intensificava o treino, mostrava ritmo acelerado e disciplina.

A altivez e a expansividade da malhadora parece advir da supracitada crença, frente a isso, o conforto aparece quando ela se engaja no ato de malhar que promete essa

¹⁰⁷ Para maiores informações sobre a identidade globalizada interferindo no marketing e no consumo, ver Tavares (2001), que em seu artigo: “O marketing pós-moderno nas sociedades midiáticas e temporais”, utiliza o termo “siliconização da cultura” para falar criticamente do efeito “plastificado” que a cultura incorporou com a globalização e a importância de se compreender o sujeito consumidor com o olhar de descentramento de Derrida que junto a outros desconstrucionistas defendem a tese que o eu se subverte e se pluraliza em cada ponto de encontro que ingressa. Em épocas modernas, a identidade nasce da escolha; ela não é atribuída, a verdade é contextual e há uma pluralização de modos de vida (SLATER, 2002). Desta forma, o consumidor é alguém engajado em um “projeto cultural” cujo propósito é completar seu eu (MCCRACKEN, 2003). Somos a construção de vários “eus”, produtos para diversas situações não existindo um eu interior autêntico um projeto (SLATER, 2002).

¹⁰⁸ Vale ressaltar que a dependência foi uma categoria que emergiu de forma regular nas situações *per se*, e também nas cinco categorias em que fizemos a sua descrição (i.e., nas [i]materialidades das suas formas de expressão, dos saberes, das celebrações e temporalidades, dos artefatos e lugares e das suas crenças e valores).

transformação, e o desconforto quando há situações em que ela tenta ultrapassar os limites que o corpo impõe.

A característica sacrificial embebida na experiência nos foi revelada quando percebemos que ao mesmo tempo em que ela fornece prazer e liberdade por um lado, por outro ela incorpora características de dor e sujeitamento, nos fazendo crer também que há um componente de autoviolação quando tenta fugir da sua natureza primeira, a que retrata o seu “corpo animal” (VIRILIO, 1995, p.33), corpo da natureza que em princípio a caracteriza como um indivíduo e que parece estar sendo extinto devido à colonização da tecnologia (VIRILIO, 1999a).

O corpo da malhadora é construído em um pilar que intitulamos aparência, porque foi uma categoria que emergiu de forma predominante nas situações na qual ela se envolveu em campo. Também, por aquela qualificar a tecnocultura, a cultura criadora de imagens e dos meios de comunicação que prolifera informações em *bits* e segundos. A malhadora busca o oposto, a substância, quando se envolve em ações de reabilitação e de educação, que não se caracterizaram como sendo estruturas que sedimentam seu comportamento.

A harmonia é um critério idealizado por ela na construção do corpo, pois prima pela perfeição das formas que estão sendo apresentadas adquiridas por meio da tecnocultura. A introspecção e o autocentramento foram posturas exibidas nas situações em que a concentração para o desenvolvimento da atividade de malhar era mais requerida, ou seja, quando estavam em situação de superação de limites da sua força, a exemplo da reabilitação, do esforço corporal extra e também nos momentos “educativos”.

A fala acelerada e articulada, nos assuntos alusivos ao cotidiano do templo, foi característica marcante em seu perfil, assim como a disciplina. Ela se apresenta convicta no espetáculo, por meio de uma encenação que achamos conveniente chamar de exibicionista, porque ela parece não apenas ter um corpo, mas faz questão de ostentá-lo, deixando de fazer apenas quando está se reabilitando ou se educando.

A malhadora convicta encena o espetáculo do consumo investigado de forma apaixonada, só deixando de assim o fazer, e assim encenando de forma cínica, quando está imersa nele com o objetivo de estreitar seus vínculos sociais. Em nosso olhar, somente em nosso olhar, a cena fica desarmoniosa quando a malhadora tenta ultrapassar os limites do corpo, porque para ela, essa ação parece não somente ser plausível, mas condição da sua natureza. A harmonia é atingida quando ela equilibra as cargas e os exercícios e quando não

emitem gemidos no momento do treino, essas que são formas de expressões que fazem parte do seu *modus vivendi*.

A finalidade do seu ato é chegar ao encontro da experiência estética prazerosa que ter o corpo belo suscita, e não da beleza pura e simplesmente, mas do significado que aquela gera e dos seus dividendos simbólicos. Desta forma, o corpo poderia ser representado por ela como o “mais belo objeto de consumo” (BAUDRILLARD, 1997) para ser experimentado nas mais diversas dimensões e situações gerando um eu narcíseo, que vive do culto da sua imagem.

Ela crê que, para construir um corpo belo precisa de técnica e disciplina e nos pareceu extrapolar o auto-respeito que em princípio poderia ter, já que é um agente transformador, porque age dessa forma para poder existir em uma sociedade que privilegia a aparência e o “ser aparente”, assim como o “parecer ser” no lugar do ser (DEBORD, 1997). Fato que repercute na relação que estabelece com as mercadorias e com o mundo social, que cria vínculos que se estabelecem na forma-mercadoria, valor que não tem qualquer relação com as propriedades inerentes a elas (FONTENELLE, 2002).

A rigidez com que cultua a crença que norteia as suas ações a torna aprisionada, porque quer se fazer existir na sociedade de consumo que tem a tecnocultura como a disseminadora oficial dos códigos de conduta que dissemina imagens de corpos “próprios”, que são somente representações das representações onde as aparências se voltam contra todos, porque não permite o contato com a natureza sensível e primeira do objeto (VIRILIO, 1993), só com as suas imagens (DEBORD, 1997).

Imagens embebidas em suas formas de expressão e pelos inúmeros artefatos que a tornam malhadora, utilizados não só para aprimorar a sua performance na academia e criar próteses e extensões do próprio corpo (i.e., caráter utilitário, seu valor de uso), mas também para criar identificação, harmonia e estabelecer relações de hierarquização (i.e., caráter simbólico, seu valor de troca), pois, o artefato que ela incorpora, nos diz se é uma malhadora iniciante ou não, e também se compartilha dos códigos de conduta do grupo que ela está inserida, ou se exclui, já que o consumo pode exibir, também um aspecto contestador¹⁰⁹.

A aceleração embebida na experiência da malhadora que envolve os ritos que a transforma para poder caracterizá-la e também a sua relação com o corpo, é algo prazeroso

¹⁰⁹ O valor de troca dos objetos em nossa sociedade das imagens está atrelado não só ao que foi apropriado de trabalho para se confeccionar um bem como era em Karl Marx; está condicionado ao significado da mercadoria que vai gerar um “valor social” que será encarnado ao consumidor ao usá-la. Assim como o valor de uso que naquele momento estava vinculado ao caráter utilitário da mercadoria hoje também sofre influências do signo que a representa (FONTENELLE, 2002; FEATHERSTONE, 1997).

que gera comprometimento e dependência. Levando-nos a interpretá-la como sendo um sujeito consumidor alienado, esse que é desprovido da dialética necessária para a formação da sua consciência advinda da sua relação com seu objeto [corpo], com o seu mundo material, ela mantém uma relação de contemplação que a distancia dessa dialética, do movimento que tenta compreender as duas partes, que em princípio parecem ser opostas, que devem gerar uma integração no final (SLATER, 2002).

É tanto assim, que, quando a malhadora está em processo de reabilitação a aceleração é menor, afinal ela sente no corpo seus efeitos, por isso emitem a sensação de estarem deslocadas no tempo, e de serem menos alienadas do que aquelas que tentam ultrapassar os limites do corpo. A aceleração é uma categoria que priva o sujeito de ter o contato com o real¹¹⁰. A comunhão com a máquina sabota, interfere na percepção do tempo de duração com a substância do real que é seu corpo e com o espaço também.

Ela se sente confortável no ambiente da academia, que lhe é familiar, como a extensão da casa, onde estabelece uma relação de dependência, harmonia e conhecimento com seus cômodos e com os outros que compartilham com ela de momentos de interação.

Para ela existir, o *fitness center* é uma prerrogativa, entretanto, momentos de independência em relação a esse espaço acontecem quando ela está em situação de treino esporádico, descontínuo, e se reabilitando, pois, naquelas situações, pode ser que ela frequente outros lugares. O *fitness center* permite a sua exibição e a troca de informações com outros que compartilham do seu modo de vida.

Chegamos a ponto de dizer que ela busca a transformação do corpo, porque não está satisfeita com a realidade, ela nega o corpo como carne, como elemento que a situa no mundo, e a tem como uma coisa corruptível e vergonhosa que termina encontrando a mesma elaboração de corporeidade como objeto passivo de investimento e desinvestimento (FERREIRA, 2006).

Ela tenta transformar a realidade que lhe é apresentada, faz de forma ativa, o que nos remeteu à questão da importância da compreensão da qualidade “enérgica” que está imbuída à experiência da malhação que advirá da capacidade que ela tem de exercer a atividade física, característica oposta ao sedentarismo, com vias a adquirir o corpo belo e a saúde, que alimenta a fonte da juventude e que dá prazer emergindo daí a característica hedônica embebida nesta experiência estética de consumo que acessa seus sentidos.

¹¹⁰ Ver Paul Virilio e as obras consultadas para elaboração desse trabalho sobre as instâncias da vida que sofrem influência da aceleração, a saber: subjetividade, o social, o político e o cultural.

Addis e Holbrook (2001) apresentam a diferença entre consumo utilitário e consumo hedônico e a relevância da visão experiencial no que tange o segundo tipo. O primeiro se processa na compra de produtos utilitários onde a ênfase se dá na funcionalidade do produto que enfatiza o processo de tomada de decisão por meio de respostas objetivas (i.e. constância, racionalidade e análise, segundo Bettman et al, (1991) e Venkatraman e Macinnis, (1985) e o segundo quando os produtos evocam altos níveis de fantasias, sentimentos e diversão (i.e. privilegia a interação, variação, racionalidade e emoções e a incerteza; uso da visão experiencial de consumo). A perspectiva hedônica pode ser aplicada sob vários enfoques, a saber: construtos mentais, classes de produtos/serviços e diferenças individuais (HIRSCHMAN E HOLBROOK, 1982).

Assim, a experiência da malhação para ela é um momento de prazer quando a malhadora está engajada nele com a intenção de ultrapassar os limites do corpo, e de dor quando está querendo se socializar em campo ou quando está se reabilitando. É, também, um momento de exibição, na maioria das vezes, mas de reserva e de vergonha quando estão se educando ou se reabilitando¹¹¹.

O oposto, ou seja, gestos que passavam a sensação de “orgulho” emergem em situações de superação de limites. A presteza, no momento do treino, é uma característica, que compõe o perfil da malhadora de um modo regular, assim como a atitude enérgica e o comprometimento também compõem nosso sujeito que está construindo o corpo “próprio”, este que é, ao mesmo tempo, malhado [ativo] e tecnologizado [sedentário].

A criatividade, característica atribuída a alguém ou coisa que é inovador(a) e criativo(a), foi observada de forma mais regular nos treinos quando ela tentava ultrapassar os limites do corpo. A malhadora, entretanto, não pareceu poder se qualificar por esse adjetivo, pois a rotina emergiu nos momentos de treino com vias a atingir educação e sociabilidade. A não-assiduidade ao templo, e a frequência à este somente para estreitar relações sociais, foram ocorrências que repercutiram em treinos com características atreladas à indisciplina.

¹¹¹ Observamos em campo várias ações organizacionais de marketing experiencial, já mencionadas em momento anterior desse texto, que intencionam trabalhar essas duas situações de consumo, consequência da estratégia de segmentação dos mercados consumidores, que os diretores do templo pareceram utilizar, que resulta em propostas de produtos e serviços baseadas no estudo do perfil do público que a organização atende ou almeja atender. Um espaço com dimensões amplas e com a diversificação de ofertas, como o templo que freqüentamos, parece ainda corroborar com o estigma de que só é bem-vindo aquele que “carrega” o status do corpo que decora o ambiente, pois observamos como ainda é desconfortável para as pessoas que refletem uma situação estigmatizada compartilhar dos códigos de conduta dele, mesmo havendo uma suposta tendência de “integração de tribos”, que é o que pretende o conceito de *fitness*.

A malhadora é um sujeito dependente de outros para realizar seu treino porque não consegue travar o duelo com as máquinas sem o auxílio de um terceiro para dá “o toque” e também porque precisa do olhar do outro para a realização da sua fachada e a construção da sua identidade social (GOFFMAN, 1984). É através daquele olhar que a competição dentro do campo se estabelece quando os outros comparam suas cargas e seus corpos com o olhar “lateralizado” veiculado pelo espelho.

Familiaridade, conforto, concentração, comprometimento e a questão do desafio em relação aos saberes construídos em torno do treino, se mostraram como características fundamentais, excetuando as situações em que estão em busca de estreitamento dos vínculos sociais, que apresentaram, então os seus opostos: estranheza, desconforto, dispersão, falta de comprometimento e o fato do treino ser não-desafiador.

Frente ao exposto até agora, podemos dizer que a experiência da malhação, é função de sobrevivência para a malhadora, pois aquela intervém na relação que ela constrói com o seu objeto, o corpo “próprio”, tornando-a mais estreita, íntima e isenta de pudores, já que se relaciona com ele como se fosse um objeto qualquer que lhe permite fazer trocas, compra e venda, não só no templo que freqüentamos, que é um exemplo de um lugar, mas também em outros lugares da sociedade do “eu performático” (GOFFMAN, 1984), repercutindo no fortalecimento de “vínculos aparentes” que a sedimenta.

O corpo “próprio” da malhadora é um corpo que exhibe contradição, pois ao mesmo tempo em que tem uma força ativa que poderia remeter à criação e criatividade, como se tivesse participação em sua constituição, ele possui uma expressão produtiva que apenas reproduz, porque o coloca na dimensão de uma representação reificada¹¹².

Um tema que emergiu em campo que corroborou com essa alienação foi o fato da saúde ser uma categoria presente, amplamente disseminada pelos diretores do templo e que, na prática os consumidores inverteram, e apareceu como um saber apenas contingencial e não necessário, a partir do momento que outras prioridades vieram à tona. Afinal, quem não quer ser saudável¹¹³?

¹¹² Reificação: constitui o grau extremo do processo de objetivação, pelo qual o mundo objetivado perde a inteligibilidade que possui como empreendimento humano e fixa-se como uma facticidade não-humana, em que a relação real entre o homem e o seu mundo é invertida na consciência. O Homem, o produtor de um mundo, é aprendido como produto deste, e a atividade humana como um epifenômeno de processos não-humanos. Os significados humanos não são mais entendidos como produzindo o mundo, mas como sendo, por sua vez, produtos da “natureza das coisas”. Paradoxalmente, o homem é capaz de produzir uma realidade que o nega (BERGER E LUCKMAN, 1976).

¹¹³ A mesma análise se apresentou quando emergiram do campo questões de equilíbrio e desequilíbrio em torno da saúde. A saúde somente liderou a ação da malhadora quando ela está em busca de reabilitação e educação. A

Podemos dizer então, que alienação, reificação e perda da subjetividade são temas caros à nossa sociedade de consumo, o ônus que pagamos quando a cultura como um todo se transforma em "cultura de consumo" onde toda cultura se faz produzida sob a forma de mercadoria, assim, todo consumo, e, sobretudo, o consumo cultural, passa ser compensatório, integrador e funcional, daí a falsa sensação de liberdade que a malhadora sente quando está construindo o seu mais belo objeto de consumo: o corpo "próprio".

Desta forma, há então, uma falsa distância entre o sujeito e o objeto que precisa ser criticada, faz-se necessário uma reconciliação entre eles, um diálogo, que esclareça melhor essa relação representativa da nossa sociedade de consumo, que compreenda o imbricamento existente onde um constitui o outro, uma constituição mútua como nos fala Slater (2002).

Pois, é fato que a cultura de consumo faz pensar que os sujeitos e os objetos, os indivíduos e bens de consumo, público e cultura, são pares perfeitos e reconciliados, nas condições sociais presentes. Vale ressaltar que, na verdade, essa identificação é verdadeira na medida em que os indivíduos foram, eles próprios, reduzidos de fato a objetos, a unidades funcionais, administradas, no interior dos sistemas de produção e consumo (HORKHEIMER E ADORNO, 2000; SLATER, 2002). O que, fazer, então, para recuperar esse sujeito objetificado por esta "cultura de consumo da técnica"? Entremos no interior dessa cultura, no próximo capítulo, para podermos elucidar as "forças ocultas" que a impulsionam.

rigidez e a sujeição quanto à construção desse saber (saúde) talvez, com o intuito de dominar para assim extrapolar, se apresentaram na maioria dos momentos, excetuando-se nas situações de sociabilidade e também quando se envolve na experiência apenas por modismo, aparecendo, assim a flexibilidade e liberdade como pontos centrais.

3 Tecnocultura, corpo e cultura de consumo

A tecnocultura é um fenômeno que cria um mercado “unificado” que impõe às empresas uma concorrência “forçada” onde o consumo ocorre no seio de uma sociedade de “livre-mercado” e onde há a interligação do mundo por meio das comunicações digitalizadas que foram fruto da racionalidade contida na modernidade¹¹⁴, e onde o *fitness center* aparece como um espaço territorial que comercializa seus produtos “multinacionalizados” advindos de empresas globalitárias¹¹⁵ que vendem estilos de vida e experiências que ficam superexpostos às diversas esferas do cotidiano. Pois:

“(…) através do fenômeno global, de um mercado único, se necessita de superexposição integral, não apenas dos lugares, mas ainda das pessoas, de seu comportamento, de suas ações e de suas reações íntimas. Assim, a [des] razão da concorrência forçada se instala nas atividades econômicas, políticas, culturais (...) (VIRILIO, 1999a, p.66)”.

Assim, ao se instalar de forma generalizada em nossas vidas nos torna reféns, nos fazendo perder a “liberdade comportamental”, pois toda a crítica da técnica desapareceu pouco a pouco e deslizamos inconscientemente da pura tecnologia para a tecnocultura e finalmente para o dogmatismo de uma tecnocultura totalitária que nos priva progressivamente do uso dos nossos órgãos receptores naturais.

Durante o séc. XX vimos o capitalismo transpor crises e ser “obrigado” a passar por processos de transformação para responder à sua conseqüente cultura do efêmero, dos avanços tecnológicos e do consumo. A modernidade, de posse dos ideais iluministas¹¹⁶, promete que o progresso é o caminho para a sociedade adquirir abundância, liberdade e

¹¹⁴ Há uma imagem fortemente integrada da modernidade como sendo um esforço global de produção e de controle, cujas quatro principais dimensões são o industrialismo, o capitalismo a industrialização da guerra e a vigilância de todos os aspectos da vida social. (GIDDENS, 2003).

¹¹⁵ Empresas que “emanam” novo tipo de totalitarismo, que não se apresenta mais de forma localizada. Com o advento da globalização, um novo totalitarismo surge, existente em qualquer lugar do mundo onde qualquer um pode ser controlado e vigiado (ARMITAGE, 1999).

¹¹⁶ O indivíduo do iluminismo é um indivíduo autônomo, racional, soberano como desejos de conforto e riqueza atrelado ao comércio e à indústria. Só as necessidades definidas por ele próprio podem legitimar as instituições econômicas e sociais. (SLATER 2002). A ironia é que o próprio liberalismo econômico pode isolar o consumidor e transformá-lo no “outro” com sua noção formal exclusivista de racionalidade e com o uso dessa racionalidade para transformar as pessoas em objetos, em lugar de sujeitos da ação motivada pelo interesse individual.

felicidade, e tem como pano de fundo o desenvolvimento da cultura de consumo; e como elemento norteador a razão¹¹⁷ que promete “autonomia” ao Homem (TOURAINÉ, 2004; SLATER, 2002, VIRILIO, 1996b).

A atualidade nos mostra, entretanto, uma figura ambivalente: que progresso é esse, que acumula em cada um de nós seres [pós] modernos uma plethora de danos específicos, que incluem problemas visuais, sociais, afetivos, intelectuais, sexuais, que se sedimentou em cada inovação que nos foi apresentada? Parece que a abundância da cultura de consumo nos trouxe produtos para atender todos os tipos de consumidores, sem se preocupar com quem está consumindo, utilizando-se, assim, de uma linguagem pluralizada.

Pois, por um lado observamos: os *fast foods*, as bebidas alcoólicas de toda ordem, refrigerantes, comidas e temperos gordurosos e calóricos que “danificam” a saúde. Por outro lado: as academias de ginástica, os produtos *light* e *diet*, as massagens, as vestimentas, os livros de auto-ajuda, os SPA’s, as TVs a cabo, os esportes de aventura. A modernidade significa, em outras palavras, pluralização (BERGER E LUCKMAN, 2004)¹¹⁸.

O movimento da modernidade se estabeleceu como o contraponto das sociedades tradicionais e impunha, através da “liberação” do Homem, a destruição de laços, sentimentos e costumes atrelados ao tradicionalismo. A modernidade privilegia o conhecimento científico, e negligencia o senso-comum este que é um modelo “natural” onde o entendimento é reflexão que repousa sobre uma sensação (TOURAINÉ, 1994).

Em outras palavras, é um movimento de supressão dos princípios eternos que elimina todas as essências de suas entidades artificiais que são o “*self*” e as culturas, em benefício do conhecimento científico, dos mecanismos biopsicológicos e das regras impessoais “não escritas” de troca dos bens, das palavras e do comportamento das mulheres que consomem técnicas corporais para se tornarem mais desejáveis.

¹¹⁷ A razão é o componente básico da filosofia ocidental para se responder aos problemas filosóficos à cerca da realidade. Se na antiguidade a razão estava atrelada às propriedades da natureza, na idade média a Deus, no pensamento Moderno ela aparece como faculdade autônoma do Homem.

¹¹⁸ Para os autores, são conhecidas as causas estruturais desse fato: crescimento populacional e migração, e, com isso, um aumento das cidades; economia de mercado e industrialização que misturam pessoas dos mais diferentes tipos e que as forçam a chegar a um entendimento mais ou menos pacífico; estado de direito e democracia que garantem institucionalmente esse entendimento; os meios de comunicação de massa que exibem constantemente e com insistência uma pluralidade nos modos de pensar e viver: tanto por material impresso quanto que, com base na alfabetização massificada foi difundido entre a população inteira através da obrigatoriedade escolar, quanto pelos meios eletrônicos mais modernos.

Desta forma, a impessoalidade e a individualidade ganham espaço na cultura da técnica que promove os não-lugares, que para Bauman (2001)¹¹⁹, são lugares vazios de significados simbólicos e de história, que paradoxalmente são lugares públicos, que fazem com que as pessoas exerçam o não-contato com estranhos devido ao medo cotidiano que assola os moradores das cidades. O *fitness center* detinha essa frieza, muito embora a malhadora fosse dependente de um Outro, esse não era um estranho a ela e sim um familiar. Vivemos a era da multidão solitária e a individualidade se apresenta hoje como um campo gravitacional tão intenso que nada dele escapa ao seu interior.

Evitando o contato com o estranho, com a alteridade, como fica a comunidade, o laço que aglutina as pessoas em torno de objetivos comuns? O que é a comunidade numa sociedade que “evita” e tem estratégias específicas para não falar com estranhos? Existência de lugares públicos, mas não civis, ameaçando a civilidade, as regras do convívio. Como nos diz Virilio (1993), Bauman (2001) e Berger e Luckman (2004), a civilidade depende da proximidade e o fato é que estamos cada vez mais distantes uns dos outros.

A modernidade privilegia uma visão “naturalista” do homem que se opõe ao pensamento dualista onde a consciência de si não é diferente da consciência das coisas, e o homem é o conjunto de alma e corpo na experiência da sua identidade onde a natureza se imprime nele pelos desejos e pela aceitação natural que proporciona, ou pela infelicidade que é o castigo daqueles que não a seguem (TOURAINE, 1994).

Assim, a modernidade, identificada com o triunfo da razão é a última forma tomada pela investigação tradicional do Uno, do Ser. Nela, então, há a visão de que o corpo é unidade pré-social e biológica sobre a qual um *self* e uma sociedade se constituiriam; o que acarretou em produzir diferenças e discriminações étnicas em um momento da história e outros tipos de discriminações atualmente. Estas produzidas socialmente e que fazem a malhadora sucumbir a sua natureza primeira [corpo animal] com vias a atingir a anuência da sociedade em torno do corpo “próprio” que ela venha apresentar.

A racionalidade da vontade geral é oposta às paixões individuais. O controle sobre as ações dos indivíduos está posto através do Contrato Social que pode ser tão opressivo quanto o Estado. A rejeição de toda revelação e de todo princípio moral criou um vazio que é preenchido pela idéia de sociedade, isto é, de utilidade social. O homem é apenas um cidadão.

¹¹⁹ O não-lugar é protegido contra aqueles que costumam quebrar a regra que diz que o contato deve ser breve e superficial. Esses são chamados de intrometidos, chatos e outros, pois interferem no maravilhoso isolamento do consumidor ou comprador.

Assim, o indivíduo-cidadão daí resultante é um fato ideológico que precisou dos mitos romântico do herói e do gênio para se sedimentar e aumentar a influência básica do indivíduo na vida social. Assim, a história da modernidade é aquela da ruptura lenta [acelerada], mas inelutável entre o indivíduo, a sociedade e a natureza (TOURAINÉ, 1994; SLATER, 2002).

A idéia de nação é que inspira os princípios da racionalidade formando um espaço nacional integrado, substituindo tradições, costumes e privilégios. Esse foi o momento em que o Estado surgiu e quando se desenvolveu a guerra como uma organização, economia territorial, da capitalização, da tecnologia (VIRILIO, 1984). Assim, se construiu um mundo em torno de uma promessa que não se cumpriu. Onde está a liberdade e o progresso Humano?

Em outras palavras, o projeto iluminista de modernidade e a modernidade concreta, advinda, das ruas, fábricas e das novas relações de trabalho vão se tornando pólos quase irreconciliáveis e é precisamente dessas contradições que surge o modernismo (ou os vários movimentos modernistas) (PRYTHON, 2001). Assim, do mundo “verdadeiro” da modernidade só restam ruínas, mas sobre estas ruínas se erguem novas tábuas de valores onde a [pós]modernidade é terra fértil para a proliferação do efêmero, da volatilidade, da descartabilidade e da estetização da vida cotidiana.

Desta forma, podemos compreender a crise da modernidade como sendo o esgotamento do movimento dos iluministas em sua fase inicial que prometia a liberdade ao homem da ex-sociedade tradicional onde um aspecto da crise é a perda de sentido de uma cultura que se sentia enclausurada na técnica e na razão instrumental não articulando espaço para a questão da subjetividade humana e conseqüentemente para a humanização.

Cabe ressaltar que a compreensão do exercício da subjetividade humana pressupõe que os indivíduos são livres e iguais no interior de uma comunidade, neste sentido, por nascerem livres e iguais eles não precisariam, por exemplo, de mais um dos produtos da modernidade, a “Declaração dos Direitos Humanos”, pois estes seriam “naturais”¹²⁰.

Assim, embebida de uma individualidade solipsista, a malhadora deixa de exercer o direito que lhe é dado como natural, o de ser mãe, devido à ingestão de substâncias

¹²⁰ Por um lado, a declaração dos direitos do homem apregoa como garantia política a concepção universal do homem enquanto indivíduo, este que passa a gerar valor social, uma vez que, de acordo com o seu artigo segundo, “a finalidade de toda associação política é a conservação dos direitos naturais e imprescindíveis ao homem”, ou seja, a “liberdade, a propriedade, a segurança e a resistência à opressão” (SODRÉ, 1996, p.44). Por um outro lado, Virilio (1993) alerta para a noção da crise que o termo alude, pois a instituição “Estado Civil” está enfraquecida e há em muitos países, instabilidade das condições de emprego, de moradia, da frequência de trocas e de fluxos “transfronteiriços”, onde há sinais de decrepitude da *paz civil*. Desta forma, apresenta-se como um instrumento legitimador do poder, quando observamos as guerras que estão acontecendo em nome dos Direitos do Homem.

ergogênicas, e o fato de ser lembrada pelo legado que deixaria para a humanidade, a impressão do seu DNA em Outro Ser, e em uma ação que reforçaria aquele conceito, em razão do seu projeto que culmina em um corpo “próprio.”

Desta forma, a dissociação entre os fatos e o sentido, entre economia e cultura definiu melhor a crise da modernidade. O Estado, com a economia neoliberal contemporânea, perde a sua força e se desresponsabiliza deixando os cidadãos descentrados “livres” frente à fraqueza das suas instituições (i.e., governo, educação, religião, forças armadas, funcionalismo público, entre outras) e seus dogmatismos violentos. Desta forma, a instituição [pós]moderna que mais ganha poder é a mídia (TOURAINÉ, 1994; BAUMAN, 2001; SLATER, 2002; VIRILIO, 1996a; 1996b), esta que dissemina imagens de corpos “próprios” fabricados através das suas telas que insistem “Ser Real”, que nos remete a uma questão: a que custo elas são criadas¹²¹?

Por um lado, é fato que ao criar um laço *social* entre os indivíduos-cidadãos, a República instaura a possibilidade da *comunicação* entre eles. A imprensa cresce na modernidade devido à garantia da livre manifestação da subjetividade civil. Diferentemente da democracia grega, que entendia liberdade como “política” (participação do cidadão na *polis*), a democracia moderna volta-se para a liberdade “civil” (direitos individuais garantidos por leis), onde se sustenta a proteção do cidadão contra o poder da *polis* ou do Estado (SODRÉ, 1996). A imprensa assegura ao cidadão isolado e autônomo a representatividade de sua palavra, de seus pensamentos particulares onde os “ideais” humanistas encontravam abrigo para se procriar.

Por outro lado, entretanto, sabemos que os meios de comunicação industriais se beneficiam de uma singular depravação das leis democráticas, neles não há democracia, há imposição, e podemos interpretá-los como um contra-poder, onde o principal apanágio que eles têm é a sua força de dissimulação. Quando a criatividade parece ser privilégio de alguns publicitários e marketeiros onde seus conceitos orientam as pessoas em geral, e quando a massa espera que essas instituições “inteligentes” sejam seu pastor para “regular” suas ações cotidianas (no uso de técnicas corporais), nos deparamos com uma sociedade repleta de organismos e não de pessoas.

Assim, é na nostalgia do Ser, na busca da retomada do papel ativo do sujeito que encontramos as críticas à modernidade, ou seja, na denúncia dos efeitos negativos da

¹²¹ Vale ressaltar o destaque que a imprensa nacional forneceu ao caso de uma modelo que faleceu devido a anorexia nervosa, e aos incipientes movimentos sociais que estão surgindo “contra” a indústria da moda que estimula a imagem de corpos magérrimos que estão longe de ser corpos humanos. Houve o pronunciamento de alguma instituição pública, que não fosse a mídia, em relação ao fato?

tecnocracia dentro das empresas modernas que se transfere para a sociedade. Desta forma, a imagem da tecnocracia triunfante é de uma pobreza irrisória face às conseqüências que ela gera, o consumismo, o impulso dos “nacionalismos” e ao poder centralizador emanado pelas empresas multinacionais (TOURAINÉ, 1994; VIRILIO, 1984). Assim, chegamos a ponto de dizer que, a tecnologia não é neutra; é um continente negro (VIRILIO, 1984) e que merece ser denunciado. Detalharemos, então, nas subseções deste capítulo, a relação existente entre a tecnocultura, corpo e cultura de consumo.

3.1 Iluminando os bastidores da Tecnocultura

Tecnocultura, cultura do consumo da técnica e das representações, dos índices e das analogias, no lugar dos ícones e dos símbolos, já que se apresenta como sendo um sistema representacional em que a própria realidade (i.e., a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada e imersa em uma composição de imagens virtuais do mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não mais se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na própria experiência (CASTELLS, 2003) ¹²².

Cultura onde há simulações de experiências “reais” na qual os indivíduos têm consciência do momento experienciado e a presença maciça de simulacros que são as realidades representadas e consentidas pelas imagens que ela prolifera. Pode ser compreendida também como a cultura do virtual (LÉVY, 1996; BAUDRILLARD, 1995, 2004), da virtualidade real (CASTELLS, 1999, 2003), da proliferação de imagens, de sons, da velocidade, da efemeridade, da cibercultura¹²³, do ciberpunk¹²⁴, dos videogames e da primazia do

¹²² A indústria das imagens opera por meio de signos indiciais, daí o seu “sucesso”. Isso quer dizer que os signos veiculados nos meios apontam para o seu objeto, para o referente, sem ser, entretanto, semelhante a ele. Em oposição ao signo icônico que pode ser representado por uma fotografia ou uma escultura que alude ao próprio objeto. Sendo assim, um índice está ligado a um ícone e sem este, aquele não pode existir, deve ser como uma possibilidade prestes a se verificar ou como realidade já verificada anteriormente. A exemplo dos formatos das novelas que parecem seguir sempre a mesma lógica estrutural que exige do receptor um conhecimento prévio, tornando-o um signo de manutenção e o ícone um signo que revela o novo, pois me dá a informação sobre o próprio objeto, bastando apenas que eu esteja apto a recebê-lo. O símbolo, terceiro tipo de signo, é arbitrário e representa seu objeto em virtude de uma convenção, de um acordo (COELHO, 1989).

¹²³ Segundo Guimarães (1997), o termo abrange os fenômenos relacionados ao ciberespaço, ou seja, os fenômenos associados às formas de comunicação mediadas por computadores. Por outro lado, Escobar (1994) define o termo como pano de fundo das novíssimas tecnologias, em especial as relacionadas à comunicação digital, à realidade virtual e à biotecnologia.

consumo de imagens (MARÇAL *et al.*, 2006). Ao transformar as imagens na própria experiência, causa uma verdadeira desinformação visual por meio da fabricação de cenários, materiais e movimentos de multidão que praticamente não dispõe de limites no espaço em que estão sendo apresentadas (VIRILIO, 2005).

Desta forma, há uma interferência na percepção do real, deixando-a automatizada, causando uma verdadeira perturbação entre virtualidade e realidade traduzindo-se em um movimento complexo e ambíguo, já que tentamos trazer para a atualidade as imagens ideais dos corpos vistos na mídia. Em nosso imaginário maquínico, o tamanho natural não é mais parâmetro do real, pois a realidade das coisas se dissimula na banalidade das figuras que se esconde na redução das telas (VIRILIO, 1993).

Qual o tamanho “real” daqueles corpos femininos veiculados nas telas? Como aquelas modelos se apresentam sem a produção das técnicas corporais e visuais utilizadas, como maquiagens, enquadre de vídeo, distanciamento e aproximação das filmadoras? O que acontece nos bastidores de “verdade”? Não temos acesso a ele, no entanto, as suas idealizações fazem parte do imaginário coletivo. Reproduz-se, então, um corpo virtualizado, que existe apenas em potência, mas que engendra motivações e impacta na subjetividade da malhadora.

Desta forma, a virtualização submete a narrativa clássica a uma prova rude: unidade de tempo sem unidade de lugar (graças às interações em tempo real por redes eletrônicas, às transmissões ao vivo, aos sistemas de telepresença), continuidade de ação apesar de uma duração descontínua (como na comunicação por secretária eletrônica ou por correio eletrônico) (LÉVY, 1996; VIRILIO, 1984; TAVARES, 2001)¹²⁵. Assim, os chás emagrecedores,

¹²⁴ Termo cunhado por Gardner Dezois para definir o movimento que acreditava que a maior parte da produção da ficção científica estava atrelada a fórmulas concebidas no passado, quando a alta tecnologia ainda não moldava diretamente o cerne da experiência humana. Os escritores que faziam parte desse movimento observaram que a disseminação da tecnologia de ponta, com o avanço da informática, ameaçava tornar a realidade mais estranha e empolgante do que a própria ficção (GIBSON, 2003).

¹²⁵ A abordagem de Lévy em relação às tecnologias digitais é apologética enquanto que a de Virilio é mais “catastrófica”, entretanto, se aproximam quando elaboram os conceitos: virtualidade, realidade, atualidade e potencialidade. Ou seja, o primeiro acredita numa provável democracia a partir das tecnologias, Virilio, ao contrário, aponta um poder absoluto inerente à cultura digital.

Virtual, do latim medieval *virtualis*, derivado por sua vez de *virtus*, força, potência. Na filosofia escolástica, é virtual o que existe em potência e não em ato. O virtual tende a atualizar-se sem ter passado, no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes (LEVY, 1996). Segundo o mesmo autor, três processos de virtualização fizeram emergir a espécie humana: o desenvolvimento das linguagens, a multiplicação das técnicas e a complexificação das instituições.

a própria atividade física, as cirurgias plásticas são processos de virtualização que engendram o corpo “próprio” da malhadora.

Esta é a cultura que idolatra os avanços tecnológicos onde se firma um estado de tecnofilia, como aponta Virilio (1984). A tecnologia altera as bases nas quais os significados são construídos em qualquer ação ou representação social (e.g., corpo belo, corpo magro em nossa sociedade) se inserindo no contexto do mundo contemporâneo como um elemento-chave, não só mediando as pessoas e o mundo, mas, como um instrumento que medeia hoje, de modo mais intenso e acelerado, a transformação da sociedade em mercado o que acarreta em alguns problemas, pois a lógica deste é outra, diferente da lógica da sociedade enquanto elemento norteador e propagador de sentido, de valores e de condutas comunitárias (MARTÍN-BARBERO, 2003).

Desta forma, por sermos Humanos e vivermos em cidades podemos afirmar que experienciamos um cotidiano em que a máquina foi substituída pela informação, a fábrica (i.e., o representante maior da Produção e do sistema fordista na lógica do mercado) pelo *fitness center* (i.e., representante do consumo e do sistema pós-fordista¹²⁶ nessa mesma lógica), o contato de pessoa a pessoa pela relação com um vídeo (e.g, comunidades virtuais, programas de computador que proporcionam interações como o *Msn messenger*, salas de bate-papo e as videoconferências) onde a estética impregna os objetos e os corpos humanos para que se tornem mais atraentes tornando o uso da tecnologia algo disseminado popularmente¹²⁷.

Neste sentido, a popularidade da tecnologia registra a ambivalência em direção aos efeitos que a mediação tecnológica traz para as nossas vidas; por um lado ela aparece como sendo a panacéia para resolução de todos os males (para quê passar horas e horas caminhando e fazendo exercício físico para conseguir uma boa condição física se esta pode ser

¹²⁶ Com os avanços tecnológicos e o conseqüente aumento de quantidades de peças produzidas nas empresas, através do incremento das linhas de produção recorrente da utilização do sistema de produção fordista, o sistema capitalista precisou estimular o consumo para sobreviver. Percebemos dessa forma o deslocamento de uma sociedade industrial, que privilegia a produção para uma pós-industrial onde o consumo aparece como um fenômeno gerador de sentido das ações e práticas cotidianas individualizadas. O deslocamento dos eixos de produção trouxe consigo todo o aparato tecnológico aos olhos dos cidadãos comuns, agora chamados consumidores (OLIVEIRA, 2002).

¹²⁷ A partir do século XIX novos objetos técnicos se incorporam à história da humanidade: o telefone, a fotografia, o cinema, a televisão e a indústria da informática, com suas redes integradas. A velocidade dos meios de transportes parece encontrar o seu apogeu nos meios de comunicação, através da multiplicidade de mensagens, informações e imagens que vivem da circulação entre os canais, as redes e os terminais eletrônicos. Com isso, a velocidade ganha outro ponto de referência. Não apenas as estradas, rotas marítimas e aéreas, mas, sobretudo as ondas eletromagnéticas. Para os indivíduos, a viagem e também o trabalho, o lazer, o prazer e a existência como um todo – é um ato de estar ligado, sintonizado, plugado (VIRILIO, 1996; COUTO, 1990).

conquistada por meio da ingestão de uma pílula qualquer que promete o mesmo resultado e não menciona com o mesmo “impacto comunicacional” seus efeitos colaterais?).

Por outro lado, gera uma dependência crônica proporcionada pela facilidade que seus avanços trazem (i.e. a lei do menor esforço quando buscamos a “saúde perfeita” por meio de ingestão de vitaminas no lugar de alimentos) nos colocando no papel de refém de um ato de criação que a princípio foi nosso e que hoje se perdeu o controle; levando-nos à supracitada mencionada era da “tecnologização do mundo vivido” que tudo promete, tudo pode e onde tudo é capaz (VIRILIO, 1996a). Não seria o papel de Criação um papel Divino? Estamos “brincando” de Deus? A promessa científica e tecnológica parece nos fazer reencontrar com um dos mitos fundamentais da condição humana, a crença no advento do corpo perfeito, sem mal, sem impureza, sem doença e sem contradição.

Sendo assim, ao definirmos o domínio do termo técnica, como sendo o processo que fornece sofisticação ao vetor com o objetivo de melhorar seu desempenho (VIRILIO, 1996a), pressupomos uma “lógica de velocidade” (da compressão do tempo, da corrida) da anulação do espaço, da inscrição de um “não-lugar¹²⁸”. Nesta lógica, a matéria, a densidade, o corpo, o peso ficam “negligenciados” já que podem “dificultar” o movimento, a aceleração. A cidade, representante principal do corpo social, e a primeira instância onde se pratica a política, local onde se traça, se povoa, se constrói, se põe em movimento, é posta em escrutínio já que os espaços urbanos e públicos estão sendo remodelados em épocas de valorização de experiências em universos virtuais (VIRILIO, 1984; BAUMAN, 2001).

Vivemos hoje a replicação das experiências naqueles supracitados universos em nosso “velho” mundo existencial e imperfeito, havendo um movimento de inversão nas experiências, afinal não fomos nós que os criamos? Não deveríamos nós tentar humanizar a relação com a máquina ao invés de nos tornarmos o modelo de informação de uma? Assim sendo, o que fazemos quando queremos atingir um padrão (e.g., corpo)?

Cabe ressaltar que, a imagem, ou, mais genericamente, a apresentação plástica de uma experiência de mundo – pode tornar-se poderoso instrumento crítico quando ela própria se encarrega de mostrar que, por detrás daquilo que ela aparentemente oferece à nossa

¹²⁸ Para o autor o lugar da técnica e das máquinas pode ser observado em três momentos complementares: o primeiro, está associado ao incremento dos meios de transportes; o segundo, ao desenvolvimento dos meios de comunicação e, o terceiro, num momento especial para o homem deste fim de milênio, é a integração das máquinas que invadem e aceleram o corpo.

percepção, se lêem mais do que objetos reais, modos de olhar, os quais inserem tais objetos em redes de relações com outras imagens. E que, portanto, os historicizam¹²⁹.

Desta forma, em consequência da lógica da velocidade, há o declínio na esfera pública (já que as fronteiras políticas dos países estão sendo transpostas), a erosão de processos democráticos, um crescente poder do complexo militar (BARTRAM, 2004; VIRILIO, 1995), e uma experiência da realidade baseada mais no “efeito de real”¹³⁰ e de uma industrialização da simulação, ou seja, “de uma dissuasão da realidade sensível” como menciona Virilio (1996a, p.123). Assim, é uma estratégia de dissuasão, de fingimento, que atinge o dia-a-dia da malhadora que em busca de aquiescência social se submete a técnicas corporais mais agressivas, um implante de silicone, por exemplo, para se sentir mais “poderosa” e próxima àquelas imagens que são veiculadas.

A velocidade é a tônica e o dinamismo dos meios eletrônicos que produz um estado contínuo de excitação nos indivíduos. O fascínio contemporâneo pela técnica, pelo movimento e pelas imagens, instala o homem no seio de tudo o que é provisório. Fazer parte da sociedade tecnológica é se encontrar em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, transformação de si e dos corpos – real e virtual – e, por isso mesmo, é se deixar envolver pelo tufão das mudanças (COUTO, 1990).

As tecnologias eletrônicas não estão disponíveis apenas nos ciberespaços, se apresentam também nas máquinas de musculação do *fitness center* que promete corpos mais sarados e acelerados do que se a malhadora estivesse fazendo a sua atividade física fora dele, e sem os seus produtos, por isso o seu sucesso.

Assim, enquanto a tecnologia proporciona à humanidade desenvolver formas mais construtivas de se relacionar com o mundo e atender as suas necessidades, ela também estende a sua própria capacidade de dominação ao reconstruir essas mesmas necessidades. Nesta perspectiva, as aspirações do progresso humano são postas sob um paradigma anti-humano e tecnocrático (MARTÍN-BARBERO, 2003).

¹²⁹ Preocupação apropriada à nossa contemporaneidade, submetida em permanência, como mostra Virilio, Baudrillard e Levy, à tirania do instante que nos induz a destacar a imagem do processo histórico que a constitui e, conseqüentemente, a apagá-la como tal, para, assim, fazê-la qual um fetiche, ocupar o lugar da própria realidade.

¹³⁰ O efeito de real é o “efeito produzido por gravadores, minitelas, televisão e outras telas de computadores que se tornam uma forma quase exclusiva de se informar, de comunicar, de apreender a realidade, de se mover” (VIRILIO, 1994, 70). Ou seja, é a percepção de realidades construídas que são mais reais do que a realidade a que se pressupõe que se reportam ao “hiperreal” (BAUDRILLARD, ANO) que é a nova ordem de realidade que nos empreende para a fantasia do real.

Em contrapartida, somos “forçados” a entender o enigma da tecnologia não apenas à substância produzida [corpo “próprio”], como também ao acidente produzido [sujeitos frustrados e narcíseos], pois cada tecnologia produz, provoca, programa um acidente específico (VIRILIO, 1984). A tecnologia está criando uma sociedade de alienados que preferem viver um mundo de faz-de-conta a enfrentar a sua consciência real em seu mundo de “verdade” conflituoso e complexo.

No mundo tecnologizado, ao qual nos referimos, as “coisas” se emancipam aos homens e estes ficam sem “saber fazer”, sem saber produzir e por sermos privados dessa lógica, da lógica do artesão, de quem constrói, ao obtermos todos os objetos que “precisamos” a um passo do controle remoto, do engenho motorizado, ou de uma pílula medicinal, perdemos a nossa posição de sujeito, de desbravador, de nômade e guia das nossas vidas.

Assim, a velocidade que faz girar o mundo convertido em informação, impacta na subjetividade das pessoas, pois as transformações rápidas e contínuas das paisagens científicas, técnicas, econômicas, profissionais e mentais mudam o mundo e radicalmente as pessoas (LÉVY, 1994; VIRILIO, 1996b). Esse excesso de mutação traz para o homem uma espécie de inércia corporal (VIRILIO, 1993). É cada vez mais possível viver acelerado, estar em movimento, sem se deslocar fisicamente. Como nos diz Virilio:

“(…) a inércia tende a renovar a antiga sedentariedade, a persistência das áreas urbanas. Com os meios de comunicação instantâneos (satélite, tv, cabos de fibra ótica, telemática…) a chegada suplanta a partida: tudo `chega´ sem que seja preciso partir” (VIRILIO, 1993, p.11”).

A inércia não condiz com o Homem, enquanto que a mediação da viagem de outrora era dada através das próprias pernas ou dos animais o contato com o espaço, a paisagem, lhe proporcionava uma experiência direta do mundo. Criar veículos – mecânicos e eletrônicos – são feitos que revolucionaram as condições das viagens. Porém, quanto mais os deslocamentos se aceleram mais o indivíduo ficou privado do espaço e da sua condição de locomotor (COUTO, 1990).

A lógica da inércia que os avanços tecnológicos “carregam” está presente também em algumas técnicas corporais amplamente utilizadas pelas mulheres contemporâneas que querem adquirir o corpo “próprio” sem fazer atividade física: a lipoaspiração, a ingestão de chás emagrecedores, a drenagem linfática, a mesoterapia, entre outras que não foram foco específico do nosso estudo.

Desta forma, no contexto eletrônico, ser nômade não significa deslocar-se fisicamente, mas viver acelerado e tecnicamente excitado mesmo quando o homem não sai do lugar, vive inserido em uma aceleração absoluta propiciada pelas máquinas. Neste contexto, portanto, ser nômade é vivenciar a troca acelerada de idéias, posturas, valores e concepções de mundo (COUTO, 1990).

Nesta perspectiva, de troca de valores e de concepções de mundo, podemos mencionar o compartilhamento do gosto popular dos homens brasileiros pelas nádegas das mulheres com um novo “gosto” estético, o dos seios “turbinados”. As nádegas não eram das brasileiras e os seios “turbinados” das americanas? Quem ganha com essa “hibridização” de valores tecnoculturais?

Assim, por um lado, fala-se da nossa era contemporânea, como sendo uma era pós-moderna caracterizada pela manipulação descompromissada dos códigos, dos jogos de linguagem e da intertextualidade onde ocorrem noções explícitas de des-centramento das formas, fragmentação dos sujeitos e das experiências, esquizofrenia e micropolitização do social (PRYTHON, 2001). Por outro lado, fala-se de um mundo de reação e de “oposição” a paradigmas modernos e modernistas e de uma cultura inscrita em termos de ambigüidades e opostos que obscurece as diferenças entre cultura elitista e cultura popular assim como também a arte e a experiência cotidiana que são fatores resultantes de uma arte superficial, descentrada, infundada, auto-reflexiva, divertida, caudatária, eclética e pluralista (EAGLETON, 1998).

É fato também que o mundo contemporâneo é caracterizado pela hipermodernidade (VIRILIO, 1984, BAUDRILLARD, 1995), modernidade acelerada e gerida pela cronopolítica, pela geografia do dia da velocidade e não mais por uma geografia do dia meteorológico onde a sua ordem parece ser vencer o tempo que repercute na crise que vivemos atualmente, a crise da representação das referências éticas e estéticas (VIRILIO, 1984, 1993).

Desta forma, nada mais básico e mais humano do que o impulso de pedir ao tempo que pare, de buscar a eterna juventude, a fonte da cura e da formosura... Já que o nosso mundo pós-moderno está ficando velho e estamos assistindo ao “esgotamento” dos mitos e de suas promessas ao experienciar-mos em certo sentido a ilusão de uma volta ao essencial, à

substância de nossas vidas¹³¹. Até que ponto há essa ruptura com o antigo e os mitos fundamentais da existência humana em nossa contemporaneidade?

Ao alterar as bases perceptivas da existência humana, a noção de lugar e de tempo vivido, tornando-o mais acelerado, “aprimorando” o contato com as mais diversas naturezas levando os Homens a uma experiência de tempo biológico diferente, há a privação do “olhar distanciado e direcionado” (VIRILIO, 1984). Este que é a forma de olhar que nos faz tornar conscientes dos nossos atos, da existência humana. Ou seja, perdida a noção de lugar (da geometria) e alterada a noção de tempo, que ao acelerar dificulta o acesso à consciência; esta, que é geradora de liberdade e emancipação, é conseqüentemente também perdida.

É posto que na cultura onde se predomina as palavras há uma tendência aquela ser intangível e abstrata e a mesma reduz o corpo humano a suas funções biológicas. Já a ênfase cultural nas imagens visuais proliferadas pelos computadores, televisores e cinemas, direciona a atenção à aparência do corpo, a roupa, aos sonhos e aos gestos (FEATHERSTONE, 1991) valorizando as performances do “eu” (GOFFMAN, 1984) e a inautenticidade, repercutindo em uma sociedade que se espetaculariza a cada dia à reboque do capital que a lidera já que a indústria que alimenta o “espetáculo do eu” é enorme (i.e., academias de ginástica, nutricionistas, esteticistas, cirurgões-plásticos, endocrinologistas, dentistas, indústria farmacêutica, educação física, *personal trainers*, indústria de alimentos, vestuário, calçados, entre outras).

Neste contexto, os novos meios de comunicação e tecnologias como multimídia internet e realidade virtual proporcionam oportunidades para as empresas conquistarem clientes através de combinações de textos, imagens e vídeos, atingindo seus sentidos. Desta forma, para as organizações, o princípio básico consiste em apresentar ao consumidor tanto as necessidades, como tais, que podem ser satisfeitas pela indústria cultural, quanto em, por outro lado, antecipadamente, organizar essas necessidades de modo que o consumidor a elas se prenda, sempre e tão só como eterno consumidor, como objeto da indústria cultural.

Assim, a velocidade é o triunfo do efeito sobre a causa, o triunfo da instantaneidade sobre o tempo como profundidade, o triunfo da superfície e da objetividade sobre a profundidade do desejo. A velocidade cria um espaço iniciático que pode implicar a morte e do qual a única regra consiste em apagar os vestígios (BAUDRILLARD, 1986). Não se buscam

¹³¹ Perspectiva esta que de certa forma é compartilhada pelo autor dos nossos estudos, Paul Virilio (1996), quando fala da crise atual como sendo a crise da narrativa em si inscrita no curso da História, que o autor define como a máquina que nos ajuda a remontar o tempo.

as origens, e nem é interessante que isso aconteça assim o espetáculo perderá o seu encanto, a anestesia é condição fundamental para se fazer parte do show.

Desta forma, o que importa em um mundo determinado pela velocidade midiática (esta presente tanto nas telas dos computadores ou televisores, quanto no espaço do *fitness center* que reproduz as imagens daquelas), é desenvolver a ação, o pensamento e os desejos através da proliferação, da justaposição e disjunção de imagens e sons. É preferir o que é positivo e múltiplo, a diferença à uniformidade, os fluxos às unidades, os arranjos móveis aos sistemas. Refletindo o campo, sobre essa questão de fluxo, mixagem e transformação, vale lembrar, que em alguns dias da semana o *fitness center*, com a presença de um *dj* e de um som inebriante, era transformado em um outro local de performance contemporâneo: uma boate. Chegamos a ponto de dizer então, que o que conta para a compreensão do mundo da “vida tecnologizada” não é simplesmente o útil ou o funcional, mas o universo simbólico que se enraíza em espaços do vivido. Ou seja, paradoxalmente, a racionalidade tecnológica, herdeira da modernidade, anda lado a lado com o simbólico, o mítico e o religioso (LEMOS, 2004).

Os indivíduos, ora desprovidos de referenciais substantivos que lhes forneçam condutas de ação moral baseadas em uma ética coletiva, por viverem embebidos na ética “estetizada” e individualizada que impera na tecnocultura, estão sendo direcionados a um novo sentido de humanidade e socialização, posto que uma questão central que as sedimentam é a noção de corpo, de substância, de lugar, que estão sendo, de certa forma, minados pela “racionalidade” da nossa contemporaneidade tecnológica que privilegia a noção do tempo.

Compreendamos, então, a tecnocultura como herdeira legítima da “Indústria Cultural (HORKHEIMER E ADORNO, 2000)” que é a indústria do divertimento, da cultura de massa, dos magnatas do cinema e das televisões onde o *amusement* (o entretenimento, o encantamento) é o alvo central para que os trabalhadores se subtraíam do cotidiano do trabalho mecanizado (proporcionado pelos avanços tecnológicos dos meios de comunicação da modernidade) e abasteçam as suas forças para que estejam de novo em condições de afrontá-lo no dia seguinte. Entretenimento, encantamento, experiência, anestesia isso o *fitness center* sabe fornecer.

Neste contexto, então, observa-se a transferência da “arte” para a esfera do consumo. Entretanto, é duvidoso que a indústria cultural preencha mesmo a tarefa de diversão de que abertamente se vangloria. Nela e no *fitness center*, conservam-se, em aparência, também formas de produção individual (i.e., o treino “individualizado”, que segue a mesma lógica seqüenciada para qualquer praticante e efetuado nas mesmas máquinas, que muitas vezes não

são apropriadas para a estatura corporal da praticante) uma vez que cada produto apresenta-se como se tal fosse. Esse tipo de individualidade contribui para o fortalecimento da ideologia, na medida em que se desperta a ilusão de que o que é reificado seria um refúgio romântico no qual haveria vida.

Desta forma, na tecnocultura, se encontra uma cultura planetária estilhaçada em diferentes esferas ou bolhas-locais, onde a história se refrata e se fractaliza, segundo os interesses do consumo e do capital. A cultura de massas absorve a cultura popular e a cultura de elite, eliminando quase todas resistências locais à sua supremacia global (COELHO, 1989). Aliás, todas as resistências ao consumo massificado transformaram-se em mercados segmentados de consumo alternativo (*diet, light, cult, zero, etc*), que, no fim é consumo do mesmo jeito. Não tem como não ser consumidor.

Estamos diante de uma cultura do consumidor que se “localiza” em um urbano sem forma, sem cidade, sem dimensão. Assim, como dito por meio de outras palavras neste mesmo texto, na falta da cidade, a dimensão política, que tem uma relação íntima com aquela, fica ameaçada e conseqüentemente a autonomia do sujeito. Supomos, então, que seja no campo da autonomia do sujeito que deva haver o resgate da natureza do Homem por meio da vontade de sair fora da conformidade cultural e política para poder haver a reinterpretação dos corpos (naturais e “próprios”) e das situações nas quais ele se envolve.

Os veículos da velocidade estão fora do corpo e a cisão homem-máquina, por mais tênue que seja, impera como lugar da técnica, o indivíduo está sempre em situação desfavorável. Mas essa posição se altera quando compreendemos que o homem e a tecnologia não mais podem ocupar lugares distintos. Na sociedade dromosférica eles interagem e o corpo humano torna-se o mais privilegiado lugar das tecnologias avançadas (COUTO, 1990). Fazemos do corpo, hoje, um suporte para os aparelhos eletrônicos o que mostra tal intimidade dos homens com as máquinas.

Vemos o corpo “próprio” da malhadora, como sendo um corpo cuja extensão e potência estão sendo ampliadas incessantemente. Ter os aparelhos eletrônicos como segunda pele é apenas uma dimensão do uso das máquinas, a interação homem-máquina só se completa quando os aparelhos estiverem instalados internamente, esse é o domínio da biotecnologia.

Desta forma, para que o homem possa funcionar na mesma velocidade que as novas máquinas, ou seja, em tempo real, ao “vivo”, precisará introduzir motores no vivente (VIRILIO, 1992) e segundo Couto (1990), quando as máquinas-veículos se deslocam da

superfície para o interior, o corpo adquire nova função: passa a ser uma embalagem, um abrigo para os aparelhos. A tecnologia está deixando de vestir o corpo e é ele que está se tornando uma vestimenta para as próteses.

Assim, tanto as tecnologias que se colam à pele quanto as que servem de recheio [próteses de silicone] estão se transformando em componente do próprio corpo. Não são mais objetos estranhos, artificiais, invasores, mas outra “natureza” e “realidade” corporal. A mistura do técnico e do vivente elimina a antiga oposição entre o natural e o artificial e é um fato que interfere na consciência que o indivíduo tem de si mesmo e do mundo.

Pois, é fato que nossa consciência do mundo só é acessada por meio do corpo (MERLEAU-PONTY, 1999) e somente modificando a arquitetura deste é que se torna possível reajustá-la e redefinir a humanidade (VIRILIO, 1996b; LÊ BRETON, 2003). Que humanidade contemporânea é essa onde os corpos estão sendo mutilados, serializados e privados da sua individualidade?

Ou seja, por um lado, a concepção do corpo dentro da tecnocultura é dominada pela colonização da tecnologia no primeiro, e também pela existência de uma vasta exibição de imagens visuais que são alimentadas pelo cultivo de um apetite insaciável para se consumir imagens (FEATHERSTONE, 1991; FONTENELLE, 2002)¹³². Por outro lado, sabemos que a realidade existencial da maioria das pessoas é a da falta de mínimas condições materiais de vida.

Destarte, estamos diante de um horizonte que bloqueia as possibilidades desejantes da maioria populacional que responde às imagens proliferadas pela mídia com violência, depressão, frustração, melancolia, alcoolismo, morte, ou por meio da “simples” marginalidade social. Onde o suposto desejo “orgânico-social” de uma vida democrática, compreendida na cotidianidade do sujeito social, é contido, pois o corpo que não é ou que não está “apropriado” ao padrão solicitado é um corpo sofrido, estigmatizado e mal-amado. Dediquemos, então a próxima seção deste trabalho à tarefa de desvelar os fatos que contam as histórias deste corpo “próprio”.

¹³² A eliminação da distância interpretativa e representacional quando se busca o efeito do “ao vivo” direciona o evento da mídia, em última instância, em um espetáculo que cancela a diferença entre a presença (autêntica) e representação ficcional reduzindo o evento a um mero efeito especial de simulação (FALK, 1994).

3.2 Histórias do Corpo [Pós]Moderno

O ano é 2007 e ao ligar a televisão e assistirmos um filme ou novela ou então ligarmos o computador e jogarmos um “*game*” observamos imagens de corpos de mulheres extremamente magros, esguios, esquizóides, anoréxicos e esquizofrênicos, corpos que representam o mal estar da subjetividade em que o sujeito contemporâneo se encontra que é reflexo da crise de um sentido existencial.

Assim, por ser parte da existência, o pensar o corpo hoje é pensar suas performances, seus limites, espaços de experimentação, automodelagem e expressão, onde sua recusa ou aceitação é uma possibilidade oferecida ao sujeito humano a partir do distanciamento obtido pela consciência de seu corpo, fruto da sua relação ontológica.

Desta forma, ao nos depararmos com o nosso sujeito (a malhadora) que constrói seu corpo e sua subjetividade por meio do consumo de tecnologias avançadas, percebemos sinais que alertam para a existência de conflitos que essa hibridização pode gerar, pois não há uma comunhão perfeita nessa interação. Assim, há que se falar das repercussões dessa fusão [da domesticação do corpo frente a tecnologia], desta forma, propomos uma reflexão mais aprofundada sobre os acidentes gerados pela mistura do técnico e do vivo.

Uma das conseqüências dessa mistura é a ocorrência de uma “seleção artificial” dos indivíduos, em contraposição à “seleção natural”. Pois, a questão da sobrevivência em nossa sociedade atual está atrelada à performance [aceleração] que o corpo exhibe, ou seja, à sua fachada, que é comprada e que, ao exigir capital a ser investido, gera entre outras coisas, discriminação. Temos um corpo animal que está sendo alimentado pela técnica, ou seria uma técnica que está sendo alimentada pelo nosso corpo animal [irracional]? Assim, como nos diz Virilio (1992, p.32):

“Inventamos máquinas microscópicas que podemos ingerir, digerir, e que são, às vezes, biodegradáveis. Quando se fala de “domesticação”, “design dos comportamentos” é verdadeiro através da música, dos transportes rápidos, do modo de viver, mas também através das biotecnologias que vão criar uma mistura entre o técnico e o vivo”.

Que relações podemos estabelecer entre o corpo “próprio” da malhadora e sua saúde? Que tipo de degradação ele causa e apresenta? Assim, a compreensão do corpo (da malhadora) que exhibe integrista técnico tanto na dimensão exterior quanto na interior necessita de uma visão antropológica global, que considere as invenções que fazem parte do seu conhecimento, e que nos faça aprender que ordem e desordem não são excludentes e que

podem dar lugar a algo novo. É em torno da construção desse “novo” que investiremos nossos esforços intelectuais.

Na era industrial, o corpo era manipulado de forma coercitiva, era instrumento da produção, e era lugar de disciplina e controle. Na sociedade pós-industrial, caracterizada pela difusão do saber e da informação, onde a técnica corporal-científica trabalha para torná-lo [mais] acelerado, [mais] perfeito porque só assim, torna-se passível de ser socializado, o controle é mais sutil. Fato que nos leva a crer que o novo espectro global de fluxos, redes e imagens é destinado a controlar, sobretudo nosso cidadão consumidor [a malhadora] através da produção incessante de serviços e desejos.

Na prática esportiva da malhadora há uma busca frenética por ultrapassar os limites da sua resistência e quando se supõe seu esgotamento [algo inerente ao corpo humano?], entram em cena o hiperabastecimento e a reativação pelas técnicas (i.e., as bebidas energéticas, as barras de cereais, as proteínas, entre outras). Assim, podemos dizer que a imagem de um corpo fatigado ([des]humano?) que ela possa exibir vive do seu desaparecimento. Desta forma, a aparência do stress é substituída pela transparência de um ritmo físico programado [acelerado] que a libera das condições de existência aprisionada nos limites tradicionais do esforço natural [lento] que ela incorpora e leva para outras dimensões da sua vida. No *fitness center*, o corpo só resiste e funciona por causa dos excessos, dos estimulantes e dos excitantes tecnológicos.

Podemos dizer, então que o objetivo, tanto dos transplantes como dos recentes nutrientes técnicos é acelerar o corpo, excitá-lo de modo a suplantar o ritmo da vida conhecido até então. A superexcitação dos indivíduos visa integrar o aspecto físico e o mental, aperfeiçoar os reflexos, construir a dinâmica vital para a hiper-vitalidade do sujeito, requerida pela contemporaneidade.

Nada disso seria possível se não vivêssemos a era da completa valorização do corpo técnico. Quanto mais nos desgarramos da terra, que é sempre a referência básica existencial e física, mais nos separamos do nosso corpo. Deixamos para trás os suportes materiais e as experiências imediatas para nos exilar na imaterialidade de um novo outro-mundo, um novo outro modelo corporal, num eterno presente de contínua atualização (MENDONÇA, 2001; VIRILIO, 1996a).

Assim, apresentamos um contínuo com duas formas de existência corporais: a primeira é a forma de um corpo inválido que se cerca de próteses para controlar o seu meio sem se deslocar fisicamente. É o homem que opta pelo sedentarismo tecnológico [inércia],

que insiste em parar, em fugir das leis da aceleração. É o sujeito que usa as máquinas para potencializar e estender as funções corporais, mas que também deseja fugir delas em muitos momentos. A segunda forma é ter um corpo válido, superequipado de telecomandos de todo tipo. Esse é o homem que escolhe se submeter à fatalidade e ao luxo do excesso, ao prazer de estar sempre testando, expandindo e superando seus limites físicos. O corpo válido é aquele que é sempre atualizado. Ele é, em si mesmo, sideral e valoriza a forma nômade da corporeidade.

Desta forma, sob a era da obsessão do corpo “próprio” [perfeito], quando a estrutura anatômica dos indivíduos se converte em pura representação e está protegido, integrado às novas próteses, o risco maior se configura na recusa ou na impossibilidade de manter-se com um corpo tecnicamente adequado, pois sua obsolescência é rápida, assim como a velocidade da luz. Ou seja, o Homem (a malhadora) cujo corpo não esteja integrado na performance dos aparelhos técnicos é uma nova excluída da sociedade (do templo) (COUTO, 1990).

Frente ao exposto até agora, podemos dizer que na cultura tecno-científica, que é a nossa, enfrentamos um vício (cultural) que vai desde a fetichização [erotização] do corpo à sua dissecação pelas atividades de conhecimento. Vivemos entre um marketing consumista e uma teoria do conhecimento intelectual, onde o corpo suspira, arredio às suas manipulações simbólicas, como sendo um objeto de projeto, e não um objeto de desejo como fora outrora (ALMEIDA, 2001). Que diferença aponta, então, esse corpo dessa época e de outras épocas? O que é o corpo humano, no fim das contas¹³³?

O corpo é um tema cheio de ambigüidades nas categorizações culturais, pois é a coisa percebida mais visível e familiar e é, ainda, um ponto cego que tende a desaparecer no próprio ato da percepção ou, mais generalizadamente, na relação com o mundo de fora. Assim, oposições binárias podem ser observadas na natureza do corpo: ele é o mesmo e o outro; sujeito e objeto; práticas e conhecimento; ferramenta e matéria bruta a ser trabalhada.

Visto sob uma abordagem experiencial, o corpo parece oscilar entre presença e ausência. É o modo de estar no mundo, é uma entidade embebida dentro de uma ordem

¹³³ Inspiramo-nos nesse momento no poema de José de Alencar, “A pata da gazela”, que diz: “O que é o corpo humano no fim das contas? O que é o contorno suave de um talhe elegante, e a cútis acetinada de um rosto ou de um colo mimoso? Um pouco de matéria a que a luz transmite a cor, o espírito e a vida. Tirem-lhe esses dois alentos, e verão que lodo impuro e nauseante ficam sendo aquelas formas sedutoras”.

[tecnocultural], seja prática e [ou] discursiva¹³⁴. Assim, o corpo é incorporação, ou seja, ele concebe, percebe, avalia e julga, de acordo com os fios que os conectam à realidade o qual está exposto, assim, o corpo deve ser entendido como um ser sensorial e sensual. Desta forma, por meio do corpo tentamos entender o incognoscível, o inefável, o invisível, o obscuro à nossa razão e aos efeitos que a cultura provoca nele. Não somos um corpo intocado, a estrutura social encontra-se simbolicamente impressa no corpo, e a atividade corporal, nada mais faz do que torná-la expressa (DOUGLAS, 1988).

Assim as questões acerca da corporeidade e da incorporação nos levam diretamente para a questão do “eu” e do ator social. A caracterização do ator social tem sido um aspecto dominante em todo o desenvolvimento das ciências sociais, envolvendo questões como a racionalidade da ação social, a importância dos elementos emocionais e afetivos e o papel do símbolo e da cultura na constituição do “eu” social (FALK, 1994)¹³⁵.

Até dez ou quinze anos atrás era possível argumentar que o corpo era um tópico que tinha sido sistematicamente e seriamente negligenciado nas ciências sociais, particularmente na sociologia da cultura moderna (FALK, 1994; VILLAÇA, 1998; SANT’ANNA, 1995). A antropologia, no contexto do colonialismo europeu, se dedicou por diversos motivos a buscar no corpo um universalismo, uma ontologia que atravessasse as diferenças entre as diversas etnias. A corrente mais importante centrou-se na discussão em torno da existência do tabu e na afirmação de que o comportamento humano social seria mais determinado pelas regulações culturais que pelos instintos.

Ainda outra linha, entre o evolucionismo e a antropologia, contribuiu para o estudo do corpo humano, principalmente no período vitoriano: o darwinismo. Nela o ser humano era parte da natureza de forma a oferecer uma justificativa para as diferenças raciais e, dessa forma, o darwinismo foi convertido em teoria de sobrevivência do mais forte, para explicar as mudanças sociais (VILLAÇA, 1998; ALMEIDA, 2001).

Contudo nos anos 80 começaram a aparecer estudos que problematizaram o corpo como um tópico na teoria social e também reconheceram o corpo como um aspecto maior na

¹³⁴ As análises de Foucault apresentaram contradições existentes entre o corpo irracional e a ordem social. A relação íntima entre o conhecimento científico e o controle do corpo deve ser localizado dentro de uma tradição que reconheceu o problema das paixões humanas como um fator crítico da ordem social.

¹³⁵ Ou seja, o debate sobre o corpo tem emergido de uma insatisfação geral com o legado de Descartes sobre o ator racional que foi a fundação dos modelos de realidade das ciências sociais do século dezenove que sobreviveram na teoria contemporânea por meio da teoria da ação de Max Weber e a teoria geral da ação social voluntária de Talcott Parsons em 1950.

cultura e política moderna (FALK, 1994) ¹³⁶. Michel Foucault (1981,1987,1988) foi claramente de maior significância para o desenvolvimento de uma análise geral do corpo. Uma perspectiva fenomenológica liderada por Merleau-Ponty (1962), também foi uma fonte de inspiração e o interesse na fenomenologia do corpo deve ser vista como um efeito de concepção maior com a compreensão do dia-a-dia cotidiano como o senso gerador de sentido da vida.¹³⁷

O pano de fundo social para o interesse emergente na sociologia do corpo incluiu os impactos sociais e políticos do feminismo e o movimento das mulheres na academia e na sociedade como um todo, o complexo das questões legais e éticas ao redor das novas tecnologias médicas da fertilização *in vitro*, o desenvolvimento de técnicas de realidade virtual, o incremento da utilização dos ciborgues¹³⁸ e o desenvolvimento da estética do corpo na cultura de consumo (FALK, 1994).

A sociologia do corpo é mais desenvolvida em três áreas (FAULK, 1994). Assim, primeiramente o corpo esteve sendo pesquisado em seus aspectos representacionais, examinados em termos de significado simbólico como sendo uma metáfora das relações sociais. Neste sentido, situa-se a pesquisa sobre o aspecto representacional do corpo, que tem dominado muito da tradição antropológica, e as pesquisas de Mary Douglas “*Purity and Danger*” (1966) e “*Natural Symbols*” (1970) foram seu marco ¹³⁹. A análise cosmológica de Douglas pode ser uma extensão do trabalho de Emile Durkheim (1954), Marcel Mauss (1935) e Goffman (1959) que exploraram o problema da distinção do sagrado e do profano e como isso estava relacionado à construção do corpo como uma representação das divisões sociais.

¹³⁶ Para o autor, o crescente interesse no corpo na área da sociologia foi sinalizado pelas seguintes publicações: de John O'Neill: “*Five bodies* (1985) e *The communicative body* (1989)”; de Francis Barker: “*Tremulous Private Body*” (1984), a “*The political anatomy of the body* (1983)” de David Armstrong, o “*Body*” (1983) de Don Johnson e *The body and Society* (1985) de Bryan Turner

¹³⁷ Este trabalho de Merleau-Ponty foi altamente influenciado pela crítica de Martin Heidegger da metafísica do ser, pelo comentário de Edmund Husserl na filosofia de Descartes e pelo desenvolvimento paralelo do conceito de “*lebenszusammenhang*” da filosofia de Dilthey (FAULK, 1994).

¹³⁸ Os ciborgues são representações da hibridização do homem com a tecnologia, o promíscuo acoplamento, a conjunção que nos faz pensar em uma inextrincável confusão entre ciência e política, tecnologia e sociedade e entre natureza e cultura. Não existe nada mais que seja simplesmente “puro” em qualquer linha: o puramente social, o puramente político, o puramente cultural, eles são ambíguos e põe em xeque a ontologia do humano. São caracterizados pelos implantes, transplantes, enxertos, próteses. Seres portadores de órgãos “artificiais”. Seres geneticamente modificados. Anabolizantes, vacinas, psicofármacos. Estados “artificialmente” induzidos. Sentidos farmacologicamente intensificados, a percepção, a imaginação, a tesão. Superatletas. Supermodelos. Superguerreiros ou simplesmente a nossa malhadora (Silva, 2000).

¹³⁹ Esses trabalhos foram a fonte inspiradora intelectual de uma escola de pesquisa tradicional em torno dos problemas e perigos existentes em torno dos orifícios do corpo como representações dos perigos ao redor dos pontos transicionais da vida social. Na cultura Cristã medieval os cinco sentidos eram portas ou janelas da alma, através dos quais os perigos poderiam entrar e ameaçar a vida espiritual de qualquer indivíduo; era importante guardar essas portas.

Outro elemento que circunda os estudos representacionais do corpo humano aponta tipicamente as diferenças anatômicas entre homens e mulheres.

O segundo maior foco de desenvolvimento da sociologia do corpo tem sido em torno da questão de gênero, sexo e sexualidade. Neste ponto, as questões sobre a natureza do poder têm sido facilitadas pelos escritos feministas e *gays* a cerca do corpo. Muito do desenvolvimento da teoria feminista foram embarcados por trabalhos como os de Julia Kristeva (CROWNFIELD, 1992) e Donna Haraway (1989). De forma geral esse debate pode ser resumido na noção de que enquanto nós nascemos macho ou fêmea, masculinidade e feminilidade são produtos sociais e culturais. Assim, há neste segundo foco, um crescente interesse em como o hábito e a moda ajudaram a fabricar o corpo feminino (GAINES E HERZOG, 1990; LIPOVETSKY, 2000).

O trabalho de Foucault na construção histórica da sexualidade foi uma grande referência nessa área. Esse trabalho foi inicialmente direcionado nas várias instituições, práticas e técnicas nas quais o corpo é disciplinado, mas seu trabalho mais recente moveu-se na direção sobre como o “eu” é produzido por meio da produção do corpo, isto é, através das tecnologias do “eu” ¹⁴⁰ (FAULK, 1994). Nesse sentido, o sexo tem sua história construída nos discursos poderosos da religião, da medicina e da lei.

As representações de corpos de mulheres (em sociedades antigas e contemporâneas) indicam o papel social paradoxal da mulher e as apontam como sendo agentes criativos por poderem reproduzir a espécie humana, e, agentes subordinados quando se submetem ao poder patriarcal que o homem [ainda] exerce. Durante a era histórica a mulher se viu confundida com a sexualidade maléfica e foi condenada como assim o ser, e por décadas foi vista como alguém que encarnava o mal (LIPOVETSKY, 2000) ¹⁴¹.

Esta condenação moral/sexual esteia-se numa servidão social onde a mulher e o corpo partilham idêntica servidão e relegação ao longo da história ocidental. Assim, a questão corporal como um lugar de observação privilegiado, problematiza o discurso moderno

¹⁴⁰ “Técnicas que permitem os indivíduos afetar, por seus próprios meios, um certo número de operações em seus corpos, suas próprias almas, seus próprios pensamentos, suas próprias condutas, e isso é de uma maneira que transforma eles mesmos, se modificam, para que atinjam um certo estado de perfeição, felicidade, puridade, poder supernatural. Vamos chamar esses tipos de técnicas, de tecnologias do eu. (FOUCAULT, 1982, 10).

¹⁴¹ Lipovetsky tematiza a mulher contemporânea como sendo a terceira mulher, a mulher que conquistou o livre governo de si própria. Em sua análise, o autor mostra que desde o início da humanidade se constata a existência de dois princípios invariantes, universais: o primeiro o que um sexo fazia o outro não fazia e segundo, um sexo teria prestígio superior ao outro, onde as atividades típicas dos homens se beneficiavam de um reconhecimento social superior ao das mulheres. As atividades femininas eram aquelas das quais não se falava ou se falava denegrindo.

instrumentalizante do corpo como sendo “apenas” produtor a serviço do capital e, vem, então, em resposta ao silêncio corporal imposto pelas injunções da sociedade cristã que glorificou uma estética da alma e não do corpo (VILLAÇA, 1998).

Desta forma, a definição sexual da mulher se esteia no recalçamento do corpo e na sua exploração, que estão situados sob o mesmo signo pretendendo este, que toda a categoria explorada (portanto ameaçadora) assuma automaticamente uma definição (BAUDRILLARD, 1997). E a partir da segunda Idade Média, uma nova lógica é implantada: a sublimação e a idealização da mulher pelos homens. A quintessência da beleza. O homem se torna servidor da mulher, da dama, mas o poder dos homens permanece. A partir do século XVIII passa a haver o reconhecimento da mulher enquanto mãe e deusa do lar. A segunda mulher de Lipovetsky (2000) é, assim, enaltecida, não modificando, entretanto, as funções sociais estabelecidas por ambos os sexos.

A mulher foi sendo construída através da divisão do trabalho ao mesmo tempo em que se transformou em consumidora, e, a partir desse momento, seu corpo começou a ser fetichizado e espetacularizado como um bem visual de consumo (STRATTON, 2001). Em torno do século XIX, o corpo da mulher foi transformado em um objeto de solicitude um veículo privilegiado da beleza, da sexualidade e do narcisismo dirigido (BAUDRILLARD, 1997). Abriu-se caminho para o “corpo erotizado” onde se predomina a função social da troca, na verdade já não é um corpo, é uma forma.

Naquela época, as mulheres que começaram a freqüentar as ruas são associadas à prostituição, então a mulher que anda pelas ruas tem seus corpos transformados em bens e atraem os olhares dos homens, e são associadas com as mulheres de classe média que vão às compras. Logo todas as mulheres são erotizadas, não somente aquelas que saem para atraí-los, mas também aquelas que levam em consideração apenas as compras (STRATTON, 2001).

Assim, na modernidade o corpo da mulher é silenciado, calado, nada se fala dele nem da sua vida íntima. O riso lhe é proibido. O prazer feminino é negado, é coisa de prostitutas. Era um corpo histérico, nervoso, louco. Há um silêncio inscrito na construção do pensamento simbólico da diferença entre os sexos, que foi reforçado ao longo do tempo pelo discurso médico ou político (MATOS E SOIHET, 2003; FOUCAULT, 1982).

Foucault (1988) menciona a histerização presente no corpo da mulher e realiza uma análise através de um tríptico processo e aquele como sendo: um corpo integralmente saturado de sexualidade, um corpo dentro do espaço familiar (do qual deve ser elemento substancial e

funcional e com a vida das crianças) e um corpo onde se encontra a mãe com a sua imagem em negativo que é a “mulher nervosa”.

O mesmo autor, em sua obra “Vigiar e Punir” demonstra que a política burguesa é, sobretudo, uma tecnologia política do corpo, uma “apropriação do corpo”. O investimento político dos corpos produz uma microfísica do poder que é definida pelo pensador como um mergulho do corpo no campo político. As relações de poder agem sobre ele de forma imediata: investem-no, marcam-no, vestem-no, suplicam-no, aprisionam-no ao trabalho, obrigam-no a cerimônias, em relações complexas e recíprocas. A emergência de disciplinas como a demografia, geografia, estatística moral e sociologia foram manifestações do grande crescimento do controle social dos corpos dentro do espaço urbano, assim, os avanços científicos não liberaram o corpo do controle externo, mas ao contrario, intensificaram os meios de regulação social.

Assim, se numa sociedade como a do século XVII o corpo do rei e sua presença física eram necessários para o funcionamento da monarquia, no decorrer do século XIX, é o corpo da sociedade que se torna o princípio básico da república aí em lugar dos rituais de preservação da integridade do corpo do monarca, serão aplicadas receitas terapêuticas para o corpo da sociedade, como a eliminação dos doentes, o controle dos contagiosos, a exclusão dos delinqüentes (VILLAÇA, 1998).

Modernamente, se pensarmos com Foucault a introjeção dos mecanismos de controle, verificamos certa ambigüidade entre disciplina e prazer em investimentos corporais. É o indivíduo que busca defender-se da degenerescência e imperfeição essencial, ou trata-se ainda de mecanismos mais sutis de manipulação por parte do poder funcionando, não mais por meio de mecanismos jurídicos ou médicos, mas pela sedução exercida pelos veículos midiáticos.

O asceta do século III, na busca de privação e imobilidade orgulhosa, é irmão, em mortificação, daqueles que hoje se fatigam nas salas de musculação (BAUDRILLARD, 1997; CASTRO 2003; VILLAÇA 1998; SABINO, 2000; SABA, 1999). Haveria uma linha direta que conduziria dos instrumentos de tortura da Idade Média aos gestos industriais do trabalho na linha de montagem e depois às técnicas de reestruturação do corpo pelas próteses mecânicas. O poder disciplinar é aquele que tem como função adestrar para aprimorar-se ainda mais e melhor (FOUCAULT, 1988). A disciplina fabrica indivíduos ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e instrumentos de seu exercício (VILLAÇA, 1998).

Hoje, uma sociedade disciplinar, marcada pela observação e pelo controle sutil exercido pela exagerada quantidade de imagens disseminadas pela tecnocultura que induzem as mulheres contemporâneas a buscarem uma forma de corpo idealizada com a penalidade de que se não o fizer serem banidas da sua “democracia social”. Sutil porque se reverte em uma forma de prazer para elas.

Nesta linha, opções de estudo pelo corpo hedonista e narcíseo no contexto da cultura de consumo foram elaborados por Lipovetsky (2000) e reflexões sobre o corpo com o viés neomarxista foram elaboradas por Canclini (2005) e Featherstone (1991). Apropriações do corpo alienado no consumo foram refletidas por Eagleton (1993) e Baudrillard (1997) com a sua tirada apocalíptica sobre o fim da corporeidade na simulação total (VILLAÇA, 1998).

A terceira arena dentro da qual a sociologia do corpo tem tido um papel teórico central em debates recentes das ciências sociais é a área médica. O corpo é central para todo o debate sobre a construção social das categorias médicas onde a noção empiricista ingênua da medicina convencional tem sido desafiada pela noção de que as doenças têm uma história, são formadas culturalmente pelos discursos científicos de determinada época e possuem sua existência por meio de relações de poder (TURNER, 1987).

Falk (1994) menciona que o livro de David Armstrong intitulado “*The political anatomy of the body*” (1983) proporciona uma ilustração útil do impacto da nova sociologia do conhecimento em uma análise histórica da medicina no foco da dispersão espaço-tempo do corpo humano. Novamente, muito desse paradigma histórico crítico da medicina tem sido promovido pelas análises feministas e teorias feministas particularmente em relação às condições da anorexia nervosa (BELL, 1985; BRUMBERG, 1988).

Assim, a idéia de construção de corpo que nos interessa é a que está ligada a uma perfectibilidade própria de cada época e, portanto, genealogicamente determinada e circunscrita da época do culto ao corpo feminino (VILLAÇA, 1998; SANT’ANNA, 1995). Desta forma, o projeto do “eu” está intimamente ligado a essas transformações históricas: a natureza do corpo, seu papel na cultura e sua localização na esfera pública (TURNER, 1987; FEATHERSTONE, 1991).

É a idéia de que o mundo é um palco e que todas as pessoas são meros jogadores é perfeitamente expressa por essa visão. Posto que a percepção e a expectativa que uma pessoa tem da outra, sejam elas favoráveis ou desfavoráveis, condicionam, pois, o modo como os indivíduos se posicionam nos processos interativos, sem que os envolvidos se dêem conta disso.

A partir do momento em que o escopo é expandido do ego para o “eu”, a constituição do sujeito é considerada dinâmica e cobre todos os modos de interação mediados pela base dos apetrechos do corpo e que acaba em uma continuidade experienciada de um “eu” estando no mundo distinta da experiência de “eu” sendo (idêntico ao) mundo, em outras palavras, um modo de existência que define o sujeito – em uma maneira mais ou menos articulada – como um ser separado, que precisa ser unificado, entretanto.

No movimento histórico que conduziu uma sociedade puritana à era do consumo de massa não se encontra, como por vezes supõe, nem uma estratégia puramente repressiva, nem um hedonismo totalmente novo. Daí a dificuldade de verificarmos, na análise da cultura contemporânea do corpo, em discernir disciplina e prazer no horizonte da cultura de caráter individualista, na qual a promoção pessoal e a busca de sucesso substituirão os valores morais (VILLAÇA, 1998; SANT’ANNA, 1995).

Assim, o modelo dinamizado da constituição do sujeito – como formação do “eu” - é algo essencialmente maior do que uma interação ambiental e orgânica (metabolismo) não é uma interação em termos de experiências sensoriais meramente materiais ou energéticas, mas uma interação em termos de experiência sensorial que é necessariamente ligada ao campo das representações.

Em outras palavras, a constituição moral do sujeito estreita o conceito do “eu” àquelas técnicas nas quais o sujeito ocupa uma posição ativa e reflexiva em relação ao seu próprio corpo, o corpo de um sujeito que deseja. Assim, interpretamos o consumo corporal moderno como um substantivo composto por três figuras que se misturam: o corpo, o “eu” e a cultura (sociedade).

Desta forma, a cultura feminina tem duas narrativas que se colidem: na primeira a cultura do consumo feminino à serviço de um paradigma heterossexista na qual a agência feminina é subjugada ao desejo masculino e, na segunda, a cultura feminina em torno de um sujeito feminino narcíseo no qual a heterossexualidade serve de “capa”, de “álibi” para legitimar seus prazeres (BAUDRILLARD, 1997).

Ou seja, uma vez que foi dada a oportunidade de construção do “eu” a produção do corpo feminino deixa de ser aquele dócil que é servil e passa a ser um corpo deliberado que é construído através de outras subjetividades, que pode representar a mutabilidade da representação feminina onde a passividade não tem mais lugar.

Assim, nem um modelo que esteja simplesmente atrelado a penalogia, ou seja, a algo coercitivo engrenado em direção à produção de “corpos dóceis”, e nem reduzir o corpo

feminino à sexualidade, a cultura ou o “eu”, é adequado para a compreensão do consumo do corpo feminino. O corpo feminino é um terreno em que essas duas formas de produção cultural, ambas, se contradizem e se sustentam, dependendo do contexto na qual se apresenta.

Pois, ao tomar cuidado e a revelar-se “enamorada” do próprio corpo, a mulher evita toda a colusão do corpo e do desejo. Ou seja, aproxima-se mais das técnicas lúdicas de domínio e não de repressão das sociedades primitivas, que da ética repressiva da era puritana (BAUDRILLARD, 1991).

Chegamos a ponto de argumentar que, para se pensar o corpo e liberá-lo de qualquer técnica que possa aprisioná-lo, devemos fazê-lo de uma forma poética e ética. Não cabe aqui observar o corpo como um produto, como algo que é lançado fora dele, um objeto. A poética do corpo é a sua forma de existir, sua maneira de viver. A cultura nesta poética, não é senão a feição que o corpo deu a seus movimentos na polis ou no espaço aberto das relações entre corpos.

O corpo humano porta-se metafisicamente, por isso faz cultura: ele cria sons, inventa coreografias, executa atividades diversas, não se intimida ao lançar idéias, brincar, fazer trocas e fazer aparecer [para] outros corpos (ALMEIDA, 2000; 2002). Nesta abordagem, o que se tematiza não é o corpo e sim a cultura. A tecnocultura não fornece essas possibilidades. É o direito ao movimento não cerceado dos corpos. Fazer cultura a partir dos corpos e ter a alegria de experimentar quando se encontram em seus movimentos e na liberdade. É ao mesmo tempo a liberdade e o encontro, sua essência e sua aparência como em um movimento articulado e equilibrado.

Entretanto, vivemos uma época em que os corpos não se encontram mais, não se coletivizam e nem se politizam. A tecnocultura imprime a marca de que cada um deve cuidar de si mesmo, proteger o seu corpo das doenças físicas e mentais, do desgaste do tempo e construir uma aparência de vitalidade que promove a “saúde”, o corpo vigoroso e potente, instituição que recai sobre o protecionismo técnico.

Desta forma, o consumo corpóreo, se articula como em uma aventura pessoal, assinalado quase sempre com entusiasmo, que se converte em valor primordial do culto ao corpo contemporâneo, traduzida em uma lógica de “felicidade”, e em um produto que alimenta a cultura do consumo contemporânea. É vestido de “saúde perfeita” que o corpo “próprio” e a malhadora fazem parte do palco que encena o espetáculo da cultura de consumo.

Desvendaremos, então de que matéria-prima o nosso bem, que é a “saúde-perfeita”, é produzido, na próxima seção deste trabalho¹⁴².

3.3 A cultura de consumo da “saúde perfeita”¹⁴³

A saúde em nosso estudo não está ligada necessariamente ao tratamento de doenças físicas. Aqui, o corpo da malhadora está servindo como base para encarnar um “tipo” de saúde que prescindiu do oposto para ser objeto de preocupação e investimentos. Desta forma, a intervenção que o nosso sujeito executa em busca de saúde [a malhação], para ela, não precisa da doença para ser “justificada”.

Assim, a malhação, e o seu corpo, se encontram de forma louvável, com a concepção de corpo oficial (da cultura de consumo) divulgada, que é a da autopreservação, que a encoraja, de forma subliminar, a adotar estratégias sacrificiais para combater sua deterioração e decadência.

Estratégias essas também aplaudidas pelas burocracias do Estado, que desde o século XIX, e que não é diferente agora, buscam reduzir os custos de saúde por meio da educação do público contra a negligência do corpo, e combinada a isso, a noção de que o corpo é um veículo de prazer e auto-expressão (Featherstone, 1991).

Em outras palavras, a mídia da cultura de massa dissemina imagens de corpos “próprios” e enfatiza constantemente os benefícios que a manutenção do corpo traz, em nome da “saúde”. Imagens que conseguem agregar as duas dimensões do corpo [interior: sua funcionalidade; e exterior: sua aparência] e que por isso são tão poderosas. Nessa concepção,

¹⁴² Slater (2002), Barbosa (2004) e McCracken (2003) afirmam que existe indício da formação da cultura do consumo no século XVI com o surgimento da moda que propiciou novas formas de consumo e de empresas. Data desta época também a expansão das mercadorias precedendo a industrialização, como um fato que estimulou o consumo, uma versão que contradiz a narrativa de que foi a industrialização que fez surgir a cultura do consumo. O surgimento do comércio e da negociação, advindos da expansão das mercadorias, foram aspectos fundamentais para a consolidação desta. Saberes contidos na cultura de consumo podem ser expressos pelos seguintes temas: ideologia individualista; a valorização da noção de liberdade e escolha individual; insaciabilidade; o consumo como a principal forma de reprodução e comunicação social; a cidadania expressa na linguagem de consumidor; fim da distinção entre alta e baixa cultura; signo como mercadoria e a estetização e comoditização da realidade (BARBOSA, 2004; SLATER 2002).

¹⁴³ Tomamos emprestado o termo de Sfez (1996), que em seu livro: “Saúde Perfeita, a crítica de uma nova utopia” realiza uma crítica “ácida” ao projeto da modernidade que pode ser representada pelo termo citado. Em seu trabalho ele discute a Saúde na perspectiva dos projetos biotecnológicos que tentam criar um projeto de homem perfeito antes mesmo do seu nascimento, e a posiciona como um Grande Projeto Mundial. Ele se inspira no super-homem de Nietzsche, este que é “apenas” um ideal.

disciplina e hedonismo não são mais vistos como incompatíveis e a subjugação do corpo através de técnicas corporais contemporâneas [a malhação] é apresentada dentro da cultura de consumo como sendo uma pré-condição para a conquista e a liberação da capacidade expressiva do corpo. Entretanto, que expressão é essa que apenas reproduz imagens de corpos?

Assim, cabe ressaltar, como descrito no capítulo 2 deste trabalho, que várias são as formas e as resistências que a malhadora utiliza para poder fazer jus ao discurso da “saúde perfeita” [i.e., dietas milagrosas, ingestão de suplementos alimentares industrializados, overdose de atividade física, entre outras]. Assim, há que observarmos o termo numa perspectiva mediadora, por que trata de uma instituição que interfere na construção [produção], configuração, recepção e conseqüente significação da comunicação que ela própria veicula nos diversos meios, traduzida na materialidade social e na expressividade cultural do grupo social que investigamos (MARTÍN-BARBERO, 2003).

Em outras palavras, um olhar teórico que reconhece a relativização entre a realidade social e suas representações históricas, onde as instituições, as práticas sociais e culturais se articulam com os meios de comunicação em um processo complexo que privilegia formas plurais de expressividade que tentaremos desvelá-lo.

Assim, ao tomar conhecimento das instituições (academia, empresas do ramo fitness e mídia) o organismo social (as malhadoras, os professores e vendedores de produtos) e grupos que sintetizaram o nosso termo em questão, e as articulações entre práticas de comunicação e sociedade, observamos que merece destaque em nosso estudo a relação íntima estabelecida entre os praticantes de atividades físicas [a malhadora] e o que os meios de comunicação (televisão, jornais e revistas populares, livros, revistas especializadas e artigos científicos) disseminam sobre a sua prática. Nessa perspectiva, a malhação é posta numa posição dogmática que fortalece o termo “saúde perfeita”¹⁴⁴.

¹⁴⁴ Rojas (2002) em sua dissertação de mestrado, que se caracterizou como um estudo de cunho quantitativo elaborado nas academias de ginástica na cidade de Curitiba-PR com vias a investigar os fatores associados a aderência em programas e exercícios físicos ofertados em academias, corrobora com o discurso científico em torno dos benefícios da atividade física por meio da seguinte assertiva: Estudos destacam que pessoas mais ativas tendem a se beneficiar do efeito protetor da atividade física, como o perfil lipoprotéico favorável, aumento de glicose no metabolismo, melhoria da função hemodinâmica, perda de gordura corporal, redução do estresse, aumento da atividade fibrinolítica, diminuição do risco de queda no idoso, melhoria do sono, do humor e da percepção de bem estar (BIDDLE, 1995 e SMITH ET AL, 2000), entretanto, a autora destaca que estar em movimento não garante melhoria da aptidão física ou de seus componentes.

A característica dogmática do termo “saúde perfeita”, e do seu elemento constituinte, a malhação, surge, corroborando com a mídia, quando observamos ainda, que o estilo de vida contemporâneo localizado nas cidades pós-modernas, gera hábitos deletérios para a “saúde”. Podemos citar como exemplos os seguintes aspectos: o sedentarismo, os maus hábitos alimentares, o excesso de trabalho, o stress, a aceleração do tempo vivido, que levam o Homem a experienciar situações cotidianas que exigem menor solicitação muscular, interferindo na funcionalidade do corpo (AZIZE, 2006; MONTEIRO, 1996).

Chegamos a ponto de dizer que a “saúde perfeita” é uma mensagem dissuasiva, porque não há o confronto direto e nem o questionamento quanto a sua validade e confiabilidade porque se enuncia de forma totalitária e sublimada (VIRILIO, 1996a) e se embasa em fontes de enunciação diferenciadas que culminam em uma mesma opinião, dando um caráter naturalizado, universalizado e desistoricizado (AZIZE, 2006; SFEZ, 1996).

A “saúde perfeita” é edificada por meio do discurso científico e utópico que decorre do projeto da modernidade que, segundo Sfez (1996) se constitui em um imaginário onde: (1) se instala em nós o silêncio e limites em relação a uma comunicação total e transparente; (2) a fundação da utopia da modernidade faz um ser à nossa imagem, como homem é à de Deus, onde a condição de possibilidade implica o dualismo, dualismo da alma e do corpo; (3) a crença na onipotência de uma ciência eletrônica é acompanhada da certeza de um fim das guerras por uma democracia “transparente”; (4) a sedução e a ilusão da liberdade que é comunicada, apesar da extraordinária habilidade, não há liberdade, só há vinte e oito movimentos na imagem e (5) existe uma máquina perfeita, que não pode morrer (salvo por acidente exterior).

Em outras palavras podemos dizer que a “saúde-perfeita” é fruto de um discurso científico que dissimula o sucesso dos seus engenhos, de seus pretensos progressos, é produto de uma ciência do extremo, uma tecnociência que se desvia daquilo que deveria ser uma paciente pesquisa da realidade para participar de uma virtualização generalizada (VIRILIO, 1999a). Um devir, algo inatingível. Para Sfez (1996), a “saúde-perfeita” é também um discurso utópico devido a sua perspectiva dominante e totalizadora que se impõe sem mediação porque o observador fica sem uma perspectiva panorâmica onde ele se identifica com a brevidade do instante. É um texto que subverte outros textos onde tudo é compassível a ela, é não-contradição, ela inclui e organiza tensões, resistências, mas não combates, ganhos e perdas.

Desta forma, trabalha subterraneamente os imaginários por meio de jogos de linguagem, no modo da analogia, do deslocamento, da condensação, das leis do sonho que permitem superar as tensões de maneira não-dialética. A utopia trabalha no imaginário ultrapassando os antagonismos por sobreposições analógicas e simultâneas de pólos em tensão. Ou seja, um discurso unificador que nos faz perder a capacidade de comunicar, que é condição indispensável de seu estar no mundo, capacidade inata que normalmente nos torna aptos a fazer a distinção entre o nosso ambiente imediato e as representações que construímos para nós mesmos, nossa imagética mental (VIRILIO, 1996a).

Neste discurso, há uma resistência antimodernista que se cumpre de maneira supermodernista por meio de novas indústrias alimentícias que nascem para satisfazer as necessidades do novo consumidor. Da mesma forma, uma nova medicina está emergindo. O antimodernismo torna-se ultramodernidade ou supermodernidade. Esta transformação necessita da criação de uma nova moral do homem cotidiano: moral do bem-comer (sem colesterol), beber um pouco (vinho tinto para as artérias), ter práticas sexuais de parceiro único (perigo da AIDS), respeitar permanentemente sua própria segurança e a do vizinho (nada de fumo) (SFEZ, 1996).

Assim, é importante compreendermos a “saúde perfeita” numa perspectiva política e que se problematizem as contradições presentes e ausentes nas interações sociais cotidianas, que acontecem em um cenário onde se exige que a política recupere a sua dimensão simbólica que possa reativar o senso de coletividade. Desta forma, entendemos que o termo “saúde perfeita” é um “disfarce”, um alibi, que fomenta uma geração de pessoas e instituições, que buscam na ostentação da forma física a demarcação das diferenças sociais, inscrevendo em seu corpo as visões e divisões de mundo que remetem às relações de poder e dominação que constituem a nossa sociedade das imagens.

Em outras palavras, um discurso, poderoso, que [sobre]vive com a afluência da sociedade de consumo, que em sua essência eminentemente contraditória, cria demanda para produtos direcionados a todos os tipos de consumidores que aparentemente são constituídos de naturezas diversas (i.e., a exemplo das situações particulares em que a malhadora se insere), mas que buscam essencialmente a restauração da moralidade plugando-a de novo no corpo. Assim, cabe ressaltar que o controle sobre o corpo e a saúde não são assuntos técnicos, mas político e moral, que se posiciona no centro da utopia mobilizadora contemporânea que incita o consumo, este que norteará a discussão do próximo capítulo.

4 O consumo da malhação como experiência estética

4.1 A experiência estética

Se há algo que permanece [aparece] hoje em nosso mundo é a idéia de “pós”, de ultrapassado. Tudo parece extremamente provisório e a expressão atual significa hoje e apenas hoje: aqui e agora. Nem o domínio do mercado das técnicas corporais contemporâneas escapa, pelo contrário, se insere de forma espetacular quando incrementa as possibilidades de consumo de produtos e serviços que aceleram a modificação do corpo Humano transformando-o em um corpo “próprio”, aprontando-o para ontem.

Aliás, a idéia do “aqui”, já sabemos, é absolutamente questionável. Podemos dizer inclusive que o ideal da “saúde perfeita” fica abalado nesse contexto tecnologizado onde a definição sobre noite e dia parece ser coisa de outros tempos. Ideal abalado não somente porque isso traz conseqüências para o equilíbrio do corpo animal [orgânico] humano, mas também por que ele precisa sonhar, não qualquer sonho, não o sonho da sociedade de consumo e das imagens, mas um sonho que seja uma construção interior dele.

Vivemos um momento de estranheza tão grande com esse “real” que o Homem se torna estranho ao próprio Homem com o excessivo bombardeio das imagens a que toda pessoa está submetida e é aí onde se configura o desafio na formação da subjetividade desse novo sujeito. Pois é fato que com a diluição das fronteiras e com a inundação imagética, a espessura e a densidade dos corpos (animais e territoriais), características necessárias à constituição de uma identidade singular e privada desaparecem na mesma proporção em que a velocidade das trocas efetuadas entre o mundo externo e o mundo interno é feita [acelerada]. Assim, o Homem fica desprovido das sensações de si mesmo (e do seu corpo), pois adquire uma alteridade plastificada programada por um outro [Capital].

Nessa perspectiva, as mulheres não [re]conhecem mais seus corpos de carne e osso quando o contrapõem àquelas imagens proliferadas pela mídia e tentam a todo custo [re]criar um corpo que não é “real”. Elas parecem esquecer que o corpo próprio delas tem espessura,

densidade, cheiro, tato, paladar e é composto de uma gama de elementos muito grande para ser reduzido a um “simples” estatuto de corpo “próprio” e magro.

Portanto, não é de se estranhar que as doenças que assolam as clínicas médicas sejam: anorexia, bulimia, depressão e a indefinição de metas de vida, esses que são males emblemáticos em “denunciar” algum tipo de “desregulação” [inadequação] na experiência de troca entre o mundo interior e o mundo exterior do sujeito. Assim, o corpo é programado para o desaparecimento, como se fosse alguma coisa para "acelerar" constantemente onde há ritmos acelerados que se impõem aos nossos corpos (e.g., ritmos de trabalho, atividade física, compromissos sociais, familiares) (VIRILIO, 1996a). Ou seja, para atender ao domínio da aceleração só um corpo magro mesmo pois é ele que se movimenta de forma mais fluida nos lugares que também estão tendendo a desaparecer¹⁴⁵.

Assim, poderíamos dizer que o que há de mais característico na percepção estética do mundo de hoje é o desaparecimento do tempo de duração, pois tudo (e.g., os produtos, as relações sociais e profissionais) se volatiliza e se torna descartável¹⁴⁶. Mas, paradoxalmente, há também o aumento da expectativa do tempo da vida humana. Quanto mais tempo vive o Homem, menor o tempo de cada uma de suas coisas, sejam elas artefatos, produções culturais ou conceitos científicos que estão acelerados pela tecnologia. Neste sentido, podemos afirmar que a lógica da experiência da malhação privilegia o tempo acelerado, pois no momento em que se adiciona mais carga ao exercício e se diminui as repetições, se diminui o tempo de duração do exercício, e as quantidades de séries quando a malhadora é veterana. Assim, se alcança mais rapidamente a meta do corpo “próprio”, fora os outros produtos que acompanham essa aceleração, amplamente mencionados no segundo capítulo.

Neste sentido, podemos afirmar que o domínio da vida cotidiana, porque está cada vez mais possuído [encantado] pela tecnologia e pelo desaparecimento do tempo de permanência, está se tornando “estetizado” e se aproximando mais do domínio das artes, que pode ser caracterizado pela efemeridade, em algumas de suas formas expressivas como a música e a dança, e pela estética que impregna os estilos das suas obras¹⁴⁷.

¹⁴⁵ A estética do aparecimento é o próprio da escultura e da pintura. As formas emergem dos seus substratos onde a persistência do suporte é a essência do surgimento da imagem. A estética do desaparecimento nasce com a invenção da fotografia instantânea, é a estética do movimento. As coisas existirão mais quanto elas desaparecem. Depois da captação do instantâneo fotográfico, vem a velocidade de vinte e quatro imagens por segundo do filme, que revoluciona a percepção e muda totalmente a estética. (VIRILIO, 1996).

¹⁴⁶ Cf Fontenelle (2002)

¹⁴⁷ Cf. Baudrillard (1995); Debord (1997); Featherstone (1991); Meamber (1999).

Observa-se também que se têm aumentado as influências comerciais na cultura popular, e que as imagens artísticas invadiram o dia-a-dia interferindo na experiência de consumo¹⁴⁸. Entretanto, não só por causa da tecnologia, mas também pela massificação da cultura, e porque as situações e experiências cotidianas constituem o terreno sobre o qual se erguem a cultura e civilização (e.g., gastronomia, lazer, educação) que se fala dessa estetização da vida cotidiana.

Assim, em nossa época contemporânea e pós-moderna, atividades de consumo relacionadas a experiência de lazer e distração (da morte e a brevidade da vida), como a malhação, passam a ser algo patente, pois além de anestesiarem o consumidor (malhadora) fazendo-a esquecer da sua crise de sentido existencial, impõe [vende] um [seu] estilo.

Ou seja, “fazer da sua vida uma obra de arte”, ter um estilo, tornou-se uma injunção de massa, basta ver como os elementos artísticos, as cores, os odores, os sons e as formas são agenciados de tal modo que permeiam as nossas experiências de vida. O templo que freqüentamos, um campo perceptivo por excelência, prometia isso, a venda de um estilo, e seus diretores agenciavam muito bem os sentidos da malhadora, provocando sensações inebriantes que acessam diretamente o inconsciente.

O que vemos nessa estética é uma verdadeira atração-repulsão das sensibilidades, de emoções e de paixões, ou seja, uma alquimia sutil das “afinidades eletivas” e de um “retorno” ao encontro. De certa forma, sem se “saber por que”, que nos parece remeter a um processo, que poderíamos denominar como sendo essencialmente instintivo que destrói o político. No próprio templo nos foi observável essa estética, quando a malhadora elegia o grupo com o qual interagia, utilizando-se da afinidade, de acordo com o seu perfil. Em nossa concepção, apenas uma forma diferente de exercer o individualismo.

É nesta perspectiva que Maffesoli (1996), nos apresenta o *Homo aestheticus*, contemporâneo, esse homem que é fruto da [in]junção que tenta reduzir a dicotomia que a modernidade estabelece entre uma razão instrumental e outra sensível, e que integra parâmetros que são considerados habitualmente como secundários: o frívolo, a emoção, a aparência, tudo o que se pode resumir pela palavra estética e que permeia todos os domínios da vida privada ou pública: políticos, profissionais e morais. Desta forma, em nossa época, as relações sociais tornam-se animadas por e a partir do que é intrínseco, vivido no dia-a-dia, de um modo orgânico; além disso, tendem a centrar-se sobre o que é da ordem da proximidade.

¹⁴⁸ Cf. Brown e Patterson (2001); Joy (1998); Schroeder e Borgerson (2002); Solomon et al (1994).

Assim, o laço social torna-se emocional e chegamos à denominação do supracitado autor de que essa é a ética da estética contemporânea. Uma ética onde nada mais é “verdadeiramente importante” e que faz com que tudo adquira importância. O prazer dos sentidos, o jogo das formas, o retorno com força da natureza, a intrusão do fútil, tudo isso complexifica a sociedade e exige o esforço de uma razão sensível que se funda na lógica de identificação que substitui a lógica da identidade onde a estética é a “aura” que engloba a matriz da vida social.

Vida social que é alimentada pela experiência, pela sedimentação das pequenas coisas cotidianas, coisas que aprendemos sem prestar atenção, que determinam o aspecto familiar do mundo que vivemos e onde vivemos, isso que cria a condição necessária para a sociedade. Por isso a experiência é um lugar rico de sentido, um lugar que entre outros aspectos funda a relação do indivíduo com a alteridade (MAUSS, 2005).

Assim tomamos como base o contexto da antropologia e da etnologia, e compreendemos a experiência como sendo o caminho por meio do qual o indivíduo vive sua própria cultura e, mais precisamente, como sendo a forma como os eventos são recebidos pela sua consciência (BRUNER, 1986). Ou seja, é no mundo vivido¹⁴⁹, no universo de todos os pensamentos e de todas as percepções do sujeito que o habita que a experiência acontece, repleta de referencial e intencionalidade.

Desta forma, cabe-nos o seguinte questionamento: que implicações a percepção gera para a compreensão da experiência cotidiana? Como dito por meio de outras palavras, o enaltecimento da experiência é um fenômeno da nossa contemporaneidade pós-moderna que emergiu com mais intensidade devido ao desencantamento obtido com o pensamento moderno.

Assim, o sujeito que percebe é o que tem enraizado em seu corpo a consciência, que o liga ao mundo, desta forma, o aprendizado da consciência se dá no dia-a-dia, no fluxo da vida chamado “existência”. A consciência está situada num corpo de onde ela pensa. Por estar situada corporeamente, a consciência não contempla à distância as coisas e o mundo, “está neles encarnada” (CARMO, 2004). O que impossibilita o “olhar de sobrevôo” do idealismo [intelectualismo] e a “posição passiva” que a consciência adquire no empirismo¹⁵⁰.

¹⁴⁹ O mundo vivido é o mundo da experiência que está imbricado ao mundo da percepção onde se é impossível separar as coisas de sua maneira de aparecer, é o mundo que nos é revelado por nossos sentidos e pela experiência de vida (MERLEAU-PONTY, 2004).

¹⁵⁰ Para a primeira corrente, o real é reduzido à experiência, aos dados sensíveis imediatos, onde, primeiramente, temos sensações, que, por associações, formam percepções. Para a segunda, o real é reduzido às operações do

A percepção é o elemento que na obra de Merleau-Ponty (2004) emerge como resposta para o “dualismo” consciência-mundo, e também como sendo a porta que dá acesso à construção do conhecimento do mundo vivido, e se constitui com sendo a forma originária e primeira do conhecimento, e não um conhecimento tardio, póstumo à experiência. Nós percebemos o mundo no momento que o experienciamos por meio dos sentidos que geram sensações (CARMO, 2004).

Assim, consciência e corpo devem funcionar em conjunto, um dependendo do outro. Desta forma, concebemos que o ser humano se confunde ora emocionalmente, ora racionalmente, com o mundo que ele percebe, por ele ser é um “ser-em-situação”, com um espírito e um corpo que estão encarnados e imbricados em seu meio natural, cultural e histórico e que se funda na intencionalidade, diluindo a contraposição clássica existente entre sujeito-objeto.

Ou seja, o corpo não age como causa separada para introduzir distorções no pensamento, mas sim produzir percepções da qual o pensamento se serve. O corpo deixa de ser considerado um receptáculo passivo das ações de um mundo de coisas ou uma barreira que isola o espírito do seu exterior. O corpo tampouco está na dependência do poder soberano da consciência; em vez disso, ele exerce um papel de mediador por excelência, já que nos põe em permanente contato com o mundo e marca a presença do mundo em nós (CARMO, 2004).

Desta forma, não há distinção entre o papel atuante acerca do sujeito que conhece – como ocorre no intelectualismo – e da influência do objeto conhecido – como ocorre no empirismo. Na perspectiva adotada, a consciência é sempre consciência *de* alguma coisa e o objeto é sempre objeto *para* uma consciência, desta forma, não existe o objeto *em si* destacado de uma consciência que o conhece. O objeto é um fenômeno, que nunca é inteiramente compreensível, é algo que se mostra, que está manifesto, que é revelado à consciência.

Assim, o fenômeno de pesquisa que estamos desvelando, composto pela relação sujeito-objeto (malhadora – corpo “próprio”) merece uma demarcação a partir desse momento do texto, pois, não cabe mais nos referir a seus elementos específicos, mas sim ao que, de fato gerou a síntese dos dois, a experiência da malhação, esta que acessa na malhadora um emaranhado de sensações criadas por meio da percepção gerada pelos seus sentidos. Eles se

intelecto, ou seja, é uma derivação do pensamento. A tese idealista da relação entre sujeito e mundo implica para Merleau-Ponty uma dupla transposição: a transposição do sujeito encarnado em sujeito transcendental e da realidade do mundo em idealidade.

fundem em um movimento muito natural o que reforça a idéia da presença da complexidade. Estamos diante de um fenômeno não só complexo, mas duplamente estético. Primeiro porque ela acessa o mundo por meio do corpo e o percebe, e segundo porque o corpo é o objeto intencionado.

A sua fé perceptiva a impede de entrar em contato com o plano pré-reflexivo. Ela (a malhadora) detém a crença inabalável de que percebemos e sentimos o mundo de forma concreta e não ilusoriamente, porque esse é o primeiro plano do conhecimento. A fé perceptiva está atrelada a sua vivência silenciosa, a aceitação realista e ingênua do mundo. Vivemos ingenuamente, quantas malhadoras em campo, não escutam afirmar que tinham que fazer musculação porque fazia bem à saúde, e, no entanto, se “traíam” quando em menos de cinco minutos de conversa falavam sobre o benefício da “perninha durinha” e do “corpo malhado”, muitas vezes sem se dá conta da aparente contradição?

Interrogar a fé perceptiva, trazer inquietações e dúvidas, faz parte do fenômeno sensível. Assim, a reflexão radical proposta por Merleau-Ponty deve ser consciente de sua própria dependência em relação a uma vida irrefletida que é sua situação inicial, constante e final. É-lhe essencial reconhecer-se como "reflexão-sobre-um-irrefletido" — em vez de ultrapassá-lo e dissolvê-lo (CARMO, 2004).

Assim, é fato que não cremos no caráter irrefletido do mundo percebido, preferimos viver na ignorância da fé perceptiva, acreditando que estamos diante de fenômenos revelados em sua plenitude, o que é um erro. Nos “afastamos” dos objetos com a intenção de dominá-los, e terminamos sendo objetificados, nos distanciando da natureza e da visão holística fundamental para compreendermos a situação no qual estamos envolvidos. Faz-se necessário, então nos misturarmos à natureza e repensarmos as necessidades humanas, ou seja, reconhecermos a natureza estética que embebe a nossa relação com o mundo que percebemos, pois somos emoção antes de razão e esse contato primordial com o mundo foi durante muito tempo negligenciado.

Assim, quanto mais a malhadora experiencia a malhação mais ela se distancia do corpo próprio e termina se apropriando do corpo como se ele fosse uma “coisa” a qual ela pudesse dominar e objetificar. Fato que em princípio parece ser contraditório, porque para ela, tomar uma substância qualquer para aumentar o rendimento no treino para alcançar a sua meta faz parte da sua rotina o que nos remete a uma questão: como estranhar o familiar e fazer uso dessa razão sensível? Para a malhadora ela está experienciando uma rotina

cotidiana, mesmo que nos pareça estranho chegar à academia às duas da tarde e só sair às cinco.

Não estamos diante das coisas do mundo como meros espectadores, mas *entre* as coisas, interagindo *com* elas. Há um saber da coisa também pelo que ela tem de oculto, pelo que ela não expressa ou manifesta diretamente ao nosso olhar. Além disso, o visível não se limita apenas ao que aparece na superfície da tela, pois há um horizonte de coisas não vistas ou mesmo não visíveis (CARMO, 2004). Carência, timidez, frustração, uma relação que continha, muitas vezes, elementos de autoviolação e autopunição (embrulhados no pacote da saúde “perfeita”) com o próprio corpo foi o invisível do cotidiano que experienciamos.

Assim, visível e invisível são dois aspectos de uma mesma realidade. O invisível vai desde o que está escondido, mas que pode ser visto, até a sombra, a profundidade, a luminosidade ofuscante e os reflexos. As palavras e os pensamentos são os intangíveis que estão do outro lado, ou a outra face da mesma moeda visível. Assim, o visível e o invisível emergem como parte do processo de entrelaçamento entre sujeito e objeto (MARQUES, 2006).

Tudo nos leva a crer que, se a consciência constituísse o mundo que ela percebe, não haveria distanciamento entre ela e o mundo percebido e todos os problemas seriam solucionados. Ou seja, como esse mundo em que estamos imersos é inesgotável para a nossa consciência, sempre haverá um saber latente, secreto, além da nossa percepção. Assim, o nosso corpo não está aberto somente às situações reais; ele está preparado para o virtual, para situações imaginárias (CARMO, 2004).

Desta forma, carregamos conosco uma maleabilidade existencial e poética que nos permite distância suficiente das coisas para nelas lermos o que as aparências escondem. O engajamento não-reflexivo, essa aceitação imediata do mundo, mostra que não há em princípio, distinção entre pensamento e ato. Nossa consciência não pode intervir em cada movimento que ensejamos realizar.

Chegamos a ponto de dizer que a vivência estética é o estado da existência humana onde a fluidez do fenômeno perceptivo se revela. É nessa dimensão que se torna clara a riqueza e a completude do percebido, amplidão por vezes ofuscada na sistematização conceitual. Supomos, então, a experiência estética como sendo a experiência originária, como um processo vital, como a procriação, a respiração ou o crescimento humano (MERLEAU-PONTY, 1999).

Assim, a experiência estética é a experiência que não objetifica o mundo, mas o percebe. E a arte que permeia sua percepção deriva justamente de sua imersão no mundo onde

se estabelece uma relação entre o real e o imaginário. Isto posto, cabe-nos agora afirmar que o objeto da experiência nos é acessado de forma holística e completa, *a priori*, como um amálgama do que está sendo exposto aos nossos sentidos nos fazendo ter clareza sobre alguns aspectos da experiência e incerteza sobre outros se tornando difícil estabelecer relações determinísticas entre estímulo-resposta para as experiências vividas.

As qualidades estéticas da experiência da malhação (i.e., sensibilidade, sensação, sentimento e atração, (MAFFESOLI, 1996) impedem a malhadora de ter uma distância de perspectiva para questionar a sua fé perceptiva, pois aquela acessa hormônios da alegria, faz a malhadora compartilhar momentos com os outros com quais existe identificação, o templo disponibiliza uma infinidade de serviços e ela ainda tem a ilusão de que está fazendo algo por ela, construindo o seu corpo “próprio” que ela almeja para atuar na sociedade do espetáculo que “cobra” isso dela e ela aceita, criando o que Virilio (2000) chama de automatismo social, a ausência de deliberação.

Em um primeiro momento parece paradoxal. Mas, na medida em que colocamos como pressupostos da experiência estética a anulação da distância (sujeito-objeto) e a necessária distância de perspectiva permitimos a configuração do jogo entre o ser humano e as realidades do seu ambiente, e ampliamos sua via reflexiva (MARIN E OLIVEIRA, 2005).

A apreciação estética da experiência exige, entre outros aspectos, tolerância a situações complexas e a ambigüidades de sentimentos e percepções, o cuidado aos detalhes dos objetos ou eventos aos quais o sujeito está na interação que o envolve, a independência de julgamento e a capacidade de escapar do dia-a-dia e ter interesses não-usuais nas coisas (i.e., parar e cheirar as rosas que encontrar no meio do caminho) (LACHER, 1989).

O benefício da apreciação estética é que livra o indivíduo de formalismos paralisantes. Nos modos de representação que temos da realidade hoje, a lógica presente é a lógica paradoxal das imagens em que a imagem domina a coisa representada subvertendo a própria noção de realidade que impacta na nossa percepção do mundo vivido (VIRILIO, 1994). Assim, terminamos sendo objeto da cultura no lugar de sermos sujeito, porque o nível de abstração dos artefatos construídos é tão grande que nos tornamos “reificados” e o sentido fica perdido.

Parar, desacelerar, prestar atenção ao ritmo biológico do corpo Humano e à natureza, apreciá-los pela sua estética (formas e conteúdos) específica, destituído de qualquer tipo de interesse, captar a realidade como ela se apresenta *per se*, questionando sempre o que está sendo posto em nosso campo perceptivo, um olhar artístico para a experiência. Assim, não foi pretensão nossa discutir nem a questão da forma e nem onde se encontra a essência do belo

(se na arte ou na natureza) em nosso trabalho, e sim o que está por traz da construção da “forma bela” desse corpo “próprio” que é o ideal da malhadora. Criticamos [questionamos] então o formalismo excessivo (advindo da cultura da técnica) que deixa seu corpo engessado, e, se esse é o mediador por excelência que falamos, engessa também a sua subjetividade e consequentemente sua expressividade.

Existem três caminhos para o Homem atingir o auto-reconhecimento e a transcendência: o primeiro é por meio da arte, o segundo pela religião e o terceiro a filosofia, segundo Hegel (2005). Onde a arte é a forma pela qual ele externaliza um saber imediato e sensível, a religião corresponde à consciência representativa e, por meio da filosofia ele atinge o nível do pensamento livre (SANTAELLA, 1994).

Então, se a arte é o caminho para a desconstrução e para externalizar saberes sensíveis, usufruiremos dela para criar novos símbolos e valores para nossa cultura que está expressa em uma linguagem convencional tecno-cientificista que racionaliza as expressões humanas.

No encontro com as expressões artísticas a imaginação do Homem é colocada em harmonia com a Natureza, enriquecendo-a como objeto estético. A arte abre perspectivas autônomas e pode levar o ser humano a se emancipar daqueles valores que, pela razão ou pela heteronomia de um imaginário social, são-lhe inculcados como necessidades. Quem vivencia o fenômeno da experiência estética tem diante de si um mundo muito mais amplo e flexível que aquele desenhado pelas sociedades de consumo (MARIN E OLIVEIRA, 2005).

Pois, a verdade é que a sociedade de consumo, com o seu ferramental, o marketing, se apropria do valor da experiência estética e a comercializa, e o que deveria ser um privilégio do Homem termina sendo do Consumidor, que se tiver dinheiro compra qualquer coisa no mercado da afluência que promete contato com a sensação da gratificação que aquela proporciona, mesmo que seja momentânea, afinal não estamos na época da aceleração?

Assim, o mundo que forja a técnica é um mundo no qual o homem ainda pode se sentir em casa, onde despe seus olhos das imagens sintéticas, pois nele há a ausência de preocupações tecnocráticas e um fantástico transbordamento de imagens de síntese que privilegiam a imaginação, essas que criam as verdadeiras imagens que nos colocam em contato com a Natureza e que ajudam a transformar a realidade em que vivem.

A arte não imita coisas, idéias ou conceitos. Mostra como a natureza trabalha e assim o faz através da construção de suas próprias criações, daí seu poder transfigurador, pois as obras são produtos da imaginação criativa orientada para o fazer, uma imaginação produtiva (BACHELARD, 1988). Há que então recuperarmos a reflexividade do corpo vivido, essa do

visível que se vê, do tocado que se toca, do sentido que se sente (CHAUÍ, 1980). Pois, como nos diz Marin e Oliveira (2005 p.14):

“A experiência de contemplação da natureza é uma experiência de intencionalidade que coloca o ser humano, tantas vezes, nas mesmas condições que a da experiência estética. Não é preciso indicar as inúmeras formas com que a paisagem, o som dos animais, o movimento e o cheiro das plantas, o mistério das águas e tantos outros elementos da natureza preservada invadem as expressões artísticas do ser humano para entendermos a analogia entre a epifania da experiência estética e a da experiência de interação do ser humano com a natureza”.

É fato que a arte não é desprovida de técnica, mas faz uso dela de forma equilibrada e livre. A arte promove a fidelidade à vida, devolve o Homem a si mesmo, a seu corpo. O que acontece hoje é que deixamos o nosso corpo livre para as inteligências estranhas [mídia] insuflarem o assento do motorista [malhadora] que não está lhe guiando, e que acabam lhe ordenando gestos adequados [malhação] (VIRILIO, 1996b).

Assim, a verdadeira experiência estética nos revela que a arte é uma atividade dialógica que se relaciona com o ser de encontro que é o Homem que para desfrutar dos benefícios deve se liberar do apego às ganâncias imediatas, dos ideais de domínio, posse e controle para incorporar novos apetites: respeito, unidade e solidariedade. Dominar e possuir somente são atitudes possíveis em relação a objetos, a dinâmica da vida cotidiana solicita mais. A arte exerce grande poder formativo, intensificando nosso olhar para que não nos detenhamos no aspecto objetivo dos seres, mas penetre em sua condição de âmbitos, isto é, condição de acontecimentos que tecem a trama da vida social que abrem possibilidades à ação humana.

Assim, resistiremos ao estado de tecnofilia presente em nossa contemporaneidade e reivindicaremos o indagar sobre a natureza da tecnologia para podermos recuperar a alma do nosso Ser e desfrutarmos da liberdade que a experiência estética proporciona. Esta que é indubitavelmente distinta da animação [espetáculo] das sensações que as imagens [re]mixadas da sociedade de consumo, por meio do marketing, nos põem em contato. Desta forma, discutiremos na próxima seção como o marketing se apropria da experiência estética, instrumentalizando-a e colocando-a a serviço da moral das organizações que a adota, que muitas vezes, faz uso delas, sem se preocupar verdadeiramente com o consumidor simplesmente estimulando o consumo.

4.2 Experiência, Marketing e Consumo

O tema “estetização da vida cotidiana”, que conseqüentemente nos leva a investigações que enfatizam aspectos experienciais, elemento advindo da estética pós-moderna, tem sido amplamente discutido nas disciplinas de marketing e do comportamento do consumidor. Pois, é fato que, em pelo menos duas dimensões, aquelas estão sendo impactadas: primeiro, porque o movimento cria um senso de pastiche que envolve uma mixagem irônica de categorias e estilos nas organizações e segundo, porque coloca o estilo de vida do consumidor em si como um tipo de trabalho de arte (SOLOMON ET AL., 1994)¹⁵¹.

Nesta perspectiva, as experiências de consumo pós-modernas podem ser mais bem compreendidas quando observamos as noções modernistas e mecanicistas da estética, que contemplam sensibilidades paradoxais, através dos seguintes elementos que encontramos, sobretudo no templo que freqüentamos, a saber: hiper-realidade¹⁵², justaposição de opostos, perda da unidade e procura por hibridismo, teatralidade e mistura de objetos estéticos (COVA E SVANFELDT, 1993).

Assim podemos destacar que o maior benefício da pós-modernidade é que esta condicionou mudanças drásticas na metodologia, domínio e material de fonte de pesquisa de marketing (c.f BELK, 1991, 1995; HIRSCHMAN E HOLBROOK, 1992; SHERRY, 1998). Assim, metodologicamente, abriu a porta para um conjunto de procedimentos de pesquisa qualitativos/interpretativos afirmados pela hermenêutica, semiótica (HIRSCHMAN E HOLBROOK, 1992), fenomenologia (FONSÊCA, 2004), etnografia (MCGRATH, 1989; OSWALD, 1999; ELLIOT E JANKEL-ELLIOTT, 2003; KOZINETS, 2001) e introspecção pessoal (HOLBROOK, 1996); estruturalismo (FERREIRA NETO, 2005). Em termos de domínio, ela concentrou a atenção em questões previamente consideradas marginais (e.g., dar presentes, consumo

¹⁵¹ Vale ressaltar que, no campo da teoria cultural pós-estrutural há o reconhecimento do papel crítico que a arte e a estética desempenham na constituição de uma cultura de consumo (FIRAT E VENKATESH, 1995) e estudos de propaganda têm explorado a estética das imagens visuais e têm chegado a conclusões similares (BROWN, 1998; DICKSON E SVENSEN, 2000; SCHROEDER, 2002; SCOTT, 1990, 1994).

¹⁵² Já a manifestação do hiper-real na cultura do consumo tem sido investigada por Firat e Venkatesh, (1995). Kozinets tem feito uma contribuição seminal para o *ethos* cultural pós-moderno através das suas investigações empíricas de ‘Star Trek’ (2001) e do ‘*Burning Man*’ (2002). Enquanto ‘*Burning Man*’ representa uma cultura de consumo antimercado, ‘Star Trek’ proclama uma espereita de pós-humano em um futuro distante. Ambos os exemplos são construções simuladas. Simulação é assim a realidade social da cultura de consumo, como indicado em outros trabalhos que refletem a tematização das cidades (SORKIN, 1992) e cibercultura (TURKLE, 1997). Em termos de inscrição do hiper-real no consumidor, em resposta ao engajamento em espaços hiper-real, atividades de cibercultura e marketing o próprio consumidor pode se tornar mais real em termos de adornos e modificação do corpo. Assim, modas de roupas e de corpo, em termos de medidas e tamanhos e aspectos atingíveis por meio de exercício e cirurgia cosmética, são todas manifestações do hiper-real. A identidade está implicada no hiper-real (KOZINETS, 2001, 2002).

compulsivo, acumulação obsessiva, rituais de cuidados pessoais, o significado das posses); foco no macromarketing e em aspectos culturais. Em termos de fonte deu origem à concepção de que é possível obter informações significativas de marketing e consumo a partir de fontes não ortodoxas como novelas, filmes, teatro, poesia, programas de comédia (BROWN, 2005).

Desta forma, o nosso ponto de partida é compreender que, no processo de produção cultural a cultura em si é construída e negociada pelos atores culturais (produtores, intermediários e consumidores) por meio de um jogo simbólico-sensorial e pelos modos de experiência em seus sistemas de significados concomitantes nos quais os atores culturais estão engajados. Ou seja, não podemos compreender a malhadora como um Ser “simplesmente” reificado em sua experiência de consumo, pois entendemos que o consumo da malhação é uma experiência, que preenche uma função acima daquela de satisfazer suas necessidades materiais e de reprodução social (função que o consumo exerce em qualquer sociedade) visão que compartilhamos com os antropólogos do consumo¹⁵³. Assim, cabe-nos explorar a seguinte questão nesta seção: Como o consumo da malhação, que é ritualizado no *fitness center*, pode ser apreendido como um significado cultural que proporciona uma experiência estética para a malhadora?

Uma visão tradicional da produção cultural localiza o marketing no campo de intermediários culturais. Nessa perspectiva, o marketing é presumidamente quem toma o produto cultural e enche-o de significado simbólico que é eventualmente comunicado ao consumidor (SCHROEDER, 2002). Nela, o consumidor ou assimila os significados que são transferidos do produto cultural na forma como são produzidos, distribuídos e usados, ou transformam aqueles sentidos com o objetivo de construir identidade por meio do consumo.

Em nossa visão alternativa da produção cultural, o marketing, detém um papel mais amplo, pois argumentamos que as arenas de produção (estas significando transferência), e consumo não operam autonomamente. Ou seja, interpretamos o marketing como sendo ambos, um processo e uma instituição, que age como o contexto e como o quadro facilitador da produção cultural (MEAMBER E VENKATESH, 1999). Assim, a produção cultural se apresenta como um movimento dialógico e complexo.

Ao pensarmos o nosso produto de consumo, a experiência da malhação, em consonância com McCracken (1986), podemos afirmar que o mesmo possui a capacidade de representar e comunicar significados culturais, estes que são expressões sobre valores,

¹⁵³ Estudos que nos forneceram a base antropológica para esse estudo foram: Don Slater (2002), Grant McCracken (2003), Daniel Miller (2002), Colin Campbell (2001) e Douglas e Isherwood (2004).

normas, e crenças que são compartilhados no mundo simbólico da malhadora, amplamente discutido no segundo capítulo desta dissertação.

Desta forma, os significados culturais são transferidos do mundo culturalmente constituído (este é o que fornece a “lente” para a malhadora interpretar a experiência, que institui as maneiras e atitudes que definem os comportamentos [in]apropriados dentro e fora do templo) para a experiência da malhação e desta para a malhadora.

A transferência do significado cultural, que é extraído do mundo culturalmente constituído (i.e., a possibilidade da construção do corpo “próprio”, o ideal da saúde perfeita, valores alusivos à competição, individualismo, entre outros), para o objeto (i.e., a experiência da malhação) ocorre por meio da propaganda e dos sistemas de moda (representados pelas revistas, jornais, líderes de opinião, e nas margens da sociedade pelos hippies, punks e gays).

Enquanto a transferência do significado do consumo, a experiência da malhação, para a malhadora ocorre por meio dos rituais que envolvem o consumo, que podem incluir: (1) a posse (i.e., como a malhadora exhibe e protege o resultado da sua experiência de consumo, os critérios que ela utiliza para a escolha do templo que irá frequentar, se próximo a sua residência ou ao trabalho, entre outras); (2) a troca (i.e., como ela paga o dízimo no templo, a obtenção de informações para aproveitar melhor a experiência de consumo, como faz o rodízio da máquina com outra praticante, entre outras); (3) o embelezamento (i.e., ações que assegurem a longevidade das roupas que está usando para malhar, o cabelo, a pele, a maquiagem, entre outros) e (4) o despojamento (i.e., ações que a malhadora pratica para apagar o significado da malhação quando for preciso).

O olhar antropológico nos diz então que o consumo é uma dimensão da vida cotidiana que pode ser analisado para discutir também questões acerca da natureza da realidade. Neste sentido, as teorias sobre o consumo inquiram dimensões da vida social, que procuram responder as seguintes questões: os processos sociais e subjetivos que estão na raiz da escolha de bens e serviços; quais os valores, as práticas, os mecanismos de fruição e os processos de mediação social a que se presta o consumo, qual o impacto da cultura material na vida das pessoas, e, ainda, como o consumo se conecta a outros aspectos da vida social, entre outras.

Naquele sentido, em nosso estudo buscamos investigar o consumo da malhação como sendo um fenômeno cultural contemporâneo que tem relações com a natureza da realidade da malhadora e que nos fez explorar pares de ambigüidades conceituais quando estávamos em campo para podermos melhor compreendê-la, a saber: ser e aparência, individualismo e coletividade, real e virtual, corpo e consciência, moral e casuística, produção e consumo,

saúde e doença, vida e morte, alienação e conscientização, entre outras. O pressuposto que tínhamos era que ela se situava, ontologicamente, em um ambiente eminentemente tecnocultural, o que nos coube questionar: que repercussões isso tem para a sua vida?

Como apontado no capítulo dois pudemos observar que as práticas são diferentes para cada tipo de malhadora e que cada uma tem um objetivo específico em campo, entretanto, um fato social comum era a crença na possibilidade que cada uma tinha de modificar seu próprio corpo, em nome da saúde “perfeita”, mas que a finalidade do seu ato era estreitar os vínculos sociais na cultura a qual pertence, esta que é narcísea e que privilegia o corpo “próprio”. Foi apontado, também, que não é um processo desprovido de resistência, elas resistiam sim em algum sentido ao que estava sendo posto a ela (e.g., quando ela ficava mais de duas horas na academia porque tinha exagerado na bebida na noite anterior, tinha que se livrar da culpa que o relaxamento lhe trazia). Ou seja, ao investigarmos o consumo da malhação observamos que outras dimensões da vida da malhadora eram transformadas: a sua relação com o próprio corpo, com os outros, a relação com a natureza, relação com a tecnologia que a fazia distanciar da sua essência Humana.

Por outro lado, em um sentido complementar, entretanto não antagônico, teorias sobre a sociedade de consumo, dizem respeito à natureza da realidade social. Elas mapeiam e analisam alguma característica que lhe é atribuída como específica e que a define e cogitam sobre o porquê do consumo desempenhar um papel tão importante no interior da sociedade contemporânea ocidental (BARBOSA, 2004)¹⁵⁴. Desta forma, chegamos a ponto de dizer que pensar um produto cultural, uma experiência de consumo, é pensar na forma e no conteúdo (estética) em que se apresentam. Cabe-nos agora investigar, na próxima seção, como a estética tem sido relacionada ao domínio do comportamento do consumidor.

¹⁵⁴Autores que estudam, então, a cultura de consumo como sendo a cultura da sociedade pós-moderna são: Fredric Jameson, Jean Baudrillard, Zigmund Bauman e Mike Featherstone. Fine e Leopold (1993), em seu **livro** intitulado: “The world of consumption” selecionam seis temas que consideram relevantes pra o entendimento das teorias que os autores criam ao falar da sociedade de consumo, a saber: (1) Origens históricas da sociedade de consumo; (2) A identificação da sociedade de consumo com o período da produção em massa; (3) A relação entre consumo de massas e sociedade de consumo; (4) O papel do marketing e da propaganda na sociedade de consumo e a dicotomia livre arbítrio x controle [manipulação]; (5) O consumo como um fator de estratificação social, isto é, a revolução doméstica, de transformação da casa em uma unidade moderna e da mulher no seu principal agente e em uma das suas grandes beneficiárias; (6) Relação entre pós-modernismo e consumo.

4.3 A estética e o comportamento do consumidor

A estética no campo do comportamento do consumidor pode ser definida como o estudo cognitivo, afetivo e de respostas comportamentais proporcionadas pelas experiências do sujeito em contato com a mídia, entretenimento e as artes (HOLBROOK, 1980). As incursões em pesquisas iniciais tematizando o consumo como experiência estética dataram meados dos anos 1970 e início dos anos 1980 (e.g., HOLBROOK, 1980; OLSON, 1981; SEWALL, 1978; WALLENDORF, 1980) e as preocupações centrais consideravam em determinar qual seria o aspecto estético presente no consumo e como o fenômeno estético poderia ser pesquisado.

Debates giravam em torno da definição e do foco da estética com alguns estudiosos do campo do comportamento do consumidor preferindo aplicar a experiência estética somente aos produtos então chamados “artísticos” ou “produtos culturais” (HOLBROOK, 1980; OLSON, 1981) enquanto outros reconheciam que virtualmente qualquer produto tem um componente estético (HOLBROOK E ZIRLIN, 1985; OLSON, 1981; HOLBROOK, 1980; BERLYNE, 1974; WALLENDORF, 1980).

Entretanto, vale ressaltar que distinções claras sobre a natureza do produto (i.e. estética vs. utilitária) podem dificultar a compreensão sobre a experiência estética, posto que todos os objetos têm um componente estético, têm uma forma física ou uma aparência que pode ser percebida e assim fornecer dicas para uma futura resposta estética (BERLYNE, 1974; HOLBROOK E ZIRLIN, 1985; WALLENDORF, 1980). Da mesma forma, podemos argumentar que todo objeto, até os objetos artísticos podem servir para propósitos utilitários ou função (e.g., jogos, música, novelas e filmes podem ser usados para entreter; pinturas e esculturas podem ser usados para estabelecer um humor em uma sala ou um local de trabalho). Além disso, distinções considerando a “estetização” (i.e. estética ou natureza utilitária) de um objeto implicam que a experiência estética emana do objeto, o que já mostramos ser uma afirmativa falaciosa.

Assim, a valorização da experiência estética emerge na seara do marketing, pois em nossa época onde a afluyente sociedade de consumo expõe uma variedade incontável de bens e de marcas disputando espaços no mercado, ela se apresenta como uma ferramenta poderosa capaz de criar um diferencial competitivo para a organização, pois com a sua utilização, a empresa consegue: fidelizar o cliente, colocar preços mais elevados do que os da concorrência, transpor o excesso de informações, permitir proteção de ataques da

concorrência e reduzir custos (SCHMITT E SIMONSON, 2002). Veremos na próxima seção como o marketing se utiliza da experiência estética para promover o consumo [consumismo].

4.4 Como o marketing se apropria da experiência estética

As experiências são acontecimentos individuais que ocorrem como resposta a algum estímulo (e.g., os estímulos provocados pelo marketing antes e depois da compra). Geralmente são o resultado de uma observação direta e/ou de participação em acontecimentos que podem ser reais, imaginários ou virtuais. Vale ressaltar, que são sempre experiências “de” e “sobre” algo, ou seja, elas têm referencial e intencionalidade que acessam nossa consciência e conhecimento de mundo (SCHMITT, 2002). São, sobretudo, ocorrências individuais, com uma importância emocional significativa, fundamentada na interação com um estímulo que é representado pelos produtos e serviços consumidos (HOLBROOK E HIRSCHMAN, 1982).

Assim, a experiência estética, envolve atender, perceber e apreciar o objeto por ele mesmo sem levar em consideração sua função utilitária (HOLBROOK, 1980) que nos remete à apreciação de pertencimento a vida, por ser uma experiência singular baseada nos sentidos e essencialmente simbólica (HOLBROOK, 1982). Ou seja, a experiência estética presente no momento do consumo direciona o encontro do consumidor com a sua natureza primária de pensamento, que está atrelada ao princípio do prazer, que o orienta em direção a uma resposta hedônica. É primária no sentido em que gera uma gratificação imediata (sensação como em experiência que temos na primeira infância quando somos bebê ao sermos alimentados) (HILGARD, 1962).

Introspecção no pensamento filosófico e discussões limitadas por psicólogos sugerem que há, na realidade, dois níveis diferentes de interesses de resposta estética. A primeira que pode ser chamada “valor hedônico¹⁵⁵” refere ao senso difuso e generalizado de prazer ou

¹⁵⁵ Quatro tipos de comportamento hedônico foram identificados por Hirschman (1983). (1) Projeção de problemas propõe que as pessoas se engajam em atividades que os confrontam com as realidades infelizes com o objetivo de melhorar sua situação. (2) Projeção de papel são aquelas atividades que permitem os indivíduos se auto-protegerem em um papel ou personagem. (3) Preenchimento completo de fantasia é o uso de produtos que ajudam a construir fantasias e expandir a realidade. (4) Escapismo são aquelas atividades que proporcionam o indivíduo escapar de realidades não-prazerosas ou o distrai desses tipos de eventos. A autora identifica esses tipos diferentes de comportamento em relação à aspectos demográficos como idade, educação, status ocupacional e ordem de nascimento assim como aspectos físico-sociais como etnia, imagem, isolamento social, busca pelo novo, busca pela sensação, exposição de informação a adultos e exposição de estímulos a crianças para encontrar as características das pessoas que se engajam em cada tipo de comportamento (LACHER, 1989).

diversão que alguém sente quando olha uma pintura atrativa, ou assiste a um filme bem feito ou quando se escuta uma música. O segundo nível chamado de “experiência profunda” que lida com o sentimento de estar profundamente envolvido, ou exultante, com uma sensação quase sexual de intensidade e que tem, exceto no trabalho de Maslow, sido ignorado pelos psicólogos provavelmente pelo problema de medida que ela proporciona (HOLBROOK, 1980).

Esse tipo de consumo (i.e., procura por alegria, entretenimento, fantasia, despertar, estímulo sensorial e diversão; HOLBROOK, 1982) contrasta com a versão tradicional de estudos que vêem o consumidor como um solucionador de problemas engajado em uma meta para buscar informações, resgatar memórias e associações e determinar evidências para julgar racionalmente suas ações de consumo, ou seja, um processo de pensamento secundário, no sentido em que reflete o caminho dos nossos processos mentais como resultado de socialização (HILGARD, 1962).

Nesse sentido, aspecto central no processo de consumo em nosso templo são os movimentos da malhadora no espaço, as interações com as outras malhadoras, com as máquinas e com as imagens dos painéis gigantes, espalhados por todo o templo, contendo fotos de produtos e de pessoas “malhadas” e também narrativas sobre os eventos que ele promove. Estímulos que proporcionam estimulação multi-sensorial que alimenta a imaginação e a criação dos significados culturais: corpo “próprio”, performance, competição, estilo, hedonismo, entre outros que já foram discutidos.

Na literatura um dos trabalhos pioneiros no estudo do consumo experiencial que tomou por base o período Romântico Europeu do séc. XVIII foi o de Campbell (2001). O Romantismo está associado à busca por prazeres intensos e ao despertar, em contraste aos aspectos mundanos e atitudes utilitárias que caracterizam o consumo moderno. Esta leitura fornece suporte ao modelo presente e atual de consumo contemporâneo que enfatiza mudança, diversidade e imaginação (ADDIS E HOLBROOK, 2001).

A experiência estética inspira e produz uma reação, mas arte é algo que existe independentemente e fora do consumidor da arte assim como dentro do campo do domínio humano. É por meio da interação entre o consumidor da arte e a experiência estética (e

Em estudo similar, Hirschman (1984) utilizou os aspectos acima para identificar o consumidor que se engaja na busca por experiência. A busca por experiência é definida como um fenômeno totalitário que representa o consumo como uma geração de pensamentos ou sensações que constituem o conteúdo da experiência. A busca por experiência é medida por três construtos: busca cognição – a experiência parece estimular processos do pensamento, busca por sensação onde a experiência estimula os sentidos e a busca por novidade que é o desejo de conseguir novos estímulos. Ambos os estudos encontraram características que fundamentam os diferentes tipos dos perfis dos consumidores.

conseqüentemente produção cultural no domínio deste trabalho) que aquela é materializada, onde essa materialização se dá por meio dos estilos e temas que estão impregnados em toda experiência estética.

Desta forma, quando nos referimos ao estilo, temos em mente uma qualidade ou forma distinta, uma maneira de expressão. De acordo com o historiador de arte Meyer Shapiro, estilo é “a forma constante – e por vezes os elementos e a expressão constantes – na arte de um indivíduo ou de um grupo”. E, no âmbito das organizações, os estilos são expressões (visuais, auditivas, olfativas ou táteis) que ajudam na formação da identidade da marca (SCHMITT E SIMONSON, 2002).

O estilo pode ser analisado em diversas dimensões, como complexidade (minimalismo *versus* ornamentalismo), representação (realismo *versus* abstração), movimento (dinâmica *versus* estática) e potência (alto/forte *versus* baixo/fraco) (SCHMITT, 2002). Podemos descrever o estilo do nosso templo como caracterizado por uma complexidade minimalista (porque detinha uso limitado de cores, desenhos de formas geométricas simples) uma representação abstrata com um movimento dinâmico e de alta potência.

Ao conter um estilo próprio, o templo consegue criar uma conscientização maior da sua marca junto aos consumidores, pois provoca associação mental e emocional à malhadora que se identifica com o ambiente, diferencia os produtos e serviços o que proporciona a integração dos instrumentos de marketing ao seu público-alvo.

Vale ressaltar que o estilo vem acompanhado de um tema (conteúdo), e em geral, as empresas sedimentam suas campanhas de comunicação em torno dele. As fontes de temas podem ser divididas em cinco domínios culturais: o mundo físico, os conceitos filosófico-psicológicos (conceitos genéricos de tempo e espaço, lógica, existência e moralidade), religião, política e história, as artes; moda e cultura popular (SCHMITT E SIMONSON, 2002)¹⁵⁶.

Os temas podem ser expressos através de nomes, símbolos, narrativas, slogans, jingles e conceitos onde cada tipo de expressão pode se adequar melhor a determinados objetivos organizacionais. No caso específico do nosso templo podemos dizer que os temas das comunicações que ele emitia giravam em torno da moda e da cultura popular que enfatiza o culto ao corpo, já sabendo que este estava vestido de saúde “perfeita”.

¹⁵⁶ Em artigo escrito por Schmitt (1995) foi desenvolvida a tese de que as identidades corporativas são fenômenos culturais e linguageiros e encontra particularidades na cognição dos empresários e consumidores da Ásia Oriental o que nos confirma que para ter sucesso, as campanhas de marketing devem ser diferenciadas para aqueles países.

Desta forma, os consumidores tendem a se aproximar ou se afastar, preferir ou rejeitar, dominar ou se sentir submisso aos estilos e temas que as organizações emitem em suas comunicações que criam impressões profundas naqueles. Podemos dizer que as impressões estão relacionadas à: descrição do tempo (i.e., tradicional, contemporâneo ou futurista); movimentos no tempo (i.e., retrospecto, clássico-tradicional, *avant-garde*); espaço (i.e., cidade/país, leste/oeste ou norte/sul); tecnologia (i.e., *high-tech*, natural, artificial); autenticidade (i.e., original, imitação); e sofisticação (i.e., barato, refinado, apelo de massa, exclusivo) (SCHMITT, 2002).

Assim, sobre os estilos e temas do tempo podemos afirmar que: (1) em relação ao tempo, suas comunicações se situam no espectro do contemporâneo-futurista; (2) o espaço é “vendido”, numa perspectiva glocalizada (i.e., mostra-se antenado com as tendências da mundialização, mas valorizava o local, por exemplo, quando fornece aula de forró na época de São João), há a valorização da tecnologia, falta de autenticidade (passava certa frieza), sofisticação, preço elevado, exclusivista e elitista.

A meta maior do marketing experiencial¹⁵⁷ é proporcionar experiências exultantes aos consumidores¹⁵⁸ através de dois aspectos estruturais que são: os modelos experimentais estratégicos (MEE's) e dos provedores de experiências (ProExs). Os primeiros dizem respeito à utilização dos sentidos, dos sentimentos, pensamentos, ação e identificação nas campanhas de comunicação propostas pelas organizações¹⁵⁹. Os segundos são os caminhos utilizados pelas empresas para proporcionar aos clientes as chamadas “experiências”, dentre os quais podemos destacar: “as comunicações, identidade visual e verbal, a presença do produto, o *merchandising*, o espaço ambiental, *web sites* e mídia eletrônica e as pessoas” (SCHMITT, 2002, p. 12).

¹⁵⁷ Para Schmitt (2002) quatro são as características relacionadas ao marketing experiencial: foco na experiência do consumidor, foco no consumo como uma experiência holística, os consumidores passam a ser vistos como seres racionais e emocionais e os métodos e ferramentas utilizadas são ecléticos. Para o autor a ênfase do marketing tradicional está relacionado a natureza do produto (características e benefícios), comportamento do consumidor como um ser racional e a atividade competitiva do mercado.

¹⁵⁸ Experiência Exultante: experiência que produz sensações de alegria e júbilo (SCHMITT, 2003) que envolve: “*sensory, gut-feel, brain-blasting, all-body, all-feeling, all-mind*” por meio de uma metódica atenção aos detalhes e ao serviço como um todo. Pine e Gilmore (1999) definem esse tipo de experiência como “a mais rica experiência” que corresponde a uma combinação entre práticas de caráter educacional, de escapismo, de diversão e estética.

¹⁵⁹ Apesar de não explicitamente determinada, as bases românticas do marketing experiencial estão claras, a saber: surpreender o consumidor (responder as necessidades de algo inesperado); propor o extraordinário, estimular os cinco sentidos, criar uma ligação com o consumidor e utilizar a referência da marca (SCHMITT, 2002).

Em se tratando de um local de venda de serviços como é o nosso templo, há uma preocupação por parte dos seus diretores em proporcionar experiências de consumos de técnicas corporais para a malhadora (i.e., fora o espaço da musculação que detém as melhores máquinas da cidade, são oferecidas outras modalidades esportivas, e também eventos *outdoors* como caminhadas ecológicas, corridas na praia, entre outras, conforme já mencionado em outro momento neste texto).

É importante para as organizações a utilização dessa ferramenta de marketing, porque é fato que, quando os consumidores percebem a experiência de consumo como sendo valorativa há uma probabilidade maior em se gerar uma relação de fidelidade (ANDREASSEN E LINDESTAD, 1998; DICK E BASU, 1994). Assim, neste sentido, Pine e Gilmore (1999) mencionam que as relações com o consumidor são afetivas ou emocionais por natureza e que, quando uma empresa decide não somente satisfazer certas necessidades, mas também tornar as interações prazerosas, as pessoas ficam mais inclinadas a serem leais, mesmo quando ocorre um erro¹⁶⁰. Como negligenciar o prazer que a experiência estética proporciona?

Frente ao exposto até agora podemos dizer que o marketing experiencial é uma ferramenta de muita utilidade para os detentores do capital, estes que querem a todo custo manter os consumidores alienados às suas organizações. Em busca disso os enfeitam com as suas formas-mercadorias que são os ícones da sociedade espetacularizada na qual vivemos, prometendo sensações efêmeras. Isso, que é justamente o que o nosso consumidor descentrado e tecnologicado intenciona em suas interações de consumo: sensações. Neste sentido, o marketing, que tem como um elemento balizador do seu discurso a ideologia da soberania do consumidor, não faz outra coisa senão atender a essa sua “necessidade”.

4.5 Um outro Marketing

Podemos dizer que um dos pilares centrais do marketing é a soberania do consumidor, que a empresa atende ao gerenciar os seus recursos, expressos pelo que a disciplina chama de quatro P's (produto, promoção, preço e praça) (BORDERN, 1964; DESPHANDÉ, 1999; KOTLER,

¹⁶⁰ Em artigo de 2003, Schmitt relata a experiência que teve ao embarcar na primeira classe da Singapore Airlines definindo-a como um exemplo brilhante de marketing experiencial e aponta os aspectos que o levaram a tal descrição, a saber: a intensidade certa da luz, a tela do filme em “*sorround system*”, ele ter podido dormir de pijamas, o momento certo de pegar a bandeja que foi servida a refeição e acesso à internet.

2000; MCCARTHY, 1981), os quais se mantêm então como pilares centrais de sua ideologia. Estreitamos o foco da reflexão e procuramos tecer alguns comentários reflexivos sobre três dos aspectos apresentados: a soberania do consumidor, a promoção [comunicação], e a crise em que o marketing (como instituição) se encontra, por afetarem diretamente o nosso estudo.

Desse modo, iniciemos questionando: o que seria, para o marketing, a soberania do consumidor? O capitalismo promete progresso material, liberdade econômica e política e quando o consumidor é capaz de exercer a escolha através da informação e dos produtos que estão disponíveis no mercado, ele está exercendo o que se chama de soberania (SMITH, 1993). Bom, as empresas comunicam sobre as suas ofertas e o sistema estimula a livre concorrência para que o consumidor tenha o “poder” da escolha e exerça o livre-arbítrio ao comprar no mercado.

Entretanto, muitas são as conseqüências que provêm desse mercado livre onde tudo é permitido sendo difícil medir o alcance e as influências perniciosas desses supostos benefícios oferecidos pelo capitalismo à humanidade. A mundialização é uma conseqüência desse capitalismo que potencializa a exclusão social e tenta fechar o mundo em si mesmo tornando mais cruéis as diferenças e a exclusão social e dos países que não conseguem competir com os que estão no poder.

Desse modo, a tal soberania, seria um formato “ideal” para um modelo de mercado que exerce a concorrência perfeita, entretanto, não é isso que acontece, pois estamos em um mercado de “concorrência livre” onde os interesses dos indivíduos são tomados como: “os determinantes supremos” da produção e distribuição dos bens e serviços, o que nos leva a uma questão: são todos os consumidores capazes de exercer essa liberdade de escolha? Não é o capitalismo o mestre na arte de fazer com que os desejos das pessoas sejam tomados por realidades?

O discurso da soberania do consumidor é a base moral apropriada para avaliar o desempenho dos sistemas econômicos, entretanto, questionamos se ele é apropriado, pois as aparente justiça e democracia que o fundamentam têm uma base filosófica, que parece entretanto, fortalecer [estimular] os interesses dos indivíduos e que talvez termine sendo o objetivo fundamental da ordem política vigente que alimenta o sistema tornando-o ainda mais Poderoso. Ele é soberano em quê?

Consumidor “soberano”, cidadão do mundo, que está à revelia das empresas multinacionais, que é “*a desrazão do mais forte*” (VIRILIO, 1999a, p. 67), onde o fenômeno estatístico da massificação dos componentes sociais ameaça a própria democracia.

Ao pensarmos com Virilio (1996b), sobre as democracias modernas, observamos que a revolução das transmissões de comunicação renovou o caráter revolucionário que aconteceu com os transportes industriais do século que a precedeu. E que, a publicidade, hoje tida como uma das ferramentas gerenciais do marketing, que surgiu no início do século XIX com o intuito de assegurar a liberdade material e moral da imprensa popular, alcançou um *status* industrial consolidando-se em um lugar preponderante no próprio coração do complexo informacional que, ao tornar indistinto o que seria um anúncio publicitário e um anúncio de gênero informativo os apresenta de forma totalitária.¹⁶¹

Assim, é a partir do momento em que a publicidade começa a significar propaganda, que passamos da “simples” promoção de bens de consumo para uma informação mais geral, ou seja, quando os jornalistas desembocam para a indústria publicitária, que se começa a delinear o que poderíamos chamar de “crise”. Há então o alcance cada vez maior de um mercado de exportação de serviços que a indústria publicitária americana controla (filmes, vídeos, revistas, CDs, empresas multinacionais do ramo fitness) e que se mostra como um verdadeiro meio de construir o mundo de amanhã alastrado pelo efeito relativista das comunicações, como nos fala (VIRILIO, 1999a, p. 69).

“Quanto mais o mundo se estreita pelo efeito relativista das telecomunicações, mais violenta é a “telescopagem” das situações, com o risco de um CRASCH econômico e social que não seria mais que o prolongamento social do CRASCH VISUAL do “mercado do visível”, em que a *bolha virtual* dos mercados financeiros (interconectados) é apenas a conseqüência fatal dessa *bolha visual* de uma política que se tornou ao mesmo tempo PANÓPTICA E CIBERNÉTICA”.

Assim, os meios de comunicação de massa digitalizados e tecnoculturais, ao criarem uma espécie de “cidade-mundo” criam também uma solidão múltipla para milhares de indivíduos que se vêem em uma guerra interior, sendo violados dos seus direitos humanos, frente ao espetáculo fascinante que as imagens midiáticas proliferam inovando a imolação e a agonia, uma verdadeira contracultura do audiovisual que vem travestida de democracia (VIRILIO, 1996b). Pois, o que fazem aqueles que não podem consumir o que está sendo veiculado? O que essa midiaticização toda causa?

¹⁶¹ Logo após a nacionalização dos meios de comunicação soviéticos, bem antes do *new deal* (1930), a implantação da sociedade de consumo americana tornou necessária a criação de um marketing de massa, capaz de nivelar as diferenças cultural, econômica, geográfica, ética...com a intervenção do Estado nos domínios sociais e industriais e logo a tomada de controle, ainda que por vias diretas, pelos ministérios envolvidos, das agências fotográficas e, mais tarde, cinematográficas e radiofônicas (VIRILIO, 1996).

Ou seja, por um lado, o marketing com o complexo informacional de que dispõe, é freqüentemente apresentado como um problema por estimular níveis insustentáveis de consumo e por utilizar relações públicas e outros meios de comunicação para obscurecer ou negar as conseqüências negativas do consumo que estimula.

Pois, como não perceber a semelhança existente entre a purificação étnica nos países do Leste e a situação crítica dos subúrbios marginalizados das metrópoles ocidentais onde se tornam normais o vandalismo anônimo, a droga, a prostituição, o crime organizado, os enfrentamentos armados de gangues raciais ou ainda a devastação das antigas colônias, expostas à anarquia militar, à fome e aos massacres tribais, amplamente divulgados e por que não dizer estimulados pela mídia? E quando uma empresa como a Benetton tentou ser um intermediário para a conscientização de massa, através do seu marketing [propaganda] que estampavam imagens chocantes, o que aconteceu? A propaganda se apresenta como um ato de fé e através dela podemos dar ao cidadão o domínio da imaginação que até o momento faltou à nossa democracia: como negar a influência da propaganda com o Nazismo? Não foi aquela a sua arma? E hoje somos tão afeiçoados a ela...

“É aí onde surge uma espécie de publicidade comparativa e universal que tem muito pouco a ver com o anúncio de uma marca de fábrica ou de um produto qualquer de consumo, uma vez que, se trata de inaugurar um verdadeiro MERCADO DO OLHAR que ultrapassa em muito o lançamento promocional de uma firma” (VIRILIO, 1999a, p. 63).

Por outro lado, podemos e devemos perceber o marketing como uma instituição influenciadora no sentido de gerar uma maior conscientização dos agentes que o constitui. O que nos faz crê-la como sendo uma instituição que contém duas potências, uma para o mal e outra para o bem, depende, entretanto, do uso que fazemos dela, ou seja, da moral que esteja embasando suas ações.

Propomos, então, algumas questões a serem refletidas: Há uma preocupação sobre a constituição dos consumidores que estão sendo formados por meio desse tipo de consumo (e.g., experiencial e de culto ao corpo)? Há algum tipo de questionamento sobre os interesses contrapostos (i.e., governo, sistema econômico, sociedade, entre outros) aos das organizações que vendem sensações? Que articulações devem ser efetuadas para que direitos e deveres envolvidos na relação empresa-consumidor sejam devidamente abordados? Seria o marketing experiencial mais um modismo da disciplina?

Mello (2006) aponta, em seu artigo intitulado “O que é o Conhecimento em Marketing no Brasil, Afinal?”, para a crise de sentido em que a disciplina se encontra, e disserta sobre a

colonização da academia brasileira frente ao marketing *mainstream* americano. O autor analisou o horizonte que revela o predomínio de trabalhos positivistas na academia brasileira, retratando a orientação dada pelo marketing *mainstream*, que enfatiza a utilização e o desenvolvimento de medidas e modelos que possam auxiliar os gerentes no julgamento das atividades de marketing (cf. DAY E MONTGOMERY, 1999).

O resultado foi observado por Kovacs *et al.* (2004, p.13), que verificou que “a grande maioria dos trabalhos publicados na área de marketing no Brasil é de ordem quantitativa”, o que nos sugere consonância com a orientação dominante neste campo de conhecimento. Estudo desenvolvido por Vieira *et al.* (2002, p.2) encontrou resultados que demonstram que “a produção nacional reproduz as oscilações e os modismos de inspiração quase que exclusivamente norte-americana”. Faria (2004, p.2) corrobora a opinião dos autores acima, quando afirma que “a produção acadêmica em marketing no Brasil ainda é majoritariamente subordinada ao que é produzido nos EUA”.

Apontamos em outro momento desse texto, na seção 4.2, a importância de inserir novos olhares (tanto em relação a métodos utilizados, quanto a fontes de coletas de dados e domínio de interesse de pesquisa) para o marketing poder dá conta da leitura da realidade que ele está ajudando a construir, que em consonância com Mello (2006), deve privilegiar aspectos da vida cotidiana e nas interações entre organização-cliente e nos lembra que “é oportuno, no entanto, questionarmos se o conhecimento de marketing, gerado nas pesquisas realizadas pela nossa academia, é adequado e/ou reflete a realidade brasileira¹⁶²”.

Assim, há urgência em torno de uma reflexão no sentido de tornar o marketing uma instituição que se preocupe com as dimensões sócio-culturais, e que seja uma nova voz, condutora de novos sentidos do social, que assuma a responsabilidade da produção do seu discurso através de um sistema de valores, princípios morais e virtudes cívicas. Uma instituição politizada que reconheça seu papel e o impacto de suas ações nas múltiplas redes de poder à qual está exposto, compreendendo que a sua ação constitui e interfere no cotidiano das pessoas. Ou seja, seria a utilização da perspectiva onto-epistemológica

¹⁶² Nesse momento do texto o autor alega: “o marketing *mainstream* é direcionado e atende basicamente aos interesses de grandes corporações. E as pequenas organizações como ficam? Os textos do marketing *mainstream* não oferecem suporte a essas empresas que, segundo pesquisa do SEBRAE divulgada em 2005, correspondem a 99,2% de todas as empresas brasileiras formais no ano de 2002. Sob a perspectiva do empreendedor, o marketing é experiência diária que envolve buscar boas idéias que funcionem para melhorar produtos e serviços, melhorar ou manter as habilidades e motivações dos funcionários, gerar mais negócios e criar marcas distintas e lucrativas no mercado”.

socioconstrucionista que oferecesse interpretações de atuações mercadológicas em contextos específicos (HACKLEY, 2001).

Neste sentido, Mello (2006) questiona se “a academia de marketing não estaria precisando de um olhar mais humanizado, abrangente e interdisciplinar para uma melhor compreensão do impacto que o pensamento e o discurso retórico do marketing estão gerando, tanto na ciência da administração quanto na sociedade como um todo.”

Tentativas teóricas foram elaboradas na literatura de marketing mediante tipologias como as seguintes: marketing de relacionamento (CHRISTOPHER ET AL., 1999; GRÖNROOS, 1994), marketing de serviços (LOVELOCK, 1996; PALMER, 1996), marketing social (ANDREASEN, 1995; 2001; FINE, 1981; KOTLER E ZALTMAN, 1971; LAZER, 1973; KOTLER, 1992; PRINGLE E THOMPSON, 2000; ADKINS, 1999), marketing verde¹⁶³ (PEATTIE E CHARTER, 2005), macromarketing (BARTELS E JENKINS, 1977) que contemplam: (1) reflexões e propostas de ações que valorizam os momentos de interação entre a empresa-consumidor e (2) o impacto das ações organizacionais e dos consumidores para a sociedade como um todo¹⁶⁴.

Propomos o deslocamento da reflexão em torno do conhecimento gerado na academia para as organizações, e neste sentido, para o uso que estas fazem do discurso que é criado pela academia e apropriado por elas em sua prática cotidiana. E ao fazê-lo observamos que o marketing é um excelente usuário do próprio discurso que cria, tornando-o uma retórica onde a soberania do produtor é que impera de forma dissuasiva, pois os consumidores do discurso (e.g., empresas, estudantes e acadêmicos) têm pouca escolha.

Argumentamos em confluência com Mello (2006) que uma saída para essa crise de sentido que reina no marketing seria a criação de instituições intermediárias que permitissem a ponte entre os indivíduos (produtores e consumidores de sentido em marketing) e a instituição propriamente dita. O autor se inspira em Berger e Luckman (2004) que define aquelas instituições como sendo as que permitem ao individuo colocar ao serviço de vários setores da sociedade os valores de sua vida privada de modo a constituírem uma força que ajude a formar a sociedade como um todo. Elas realizam a ponte entre o indivíduo e os padrões de experiência e ação estabelecidos na sociedade.

¹⁶³ Marketing verde, sobre o tema, uma extensa referência nos é fornecida em Baker (2005 p.536 e 537).

¹⁶⁴ Para Mello (2006) aquelas são estratégias que validam o mainstream, pois quando ele não cria estratégias de aniquilação dos universos simbólicos de epistemologias concorrentes (e.g., interpretativismo), ele adota “estratégias” terapêuticas no ímpeto de realizar a fagocitose desses universos, de forma que sejam percebidos como “meios” válidos do mainstream para reforçar seus valores supra ordenados. Assim, o ecletismo do marketing fica comprometido, o que mantém a auto-evidência do *mainstream*.

A empresa faz parte de uma sociedade, e assim sendo, o negócio que ela gera tem obrigações e responsabilidades que devem atender ao papel, ao poder e ao *status* que ele desempenha. Sabendo do caráter competitivo do ambiente de marketing em que as empresas atuam, Smith (1993), nos faz lembrar da importância do caráter moral que as envolve. De fato, em um mundo marcado pela competição, a ética deveria atuar como uma instância crítica.

Pois, sabemos que o marketing desprovido de ética leva a um negócio amoral, ou seja, um negócio desprovido da noção dos princípios da moral. Entretanto, gerir negócios, como qualquer outra atividade social, pressupõe uma fundamentação moral (da moralidade), pois, aqueles que compram um produto esperam que o mesmo seja como foi anunciado quando levarem para casa e desempacotarem. Assim, valores-chave morais que devem ser utilizados na sociedade e nos negócios estão pautados na confiança, lealdade, justiça, honestidade e respeito (DE GEORGE, 1986).

Em outras palavras, reagimos ao marketing alienador que não se preocupa com as reais necessidades dos consumidores e com as conseqüências de suas ações para a sociedade. O que realmente o consumidor precisa? Essa questão deveria ser respondida de forma verdadeira e inteira com todas as complexidades que possa existir para a empresa, até mesmo a dissolução do negócio, se esse fosse o prejudicar. Um resgate para a recuperação do coletivo, da ordem perdida e da dimensão política da sociedade. Em essência, um marketing que critica os efeitos [des]socializadores do neoliberalismo, que gera mazelas sociais como consumismo e narcisismo coletivo, entre tantas outras.

Há, então, a necessidade da subordinação da operação do marketing às leis que regem a ética, no lugar desta ser subsumida às leis de mercado. Posto que as últimas se fundamentam em uma moral que opera intermediando relações construídas através de assinatura de contratos firmados entre partes, nos levando a acreditar no caráter coercitivo e litigioso, por isso não pacífico e nem humanista, embebido de forma implícita nas relações mercadológicas correntes. Isso que é fruto das instituições que regem o *status quo*, que alimentam um ambiente hostil que impede o desenvolvimento da ética.

Não foram a empresa, o mercado, o Estado republicano, a guerra, o consumidor, todos frutos da modernidade e da sua ideologia que prometia entre outras coisas, progresso e democracia? Estamos falando de instituições e de uma ética que regem o sistema vigente que está contaminado por grande dose de passividade. É fato que não existe mais movimentos, revoluções e nem política exceto na resistência, no uso da autonomia, da imaginação ativa.

Para Virilio (1993) empresas como “Fords” e “GMs” não são mais que fenômenos ameaçadores à própria democracia são detentoras da ética do cinismo que visam somente o lucro. Ou seja, sabemos quais as conseqüências humanas e financeiras nos indivíduos, nas empresas, e na sociedade, que um marketing descomprometido com os Outros pode gerar. Estes constituem argumentos importantes, mas não suficientes para se praticar um marketing comprometido. Este se pauta no conceito [mandamento] da moral que é básico à condição humana. Em nossa abordagem, os gerentes de marketing que são verdadeiramente comprometidos e efetivos têm respeito e consideram o bem estar daqueles que estão sendo afetados pelas suas decisões como seres morais. Pois, o processo de desenvolvimento humano que buscamos, envolve transformar o indivíduo em um ser moral, capaz de refletir, determinar obrigações e condutas certas. Assim, em que circunstâncias o ritual sacrificial da malhação pode ser compreendido como uma conduta moral que estimula e alimenta os vínculos sociais? Esse será o fio condutor da reflexão empreendida em nosso próximo capítulo.

5 O ritual sacrificial sua função social e a relação com o ato de malhar

Vivemos em uma sociedade que carrega uma potência [moral] que induz os indivíduos a se tornarem mais ativos no ato de pecar, fazendo-nos crer que estamos experienciando a era do enaltecimento de comportamentos como: arrogância, avareza, luxúria, inveja, gula, ira, preguiça [pecados capitais]. “O pecado é para a natureza humana a própria relação com a morte, ou seja, a revelação da identidade do objeto” (VIRILIO, 1984, p.41). Assim, o pecado faz parte do Homem, ele peca, se trai e volta ao templo para poder tentar se redimir e estabelecer novas relações com o divino através de sacrifícios.

Neste sentido, novas práticas sacrificiais estão surgindo para que as fiéis seguidoras da religião contemporânea que contempla o Deus consigam a comunhão com o divino. Práticas aquelas que subentendem apresentações de dádivas [oferendas] para alimentar os deuses que as solicitam, e que depois de ofertadas concedem ao fiel alguns direitos (HUBERT e MAUSS, 2005). Que dádivas e que direitos estão sendo oferecidos aos deuses imagéticos contemporâneos?

Assim, é nessa perspectiva de [in]versão de valores ligados à religião [moral] e, ao mesmo tempo, em uma imersão nos elementos que estruturam a teoria do sacrifício proposta por Hubert e Mauss (2005), que, nesta seção, refletiremos sobre o encontro conceitual entre aquele e o ato de malhar. Relação que acreditamos se justificar, por entre outras razões, as seguintes: (1) em ambos os casos se expressarem o temor do mero consumo profano ou material, onde os rituais são elaborados para garantir que as experiências os reafirmem na conquista de metas transcendentais; (2) existir entre os principais estágios do sacrifício e o ato de malhar características devocionais que institui e comunica sujeitos e objetos de devoção.

Compreendemos a religião em consonância com Durkheim (2003) que a conceitua como sendo um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas; crenças e práticas que unem numa só comunidade moral, a que se dá o nome de igreja, todos aqueles que a elas aderem. Uma instituição, criada por meio de uma doutrina que exige do seu seguidor uma vida dedicada e abnegada em nome de uma causa maior que transcende a vida

profana e que os aglutina em torno de um ideal comum, exercendo, assim, uma função social. A “religião”, o fato social que faz o [re]ligare da malhadora com Deus, gira em torno da doutrina do culto ao ideal da saúde “perfeita”, essa é a causa, a fé, daquelas fiéis que culmina na refeição da aquiescência social que os Deuses das imagens as ajudou a criar. Como dito em outro momento, Virilio afirma que a tecnologia está tomando o lugar do nosso pensamento metafísico, o lugar de Deus.

É na religião que o devoto encontra a salvação da sua alma [o paraíso], que devido ao [in]fortúnio do seu nascimento (no caso dos cristãos) já nasce culpado, pois é fruto de um pecado original. Seguir um ideal, uma promessa e também fazer promessas, essa é a sina do religioso, expiar-se da culpa dos pecados, e que ironicamente, quando exposto a um momento de tentação, mostra-se humano e parece sempre pecar novamente. Afinal, tem o templo, o sacerdote e o ritual do sacrifício que o purifica e o coloca de novo em comunhão com seu Deus.

Na religião cristã, por exemplo, ser religioso é ter um corpo, mas negá-lo, abster-se, envergonhar-se dos prazeres que ele propõe, e é, também ser desprovido do seu espírito, que a Igreja se apoderou, ou seja, viver em uma eterna dicotomia “corpo-alma” e no conflito moral que o sedimenta. Mas, ao negar não estamos o enaltecendo? A decisão que a malhadora deve tomar no uso que faz do seu corpo está atrelada a uma escolha moral que o classifica como uma categoria cultural que fundamenta a dinâmica da vida e das relações sociais. Relações essas que são freqüentemente negociadas entre os atores sociais por meio da formação dos seus “eus”.

Assim, uma vida religiosa é uma vida de renúncia e sofrimento porque é uma constante a sensação de débito frente às inúmeras exigências que o Deus faz [o corpo tem que está perfeito para que a aquiescência social lhe seja permitida]. Em outras palavras, ser religioso é nos afastar dos pecados capitais cultivando as sete virtudes capitais, para que o devoto encontre a salvação e um lugar cativo na terra prometida: castidade, generosidade, temperança, diligência, paciência, caridade e humildade¹⁶⁵.

Entretanto, a comunhão com os deuses imagéticos contemporâneos parece não se dá por meio do cultivo dessas virtudes morais, outro caminho está sendo apontado,

¹⁶⁵ As Sete Virtudes são derivadas do épico *Psychomachia*, poema escrito por Aurelius Clemens Prudentius entitulando a batalha das boas virtudes e vícios malignos. A grande popularidade deste trabalho na Idade Média ajudou a espalhar o conceito de Virtudes Cardinais pela Europa. É alegado que através a prática dessas virtudes protege a pessoa contra tentações dos Sete Pecados Capitais, com cada um tendo sua respectiva contra-parte. Existem duas variações distintas das virtudes, reconhecidas por diferentes grupos. Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Sete_Virtudes

principalmente quando observamos que um dos maiores dogmas é o culto ao individualismo que dita: “eu não tenho nada a ver com seus pecados”, quando você “escolhe” ter um corpo feio, desgastado, descuidado, ou não, mesmo sabendo que a sua exposição é inevitável. Exposição inevitável que automaticamente nos leva ao escrutínio desse ato de fé e de sacrifício que é o freqüentar o templo que será investigado nas próximas seções deste trabalho que iniciará com uma breve reflexão teórica sobre o sacrifício exposta nas próximas linhas.

5.1 O que entendemos sobre o Sacrifício

Em princípio, a palavra sacrifício sugere imediatamente a idéia de consagração, de um processo em que um objeto ou pessoa passa do domínio comum ao domínio religioso o que o faz se tornar sagrado. Hubert e Mauss (2005) definem como traço distintivo entre a consagração e o sacrifício o fato de que a coisa a ser consagrada deve servir de intermediário entre o sacrificante, ou o objeto que deve receber os efeitos úteis do sacrifício, e a divindade à qual o sacrifício é endereçado. Nessa perspectiva, o Homem e o Deus não estão em contato imediato.

Entende-se que todo sacrifício pode ser chamado de oblação, ou seja, de um ato de fazer uma oferta a Deus em que a oferenda, ou uma parte dela, é destruída. Embora o costume pareça reservar o termo apenas à designação dos sacrifícios sangrentos, percebemos que as ocasiões de sacrificar são inúmeras e os efeitos desejados muito diferentes, onde a multiplicidade dos fins implica a dos meios.

Em 1889, Smith, inspirado na descoberta do totemismo que lhe explicou a dinâmica da família árabe e semítica, foi o primeiro a tentar uma compreensão racional sobre o sacrifício que ele investigou na raiz das práticas do culto totêmico. Neste culto, o totem ou o Deus é parente de seus adoradores; são da mesma carne e do mesmo sangue; o rito tem por objeto manter e garantir essa vida comum que os anima e os associa, se necessário restabelecendo a unidade.

Uma das tentativas mais interessantes e recentes em formular uma teoria que utilize evidências do sacrifício inicia-se com a premissa que, aquilo que melhor equivale ao sacrifício em uma sociedade pode ser algo que, em outra sociedade, se parece superficialmente com uma prática ritual bastante diferente (BLOCH, 1992). Pois, é fato que há diferenças consideráveis entre o conteúdo e o significado cosmológico do que acontecia

durante o sacrifício bíblico se comparado com o que acontece naqueles da África Ocidental contemporânea (DE HEUSH, 1985) ou entre a cuidadosa descrição do sacrifício no Havaí, feita por Valeri, em 1985, comparada com as reflexões sobre a violência na Grécia antiga (BURKERT, 1983; GIRARD, 1977; HAMERTON-KELLY, 1987).

Podemos dizer que, contemporaneamente, um tema comum nos estudos sobre o sacrifício é o relativo à criação original do mundo e, em particular, à classificação da humanidade dentro dele. Esse é um aspecto importante do antigo sacrifício védico e de alguns sacrifícios africanos contemporâneos, cuja ênfase está na renovação das ordens social e individual (DE HEUSCH, 1985).

Interesse na refeição comunitária que ocorre depois do sacrifício foi foco de estudo em Detienne e Vernant (1989), que examinaram diferentes aspectos dessa refeição, que considerados em conjunto, demonstram a importância crucial da distribuição subsequente das partes do animal como meio de objetificar as relações sociais da comunidade. Já nos estudos de Dumont (1970) e Marriot (1968) há a ênfase sobre a importância do compartilhamento da mesa tanto no ato de comer quanto nas operações com alimentos, como sendo fundamental à objetificação e à confirmação das diferenças sociais e especialmente da hierarquia de castas existente na sociedade hindu.

Hubert e Mauss (2005) teorizam o sacrifício na tentativa de encontrar uma unidade dentro da complexidade aparente nas diferentes formas de sacrifício e a encontram ao compreender que em toda forma de sacrifício, existe uma comunicação entre o mundo sagrado e o mundo profano que se dá por intermédio de uma vítima, isto é, de uma coisa destruída durante a cerimônia.

Deteremos a nossa atenção investigativa na definição e unidade apresentada pelo sistema sacrificial pelos supracitados autores que estudaram textos sânscritos e bíblicos, escolha feita por eles devido ao fato de acreditarem que não teriam documentos de mesmo valor para poderem teorizar sobre os sacrifícios gregos e romanos. Os autores argumentam, que nos supracitados textos, estão contidos: “corpos de doutrinas que pertenceram a uma determinada época, redigidos pelos próprios atores, em sua própria língua e no mesmo espírito que cumpriam os ritos, ou então com uma consciência sempre muito clara da origem e da motivação (HUBERT E MAUSS, 2005 p.14)”.

Outro exercício teórico será efetuado por meio do diálogo com a obra: “Teoria das compras” de Daniel Miller (2002), que investigou o ato de comprar como sendo um ato de sacrifício e um ato de amor. Assim, examinaremos o ato do sacrifício dividindo-o em três

momentos (a visão do excesso; a fumaça que ascende até a divindade e a refeição sacrificial) que serão discutidas nas seções subseqüentes, onde o primeiro ponto a ser discutido será a visão do excesso presente no sacrifício e também no ato de malhar.

5.2 A visão do excesso

No esquema apresentado por Hubert e Mauss (2005) o momento inicial do sacrifício se dá na necessidade de conferir o caráter religioso aos elementos participantes do sacrifício, pois nem o sacrificante, nem o sacrificado, nem o lugar, nem os instrumentos, nem a vítima estão ainda prontos para a cerimônia. Para tanto, são necessários ritos que os introduzam no mundo sagrado e ali os comprometam mais ou menos profundamente, conforme a importância do papel que desempenharão.

Desta forma, se exerce um ritual que purifica os elementos do sacrifício para que haja uma aproximação com a divindade, pois a aproximação com a divindade é perigosa para quem não é puro. É neste momento que começamos a perceber a visão do excesso, que começa com a preparação dos utensílios que deverão ser consumidos na purificação, pois eles (o sacrificante e o sacrificador) devem vestir roupas limpas ou mesmo roupas especiais que lhe confirmem um início de santidade e comprar ou construir seus objetos de devoção, levar objetos de devoção, entre outros. Assim purificações, lustrações e consagrações preparam o profano para o ato sagrado, eliminando de seu corpo os vícios da laicidade, retirando-o da vida comum e introduzindo-o passo a passo no mundo sagrado dos deuses.

Podemos dizer que a visão do excesso contida nos atos sacrificiais e de consumo foi preocupação presente nos estudos de Bataille (1988, 1990) que utilizou a influência que sofreu dos escritos de Hegel e Marx para argumentar que, na sociedade capitalista, estamos reduzidos à mera utilidade e à problemática das mercadorias tomadas como coisas. Para o autor o mundo foi reduzido ao interesse e ao pragmatismo, desta forma, a oferenda, no sacrifício, aparece como sendo uma negação da lógica-mercadoria.

Preparação e excesso que encontramos com o ato análogo que as malhadoras praticam ao se prepararem comprando [consumindo] as roupas certas, os tênis, o alimento, os suplementos nutricionais, entre outros. Excesso que faz parte da nossa sociedade de consumo e que aponta para o exagero como sendo algo temível que aponta para os limites que prefiguram o colapso e o não-desenvolvimento da sociedade civil ocidental (VIRILIO, 1984)

Vale ressaltar, que o Deus quer ser alimentado pelo sacrifício da vítima perfeita, por isso os fiéis se preocupam em torná-las produtos perfeitos e imaculados que, por sua própria perfeição, dão testemunho do auxílio dos deuses e espíritos como sendo essenciais nesse momento de labor. Assim, na absoluta perfeição da vítima sacrificial, podemos encontrar um eco do sacrifício como um ato de devolução à divindade daquilo que só pode existir por meio de suas bênçãos (MILLER, 2002).

O sacrifício não pode ser exercido por qualquer pessoa, nesta cerimônia deve haver um mediador que conheça o mundo dos Deuses e que se situe no limiar do mundo sagrado e do profano, apresentamos então a figura do sacrificador. Este é o conhecedor do mundo e das regras de conduta para se comunicar com os Deuses. O ritual pontifício pelo qual ele passa tem um só fim: imbuí-lo de uma santificação extraordinária, que lhe permita abordar o Deus sem ser devorado por ele.

Naquele mesmo sentido, vale ressaltar que nem todos os momentos do dia ou do ano ou locais, são propícios à cerimônia sacrificial, e há mesmo alguns que os excluem. Como nos lembram Hubert e Mauss (2005) o próprio local da cena deve ser sagrado, pois fora de um local santo a imolação não é mais que um assassinato.

Assassinato que nos lembra à questão da violência que está intrinsecamente ligada à morte no sentido de consumo total e destrutivo. Como acontece no sacrifício asteca, freqüentemente se considera a dor e a violência como necessárias para se conseguir essa visão religiosa. É fato que também, a malhadora, em seu culto à saúde “perfeita” se abstém de certos prazeres em busca da terra prometida.

Um outro tema que perpassa a visão do excesso no sacrifício que também pode ser atrelado ao ato de malhar é a característica erótica que o mesmo desperta. Muitos dos escritos anteriores a Bataille se concentram nessa visão do sacrifício como tentativa de informar as possibilidades dadas ao nosso corpo de nos liberar através do consumo excessivo. O erotismo nesse sentido é a alegria de consumir sem retorno.

Assim, o propósito do consumidor é o aniquilar, destruindo, mas também incorporando seus objetos de desejo. Bataille (1990) dá uma explicação profunda e lógica do sacrifício como a nossa própria extinção vicária. Pois, uma vez que não podemos, por definição, aprender com a experiência de nossa própria morte, identificamo-nos com a vítima do sacrifício e, desse modo, adquirimos aquela experiência da morte que Hegel argumenta ser

essencial para o desenvolvimento da nossa humanidade. Tanto para aquele autor quanto para Hegel e para Virilio, somente por meio da consciência da morte é que conseguimos ter uma apreciação da vida (MILLER, 2002).

Ou seja, em busca de uma maior apreciação à vida, um sacrifício destrutivo e mortal é executado pela malhadora que o oferece à divindade, que no final a agracia retornando com o objeto de devoção. Um processo que envolve troca, relação. Investigaremos na próxima seção como essa etapa fundamental da cerimônia sacrificial se processa.

5.3 A fumaça ascende até a divindade

A essência do ritual sacrificial é a separação do objeto do sacrifício em dois elementos, um dos quais é renunciado em favor do transcendental e o outro que retorna ao mundo profano. No caso do sacrifício pode ser o doce perfume, a liberação do sangue, o corpo, ou qualquer outro elemento que vá diretamente aos Deuses, uma oferenda que se transforma em fumaça, por meio da incineração ou apresentação do objeto perante o altar.

Em síntese podemos afirmar que esse estágio deve funcionar como a negação da visão do excesso que a primeira etapa nos mostrou. Para que o ato de malhar se torne análogo ao sacrifício, é necessário que passe pelo mesmo estágio de cisão entre a preocupação com as conseqüências profanas ou sociais do ato que serão constituídos [corpo “próprio” e a saúde “perfeita”], e a constituição de uma meta transcendental [aquiescência social] à qual se dedica o ato de malhar e que deve ser equivalente ao receptor divino do sacrifício.

A fumaça ou a essência do ato de malhar como um ritual [aquiescência social], deve ser separada dos elementos mundanos e das conseqüências do ato malhar [corpo “próprio” e a saúde “perfeita”]. Por que é tão importante, para a malhadora, que a experiência do ato de malhar seja primeiramente uma experiência que busca a saúde “perfeita” no lugar da construção do corpo “próprio”?

Em situação extrema, podemos afirmar que a saúde “perfeita” é meramente uma desculpa para o ato de malhar e da construção do corpo “próprio” enquanto mecanismo de constituição de uma meta transcendental para a vida, que é a aquiescência social. Evidentemente, para o não-crente, é exatamente isso que acontece com o sacrifício. Enquanto para o crente o sacrifício é um meio para chegar a Deus, para o não-crente Deus é meramente a criação do processo, que portanto, deve ser considerado um fim em si (MILLER, 2002). Ou

seja, a saúde “perfeita” é um instrumento na criação do sentido geral de que há uma meta mais importante do que o corpo “próprio”, de que há alguma força transcendental que justifica o ato de malhar.

O que a saúde “perfeita” consegue fica mais evidente ao retornarmos a seu ponto de partida que era o que as malhadoras falam [discurso] sobre o ato de malhar. Esse era entendido como a autoconsciência do potencial negativo do ato de malhar como mera dissipação de recursos sem que estes tivessem sido usados anteriormente para estabelecer um objetivo ou propósito transcendental para a vida. Uma consciência centrada no divino.

Assim, do mesmo modo que o sacrifício é, na prática, a negação do excesso que ele carrega, também o *fitness center* é, em relação à saúde “perfeita”, um meio eficaz de negar uma aceção extremamente semelhante a do excesso de consumo. Neste sentido, o terceiro estágio do sacrifício, que investigaremos na próxima seção, nega o segundo, ao fazer com que a aceção retorne aos objetos específicos da devoção.

5.4 A refeição sacrificial

O terceiro estágio do sacrifício é marcado pelo distanciamento do relacionamento com o divino, e por um retorno às relações sociais com a sociedade profana e às conseqüências sociais do sacrifício (MILLER, 2002). Como Hubert e Mauss (2002) afirmaram, esse retorno à sociedade fica saturado com as conseqüências do processo pelo qual passou. De fato, muitos dos ritos finais podem incluir rituais de dessacralização para se precaver contra os perigos de elementos demasiadamente poderosos ou às vezes malignos do sagrado, que permanecem após o rompimento do relacionamento com o divino.

Uma das principais conseqüências do sacrifício é a santificação da ordem social. Depois de a malhadora frequentar o templo durante algum tempo e santificar o seu próprio corpo tornando-o um corpo “próprio” ela adquire a possibilidade de inclusão na sociedade das imagens e é submetida a um processo de classificação que a situa em uma ordem social. Daí o fato das práticas de consumo serem condenadas, porque agem como força conservadora que reifica determinadas assimetrias da ordem social. As possibilidades de inserção no mercado de trabalho, de ter sucesso e fazer amigos em nossa sociedade se ampliam quando se tem a aparência desejada.

No segundo estágio dos ritos pelo qual a malhadora passa, a saúde “perfeita” tem sido usada para construir um domicílio imaginário e ideal criado como a objetificação dos valores e metas mais amplas da malhadora que, por isso, se posiciona em relação à malhação como um Deus em relação ao sacrifício. Esse papel contínuo de traços imaginados e idealizados transporta para o terceiro estágio aquela santidade (corpo “próprio”) que foi criada no segundo estágio do rito devocional.

No terceiro estágio do ato de malhar como sacrifício, o elemento transcendental que permaneceu como devoção generalizada sob a forma de saúde “perfeita” é transformada na expressão específica do corpo “próprio” como instrumento contínuo que a levará à conquista da aquiescência social na sociedade para qual ela devolveu as sobras do sacrifício sob a forma de corpo próprio”. Tendo se tornado santificado por sua atuação no auto-sacrifício da malhação ela retorna à sociedade com a bênção da aquiescência.

É essa objetificação da aquiescência social em geral que destaca a habilidade da malhadora de transferir o sentido do transcendental – a meta da vida que ultrapassa o mero viver – e trazê-lo para a prática diária do ato de malhar, onde é reconhecido como “devoção”. Esse entendimento da malhadora como “devota” é realçado pela utilização do ato de malhar para negar uma outra acepção, a malhadora como uma pessoa que só quer construir o corpo “próprio” e que renega qualquer senso de reflexividade.

O ato de malhar enquanto cosmologia torna-se por isso uma preservação conservadora das ordens de desigualdade na sociedade de consumo de imagens.

Desta forma, a analogia com o sacrifício deve considerar o malhar como uma prática que tem uma estrutura ritual que pode estar envolvida na criação de valor de relacionamentos e manifestar elementos de cosmologia. A questão-chave é a que haja a evidência de qualquer transmissão de certo senso de devoção, como parte da noção religiosa do sacrifício e do desenvolvimento do ato de malhar, como ubíqua legitimação da devoção dentro da sociedade contemporânea, o que já evidenciamos haver.

Argumentamos até aqui que o ato de malhar tem muitíssimo a ver com as relações sociais. O que nos faz crer, ao utilizarmos o olhar antropológico, que a experiência da malhação pode ser agraciada com um *status* maior de autenticidade, ou seja, que aquela pode ser um meio para criar relacionamentos entre sujeitos e não apenas um ato reificador. A própria natureza transitória do ato de malhar nos ajuda a compreendê-lo como um modo de objetificação no sentido dialético de criação que não pode ser reduzido nem ao sujeito nem ao objeto.

Chegamos a ponto de dizer que o propósito primordial do sacrifício, quando visto através da perspectiva do não-crente, é uma atividade que serve para construir o divino como um sujeito que deseja, pois a finalidade da fumaça que sobe até a divindade é confirmar que ali existe uma divindade que quer ser alimentada dessa maneira (MILLER, 2002).

Vemos agora que o propósito central do ato de malhar é exatamente o mesmo, é o de interpretar o que o outro, como sujeito deseja, pois o propósito do malhar não é tanto obter uma saúde “perfeita” e nem um corpo “próprio” propriamente, mas lutar para continuar se relacionando com os sujeitos que querem essas coisas. Tanto no sacrifício quanto no ato de malhar, o crente prefere conceitualizar o relacionamento partindo da direção oposta, isto é, estar meramente abastecendo dadas necessidades dos sujeitos com os quais se relaciona.

Essa conclusão subentende como premissa, que deve existir uma parcela dentro da população para a qual este processo de construção do outro como sujeito que deseja é central à sua cosmologia, isto é, para o seu entendimento do propósito deste mundo e do lugar que nele ocupa (MILLER, 2002). Descobrimos que a saúde “perfeita” era o fundamento de legitimação (o único terreno aceitável) para aquilo que, na prática, é uma tecnologia da devoção que inclui abnegação, sofrimento, dor, ambivalência, morte e muitos outros atributos, tanto negativos quanto positivos, que circundam sua prática cotidiana.

Assim, o termo saúde “perfeita” é usado devido à sua posição central no auto-entendimento dos informantes, mas em nosso trabalho declaramos que esse não exprime o conceito de saúde como a compreendemos no senso comum, no sentido de ausência de doença, daí o fundamento ideológico no presente termo, amplamente discutido na seção 3.3 deste trabalho. Reconhecemos que saúde “perfeita” enquanto prática, incorpora ações que cultuam também doença.

Desta forma, o ato de malhar que se fundamenta na lógica sacrificial tem como propósito constituir sujeitos que desejam, pois o sacrifício é baseado em um rito similar que transforma o consumo em devoção. O ato de malhar se inicia com um rito similar, que anula o mero dispêndio de recursos (i.e., tempo, dinheiro, conforto, saúde, corpo, entre outros) para obedecer aos propósitos mais elevados da saúde “perfeita” que culmina na interferência das relações sociais da malhadora.

Depois de ser apresentado à lógica do desejo que está por traz da ação da malhadora, a aquiescência social, convidamos o leitor a refletir conosco sobre o citado tema e também os correlatos: narcisismo e morte na próxima seção deste trabalho.

6 O acidente fatal: o ponto Visível e narcisista de nossos dias

O elemento da cultura de consumo, que em nosso estudo foi investigado sob o âmbito da saúde “perfeita”, gerador do consumo da experiência da malhação sedimentada na tecnocultura, que se apóia em uma política [neo]liberal, se apresenta como um “fomentador de autonomia” e de um individualismo sem tamanho e amorfo: “um pseudo-individualismo, um hedonismo liberal, que não passam de um ‘cada um por si’, de um salve-se quem puder de um afrouxamento geral em que as extorsões se multiplicam e onde as inibições explodem” (VIRILIO, 1999a, p. 37).

Extorsões, ameaças e inibições que passam a representar tipos de escravidão que vão desde o desejo e as necessidades insaciáveis (e.g., o corpo “próprio” proliferado pela mídia que é inatingível) e por isso desequilibradas, até à opinião e a competição social, culminando no despotismo e nas tiranias política e cultural. Liberalismo tirânico que a malhadora experiencia por meio da opressão que sente se não estiver de acordo com os padrões corporais da sociedade imagética e performática que promete ao indivíduo dominar seu destino, sua impotência, que o conduz a “comportamentos equivalentes à tentativas de suicídio, tais como anorexia, o mutismo, a toxicomania, e também os comportamentos de risco....que se traduzem no sonho da *realização total*” (VIRILIO, 1999a, p.45).

Sociedade que está imersa em um processo de construção da realidade baseada no poder (e.g., conglomerados midiáticos e empresas globalitárias do ramo *fitness*), que delinea como os indivíduos se tornam “aprisionados” a idéias que servem a um conjunto específico de interesses cujos efeitos negativos se encontram enraizados nas práticas materialísticas em nossa sociedade de consumo (MELLO et al, 2006).

Assim, a experiência de consumo que investigamos, por ser essencialmente cosmopolita, e também por ser fruto do movimento da globalização [tecnologização], pode ser categorizada tanto como tendo a permeabilidade entre expressões culturais (implicada na diversidade promulgada pelo capitalismo transnacional), como pela evidente consolidação de um estilo de vida divulgado pela acelerada tecnocultura. Como menciona Prysthon (2002):

“o mais surpreendente no caso da indústria cultural a partir do século XX é a rapidez com que seus valores, estratégias e estruturas se espalharam para além do núcleo de sua formação original, que estaria na Europa e nos Estados Unidos. Pode-se dizer que a origem da indústria cultural é paralela à criação e ao desenvolvimento do “*american way of life*”, ao ponto deles até se confundirem. A própria cultura pós moderna (da qual a indústria cultural é a principal amostra) tem suas raízes nessa afirmação de valores e ideais americanos (p.98)”.

Valores e ideais americanos que estão espalhados pelo mundo e que impregna de inautenticidade a cultura dos Homens onde cabe agora questionar se temos a liberdade de dizer não ao século “ainda mais americano” que estamos iniciando, pois: “É verdade, diz um dos gurus da costa oeste americana, ‘que abandonamos uma parte da população à própria sorte quando nos encontramos no Ciber, mas a *tecnologia é o nosso destino*, a liberdade que os aparelhos de alta tecnologia nos dão é poder dizer SIM ao seu potencial’” (VIRILIO, 1999a, p. 30).

Potencial da tecnologia geradora de acidentes que não estão sendo refletidos pelos seus usuários, que exclui do mundo social aqueles que não conseguem fazer uso dela e que vocifera uma visão de mundo essencialista onde todas as “coisas” do mundo parecem ter sido colonizadas por ela nos levando a uma cultura pós-industrial, pós-urbana e pós-nacional que enfatiza a racionalidade técnica.

Racionalidade técnica que representa a lógica da aceleração que deve ser concebida apenas como forma de explicar seus efeitos reificantes enquanto fator de submissão acrítica dos agentes que a compõem. Pois, um desses agentes, a automação, que é fruto daquela [racionalidade técnica] “fragiliza o poder de raciocinar” (VIRILIO, 1996b, p.131), fator, que em princípio, nos conduz ao pensamento crítico que pressupõe o equilíbrio.

Assim, a tecnocultura ao apresentar outra noção de tempo, que nos deixa mais automatizados, acelerados e “serializados”, nos priva de ter um contato mais substancial com as matérias da vida, fato que causa desarmonia e desequilíbrio, pois, o tempo biológico, fator remanescente que nos faz entrar em contato com aquela substância, está sendo ameaçado.

O tempo é um recurso escasso e quando a malhadora passa mais horas do que o que supostamente deveria na malhação, ela começa a sacrificar não só a sua saúde, mas também a experiência do tempo em outras esferas da sua vida (e.g., repouso, família, trabalho, namoro, lazer, estudo) e o seu “eu” que é uma síntese do seu interior e das relações que estabelece com os outros. Assim, a partir do momento em que a sua experiência da malhação interfere em outras esferas da vida, e a malhadora a pratica de forma excessiva ela se torna um sujeito narcíseo e individualista, pois, ela deixa de ser outras “coisas” para ser só isso: um corpo belo

que ela exhibe como “troféu” nas interações com os outros, de forma não politizada e conseqüentemente imatura.

Imaturidade típica da personalidade narcísea¹⁶⁶ dos nossos tempos que é “fruto do processo de “gadgetização¹⁶⁷” do sistema das mercadorias em que todos possuem objetos não tanto por sua utilidade, mas pelo fato de se conformarem às regras versáteis da imaturidade da nossa sociedade” (VIRILIO, 1999a, p. 102) onde a imaturidade se apresenta como sendo um distúrbio proveniente da era tecnológica que vivemos. Assim, o perfil do Homem narcisista, que é *aestheticus*, e que transpõe os perfis do Homem econômico, político e psicológico, se caracteriza pela ansiedade em querer agradar o outro. Neste sentido, nosso Narciso, a malhadora, procura não infligir suas próprias incertezas aos outros, mas encontrar um sentido para a vida através do ritual sacrificial da malhação, sendo ferozmente competitiva e consumista em seu desejo de aprovação e reconhecimento social que contribuirão na formação do seu “eu” Narcíseo.

Assim, o narcisismo representa a dimensão psicológica da dependência do indivíduo ao Estado, à corporação, e outras burocracias e tecnologias. Não obstante suas ocasionais ilusões de onipotência, o narcisista depende de outros para validar sua auto-estima. Ele não consegue viver sem uma audiência que o admire. Sua aparente liberdade dos laços familiares e dos constrangimentos institucionais não o impedem de ficar só consigo mesmo, ou de se exaltar em sua individualidade¹⁶⁸.

O narcisismo não pode abraçar simplesmente as formas de “ vaidade”, “autodeterminação” e “autoglorificação”. Pois, neste sentido, o termo torna-se sinônimo para individualismo anti-social e termina por privar a análise de qualquer base sobre a qual fazer conexões entre o tipo de personalidade narcisista e certos padrões característicos da cultura contemporânea, tais como: o temor intenso da velhice e da morte, o senso de tempo alterado, o fascínio pela celebridade, o medo da competição, o declínio do espírito lúdico, as relações deterioradas entre homens e mulheres. Para esta perspectiva, o narcisismo permanece, em seu

¹⁶⁶ O narcisismo tem o seu nome derivado de Narciso, e ambos derivam da palavra Grega narke, "entorpecido" de onde também vem a palavra narcótico. Assim, para os gregos, Narciso simbolizava a vaidade e a insensibilidade, visto que ele era emocionalmente entorpecido às solicitações daqueles que se apaixonaram pela sua beleza (Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Narciso>, acesso em 17/05/2007 às20:00).

¹⁶⁷ Neologismo criado a partir do termo inglês *gadget* que quer dizer aparelho ou pequeno objeto prático, divertido por seu caráter de novidade.

¹⁶⁸ Lasch (1983), nos fornece os traços de caráter associados ao narcisismo psicológico, que estão associados à dependência do valor vicário proporcionado por outros, combinada a um medo da dependência, uma sensação de vazio interior e ao ódio reprimido sem limites e aos desejos orais insatisfeitos. Estes levam às características secundárias: (1) pseudoauto percepção; (2) sedução calculada; (3) humor nervoso e autodepreciativo.

sentido mais impreciso, como um sinônimo de egoísmo e, no pólo oposto, como uma metáfora da condição humana, e nada mais além, que descreve o estado mental no qual o mundo parece ser um espelho do “eu”.

Ao retomarmos a concepção do “eu” goffmaniano¹⁶⁹, que o enxerga como sendo um produto derivado das interações pelas quais passamos em nossa sociedade imersa em uma cultura que privilegia aspectos como: burocracia, proliferação de imagens, ideologias terapêuticas, racionalização da vida interior, culto ao consumismo e padrões variáveis de socialização chegamos a ponto de dizer que há uma burocratização do espírito. Esta burocratização do espírito tem-se tornado cada vez mais opressiva e é reconhecida, graças ao trabalho de Erving Goffman, como um importante elemento do mal-estar contemporâneo.

Esse mal-estar pode ser compreendido também como consequência da falta de “espaços” para o Homem exercer a autonomia, para “sair fora da conformidade cultural e política” (VIRILIO, 1984, p. 79) e irrefletida, porque o deixa enclausurado pelas peças da vida que deve encenar e pelas tecnologias. Assim, no teatro da vida cotidiana a verdade cede lugar à credibilidade, pois todos nós, atores e espectadores igualmente, vivemos cercados pelos Outros que avaliarão nossa performance de acordo com um *script* que culmina em uma espécie de automatismo social e em uma forma apolítica de estar no mundo.

Desta forma, uma experiência estética, que em princípio poderia gerar ganhos para a sua saúde física e mental, converte-se em sacrifício, consumismo e exagero quando não é politizada. Neste sentido, a importância da relação estabelecida entre o consumo da malhação [uma “tecnologia de si” (FOUCAULT, 1982)] com a vida política, estabelece o ponto de cruzamento entre o reconhecer-se como humano e tomar o outro como humano. Assim, o que é Ser Humano em nossa contemporaneidade e na tecnocultura que dissemina o culto ao corpo “próprio” e o individualismo ao extremo?

Culto ao “inumano” que conduz a uma guerra de tudo contra tudo, à “inumanidade”, que, em busca da felicidade perdida, faz somente promover ansiedade e frustração, características típicas do “eu” narcíseo que ora investigamos, que está cada vez mais longe do

¹⁶⁹ Para compreendermos a formação do “eu” em Goffman (1984), devemos fazê-lo analisando-o longe de seu possuidor, da pessoa que lucrará ou perderá em tê-lo, pois ele e seu corpo simplesmente fornecem o cabide no qual algo será pendurado por algum tempo. E os meios para produzir e manter os “eus” não residem no cabide. Na verdade, freqüentemente estes meios estão encarcerados nos estabelecimentos sociais (e.g., o fitness center). Assim, haverá uma região de fundo com suas ferramentas para dar forma ao corpo e uma região de fachada com seus apoios fixos. Haverá também uma equipe de pessoas cuja atividade no palco junto com os suportes disponíveis construirá a cena da qual emergirá o “eu” do personagem representado, e outra equipe, a platéia, cuja atividade interpretativa será necessária para esse surgimento. Ou seja, o “eu” é um produto de todos os arranjos e em todas as suas partes traz as marcas dessa gênese.

sentimento natural e de valores sociais estáveis. Nessa perspectiva é a geração de indivíduos despossuídos de sua sombra que não mais terão a liberdade de produzir uma imagética mental qualquer, mas a paisagem, a região imagética instrumental que o cercará por todas as partes (VIRILIO, 1996b).

Fato que nos leva ao enfraquecimento, à desorientação e à subordinação do indivíduo contemporâneo à “livre” cultura de consumo de culto a saúde “perfeita” e ao corpo “próprio” que ele mesmo ajuda a construir, mas que no fundo lhe é estranha. Estranha ao humano porque ela é familiar ao domínio do inumano. Assim, subjacente a esta perspectiva existe uma queixa ou nostalgia, pois a cultura do consumo que ora investigamos, nunca vai proporcionar “eus” confiáveis, nem oferecer uma cultura na qual possamos estar realmente à vontade.

Ao pensarmos em Goffman (1984), observamos que, enquanto atores, os indivíduos interessam-se não pela questão moral de realizar os padrões que o conduzem nas interações sociais, mas pela questão amoral de maquinar uma impressão convincente de que estes padrões estão sendo realizados. Daí a preocupação, sempre performática, da malhadora em atuar por meio de códigos que digam que ela estava em busca da saúde “perfeita” e do corpo “próprio”, esse que é o passaporte para atuar no palco da nossa sociedade contemporânea. Desse modo, a atividade de consumo, está amplamente ligada a assuntos morais, mas, como atores, não temos interesse moral neles. Neste sentido, somos mercadores de imoralidade. Quando a malhadora arrisca a sua vida em um ritual de sacrifício, se excedendo na malhação, tomando ergogênico ou fazendo uma lipoaspiração, a moralidade se embasa na premissa que lhe fornece plausibilidade à sua ação, ou seja, a saúde “perfeita” e o corpo “próprio”.

Desse modo, o consumismo explora a crise existencial declarando que os bens disponíveis no mercado são soluções, para os problemas de identidade [narcisismo] e, nesse processo, intensifica a crise, oferecendo valores e formas de ser cada vez mais plurais onde as supostas diferenças entre produtos são divulgadas para o consumidor como uma proposta de satisfação plena de suas necessidades, deixando-o sem saída: “consumir” ou “consumir” (HORKHEIMER e ADORNO, 2000).

Entretanto, quanto maior atenção dermos às mercadorias, mais distantes nos sentimos delas e daqueles que são bastante crédulos para comprá-las. Usando uma imagem diferente, a própria obrigação e a vantagem de aparecer sempre sob um prisma moral constante, de ser um personagem socializado, forçam o indivíduo a ser a espécie de pessoa que está sempre representando no palco. Ator que pode terminar se enamorando da sua própria imagem, e como na lenda de Narciso, que perde a perspectiva da linha do espelho que separa vida e

morte, morre, contextualizado na situação que evidencia seu individualismo e egoísmo o que nos conduz à um repensar acerca dos vínculos sociais.

Namoro que se torna mais instigante quando se propicia instrumentos refletivos mais poderosos e mais rápidos, que podemos traduzir em novas formas “tecnologizadas” de se fazer parte do mundo (i.e., novos meios de comunicação de massa), de representá-lo e de construir as relações sociais que impactam nas dimensões políticas, econômicas e culturais. Nova “representação teatral” que:

“busca, penosamente, reagir à apresentação intempestiva dos acontecimentos através dos meios de comunicação de massa, que privilegiam (todos eles) o furo de reportagem e o *clip*, em detrimento da narrativa e de suas insuportáveis “demoras”, a fim de evitar a todo custo a utilização do controle remoto, essa súbita quebra de simetria entre o receptor e o emissor. [...] De fato, a dramaturgia do tempo real atualmente está em toda parte: na precariedade do emprego, nos contratos por tempo determinado ou no desemprego de longa duração, nas famílias desfeitas e refeitas ao sabor dos divórcios...O medo do *zapping* se torna universal” (VIRILIO, 1991, p. 122).

Conformidade, então, é o que se busca quando se fala em uma sociedade midiaticizada. Conformidade, que, nas tradicionais, por exemplo, era assegurada por meio das relações de parentesco e da sanção da vergonha (opinião desfavorável de uma comunidade íntima e imediata) e nas quais, o ato de consumir servia, como uma simples emulação social e conformismo, assim os indivíduos usavam os bens para conseguir ascensão e segurança social (MCCRACKEN, 2003; SLATER, 2002).

Na modernidade, e conseqüentemente nas sociedades complexas como a nossa, o indivíduo, como goza da falta de uma identidade coerente e de valores culturais que aludam à autoridade e também devido à falta de profundidade, aquele se conforma às expectativas de seus ambientes sociais imediatos e aceita a autoridade efêmera da opinião pública, da mídia, da propaganda, dos grupos de “iguais” (SLATER, 2002). O ato de consumir aqui transcende a simples emulação e fornece as “substâncias” que compõem a sua identidade.

Sobre a forma moderna [complexa] de estar em sociedade, Maffesoli (1996) nos fala de um fenômeno intitulado de neotribalismo, que são agrupamentos e modelos de estilos de vida que não refletem comunidades com acessos sociais bem policiados, com obrigações de compromisso a longo prazo ou com processos longos de aprendizado social. São grupos com o mesmo modo de vida, são “comunidades eletivas”, das quais os indivíduos escolhem participar, e não para as quais foram designados ou alocados.

Nesta perspectiva, declina a consciência de classe e as pessoas percebem sua posição social como reflexo de suas próprias capacidades e se culpam pelas injustiças cometidas contra elas. A política degenera em uma luta, não para uma mudança social, mas para a auto-realização. O homem político de uma época anterior sabia como exigir, o narcisista, por outro lado, “sustém os interesses do ego”, em um delírio de desejo (SLATER, 2002) e não de consciência como aquele.

Assim, lidamos com formas de consciência que subordinam pensamentos e crenças dos indivíduos a padrões sociais dominantes, formas de racionalidades e pressupostos tidos como certos devido à ausência de um escrutínio crítico. Neste sentido, as mudanças ocorridas na estrutura da sociedade: a ênfase da produção capitalista para o consumo; a urbanização das cidades, o crescimento das grandes organizações e burocracias; as condições cada vez mais hostis e perigosas da vida social (e.g., o inexorável olhar do outro que nos leva a categorização social por meio da aparência) não nos fizeram tornar mais sociáveis e cooperativos, só mais adeptos do ato de explorar as convenções das relações interpessoais em benefício próprio aniquilando a possibilidade de haver uma coletividade orgânica com características políticas.

Desse modo, nos encontramos em um estado de aquiescência, de passividade, de anuência, e assentimento que se refere aos fenômenos não somente sociais, mas também políticos, que se relaciona com a perda da identidade (individual ou coletiva), acarretando numa situação negativa de dependência e falta de autonomia. Desta forma, as manifestações da vida política ocupam uma posição quase periférica para o indivíduo contemporâneo, uma espécie de sofista dos nossos tempos. Portanto, parece oportuno lembrar que exatamente este grande consentimento, ainda que passivo, representa um obstáculo considerável quanto ao alcance de metas político-sociais substantivas que possam transformar nossa sociedade de consumo das imagens.

Neste sentido, a emancipação ou insubordinação do nosso sujeito consumidor é rejeitada pelos diretores da tecnocultura, uma vez que a estabilidade do sistema deve ser mantida, e a “cultura de massa” se torna produto de um diálogo entre produção e consumo e não entre produtor e consumidor. Para aqueles que colaboram, a indústria se empenha em mostrar que não são obrigados a pensar, a se posicionarem enquanto sujeitos uma vez que a indústria cultural pode lhes conferir uma (falsa) liberdade, de forma que ninguém precise prestar contas daquilo que pensa (MELLO *et al.*, 2006).

Desta forma, a autoconsciência que zomba das tentativas de ação política tem origem, em última análise, na crença declinante na realidade do mundo exterior, que perdeu sua proximidade com o sujeito, por estar absorto, excessivamente, em “informações simbolicamente e excessivamente mediadas”. Assim, quanto mais a malhadora se transforma em seu próprio objeto de trabalho, mais sua “realidade” assume a aparência de uma ilusão que a leva à perda dos aspectos substanciais e simbólicos da própria vida.

Assim, em uma sociedade na qual o sonho de existência do Homem se reduz aos apelos do marketing e da tecnologia e também aos vínculos sociais efêmeros, supérfluos e às aparências que esses lhe proporcionam o esvaziamos de qualquer sentido substantivo e de vida, pois o que os Homens possuem para medir seus próprios feitos se baseia na aprovação dos outros que aplaude não suas ações, mas seus atributos pessoais (e.g., o corpo e o eu convenientemente socializado). É neste sentido, que aniquilamos o Homem, quando o desprovemos de exercer uma das faculdades que diferenciam de qualquer outro animal, que é o uso da sua subjetividade.

O uso da subjetividade pressupõe o equilíbrio, o saber dosar e o operar tecnologias sobre si mesmo que possibilitem o indivíduo verdadeiramente cuidar de si, como diria Foucault (1982). Assim, para viver de forma “sadia”, a malhadora deve recobrar as regras, que por ventura, possam ter sido esquecidas, na medida em que foi subjetivada, tornada sujeito, pelo discurso do marketing, da sociedade de consumo e da técnica que a criou.

Pois, quando o uso da técnica a afasta da experiência de distanciamento de perspectiva e, conseqüentemente do encontro lúdico, que o pressupõe, a partir do momento que o mundo público passou a ser visto como um espelho do “eu”, e quando ela dá o assento de motorista da sua vida aos outros podemos pré-anunciar motivos que contribuem para que ela leve uma vida inautêntica.

Desta forma, a relação do nosso sujeito com a morte ganha um novo sentido porque para publicizar o corpo, a malhadora o fragmentou, utilizou tecnologias e máquinas na experiência da malhação, tornou seu corpo pós-humano, ao hibridizá-lo com a tecnologia, e já não conseguimos mais distinguir o que faz parte do humano e o que não faz¹⁷⁰. Como nos diz

¹⁷⁰ O termo pós-humano tem ganhado espaço nos meios intelectuais e acadêmicos nos últimos tempos, e parece vir substituir, de certo modo, o já desgastado termo pós-moderno. Os teóricos pós-humanos questionam sobre os impactos entre a hibridização do homem com a máquina, carne e silício, no sentido de transposição da ontologia tradicional, dos limites físicos e culturais que definiram historicamente o conceito de humano. Assim, o corpo híbrido, proveniente do entrelaçamento entre o orgânico e o inorgânico, gera inquietações sobre uma possível “nova antropomorfia”. Para alguns, essa nova era pós-humana trará conseqüências para a constituição para a vida social e formas de identidade cultural tão profundas quanto foram as da emergência da cultura urbana mercantil

Virilio (1984), com o uso da tecnologia invadindo o corpo, não podemos mais falar de uma identidade ao nível corporal (e.g., o oriental que não quer mais ter seus olhos “puxados” e a brasileira não quer mais ter bustos pequenos), e nem ao nível pessoal, assim, o político e a vida, que alimentam a consciência já não existe. Neste sentido, a morte e a consciência são aliadas, pois a consciência da morte é a origem da consciência da vida.

Desse modo, quando a malhadora demonstra não estar interessada no acidente fatal, mas somente em sua aparência, é porque não está consciente do ato em si. Assim, não estando consciente do acidente fatal, haverá uma crise, e o verdadeiro sentido da morte, que é o de ser o organizador e a própria consciência da vida, será deslocado para uma morte que mata simplesmente o corpo sem deixar frutos para a humanidade.

A nossa sociedade deixou de contemplar a experiência da morte quando incorporou o discurso da saúde “perfeita”, entretanto, é importante reintegrá-la na consciência social. Precisamos tornar visível a interrupção da morte para, simultaneamente, atenuar seus efeitos. Aquele (o discurso da saúde “perfeita”) parece não permitir a reflexão sobre essa questão crucial da vida. Ele é a sua própria negação. Pois, todo o desenvolvimento do materialismo, que está misturado com a indústria, a tecnologia e as ciências exatas, nos faz esquecer que somos mortais; em outras palavras, tendemos a perder a consciência de nosso estatuto enquanto seres mortais.

Obviamente que os Homens sempre temeram a morte e desejaram viver eternamente. Segundo Lasch (1983) e Virilio (1984), o medo da morte assume nova intensidade em uma sociedade que se privou da essência do pensamento religioso e que demonstra pouco interesse pela posteridade. Nesta perspectiva, desprezamos a morte que organiza e fornece sentido à vida porque acreditamos em uma “vida após a morte” e assim nos definimos como seres

no fim do feudalismo. Para outros, mais radicais, trata-se de um salto antropológico tão vasto quanto foi aquele que resultou da revolução neolítica (SANTAELLA, 2003). Pensando com aquela autora, o advento do pós-humano, envolveu uma série de outras terminologias que culminaram no uso genérico da expressão pós-humano, a saber: Pós-biológico (MORAVEC 1988); Autômata cibernético e informático (BEAUNE, 1989); Pós-evolucionistas (STELARC, 1990); Era pós-humana (BRANWYN 1993); Pós-humano e Pós-biológico (DYENS, 1995); Condição pós-humana (PEPPERELL, 1995). Comungam, entretanto, que, neste novo cenário não há mais o lugar assegurado destinado aos dualismos entre corpo/alma, matéria/espírito, natural/artificial. Em outras palavras, o termo pode assumir uma conotação de anti-humano, ou seja, de algo que se despede do humano, quando se relaciona a perda e conseqüente colonização das consciências, e, também sob o ponto de vista do desaparecimento da distância e da diferença entre a atividade das máquinas lógicas e do pensamento, reduzindo os poderes do sujeito em favor das máquinas, por um lado. E por outro, pode ser uma forma de se pensar pontes híbridas entre o homem e a técnica que substitua concepções universalistas por lógicas conjuntas e pluralistas. Nesta perspectiva se pensa o movimento do pós-humano em termos de biopolítica, colocando na pauta da reflexão a inteira extensão do vivente pensado na unidade da vida, fazendo devolver a consciência à humanidade, portanto ao pensamento contemporâneo, instigando a vontade de construir premissas de uma opção entre políticas da morte e políticas da vida.

humanos mortais. Não tememos mais o “inferno”, ele foi esvaziado, não “precisamos” mais dele para expiar a culpa dos pecados cometidos, vamos ao templo, lá o sacerdote “vende” o terreno da terra prometida da “outra vida”, da vida eterna.

No entanto, se deixarmos de refletir sobre a morte e a consciência política que ela organiza, perdemos o sentido de humanidade e da recuperação da nossa própria história. Ao vivermos de forma tão intensa somente o presente desta vida e o futuro certo da outra sem pensar no legado que pode ser deixado para as gerações futuras matamos o Homem. Da mesma forma quando buscamos a auto-aprovação que depende do reconhecimento e aclamação públicos, invadimos o direito próprio de fazermos parte da humanidade no sentido orgânico e não organicista e utilitarista como pressupõe a nossa sociedade contemporânea.

Desse modo, se reconhecermos que o tempo vivido é organizado por interrupções (VIRILIO, 1984), torna-se óbvio que a morte é um dos grandes organizadores da temporalidade social. Se o corpo próprio é um corpo *a priori* e um corpo que possui uma metafísica, subentende-se então uma totalidade, um ente que integra corpo, mente e espírito, que se desequilibra quando enfatizamos mais uma de suas partes em detrimento das outras. A matéria, essa que é a maior parte do corpo “próprio” que a malhadora constrói morrerá um dia e vale lembrar que é no momento da própria morte que se reconhece a história da vida que foi vivida. Que legado ela deixa para a humanidade?

O ritmo natural da vida impele que antes de morrer devemos envelhecer. E este fato, o envelhecer, é a barreira que a saúde “perfeita” tenta ultrapassar, como se a morte fosse exclusividade da matéria do corpo e o espírito e a mente fossem negligenciados. Tomamos pílulas para a memória, vitaminas para ativar a vitalidade orgânica de forma ansiosa como se pudéssemos eternizar o corpo. A ironia é que os “elementos eternizadores” dessa totalidade (corpo) parece ter mais a ver com a mente e com o espírito do que com a matéria, pois é naqueles que se concentra o legado. A vida eterna é prometida ao espírito, a matéria e a mente envelhecem e morrem, de fato.

Assim, a hegemonia em nossa sociedade é “Ser jovem,” esse é o grande fetiche da cultura ocidental moderna, que a tem como sendo um estágio de plenitude da vida humana. Entretanto, destemporalizar o Homem é privá-lo de experienciar o seu verdadeiro ciclo, os benefícios e os percalços que o mesmo apresenta.

Ou seja, há uma mudança drástica no sentido de tempo histórico, de tempo vivido. Desvalorizamos a experiência dos mais velhos e damos muito valor à força física, destreza, adaptabilidade e à capacidade de surgir com novas idéias, o que automaticamente os exclui do

convívio social. Desse modo, se a plenitude da vida é “alcançada” na juventude, o que é feito do tesouro composto pela riqueza da sabedoria dos mais velhos?

Ignorar os mais velhos é ignorar o futuro. Não paramos para pensar no futuro e o grave é que não tememos isso por que a única noção de tempo que temos na contemporaneidade acelerada é o presente. Neste sentido, vale ressaltar que os mitos que formam o imaginário contemporâneo: o da juventude e o do Narciso estão fundados no enaltecimento das imagens e no poder inebriante que elas proliferam aos seus devotos que terminam por aniquilar posturas reflexivas dos sujeitos e a sua morte.

Assim, a crença de que a sociedade não tem futuro, embora se baseie em certo realismo sobre os perigos do devir, também incorpora uma incapacidade que os narcisistas contemporâneos possuem de identificar-se com a posteridade ou de sentir-se parte do fluxo da história (LASCH, 1983). Desse modo, uma sociedade que não teme não ter futuro, muito provavelmente dará pouca atenção às necessidades da geração seguinte, e o sentido de continuidade histórica emerge como um efeito devastador da humanidade. Entretanto, nosso destino, entendido como a realização do presente e o planejamento do futuro, será aquilo que nós como homens e como humanidade, teremos sido capazes de construir, entre fracassos e sucessos, naturalmente, em uma relação fecunda conosco mesmos, com os outros homens, com a tecnologia e com as forças da natureza.

Referências

- ADDIS, M.; HOLBROOK, M. B. On the Conceptual Link Between Mass Customisation and Experiential Consumption: an explosion of subjectivity. **Journal of Consumer Behaviour**, v. 1, n. 1, p. 50–66, 2001.
- ALEXANDER, J. C. Culture and political crisis: watergate and durkheimian sociology. In: ALEXANDER, J. C. (org.) **Durkheimian Sociology: Cultural Studies**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.
- ALMEIDA, D. D. M. Corpo, tecnologia, cultura. In: LYRA, B.; GARCIA, W. (org.). **Corpo e cultura**. São Paulo: Xamã / ECA-USP, 2001, p. 27-32.
- _____. Da imagem tecnológica do corpo às imagens poéticas dos corpos. In: **Corpo e Imagem**. LYRA, B.; GARCIA, W. (orgs) São Paulo: Arte e Ciência, 2002.
- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas**. São Paulo: Musa Editora, 2004.
- ANDRADE. **Ergogênicos: conheça-os e fique esperto**. Disponível em: http://www2.uol.com.br/runningbr/index.html?http://www2.uol.com.br/runningbr/edicoes/materias_ed09/materia_03.html. Acesso em 10/11/2006. 2006.
- ANDREASSEN, T. W.; LINDESTAD, B. Customer Loyalty and Complex Services: the impact of corporate image on quality, customer satisfaction and loyalty for customers with varying degrees of service expertise. **International Journal of Service Industry Management**, v. 9, n. 1, p. 7-23, 1998.
- ARMSTRONG, D. **The Political Anatomy of the Body**, Cambridge: CUP, 1983.
- ARMITAGE, J. **Paul Virilio: from modernism to hypermodernism and beyond**. London: Sage, 1998.
- AZIZE, R. L. Reconhecendo a Depressão: uma reflexão sobre a divulgação da 'doença' por parte dos laboratórios farmacêuticos. In: **25a Reunião Brasileira de Antropologia - Saberes e práticas antropológicas - desafios para o século XXI**, v. 2. Goiânia-GO, 2006.
- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

- BARBOSA, L. **Sociedade de consumo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BARROS, A. M. **A prática pedagógica dos professores de educação física e o tratamento da dimensão conceitual dos conteúdos**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro-SP. 2006.
- BARTRAM, R. Visuality, dromology and time compression. Paul Virilio's new ocularcentrism. **Time and Society**, v. 13, n. 2/3, p. 285-300, 2004.
- BATAILLE, G. **The accursed share**. Nova York: Zone Books, 1988.
- _____. Hegel, death and sacrifice. **Yale French Studies**, n.78, p. 9-28, 1990.
- BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- _____. **The Transparency of Evil: essays on extreme phenomena**. Nova York: Verso. 1995.
- _____. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 1997.
- _____. **O sistema dos objetos**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- _____. **Thinking sociologically**. Oxford: Blackwell, 1990.
- BAZILLI, C.; RENTERÍA, E.; DUARTE, J. C.; FRANCISCATTI, K. V. S.; ANDRADE, L. F.; RALA, L. A. **Interacionismo Simbólico e Teoria dos Papéis : Uma Aproximação para a Psicologia Social**. São Paulo: EDUC, 1998.
- BELK, R. W.; WALLENDORF, M.; SHERRY, J. F. The sacred and the profane in consumer behaviour: theodicy on the odyssey. **Journal of Consumer Research**, v. 16, n. 1, jun., p. 1-38, 1989.
- BENTO, J. Doping e Modelos de Homem. **Revista Eletrônica Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 2, n. 5, jul-dez, 2002.
- BERGER, P.; LUCKMAN, T. **A Construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1976.
- _____. **Modernidade, pluralismo e crise de sentido: a orientação do homem moderno**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.
- BERLYNE, D. (ed.) **Studies in the New Experimental Aesthetics**. Washington: Hemisphere Publishing Co., 1974.

- BETTMAN, J. R.; JOHNSON, E. J.; PAYNE, J.W. Consumer decision making. In: ROBERTSON, T. S.; KASSARJIAN, H. H. (eds) **Handbook of Consumer Behavior**. Englewood Cliffs-NJ: Prentice Hall, 1991, p. 50-84.
- BIDDLE, S. J. H. (ed.) **European Perspectives on Exercise and Sport Psychology**. Champaign: Human Kinetics Publishers, 1995, p. 3-25.
- BLOCH, M. **Prey into hunter**. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- BLUMER, H. **Symbolic interactionism: perspective and method**. Berkeley: University of California, 1969.
- BROWN, S.; PATTERSON, A. (ed) **Imagining Marketing: Art, Aesthetics and the Avant-Garde**. New York: Routledge. 2001.
- BROWN, S. **Postmodern Marketing 2: Telling Tales**. London: International Thompson Business Press. 1998.
- _____. **Wizard! Harry Potter's Brand Magic**. Londres: Cyan Communications, 2005.
- BRUMBERG, J. J. **Fasting Girls, Reprint**. Cambridge: Harvard University Press, 1988
- BRUNER, J. **Actual minds, possible worlds**. Cambridge: Harvard University Press, 1986.
- BURKERT, W. **Homo Necans**. Berkeley: University of California Press, 1983.
- BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis: elements of the sociology of corporate life**. Londres: Heinemann, 1979.
- CAMPBELL, C. **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 2005.
- CARMO, P. **Merleau-Ponty: uma introdução**. São Paulo: EDUC, 2004.
- CARSPECKEN, P. F. **Critical ethnography in educational research: A theoretical and practical guide**. New York: Routledge, 1996.
- CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

CASTRO, A. L. **Culto ao corpo e sociedade**: mídia, estilos de vida e cultura de consumo. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2003.

CHAUI, M. Merleau-Ponty: Introdução e notas. In: MERLEAU-PONTY, M. **Textos escolhidos**. Seleção, tradução e notas de Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1980 (coleção Os Pensadores).

COELHO, T. **O que é indústria cultural?** São Paulo: Brasiliense, 1989.

COLLINS, R. **The sociology of philosophies**: a global theory of intellectual change. Cambridge: Belknap, 1998.

COOPER, S. **Technoculture and critical theory**: In the service of the machine? Londres: Routledge, 2002.

COURTINE, J-J. Os stakhanovistas do narcisismo: *body-building* e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, D. B. (org.). **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

COUTO, E. S. **O Homem-Satélite**: Estética e Mutações do Corpo na Sociedade Tecnológica. v. 1. Ijuí: Unijuí, 1990.

_____. E a carne se faz arte: a tecnologia para um novo corpo mutante. II Fórum de pesquisa em arte: Arte, Corpo e Tecnologia, 2004, Belém. **Resumos ...** Belém, UFPA, 2004, v. 01, p. 12-13.

COVA, B.; SVANFELDT, C. Societal innovations and the postmodern aesthetization of everyday life. **International Journal of Research in Marketing**, v. 10, p. 297-310, 1993.

CROWNFIELD, D. **Body/Text in Julia Kristeva**: religion, women, and psychoanalysis. Albany-NY: State University of New York Press, 1992.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis**: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**: comentários sobre a sociedade do espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEGEORGE, R. T. Marketing, truth and advertising. In: DEGEORGE, R. T. **Business Ethics**. 2. ed. Nova York: MacMillan, 1986, p.265-90.

DETIENNE, M; VERNANT J. **The Cuisine of sacrifice among greeks**. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

- DICK, A.; BASU, K. Customer loyalty: towards an integrated framework. **Journal of the Academy of Marketing Science**, v. 22, n. 2, p. 99-113, 1994.
- DICKINSON, P.; SVENSEN, N. **Beautiful Corporations: Corporate Style in Action**. London: Pearson, 2000.
- DOMINGUES, J. M. **Teorias sociológicas no século XX**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
- DOUGLAS, M. **Simbolos naturais: exploraciones en cosmologia**. Madrid: Alianza, 1988.
- _____; ISHERWOOD, B. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.
- DUMONT, L. **Homo hiarchichus**. Londres: Weidenfeld & Nicolson, 1970.
- DURKHEIM, E. **As Regras do Método Sociológico**. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1974.
- _____. **As Formas Elementares da Vida Religiosa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes. 2003.
- DYENS, O. L'emotion du cyberspace. Arte t cyber-écologie, in: **L'esthetique dès arts médiatiques**, op. cit., 1995, pp. 391-412.
- EAGLETON, T. **A ideologia da estética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- _____. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- EDMONDS, A. No universo da beleza: notas de campo sobre a cirurgia plástica no Rio de Janeiro. In: GOLDENBERG, M. (org.). **Nu e vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- ELLIOT, R.; JANKEL-ELLIOTT, N. Using Ethnography in Strategic Consumer Research. **Qualitative Market Research**, v. 6, n. 4, 2003.
- ESCOBAR, A. Welcome to Cyberia: Notes on the Anthtopology of Cyberculture. **Current Anthropology**, v.35, n.3, jun., 1994.
- FALK, P. **The consuming body**. Londres: Sage, 1994.
- FEATHERSTONE, M. The Body in Consumer Culture. In: FEATHERSTONE, M. (ed) **The Body: Social Process and Cultural Theory**. Londres: Sage, 1991.
- _____. **Cultura de consumo e pós-modernismo**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FERREIRA, J. Experiência e Tecnologia: do corpo político em Foucault ao corpo vivido de Merleau Ponty. In: AMARAL JR., A.; BURITY, J. de A. (org) **Inclusão social, identidade e diferença**: perspectivas pós-estruturalistas de análise social. São Paulo: Annablume, 2006.

FERREIRA NETO, A. F. **As estruturas dos relacionamentos entre consumidores e empresas de serviço no contexto das definições efetivas**: uma investigação dialógica nos domínios interpretativos da percepção e do imaginário. Dissertação (Mestrado em Administração). Ciências Administrativas. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

FREYRE, G. **Modos de homem & modas de mulher**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1997.

_____. **Casa Grande e Senzala**: fundação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

FINE, B.; LEOPOLD, E. **The world of consumption**. Oxford: Blackwell, 1993.

FIRAT, A. F.; VENKATESH, A. Liberatory Postmodernism and the Reenchantment of Consumption. **Journal of Consumer Research**, v. 22, n. 3, p. 239-67, 1995.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FONSÊCA, F. R. B. **Amo muito tudo isso**: o relacionamento marca-consumidor sob o enfoque da fenomenologia clarificadora de Edmund Husserl. Dissertação (Mestrado em Administração). Ciências Administrativas. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

FONTENELLE, I. **O nome da marca**: McDonald's, fetichismo e cultura descartável. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002.

FOUCAULT, M. **As Palavras e as Coisas**: uma arqueologia das Ciências Humanas. São Paulo: Martins Fontes, 1981.

_____. Subject and Power. In: DREYFUSS, H.; RABINOW, P. **Beyond structuralism and hermeneutics**. Brighton: The Harvester Press, 1982.

_____. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 8. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1987

_____. **História da sexualidade vol. 1**: a vontade do saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

_____. The political technology of individuals. In: MARTIN, L.; GAUTMAN, H; HUTTON, P. (orgs) **Technologies of the self**: a seminar with Michel Foucault. Amherst-MA: University of Massachussets Press, 1988.

FRIEDBERG, A. Virilio's screen: the work of metaphor in the age of technological convergence. **Journal of visual culture**. Vol. 3(2), 2004.

GAINES, J.; HERZOG, C. (eds) **Fabrications, costume and the female body**. Londres: Routledge, 1990.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1989.

GIBSON, W. **Neuromancer**. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2003.

GIDDENS, A. **Capitalismo e Moderna Teoria Social**. Lisboa: Editorial Presença, 2000.

_____. **Mundo em descontrole**. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. **Modernity and self-identity: self and society in the late modern age**. Cambridge: Policy Press, 1991.

GILMAN, S. **Making the Body Beautiful: A Cultural History of Aesthetic Surgery**. Princeton/Oxford: Princeton University Press, 1999.

GIRARD, R. **Violence and the sacred**. Baltimore: John Hopkins Press, 1977.

GONÇALVES, S. **O corpo tornado alma**. In: XII Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em comunicação, 2003, Recife. Anais da Compós, 2003.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1984.

GOLDENBERG, M. **Nu e vestido: 10 antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

GUIMARÃES JR, M. **A cibercultura e o surgimento de novas formas de sociabilidade**. Trabalho apresentado no GT "Nuevos mapas culturales: cyber espacio y tecnologia de la virtualidad", na II Reunión de Antropologia Del Mercosur, Piriápolis, Uruguai, de 11 a 14 de novembro de 1997. Localizado no site: <http://www.cfh.ufsc.br/~guima/ciber.html> acesso em 10/12/05 às 15:00.

HACKLEY, C. **Marketing and social construction exploring the rhetorics of managed consumption**. Nova York: Routledge, 2001.

- HAGUETTE, T. F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 2. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 1990.
- HAIKEN, E. **Venus Envy: a history of cosmetic surgery**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997.
- HAMERTON-KELLY, R. (ed). **Violent origins**. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- HARAWAY D. **Primate Visions Gender, Race And Nature In The World Of Modern Science**. Nova York: Routledge, 1989.
- HEGEL, G. **Introdução à história da filosofia**. São Paulo: Rideel, 2005.
- HEUSCH, L. **Sacrifice in Africa**. Manchester: Manchester University Press, 1985.
- HILGARD, E. Impulsive versus realistic thinking: An examination of the distinction between primary and secondary processes in thought. **Psychological Bulletin**, v. 59, n. 6, nov., p. 477-488, 1962.
- HIRSCHMAN, E. Predictors of Self-Projection, Fantasy Fulfillment, and Escapism. **The Journal of Social Psychology**, 120, 63-76. 1983.
- _____. Experience Seeking: A Subjectivist Perspective of Consumption. **Journal of Business Research**, 12, p. 115-136. 1984.
- HOLBROOK, M. Some Preliminary Notes on Research In Consumer Esthetics. In: OLSON, J. C.; ABOR, A. **Advances in Consumer Research**. vol. 7. Association for Consumer Research, p.104-108. 1980.
- HOLBROOK, M.; ZIRLIN, R. Artistic Creation, Artworks, and Aesthetic Appreciation: Some Philosophical Contributions to Nonprofit Marketing. **Advances in Nonprofit Marketing**, v. 1, pp. 1-54. 1985.
- HOLBROOK, M.; HIRSCHMAN, E. The experiential aspects of consumption: consumer fantasies, feelings and fun. **Journal of consumer research**, v.9, set., 1982.
- HORKHEIMER, M; ADORNO, T. A indústria cultural o iluminismo como mistificação de massa. Teoria da cultura de massa. In: MOLES, A.; LIMA, L. C.(org.). **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- HUBERT, H.; MAUSS, M. **Sobre o Sacrifício**. São Paulo: Cosac & Naify, 2005.

- JOY, A. Framing Art: The Role of Galleries in the Circulation of Art. In: SHERRY JR, J. F. (ed.) **Servicescapes**. Chicago, IL: American Marketing Association, 1998, p. 259-303.
- JOY, A. Art, Works of Art, and the Discourse of Fine Art: Between Art Worlds and Art Markets. In: BELK, R. W.; COSTA, J.; SCHOUTEN, J. (eds) **Research in Consumer Behavior**. Stamford: JAI Press, 2000, p. 71-102
- KOZINETS, R. Utopian experience: Articulating the Meanings of Star Trek's Culture of Consumption. **Journal of Consumer Research**, v. 28, jun., p. 67-88, 2001.
- _____. Can Consumers Escape the Market? Emancipatory Illuminations from Burning Man. **Journal of Consumer Research**, v. 29, p. 20-38, 2002.
- LABURTHE-TOLRA, P.; WARNIER, J. **Etnologia – antropologia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LACHER, K. Hedonic consumption: music as a product. In: SRULL, T. K. **Advances in Consumer Research**. v.16. Provo, UT: Association for Consumer Research, 1989, p. 367-373.
- LASCH, C. **A cultura do narcisismo: a vida americana numa era de esperanças em declínio**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- LÊ BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas-SP: Papyrus, 2003.
- LEMONS, A. Cidade Ciborgue. In **Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura**, n. 8, PUC-SP, São Paulo, EDUC: Brasília, 2004.
- LÉVY, P. **O que é o virtual**. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- LYOTARD, J. F. **O pós-moderno**. 2. ed. Rio de Janeiro: Olympio, 1986
- LIPOVETSKY, G. **A terceira mulher: permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LOFLAND, J.; LOFLAND, L. H. **Analyzing social settings**. 2. ed. Belmont-CA: Wadsworth, 1984.
- MAFFESOLI, M. The return of dionysus. In: SULKUNEN, P. et al. **Constructing the new consumer society**. Londres: Routledge, 1996.
- MALYSSE, S. Em busca dos halteres-ego: olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In: GOLDENBERG, M. **Nu e vestido: 10 antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

- MARÇAL, M. C. C.; FONSÊCA, F.R.B.; GUERRA, J.R.F. Cultura do Consumo na Era da Informação: A Lan House e seus "Players". **Anais do 30 EnANPAD**, Salvador, 2006.
- MARRIOT M. Caste ranking and food transactions: a matrix. In: SINGER, M.; COHEN, B. (eds.) **Structure and change in Indian Society**. Chicago: Aldine Publishing Company, 1968.
- MARIN, A. A.; OLIVEIRA L. C. A Experiência Estética em Dufrenne e Quintás e a Percepção de Natureza: para uma Educação Ambiental com Bases Fenomenológicas. **Revista Eletrônica Mestrado Educação Ambiental**, v. 15, 2005.
- MARTIN-BARBERO, J. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.
- MATOS, I. S.; SOIHET, R. **O Corpo Feminino em Debate**. São Paulo: Editora UNESP, 2003
- MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.
- MCCRACKEN, G. Culture and consumption: a theoretical account of the structure and movement of the cultural meaning of consumer goods. **Journal of Consumer Research**, v.13, p.71-84, 1986.
- _____. **Cultura e consumo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- MCGRATH, M. An Ethnography of A Gift Store: Trappings, Wrappings And Rapture. **Journal of Retailing**, v. 65, n. 4, winter, 1989, p. 421-449.
- MELTZER, B. N.; PETRAS, J. W.; REYNOLDS, L. T. **Symbolic interactionism genesis, varieties and criticism**. Boston: Routledge & Kegan Paul, 1975.
- MEAD, G. H. **Mind, self and society: from the standpoint of a social behaviorist**. Chicago: University of Chicago, 1932.
- MEAMBER, L. Art as Life: The Embeddedness of Art in Life and Life in Art in Postmodernity. In: GOODMAN, R. A. (ed.) **Modern Organizations and Emerging Conundrums**. New York: Lexington Books. 1999. p. 184-199.
- MEAMBER, L.; VENKATESH, A. The Flesh is Made Symbol: an interpretive account of contemporary bodily performance art. **Advances in Consumer Research**, 26, p.190-194, 1999.
- MELLO, S. C. B; CORDEIRO, T. A.; TEIXEIRA, C. C. M. Condições e Contradições do Ensino-Aprendizagem: Reflexões acerca de Uma Pedagogia Político-Crítica em Paulo Freire no Contexto de uma Sociedade de Consumo. **Revista Contrapontos**, v. 6, n. 3. set/dez. 2006.

MERLEAU-PONTY, M. **Conversas – 1948**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERRIAN, S. B. **Qualitative research and case study applications in education**. 2. ed. San Francisco: Jossey-Bass, 1992.

MORALES, P. J. C. **Iniciação, Aderência e Abandono nos Programas de Exercícios Físicos Oferecidos por Academias de Ginástica na Região de Joinville**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Pós-graduação em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

OLIVEIRA, A. **Ideologia do consumo: uma análise do consumismo a partir do ícone automóvel**. Disponível em: <http://acilbuper.webcindario.com/monografia-artigo.html>. Acesso em 11 jun. 2005. 2002.

OLSON, J. What is an Esthetic Response? In: HIRSCHMAN, E. C; HOLBROOK, M. B. (eds) **Symbolic Consumer Behavior**. Association for Consumer Research, 1981, p. 71-74

PADILHA, V. **Shopping Center: a catedral das mercadorias**. São Paulo:Boitempo, 2006.

PATTON, M. Q. **Qualitative research and evaluation methods**. 3. ed. Thousand Oakes-CA: Sage, 2002.

PIETROCOLLA, L. **O que todo cidadão precisa saber sobre sociedade de consumo**. São Paulo: Global, 1986.

PINE, B. J.; GILMORE, J. H. **The Experience Economy: Work is Theatre and every Business a stage**. Boston: Harvard Business School Press, 1999.

PRYTHON, A. F. Pós-modernidade e pós-modernismo(s): apontamentos para possíveis definições. In **Cosmopolitismos periféricos: ensaios sobre modernidade, pós-modernidade e Estudos Culturais na América Latina** – Recife: Bagaço, 2002. p. 93-103

RADNER, H. Producing the body: Jane Fonda and the new Public Feminine. In: SULKUNEN, P.; HOLMWOOD, J.; RADNER, H.; SCHULZE, G. **Constructing the new consumer society**. Londres: Routledge, 1997.

REDHEAD, S. **Paul Virilio: theorist for an accelerated culture**. Toronto: University of Toronto Press, 2004.

ROCHBERG-HALTON, E. **Meaning and Modernity**. Chicago. Chicago University, 1986.

ROJAS. **Aderência Aos Programas de Exercícios Físicos em Academias de Ginástica na Cidade de Curitiba**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Programa de Mestrado em Educação Física. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

ROCHA, E. **Magia e capitalismo**: um estudo antropológico da publicidade. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SABA, F. K. F. **Determinantes da prática de exercício físico em academias de ginástica**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Escola de Educação Física e Esporte. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

SABINO, C. Musculação: expansão e manutenção da masculinidade. In: GOLDENBERG, M. **Os Novos Desejos**. Rio de Janeiro: Record, 2000a.

_____. **Os Marombeiros**: construção de corpo e gênero em academias de musculação. PPGSA/IFCS/UFRJ. Dissertação de Mestrado. Inédito, 2000b.

_____. Anabolizantes: Drogas de Apolo. In: GOLDENBERG, M. **Nu e Vestido**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. Lógica da Diferença e Androlatria. O caso das mulheres das academias de musculação. **Enfoques. Revista Eletrônica dos Alunos do PPGSA/IFCS/UFRJ**. Rio de Janeiro: <http://www.ifcs.ufrj.br/~enfoques>. 2003.

SANT'ANNA, D. **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANTAELLA, L. **Estética de Platão a Pierce**. São Paulo: Experimento, 1994.

SANTARÉM, J. M. **Atualização em Exercícios Resistidos**: Adaptações cardiovasculares. 1998. Disponível em: <http://www.saudetotal.com.br/exresist.htm>. Acessado em: 10/11/2006.

SCHMITT, B. H. Language and visual imagery: Issues of corporate identity in East Asia. **Columbia Journal of World Business**, Winter Issue, p. 28-36, 1995.

_____. **Marketing experimental**. São Paulo: Nobel, 2002.

_____. **How To Create “Ej” Experiences**. 2003. Disponível em: www.exgroup.com. Acessado em: 10/10/2006.

_____; SIMONSON, A. **A estética do marketing**. São Paulo: Nobel, 2002.

SHERRY, JR., J.F. The Soul of the Company Store: Nike Town Chicago and the Emplaced Brandscape. In: SHERRY, JR., J.F. (ed). **Servicescapes: The Concept of Place in Contemporary Markets**. Chicago: NTC Business Books, 1998.

SCHROEDER, J. **Visual Consumption**. New York: Routledge. 2002.

_____.; BORGERSON, J. Innovations for Information Technology: insights from italian renaissance art. **Consumption, Markets & Culture**, v. 5, n. 2, p. 153-70. 2002.

SCOTT, L. Playing with Pictures: Postmodernism, Poststructuralism, and Advertising Visuals. In: GOLDBERG, M. E.; GORN, G.; POLLAY, R.W. (eds) **Advances in Consumer Research**. Provo-UT: Association for Consumer Research. 1990. p. 596-612

SCOTT, L. Images in Advertising: the need for a theory of visual rhetoric. **Journal of Consumer Research**, v. 21, sep., p. 252-273, 1994.

SEWALL, M. Nonmetric Unidimensional Scaling of Consumer Preferences for Proposed Product Designs. In: HUNT, H. K.; Arbor, A. (ed). **Advances in Consumer Research**, v. 5, p. 22-25, 1978.

SFEZ, L. **A Saúde Perfeita: Crítica De Uma Nova Utopia**. São Paulo: Loyola, 1996.

SILVA, T. T. **A antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SLATER, D. **Cultura do consumo e modernidade**. São Paulo: Nobel, 2002.

SMITH, W.R. **The religion of the semities**. West Conshohocken: Gifford Lectures, 1889.

SMITH, N. C.; QUELCH, J. A. **Ethics in Marketing**. Homewood, IL: Irwin, 1993.

SODRÉ, M. **Reinventando a Cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis, Rj: Vozes, 1996.

SOLOMON, M.; ENGELS, B. Reality Engineering: Blurring the Boundaries Between Commercial Signification and Popular Culture. **Journal of Current Issues and Research in Advertising**, v. 16, n. 2, p. 117, 1994.

SORKIN, M. **Variations on a theme park: the new american city and the end of public space**.

STRATTON, J. **The desirable body**. Illinois: Paperback, 2001.

TAYLOR, S. J.; BOGDAN, R. **Introducción a los métodos cualitativos de investigación: la búsqueda de significados**. Barcelona: Paidós, 1992.

- TAVARES, F. O marketing pós-moderno nas sociedades midiáticas e temporais. **Em Pauta – Revista Comum da OHAEC**, v.6, n.16, p.81-118, jan./jun., 2001.
- THOMAS, J. **Doing critical ethnography**. São Francisco: Sage, 1993.
- TOURAINE, A. **Crítica da modernidade**. Petrópolis, Rj: Vozes, 1994.
- TURKLE, S. **Life on the Screen: Identity in the Age of the Internet**. Nova York: Simon & Schuster, 1997.
- TURNER, B. **The body and society: explorations in social theory**. Oxford: Blackwell, 1985.
- TURNER, B. The rationalization of the body: reflections on modernity and discipline. In WHIMSTER, S.; LASH, S. (orgs.) **Max Weber, rationality and modernity**. Londres: Allen & Unwin, 1987.
- UNDERHILL, P. **A magia dos shoppings: como os shoppings atraem e seduzem**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.
- VENKATRAMAN, M. P.; MACINNIS D. J. Epistemic and Sensory Exploratory Behaviors of Hedonic and Cognitive Consumers. In: HIRSCHMAN, E. C; HOLBROOK, M. B. (eds) **Symbolic Consumer Behavior**. v. 12. Ann Arbor-MI: Association for Consumer Research, 1985, p.102-107.
- VILLAÇA, N. **Em nome do corpo**. Rio de Janeiro: Rocco. 1998.
- WALLENDORF, M. The Formation of Aesthetic Criteria Through Social Structures and Social Institutions. In: **Advances in Consumer Research**. v. 7. Association for Consumer Research, 1980, p. 3-6.
- VIRILIO, P. **Guerra Pura: a militarização do cotidiano**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. Rat de laboratoire. Propôs recueillis par Jean-Yves et Alain Kruger. **L'autre Jornal**, 27, 1992.
- _____. **O espaço crítico**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.
- _____. **A máquina de visão**. Tradução: Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.
- _____. **A velocidade de libertação**. Tradução: Edmundo Cordeiro. Lisboa. Relógio D'Água Editores, 1995.

_____. **A arte do motor**. Tradução: Paulo Roberto Pires. São Paulo: Estação Liberdade, 1996a.

_____. **Velocidade e política**. Tradução de Celso Mauro Paciornik. São Paulo: Estação Liberdade, 1996b.

_____. **The Virilio reader**. Edited by James Der Derian. Blackwell Publishers ltd, 1998.

_____. **A Bomba Informática**. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 1999a.

_____. Politics of the very worst. New York: Semiotext(e). Der Derian, J. (ed.): **The Virilio Reader**. Oxford: Blackwell, 1999b.

_____. **Guerra e cinema: logística da percepção**. Tradução de Paulo Roberto Pires. São Paulo: Boitempo, 2005.

ZANETTE, E. T. **Análise do perfil dos clientes de academias de ginástica: o primeiro passo para o planejamento estratégico**. Dissertação (Mestrado em Engenharia). Programa de Pós-Graduação em Engenharia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

APÊNDICE A – Questão de Método

1. Visão de Mundo

O interacionismo simbólico, movimento filosófico que pode ser considerado também como uma tradição de pensamento sociológica, que se reporta em sua origem aos clássicos da sociologia do fim do século dezanove (HAGUETTE, 1990; DOMINGUES, 2004), é o marco conceitual que faz situar o nosso estudo em uma perspectiva ontológica interpretativista. Segundo Burrell e Morgan (1979), os que se situam nesse paradigma observam os processos que estão em andamento para entender melhor o comportamento individual e a natureza espiritual do mundo, constando em suas concepções que há certa ordem social que deve ser compreendida por meio do acesso à subjetividade do outro. Em outras palavras, ao tentarmos compreender as ações sociais devemos levar em conta como a ordem social é elaborada pelos seres humanos de modo que elas sejam significativas para eles.

Neste sentido, o marco conceitual escolhido analisa o processo de socialização como uma negociação constante entre os atores que não se limitam à estrutura e tem como característica incorporar a reflexividade na análise da ação social (MEAD, 1934). Por isso, compreende a natureza do homem como sendo não determinada e a da sociedade como sendo conflituosa, apresentando-se, desta forma, como um excelente representante para os estudos sobre o cotidiano e a interação face a face como o é o nosso. Essa posição epistemológica enfatiza como as situações sociais devem ser pesquisadas de maneira que revelem a sua natureza interior, e as descobertas científicas provenientes não pretendem ser generalizáveis, mas, se constituem como sendo conhecimentos instigantes e significantes sobre a natureza do mundo social investigado.

Os pioneiros em analisar a díade (a interação entre duas pessoas) como sendo a semente que germina a vida social foram Simmel e Marx, que embasaram em seu argumento a premissa de que a vida social era tecida por um conjunto amplo e variado de processos interativos. Fato que os fez distanciar do liberalismo tradicional e do individualismo metodológico que colocavam o indivíduo no centro da sua reflexão inserindo a interação social como uma unidade de análise.

Para os supracitados autores, a interação social correspondia ao tecido da vida social concreta, na medida em que tanto os processos mais amplos desta – a própria “sociedade” – quanto o indivíduo se formavam e reproduziam nos processos interativos, que por sua vez sofriam a influência das ações dos indivíduos e dos processos sociais mais amplos. Entretanto, foi o “interacionismo simbólico” que trouxe a interação de forma particularmente explícita para o centro do palco (DOMINGUES, 2004).

É fato que o citado movimento apresenta características híbridas, observamos isso quando encontramos em sua constituição diversidade de autores com pensamentos distintos, mas não antagônicos e sim complementares, como elucida Bazilli et al (1998, p.29):

“As raízes e os fundamentos do movimento do interacionismo simbólico estão nos filósofos moralistas escoceses e principalmente, nos filósofos pragmáticos e funcionalistas norte-americanos; além de outras influências gerais da época, como a obra de Hegel (a idéia de mente traduzida como *espírito* ao espanhol); a teoria

evolucionista de Darwin (idéias sobre adaptação) e os inícios da teoria geral de sistemas (noções de equilíbrio e dinâmica)”.

Foi com esse olhar abrangente e eclético que o movimento ganhou força, analisemos, então a contribuição de alguns dos seus pensadores: Charles Cooley contribuiu com um conceito que se revelou fundamental para o desenvolvimento do interacionismo simbólico o “eu espelho”. Nele o pensador observara que os indivíduos tomavam para si mesmos como objeto, através dos olhos dos outros, isto é, por meio das interpretações daqueles com os quais interagem; neste processo, o aspecto simbólico da interação era decisivo. William James emprestara ênfase ao simbolismo na ação humana e apontara para a colocação do “eu” como objeto para o próprio sujeito. John Dewey assinalara que os indivíduos constantemente necessitam adaptar-se a seu meio e que a mente humana não é uma coisa, algo dado, mas se caracteriza como um processo permanente, no qual a deliberação e o ensaio de linhas de conduta possíveis, numa conversa do sujeito consigo mesmo, é crucial (DOMINGUES, 2004). Erving Goffman contribuiu de forma considerável para o desenvolvimento da “teoria do papel” e a originalidade dos seus estudos se prende ao fato de ter criado um modelo de dramatização através do qual descreve e interpreta a ação social dos indivíduos na sociedade (HAGUETTE, 1990).

Frente à diversidade, cabe-nos questionar: o que os faz situar então em uma mesma corrente de pensamento? O que os une? Podemos citar pelo menos dois pontos comuns que envolvem os supracitados pensadores: (1) a concepção de que a sociedade é um processo que inter-relaciona o indivíduo com aquela e (2) o aspecto subjetivo do comportamento humano como parte necessária no processo de formação e manutenção dinâmica do grupo social (HAGUETTE, 1990).

George Hebert Mead, psicólogo social ligado à filosofia pragmatista norte americana, é o maior expoente do movimento (HAGUETTE, 1990; DOMINGUES, 2004; BAZILLI ET AL, 1998; , 2002), e a sua obra mais famosa foi “*self, mind and society*”, obra póstuma organizada por Blumer, seu discípulo, através dos escritos que ele deixara das aulas que lecionou. As maiores influências que Mead recebeu e que refletiram em seus pensamentos foram as dos idealistas e pós-românticos (Hegel e Kant)¹⁷¹.

O termo que nomeou o movimento foi cunhado por Hebert Blumer, quando na ocasião da publicação da obra intitulada: *Symbolic Interactionism Perspective and Method* no ano de 1969 (HAGUETTE, 1990; DOMINGUES, 2004; BAZILLI ET AL, 1998). Aquele foi o pensador que se propôs a tratar da organização da postura metodológica do interacionismo simbólico que se assenta sob o paradigma de que a realidade existe somente no mundo empírico e que somente lá pode ser verificada, e esta existe na experiência humana emergindo na forma como os seres humanos vêem este mundo. Assim, as três premissas nas quais o interacionismo se embasam são, segundo o supracitado autor:

1. O ser humano age com relação às coisas na base dos sentidos que elas têm para ele. Estas coisas incluem todos os objetos físicos, outros seres humanos, categorias de seres humanos (amigos ou inimigos), instituições, idéias valorizadas (honestidade), atividades dos outros e outras situações que o indivíduo encontra na vida cotidiana.

2. O sentido destas coisas é derivado, ou surge, da interação social que alguém estabelece com seus companheiros.

3. Estes sentidos são manipulados e modificados através de um processo interpretativo usado pela pessoa ao tratar as coisas que ela encontra.

¹⁷¹ Outras obras famosas construídas através do pensamento de Mead foram: *The philosophy of the act e the philosophy of the present*.

Podemos afirmar que se trata de um empreendimento correlacional, o qual procura evidenciar a ligação entre a experiência consciente do indivíduo e as condições sob as quais estas são originadas. Discorreremos, nas próximas linhas, sobre o pensamento de Mead, este que mais influenciou o movimento. Sobre o pensador menciona Bazilli et al (1998, p. 24):

“George Hebert Mead, arquiteto por excelência do interacionismo simbólico, ensinou na Universidade de Chicago no período de 1893 a 1931 quando faleceu. Ele próprio se referia à sua teoria em termos de “behaviorismo social”, entendendo por isto a descrição do comportamento do nível humano cujo dado principal é o ato social concebido não só como o comportamento externo, observável, como também a atividade “encoberta” do ato”.

Em outras palavras, diferentemente dos behavioristas (Watson), Mead reconhece a necessidade de adaptação dos seres humanos, mas a vê encaixada no plano da cultura, e não no dos instintos, ela é aberta e sujeita ao exercício da criatividade, podendo ser sempre diferente, não estando atrelada a mecanismos meramente instintivos que condicionem o comportamento, como no caso dos animais. (DOMINGUES, 2004).

Desse modo, podemos afirmar que a teoria de Mead abraça a interação como sua unidade de análise fundamental. Ademais, apresenta uma alternativa interessante à discussão típica da sociologia entre ação e estrutura. Nem a ação é soberana, nem a estrutura tinha a última palavra, pois era a interação entre os indivíduos e, inclusive (como ele intuiu de passagem), entre as coletividades, sobretudo no plano simbólico, a responsável pela produção e reprodução da vida social. Implicitamente, ele aponta para uma dialética que se estabelece entre os indivíduos no processo interativo, na medida em que se conformam a si mesmos e uns aos outros por meio de sucessivas interpretações. A criatividade social era, com isso, fundamental na obra daquele autor (MELTZER, 1972; DOMINGUES, 2004; HAGUETTE, 1990).

Ou seja, para o supracitado autor, toda atividade grupal se baseia no comportamento cooperativo, que pressupõe: que cada ator individual possa entender as linhas de ação dos outros; possa direcionar seu próprio comportamento a fim de acomodar-se às linhas de ação. Estas intenções são transmitidas através de gestos que se tornam simbólicos, isto é, passíveis de serem interpretados. O ser humano responde a si mesmo da mesma forma que outras pessoas lhe respondem, e, ao fazê-lo, imaginativamente compartilha a conduta dos outros, essa é a concepção de *self* construída por ele (MELTZER, 1972).

Mead especifica o conceito de *self* da seguinte forma. O sujeito (*self*), simultaneamente ativo e objeto de si mesmo e da sociedade, é composto de dois aspectos: o eu (I) e o mim (me). O eu responde pelo aspecto ativo do sujeito, anterior à reflexividade no que tange à ação. Ele se move pelo impulso de intervir no mundo. O mim vem depois, e, já condicionado socialmente, pela visão que os outros têm do sujeito e de como respondem à ação. Ele é, assim, altamente reflexivo, e obviamente próximo à noção de “eu espelho” de Cooley (DOMINGUES, 2004).

Desse modo, o autor faz uso de uma concepção dialética para a formação do *self* apontando para o fato de que os seres humanos não são criaturas de impulsos nem simples vítimas de estímulos externos, pois, são organismos ativos que direcionam e estabelecem suas linhas de ação ao mesmo tempo em que lidam continuamente com as demandas de um mundo sempre em mudança como eles o interpretam.

Ao longo de sua integração à vida social, o indivíduo aprende a agir em três etapas básicas, delineadas por Mead como as da “brincadeira”, do “jogo” e do “outro generalizado”. Na primeira, a espontaneidade seria dominante e não teria regras fixas. Na segunda, as regras da interação definem claramente quem é quem e que papéis devem cumprir. Na terceira, o indivíduo teria acesso a todos os papéis de sua comunidade, sendo capaz de ver-se neles e compreender, desta forma, o comportamento dos outros e a eles responder adequadamente no

curso da interação. Isso permite, em princípio, de acordo com o ideário liberal de Mead, um funcionamento harmonioso da sociedade. Esta seria definida como um padrão organizado de interações e composta de vários grupos, bem como por estar em constante fluxo de mudanças (DOMINGUES, 2004).

A formação de uma sociedade, entretanto, exige processos mentais, e o que é que o autor compreende como mente? Para ele, a mente é o processo pelo qual passamos nas transações com o ambiente, processos que consistem de designações efetuadas por meio de símbolos que os capacitam a agir. É um processo e não uma entidade física como o cérebro. O aparato fisiológico é indispensável para a formação da mente, mas é a sociedade e a interação social (processos sociais de experiência e comportamentos) que, utilizando o cérebro formam e desenvolvem a mente (MELTZER, 1972; DOMINGUES, 2004, HAGUETTE, 1990). Processo que contém aspectos fundamentais, a utilização da linguagem simbólica (gestos e palavras) composta por “gestos convencionais” e uma outra característica seria a capacidade de realizar “ensaios na imaginação”, o que nos permitia refletir e escolher cursos diversos de ação (DOMINGUES, 2004).

Desse modo, por meio da comunicação simbólica, podemos “assumir o papel do outro”, permutar perspectivas, assim como adaptarmos-nos no processo interativo e ensaiar nosso comportamento frente aos outros na imaginação. A mente demandava, ademais, uma interpretação constante dos símbolos que transmitíamos e que nos eram transmitidos pelos outros, inclusive porque esses símbolos eram mutáveis. Para ele, era claro que a “mente” não existia de forma isolada nem previamente à vida social, nem era pouca espiritualidade. Além de tudo imbricada com um corpo que tomava parte em processos sociais, ela mesma só podia ser compreendida como emergindo nos processos interativos, numa relação de mútuo condicionamento.

Assim, a sociedade humana se funda na base de consenso, de sentidos compartilhados sob a forma de compreensões e expectativas comuns, no âmbito dos símbolos significantes. Para Mead a relação dos seres humanos entre si surge do desenvolvimento de sua habilidade de responder a seus próprios gestos. Esta habilidade permite que diferentes seres humanos respondam da mesma forma ao mesmo gesto, possibilitando o compartilhar de experiências, a incorporação em si do comportamento. O comportamento é, pois, social e não meramente uma resposta aos outros (HAGUETTE, 1990).

Desta forma, a sociedade é concebida como um tecido de comunicação. Sociedade é interação onde há a influência recíproca das pessoas que, na medida em que atuam, levam em consideração as características dos outros. Essa interação é simbólica, pois o meio da ação humana e da interação é um meio definido simbolicamente (BAZILLI ET AL, 1998).

Uma das críticas mais “ferrenhas” em relação ao movimento na época foi a falta da apresentação de um método, o que acarretou em uma “cisão” epistemológica no movimento, que se estabeleceu na Escola de Iowa¹⁷², e foi liderado por Manford Kuhn, que pregava um “interacionismo simbólico”, mais metodológico, que entendia o comportamento humano de forma mais previsível, se assemelhando um pouco ao behaviorismo de Watson. Mais tarde

¹⁷² Os interacionistas da Escola de Chicago, liderados por Blumer enfatizavam a “criatividade social” e dos atores. Tinham a compreensão da sociedade como sendo um processo em fluxo contínuo e aberto às intervenções dos indivíduos. Não acreditavam na existência de leis sociais, e na regularidade empírica que permitisse uma construção teórica positivista. Eles trabalham com “conceitos sensibilizadores” para investigar a realidade empírica. Conceitos que devem mudar de acordo com as mudanças da própria realidade.

Os interacionistas da Escola de Iowa, liderados por Manfred Kuhn, enfatizavam a “memória social” que prevê um sujeito estável na interação que pode ser determinada previamente, pois para eles as estruturas básicas da sociedade são estáveis. Por isso, a estabilidade da sociedade permite a construção de conceitos claros e pode avançar em teoria dedutiva capaz de estabelecer o comportamento em interações específicas, abstratas e com grande poder de prever os comportamentos dos sujeitos (DOMINGUES, 2004).

esta corrente ficou conhecida através da sua “teoria do *self*”. Outras vertentes do interacionismo simbólico podem ser identificadas nos trabalhos sobre “teoria do papel” e, “grupos de referência” (HAGUETTE, 1990).

A atenção com a fluidez do mundo social, a ênfase na temática da criatividade e da ação existente nas interações sociais foram contribuições valiosas dessa tradição de pensamento sociológico, sem as quais dificilmente teorias abrangentes e precisas da vida social podem ser compostas.

Compreendemos que aspectos macro-sociológicos como formas de sociedade, as estruturas sociais, especialmente as de dominação, a alienação, etc., ficaram consoante a essa leitura, na penumbra, daí a crítica recebida por sociólogos mais tradicionais ligados ao funcionalismo ou marxismo. Entretanto, para o escopo do nosso estudo que buscou investigar interações em um âmbito micro-sociológico a perspectiva interacionista mostrou-se adequada.

2. Caminhos trilhados

A pesquisa foi orientada mais para obtenção de resultados descritivos, avançando aqui e ali em algumas análises interpretativas que permitissem mais do que uma interpretação da realidade específica em estudo, mas que ajudassem a uma melhor configuração e compreensão do sentido que elas atribuíam ao cotidiano que investigamos. As técnicas utilizadas foram selecionadas tendo em conta o objeto de observação e em função da natureza do próprio estudo que pretendeu privilegiar, por exigência do contexto já apresentado, uma descrição mais qualitativa. Por isso, a utilização de uma abordagem etnográfica com ênfase na metodologia de Observação Participante.

A estratégia de investigação etnográfica utilizada por nós neste estudo mostrou-se a mais adequada, entre outros aspectos, por ser uma forma de pesquisa qualitativa empregada para compreender a sociedade humana e a cultura e que nos possibilita desvelar as crenças, valores e atitudes que estruturam os comportamentos de um grupo específico de pessoas seguindo de uma interpretação sócio-cultural dos dados e de uma descrição ou reconstrução interpretativa dos significados simbólicos dos participantes da pesquisa (MERRIAN, 1992)¹⁷³.

A cultura que investigamos foi a tecnocultura, esta que abarca a tríplice: tecnologia, mercado e comunicação e o âmbito foi o do culto ao corpo que aquela dissemina. Vale ressaltar que o que pretendemos nos referir com as alusões que compõem essa seção do trabalho é, sobretudo ao conjunto de características e decisões tomadas no momento em que a pesquisa se desenvolveu.

2.1 A abordagem etnográfica

Em todo estudo etnográfico o método utilizado está subordinado à prática que o pesquisador exerce e vive no respectivo campo de estudo, onde a coleta de dados está estritamente vinculada à questão de pesquisa e às circunstâncias do mesmo. Por esse motivo, o processo de pesquisa se torna guiado, essencialmente, pelo senso questionador do etnógrafo podendo haver em sua execução uma pluralidade de métodos que tem por objetivo o desenvolvimento de teorias (FLICK, 2004; MERRIAN, 1992; THOMAS, 1993).

¹⁷³ O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa (BOGDAN, 2002) e este só é alcançado através do entendimento das práticas cotidianas que se revela através da observação e do conhecimento das práticas locais (GEERTZ, 1989).

Sob uma perspectiva crítica, nossa etnografia tentou desvelar o que está por trás do mundo das aparências da cultura em estudo, já que em um dos seus pressupostos existe um lado da vida social mais escuro e opressivo (THOMAS, 1993; LABURTHE-TOLRA E WARNIER, 1997). Desta forma, iniciamos a incursão no campo com duas questões em mente e o arcabouço teórico dos interacionistas simbólicos. As questões que iniciaram os estudos foram:

(1) De que forma o consumo de tecnologias que modificam a materialização e a constituição do corpo feminino pode ser compreendido como um ato constitutivo e estruturador de vínculos sociais?

(2) Como o nosso sujeito, se articula para modificar a constituição do seu corpo e conseqüentemente fortalecer e estreitar seus vínculos sociais?

É concebível e de certa forma até previsível, que, no decorrer de uma pesquisa de cunho etnográfico haja a necessidade de alguns ajustes, pois, o desenrolar investigativo é, de certa forma, imprevisível, assim: objetivos, técnicas de pesquisa e instrumentos de análise podem e devem ser revistos durante o trabalho. Ou seja, se tal assunto, tal conceito ou tal teoria tornam-se um entrave para a pesquisa é necessário abandoná-los (LABURTHE-TOLRA E WARNIER, 1997). Assim, em nosso estudo, vale ressaltar que tivemos que abandonar algumas de nossas pretensões iniciais, como, por exemplo, a de investigar outros locais de consumo de tecnologias que modificam o corpo (i.e., consultórios de cirurgia plástica, salão de beleza, lojas de suplementos alimentares, entre outros) que pudesse transcender os limites geográficos da academia de ginástica.

Exposto esse limite, podemos dizer então, que o nosso estudo se firmou caracterizando-se como sendo uma investigação que explorou os diversos significados que as praticantes de atividade física de uma academia de ginástica (por se mostrar como o local ideal de construção do corpo, e a musculação por ser a atividade física que nos pareceu ser impactada pela cultura da tecnologia) podem atribuir a esse consumo.

2.2 Detalhes sobre o campo: a coleta dos dados

O pesquisador, uma vez inserido no campo, pouco a pouco desenvolveu o seu trabalho durante um período de sete meses de forma intensiva, ao cabo dos quais, concentrou esforços sobre a análise e confrontação do material e também na releitura de alguns textos. A imersão em campo foi feita de forma natural, sem haver necessidade de negociação nem com os agentes nem com os diretores da organização estudada e a mesma ocorreu durante os meses de Fevereiro a Setembro de 2006. Uma das características que a fundamentou foi o seu caráter secreto¹⁷⁴ por entendermos que se tivéssemos a nossa identidade de pesquisador revelada poderíamos interferir na natureza do campo. Desta forma, ao termos a nossa identidade preservada, preservamos, também a dos nossos informantes utilizando nomes fictícios, assim como a da organização, que nos serviu de palco para compreendermos o fenômeno que estava sendo investigado.

Assim, optamos por freqüentar o campo em horários diferentes para entrarmos em contato com a maior diversidade de público possível e podermos ter uma perspectiva mais ampla do público que o freqüentava, contabilizamos aproximadamente 107 horas de contato direto com o campo. Foram totalizadas 60 notas de campo que intitulamos de “extratos” e analisamos 95 interações sociais. Realizamos 7 entrevistas semi-estruturadas após o período do campo ter sido concluído para iluminar questões que ficaram obscuras.

¹⁷⁴ Para maiores detalhes em relação à observação declarada ou secreta ver Patton (2000)

Classificamos o papel do pesquisador como o de observador-participante (MERRIAN, 1992), pois o mesmo se matriculou na academia, constituindo-se, assim, parte integrante da cultura em estudo onde teve a oportunidade de experienciar e ao mesmo tempo estranhar aspectos típicos deste cotidiano (i.e., artefatos, crenças, valores, rituais). Suas observações foram registradas em um diário de campo, que era preenchido diariamente logo após o seu contato com o mesmo, contendo descrições densas sobre suas impressões e observações (LOFLAND E LOFLAND, 1984).

Segundo Flick (2004) na observação participante, o pesquisador deve possuir duas características que se fundem dialeticamente o compromisso (a aproximação) e a distância, portanto, o pesquisador tenta compreender através dos olhos do outro. Ao participar do campo, o pesquisador autentica metodologicamente sua premissa teórica, e, além disso, faz do sujeito da pesquisa – o outro – não um objeto, mas um parceiro dialógico. Comentários serão tecidos na próxima seção sobre os estranhamentos encontrados pelo pesquisador no campo estudado.

2.3 As notas de campo, outras fontes de dados e a confiabilidade

Em pesquisa qualitativa e de cunho etnográfico, os critérios de confiabilidade dos dados coletados estão relacionados à qualidade do registro e da documentação dos dados onde estas assumem caráter de base central para a avaliação da confiabilidade destes e das interpretações subseqüentes (FLICK, 2004; MERRIAN, 1992). Em outras palavras, deve haver um registro sistemático, que, em nosso caso se deu da seguinte forma:

- (1) Numeração de cada nota de campo;
- (2) Título que remete ao conteúdo do dia que mais chamou à atenção do pesquisador;
- (3) Data / Dia da Semana;
- (4) Horário de entrada e de saída no campo;
- (5) Horário em que as notas foram efetuadas;
- (6) Horário acumulado de campo e
- (7) Local de onde a informação foi obtida.

A estrutura do texto de cada nota foi elaborada de forma que nos primeiros parágrafos houvesse a reflexividade do pesquisador expondo uma auto-observação acerca do seu estado de espírito (i.e., se estava triste, disposto, cansado, com preguiça) que pudesse interferir na percepção e conseqüente análise do que ele teria e veria no campo. Seguindo de breves descrições sobre o contexto do macro ambiente (i.e., aspectos alusivos ao tempo, se estava chovendo, fazendo sol, eventos extraordinários que estivessem acontecendo na sociedade de forma mais ampla, como, por exemplo, carnaval, páscoa, copa do mundo, e também na comunidade local como aulas especiais patrocinadas pelas marcas externas ou eventos como trilhas e festas). Havendo finalmente os aspectos micro-ambientais, na própria academia, primeiramente relatando aspectos do local físico (i.e., equipamentos novos ou quebrados, higienização, aspectos referentes ao estilo da decoração que chamou a atenção no dia, a música, entre outras) depois os eventos, ou seja, as atividades as quais as pessoas estavam engajadas e as interações sejam elas do Homem com as tecnologias e do Homem com o Homem. Havendo, então, o registro das ocorrências de modo exemplificativo, recapitulativo e reconstrutivo.

Sendo assim, na primeira vez que aparecer neste texto, citação de determinado extrato do campo empírico, as informações completas sobre o mesmo aparecerão em nota de final de página. O mesmo extrato, sendo utilizado em momentos futuros, conterà, após a sua aparição no texto, as seguintes informações: a numeração referente à fonte utilizada, o número do extrato, parágrafo e linha.

Além das notas de campo contendo o registro do cotidiano em um diário, dispusemos de outras fontes de dados que compuseram o nosso campo empírico e que constituem formas representativas da cultura em estudo: os panfletos distribuídos na academia e em loja de suplemento nutricional, e-mails enviados pelos diretores da academia, revistas especializadas, pesquisas divulgadas na mídia de forma geral e sites na internet.

No período do campo estivemos o tempo todo preocupados em extrair e lembrar ao máximo todas as informações que ele pudesse fornecer e assim utilizamos algumas estratégias, entre elas, como sugerem Taylor e Bogdan (1992) para uma melhor lembrança sobre as ocorrências do campo devemos:

- (1) Ficar atentos;
- (2) Mudar de uma lente de ângulo ampla para um foco mais estreito (validando o que está sendo observado por meio de outras perspectivas);
- (3) Buscar as palavras-chaves nas interações das pessoas;
- (4) Concentrar na primeira e última consideração de cada conversação;
- (5) Mentalizar considerações e cenas durante intervalos nas conversas ou observações.

2.4 A validade

Um outro aspecto a ser mencionado sobre o método de pesquisa utilizado diz respeito à validação dos dados. Em consonância com Carspecken (1996), que compartilha a visão dos filósofos pragmatistas, a validade é construída por meio da linguagem e esta constrói o campo objetivo no qual as pessoas estão inseridas onde consensuam aspectos da cultura, inclusive, as próprias definições de verdade. Para uma assertiva ser válida esta deve ser compartilhada pelos membros do grupo, e a maneira pela qual essa assertiva foi construída deve ficar clara.

O pesquisador utilizou algumas estratégias para a validação do que era observado em campo. Uma delas era a inserção do tema que tinha ficado obscuro na ocasião do registro e também diálogo do pesquisador com suas notas, nas conversas em ambiente natural, desta forma observando nuances nas interações que confirmassem ou não a formação da intersubjetividade entre o pesquisador e seus sujeitos (i.e., movimentos e gestos do corpo, emissão de palavras assertivas, utilização do pronome em primeira pessoa do plural, entre outros).

Um outro aspecto que compete à validação foi à experiência do pesquisador com a cultura investigada (i.e., ele já era um membro do grupo praticante de atividade física há aproximadamente três anos) o que proporcionou uma melhor compreensão acerca dos significados dos códigos culturais. A triangulação, durante todo o momento do campo, entre o aporte teórico, os dados e os seus possíveis significados, e também, os diálogos frequentes entre o orientador deste trabalho, que exerceu o papel de auditor externo, e o pesquisador foram outras formas de validação da experiência no campo.

2.5 Análises dos dados

Na prática da pesquisa etnográfica coleta e análise de dados conjugam-se e se buscam mutuamente, numa alternância mais ou menos controlada, assim, no campo já começam a surgir *insights* analíticos que devem ser registrados (PATTON, 2000; CARSPACKEN, 1996). Segundo o mesmo autor, na investigação qualitativa esta sobreposição do levantamento e análise dos dados melhora a qualidade do estudo, pois, há a chance de voltar ao campo quando houver *gaps* ou ambigüidades durante a análise propriamente dita.

A nossa análise resultou de uma confrontação dos elementos existentes na descrição da realidade com os demais elementos de outra natureza antes coletados. Em um primeiro

momento, houve a análise interpretativa dos dados que se procedeu através de um olhar de estranhamento em relação às observações, anedotas, impressões, documentos e outras representações simbólicas da cultura que esteve em estudo onde tentamos colocá-la uma “roupa nova” (THOMAS, 1993) utilizando-se o aporte teórico dos interacionistas simbólicos e do autor que guiou nossos estudos, Paul Virilio.

Em um segundo momento, houve a execução de uma análise temática onde se objetivou reconhecer e identificar regularidades em informações aparentemente randômicas, soltas. O que nos levou a necessidade de várias leituras para fazer a indexação e codificação dos dados coletados em busca da produção de um *framework* que organizasse e descrevesse aspectos da cultura estudada e o que foi coletado, o que nos fez chegar nos diferentes tipos de malhadoras. Assim, interpretamos as observações do campo relatando a visão de mundo de cada tipo de malhadora que encontramos exibindo-as de forma concatenada em cinco categorias-chave:

- (1) [I] materialidade das suas formas de expressão: posturas, gestos, fala, encenação
- (2) [I] materialidade dos seus saberes: treino, tecnologia, corpo, saúde
- (3) [I] materialidade das celebrações e temporalidades: ritos, festividades e ciclos
- (4) [I] materialidade dos lugares e artefatos
- (5) [...] das crenças e valores

O terceiro momento da análise foi encontrar as categorias comportamentais mais freqüentes e menos freqüentes em cada tipo de malhadora, expressas nas categorias supracitadas para daí podermos abstrair o sujeito epistêmico do nosso estudo, esse que é o encontro de todos os tipos apresentados (vide tabelas no apêndice C).

2.6 O relatório etnográfico

A elaboração do relato etnográfico nos permitiu dar acabamento aos dados que foram obtidos no contexto de interação com os sujeitos que pesquisamos. Neste momento, as informações, que outrora pareciam meros dados difusos, soltos, foram traduzidas para a escrita e tomaram a forma e o acabamento proporcionados pelo olhar do pesquisador, que com sua bagagem de crenças e valores organizou a existência daqueles que observou.

A seleção do que escrever e do como escrever exigiu um filtro e uma percepção rigorosos e sabemos que, nesse processo, há perdas e interpretações de significados e de conteúdos, esses infelizmente irrecuperáveis. Um momento delicado, pois queríamos preservar a integridade e a particularidade daqueles que observamos e ao mesmo tempo tínhamos o compromisso de “descrever densamente”, esperando que a descrição efetuada daquela realidade, ficasse de forma mais próxima possível do que foi experienciado por nós e do que compartilhamos com eles.

Assim, nos despimos do pudor de dizer que certamente chegamos a elaboração do texto e à conclusões mais amplas do que estas ora expostas, pois vale ressaltar que esse relatório foi apenas a utilização de um olhar entre muitos outros. Encontramo-nos com possibilidades e questões que provavelmente abrirão portas para futuras investigações. Como, por exemplo, nos aprofundarmos:

- (1) Nas teorias do pós-humano e nas questões biopolíticas que elas suscitam;
- (2) Em estudos que abordem o consumo consciente e que possam ser integrados à disciplina do marketing;
- (3) Nos conhecimentos em torno do pensamento de Merleau-Ponty

APÊNDICE B – O papel do pesquisador

Como o Nosso Outro (o objeto científico) é construído? Não há trabalho de campo que não vise ao encontro com um *outro*. Há sempre um pouco de “nós” Nele. O Outro. O distinto, o diferente, “aquele que em mim habita”. Toda pesquisa se dá através da percepção e compreensão desse Outro, do que ele quer falar, do que o oprime, do que ele pode falar. Ao escolhermos um objeto de pesquisa já estamos nos posicionando nele, demarcando assim a questão da alteridade, do exótico, do que nos intriga. É apenas e sempre a escolha de um olhar entre outros, pois é “impossível uma escrita que escreva todos os nomes e que recupere a vida toda vivida” (AMORIM, 2004, p.14).

Ou seja, se esse mesmo tema de pesquisa tivesse sido construído por outro pesquisador, o relato etnográfico apareceria de forma diferente, teria um outro olhar, uma outra perspectiva. Assim, a temática que o envolve, o culto às imagens e ao corpo, sempre foi uma questão que me intrigou pessoalmente. Talvez porque seguir ou estar dentro do padrão nunca tivesse sido preocupação minha, mas sim uma luta decisiva pelo contrário, que ao final parece retornar ao ponto de partida. Assim, esse trabalho foi uma oportunidade de tornar público esse desejo de poder expressar livremente um valor pessoal que está atrelado à minha própria percepção de corpo, este como sendo um local de exercício de respeito às diferenças e não de constrangimentos àquelas.

Neste sentido, o pesquisador introduz na situação de campo parâmetros específicos que formam sua equação pessoal. Os principais são o sexo (ou, como foi dito, o gênero, isto é, o papel social correspondente ao sexo), a idade, a origem nacional ou étnica, o status (solteiro ou casado, com filhos ou não), a aparência física, a língua, a maneira de se expressar, e a experiência adquirida (LABURTHE-TOLRA E WARNIER, 1997).

Uma das características pessoais que percebo ter influenciado de forma mais pontual a elaboração da pesquisa foi o fato de eu ser malhadora há três anos. Posso dizer que, em alguns momentos me fez aproximar dos sujeitos que eu estava pesquisando e em outros ficou difícil estranhar “a realidade” porque estava muito próxima. Assim, o que falo aqui diz respeito às marcas do que eu possa ter deixado na pesquisa e que pode ter instaurado crises. Como não lembrar o primeiro dia no campo, onde TUDO era estranho¹⁷⁵? Os equipamentos, a estrutura física, as pessoas, a catraca eletrônica na entrada, a festa, o *dj*, a caminhada “ecológica”, o excesso de limpeza e de “frescura”?

Para os etnógrafos existe sempre o medo de se nativizar, e também o de ser um completo estranho, até onde conseguimos delimitar esses parâmetros? Em capítulo inicial do seu livro Amorim (2004) fala da culpa que um etnógrafo vivenciou ao se sentir atraído por uma índia da aldeia que ele estava estudando. Ele escreve: esta é a pulsão do etnógrafo homem vindo à tona, não tive como reprimir. A dificuldade que a paixão sobre o objeto de estudo exerce, afinal o fascínio que o campo exerce é enorme já que se apresenta como um desafio para a compreensão do pesquisador.

Não existe outra forma de estar no mundo senão por meio do corpo. Um corpo que nos é dado biologicamente e que pode ou não carregar estigmas que culmina em exclusão ou inclusão social [estética]. É fato, que, como discutido neste trabalho, há a chance de modificar

¹⁷⁵ Tudo era estranho **naquele** fitness center, pois, a minha formação em malhação tinha sido adquirida em um outro espaço e com um outro grupo.

o corpo, mas ao fazê-lo, não estamos nós, também negando a nossa própria liberdade de poder, aí sim, ser realmente o que se é? Não seria uma forma de morrer simbolicamente? Chegamos em um nível de abstração de realidade tão elaborada que o “parecer ser” tornou-se mais fundamental do que o que de fato importa, o Ser.

Um retrato daquele medo (de se nativizar) neste estudo pôde ser posto quando em uma das notas eu me questiono sobre o fato de ter engordado dois quilos, depois de dois meses de imersão, aproximadamente. Nela, em minhas reflexões, aponto para o fato como sendo produto de resistência em relação ao campo que eu estava estudando. Como o etnógrafo vive esse problema? Esse percurso do íntimo tal como se manifesta nos diários de campo?

Aquele foi um extremo, existe o outro em que o etnógrafo só consegue classificar e categorizar as diferenças, mas nunca compreendê-las, nunca ter acesso ao seu sentido. Imbeber-se e extrair-se. Assim, a inserção de um terceiro no estudo, um orientador, um auditor externo se fez extremamente necessário para ajudar-me a extrair quando estive muito embebida nas coisas do campo e a embeber-se nos momentos em que estive extraída, ou seja, a busca do equilíbrio.

Passado o momento inicial em que o campo se apresentou como uma grande provocação, abandonei o olhar que parece ser característico de uma criança, este que observa e estranha tudo, e comecei a me sentir parte daquela cultura. Esse ponto foi evidenciado depois de aproximadamente um mês que eu freqüentava o campo quando as “nativas” me chamaram para participar dos eventos sociais da academia. Nesse momento eu senti que estava fazendo parte do grupo. O estabelecimento do *rapport* durou um mês, e eu percebi esse período como sendo necessário para criar a empatia com os Outros e também para entender os códigos de conduta do campo, aspecto fundamental para não cometer o que Goffman (1984) chama de gafes. Os convites emergiram, assim como a necessidade de comprar roupas e tênis novos tudo para não se sentir “diferente” e ter uma representação social convincente. Depois de ter passado um período de adaptação e tê-las conquistado, me permiti soltar as “amarras” e experienciar o campo como elas o experienciam.

Assim, se, por um lado, a boa percepção exige certa familiaridade, uma vez adquirida, por outro é necessário empreender um movimento em sentido inverso para manter a exterioridade do objeto em relação ao sujeito. Como falado em outro momento, é importante que o equilíbrio se mantenha, pois se o sujeito se torna mais forte do que o objeto, ele absorve o outro sem que este imprima suas marcas; se o objeto o domina, é o sujeito que corre o risco de renunciar a seu próprio ser (AMORIM, 2004).

Essa foi uma luta constante. Um ser imerso em seu campo de estudo, tentando compreender o seu objeto, que a propósito é sujeito também, em parte igual e em parte diferente onde a relação com o outro se mostra como ponto capital na reflexão antropológica. É lá onde se dá o encontro e o diálogo entre as partes, os conflitos negociados e as diferenças ou semelhanças se tornam capitais.

Em outras palavras, posso dizer que a experiência com o campo se trata de fomentar processos recorrentes de autocrítica, induzindo a estilos abertos pluralistas de argumentação comprometidos, por um lado, com o respeito frente a posições alheias (saber escutar e conviver) e, por outro, com a necessidade de argumentar da melhor forma possível (não impor posições próprias).

Lembro das angústias que passei quando queria encontrar as informantes no campo e não conseguia, pois, em alguns momentos, para não tornar-me inconveniente, preferia não ir a fundo nos meus argumentos e questionamentos nas conversas até que conseguisse estabelecer vínculos de confiança com elas, sabemos que esses não são conquistados nas primeiras conversas. Elas não sabiam que estavam sendo observadas e isso era muito importante para o meu estudo manter-me no anonimato. Consegui viver o campo sem interferir na realidade dos sujeitos que os experienciam, da forma mais natural possível, isso tem um valor inestimável,

pois pude perceber claramente a diferença entre o que elas proliferavam em nível de discurso e como elas realmente agiam.

Em outras palavras, posso dizer que experienciei uma aventura urbana de estranhar a minha própria realidade. Ou seja, o estudo etnográfico termina por revelar quem você é e as coisas que valoriza, porque quer queira quer não, consciente ou inconscientemente estamos sempre categorizando a nossa vida e nos posicionando em relação aos eventos que experienciamos.

Quantas vezes me perguntei como aquele povo era estranho. Falavam pouco uns com os outros (eu pensava). Era interessante como se olhavam no espelho e como faziam tantas “caras e bocas”, pareciam estar sempre prontos para serem filmados. Abstive o leitor desses estranhamentos, já que fiz a opção por não publicar o diário de campo. O diário de campo é para o etnógrafo a intimidade dos seus pensamentos e reflexões desprovida de filtro, de censura, são registros de dados coletados de forma bruta, sem lapidação, é pensamento selvagem que só é articulado em seu relato final.

São-nos solicitadas descrições densas sobre a experiência do campo (GEERTZ, 1989), entretanto, nelas, se pensarmos de forma crítica, podemos observar que o que se faz presente é a arte de escrever, de narrar e não a de descrever. Pois, selecionamos as palavras, reconstruímos os acontecimentos, reposicionamos as pessoas e as coisas neles e os interpretamos para assim “descrevê-las”.

Assim, cabe-nos questionar: pode existir um texto sem autor? Não estão os nossos textos impregnados de nós mesmos? Não seria pretensão e ingenuidade enunciarmos a neutralidade no diário de campo de um etnógrafo? A interpretação não é inerente ao ato de observar e conseqüentemente de escrever? Logo, aconteça o que acontecer trata-se sempre de uma linguagem desdobrada. Não saberemos nunca mais quem fala, quem conta, nem se o que é relatado já foi constituído em discurso prévio ou não (AMORIM, 2004).

Para Bakhtin, o texto etnográfico, é transliterário, não resulta num acontecimento estético, pois o antropólogo, ao atuar no contexto que lhe serve de inspiração, rompe os limites de autor-criador e de contemplador, o que leva muitas vezes a coincidência das consciências do eu e do outro e impede a fruição deste texto com o distanciamento que é necessário à criação artística (BARROS, 2006). O que de certa forma corrobora com a visão de Affergan, sobre a descrição antropológica como sendo uma tentativa de abolir a distância entre a coisa vista e a coisa relatada, de um lado, e entre a informação recebida e a informação interpretada do outro (AMORIM, 2004).

Finalizo assumindo, então, o que de meu pode ser encontrado nesse texto, não para me eximir da culpa presente [ausente] em suas interpretações, ou para exercer a “reflexividade” do pesquisador requerida pelas abordagens qualitativas, ação que para mim mais parece uma forma de positivar o estudo, mas para marcar o que nele tem de singular e que possa o caracterizar. Pois é fato que houve uma experiência estética primorosa e única, que em particular, parece ter desempenhado um papel significativo nesta história. Finalizo lembrando que há sempre um desconhecido, uma incógnita em qualquer ato ou tentativa de se fazer ciência.

APÊNDICE C – Análises

Quadro 1 - ... Das Formas de Expressão: Postura e Gestos

Perfis	Postura									Gestos								
	Ativez	Submissão	Conforto	Desconforto	Introspecção	Expansividade (Liberdade)	Independente	Dependente	Subjugamento	Autocentramento	Orgulho	Vergonha	Presteza - Reciprocidade	Fleuma	Acomodado	Energético	Comprometimento	Descomprometimento
<i>Body-BUILDER</i>	x			x	x		x			x	x		x			x	x	
<i>Fitness</i>	x		x		x			x	x				x	x			x	
Sociável	x		x			x		x	x				x			x	x	
Educativa	x		x		x			x		x	x		x		x		x	
Atleta FDS	x		x			x		x		x	x		x			x	x	
Atleta Pro	x		x			x		x		x	x		x			x	x	
Reabilitadora	x			x	x			x		x		x	x			x	x	

Fonte: Autoria própria 2006

Quadro 2 - Das Formas de Expressão: Fala e Encenação

Perfis	Fala								Encenação											
	Coesa	Incoesa	Articulada - Eloquente	Desarticulada	Aceleração	Desaceleração	Disciplina (Rigidez)	Indisciplina (Flexibilidade)	Cínica	Convicta	Vistosa - Exibicionista	Sóbria - Reservada	Prazerosa - Satisfação	Dolorosa - Insatisfação	Paixão	Imparcialidade	Harmoniosa	Desarmônica	Equilibrada	Desequilibrada
<i>Body-BUILDER</i>	x			x	x		x		x	x		x			x	x				x
<i>Fitness</i>	x		x		x		x	x		x				x		x			x	
Sociável	x		x			x		x		x		x			x	x			x	
Educativa	x		x		x		x		x	x		x		x		x			x	
Atleta FDS	x		x			x		x	x	x		x			x	x				x
Atleta Pro	x		x			x		x	x	x		x			x	x				x
Reabilitadora	x			x	x		x		x		x				x	x				x

Fonte: Autoria própria 2006

Quadro 3: ...Dos Seus Saberes: Treino

		Treino																										
		Familiaridade	Estranheza	Conforto	Desconforto	Dependente	Independente	Concentrado	Disperso	Aceleração	Desaceleração	Comprometimento	Descomprometimento	Prazeroso	Doloroso (Sacrifício)	Exibicionista	Reservado	Criativo	Não-Criativo	Desafiador	Não-Desafiador	Pesado	Leve	Indisciplinado	Disciplinado	Existência	Não-Existência	
1	x		x		x		x			x		x		x		x		x		x		x			x		x	
2		x		x	x				x	x			x		x	x			x		x		x	x				x
3		x		x	x				x	x			x		x	x			x		x		x	x				x
4	x		x		x			x			x	x		x			x		x	x		x			x	x		
5	x		x		x			x		x		x		x		x		x		x		x		x				x
6	x		x		x			x		x		x		x		x		x		x		x			x	x		
7	x		x		x			x			x	x		x	x		x		x		x				x	x		

Fonte: Autoria própria 2006

Legenda: (1) *Body-Builder* (2) *Fitness* (3) *Sociável* (4) *Educativa* (5) *Atleta FDS* (6) *Atleta PRO* (7) *Reabilitadora*

Quadro 4: ...Dos Seus Saberes: Tecnologia e Corpo

		Tecnologia								Corpo														
		Adaptabilidade	Inadaptabilidade	Existência	Não-Existência	Identificação	Desidentificação	Aceleração	Desaceleração	Harmonia	Desarmonia	Substância - Essência	Acidente - Aparência	Identificação	Não-Identificação	Liberdade	Sujeição	Exibicionista	Sóbria - Reservada	Flexibilidade	Rigidez	Existência (Sobrevivência)	Não Existência	
1	x		x		x		x			x		x	x			x	x				x		x	
2	x		x		x		x			x		x		x		x	x			x			x	
3	x			x		x				x		x		x		x	x		x				x	
4		x		x		x			x		x		x		x		x		x	x			x	
5	x		x		x		x			x		x	x			x	x				x	x		
6	x		x		x		x			x		x	x			x	x				x	x		
7	x		x		x		x			x		x	x			x			x		x	x		

Fonte: Autoria própria 2006

Legenda: (1) *Body-Builder* (2) *Fitness* (3) *Sociável* (4) *Educativa* (5) *Atleta FDS* (6) *Atleta PRO* (7) *Reabilitadora*

Quadro 5: ...Dos Seus Saberes: Saúde

Saúde										
	Necessidade	Contingência	Equilibrado	Desequilibrado	Existência	Não-Existência	Flexibilidade	Rigidez	Liberdade	Sujeição
1		x		x		x		x		x
2		x		x		x	x		x	
3		x		x		x	x		x	
4	x		x		x			x		x
5	x		x			x		x		x
6	x		x			x		x		x
7	x		x		x			x		x

Fonte: Autoria própria 2006

Legenda: (1) *Body-Builder* (2) *Fitness* (3) Sociável (4) Educativa (5) Atleta FDS (6) Atleta PRO (7) Reabilitadora

Quadro 6: ...Das Celebrações e Temporalidades: Ritos ou Festividades

Ritos ou Festividades																				
	Familiaridade (1)	Estranheza	Conforto	Desconforto	Dependente	Independente	Indisciplinado	Disciplinado	Comprometimento	Descomprometimento	Prazeroso	Doloroso (Sacrifício)	Exibicionista	Reservado	Criativo	Não-Criativo	Existência	Não-Existência	Aceleração	Desaceleração
1	x			x		x		x	x		x		x		x		x		x	
2		x	x		x		x		x		x		x		x		x		x	
3	x		x		x		x		x		x		x		x		x		x	
4	x		x		x			x	x		x			x		x	x		x	
5	x			x	x		x		x		x		x		x		x		x	
6	x			x	x			x	x		x		x		x		x		x	
7	x			x		x		x	x		x			x	x		x			x

Fonte: Autoria própria 2006

Legenda: (1) *Body-Builder* (2) *Fitness* (3) Sociável (4) Educativa (5) Atleta FDS (6) Atleta PRO (7) Reabilitadora

Quadro 7: ... Das Celebrações e Temporalidades: Ciclo do Tempo

Ciclo do Tempo														
	Adaptabilidade	Inadaptabilidade	Harmonia	Desarmonia	Existência	Não-Existência	Aceleração	Desaceleração	Continuidade	Descontinuidade	Liberdade	Sujeição	Equilibrado	Desequilibrado
1		x		x	x		x		x			x		x
2		x		x		x	x			x		x		x
3		x		x		x	x			x		x		x
4	x			x	x		x		x			x		x
5		x		x	x		x		x			x		x
6		x		x	x		x		x			x		x
7	x		x			x		x	x			x	x	

Fonte: Autoria própria 2006

Legenda: (1) *Body-BUILDER* (2) *Fitness* (3) *Sociável* (4) *Educativa* (5) *Atleta FDS* (6) *Atleta PRO* (7) *Reabilitadora*

Quadro 8: ... Dos Lugares e Artefatos

	Lugares										Artefatos																
	Familiaridade	Estranheza	Conforto	Desconforto	Dependente	Independente	Harmonia	Desarmonia	Existência	Não-Existência	Comprometimento	Descomprometimento	Exibicionista	Reservado	Adaptabilidade	Inadaptabilidade	Harmonia	Desarmonia	Identificação	Desidentificação	Existência	Não Existência	Aceleração	Desaceleração	Liberdade	Sujeição	
1	x		x		x		x		x		x		x		x		x		x		x		x		x		x
2		x	x			x	x			x		x		x			x			x	x			x			x
3	x		x		x		x		x		x		x		x		x		x		x		x		x		
4	x		x		x		x	x		x		x		x			x		x		x		x			x	
5	x		x			x	x		x		x		x		x		x		x		x		x		x		
6	x		x		x		x		x		x		x		x		x		x		x		x			x	
7	x		x			x		x		x		x		x		x			x		x		x				x

Fonte: Autoria própria 2006

Legenda: (1) *Body-BUILDER* (2) *Fitness* (3) *Sociável* (4) *Educativa* (5) *Atleta FDS* (6) *Atleta PRO* (7) *Reabilitadora*

Quadro 9: ... Das Crenças

		Crenças																						
	Existência	Não-Existência	Cínica (Contradição)	Convicta	Subjugamento	Autocentramento	Acomodado	Enérgico	Comprometimento	Descomprometimento	Disciplina	Indisciplina	Continuidade	Descontinuidade	Dependência	Independência	Reciprocidade	Não-Reciprocidade	Auto-Respeito	Falta de Auto-Respeito	Paixão	Imparcialidade	Aceleração	Desaceleração
1	x			x		x		x	x		x		x		x		x			x	x		x	
2	x		x			x	x		x		x		x		x		x			x	x		x	
3	x		x			x	x		x		x		x		x		x		x		x			x
4	x			x		x		x			x		x		x		x		x		x			x
5	x			x		x		x	x		x		x		x		x			x	x		x	
6	x			x		x		x	x		x		x		x		x			x	x		x	
7	x			x		x		x	x		x		x		x		x		x		x			x

Fonte: Autoria própria 2006

Legenda: (1) *Body-BUILDER* (2) *Fitness* (3) Sociável (4) Educativa (5) *Atleta FDS* (6) *Atleta PRO* (7) *Reabilitadora*

Quadro 10: ... Dos Valores

		Valores																						
	Enérgico (Atividade)	Acomodado (Sedentarismo)	Subjugamento (outro)	Autocentramento (Eu)	Harmonia (Belo)	Desarmonia	Perfeição	Imperfeição	Existência	Não-Existência	Aceleração	Desaceleração	Essência - Substância	Aparência O Acidente	Necessidade	Contigência	Capacidade	Incapacidade	Paixão	Imparcialidade	Equilíbrio	Desequilíbrio	Flexibilidade	Rigidez
1	x			x	x		x		x		x			x	x		x		x			x		x
2		x	x		x		x		x		x			x		x	x		x			x		x
3	x		x			x	x		x		x		x		x	x				x	x		x	
4	x			x	x		x		x		x		x		x		x		x		x			x
5	x		x		x		x		x		x			x	x		x		x			x		x
6	x		x		x		x		x		x			x	x		x		x			x		x
7	x			x		x	x		x			x	x		x			x	x		x			x

Fonte: Autoria própria 2006

Legenda: (1) *Body-BUILDER* (2) *Fitness* (3) Sociável (4) Educativa (5) *Atleta FDS* (6) *Atleta PRO* (7) *Reabilitadora*

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)